

7/1ho-1950

ALTEROSA





EXTRA!

**PILSEN
EXTRA
ANTARCTICA**





E' hora de ir para casa

Muitas vezes penso que a morte não é inimiga da vida, e, sim, sua amiga, porque é a lembrança de que nossos anos são limitados que nos torna tão preciosos.

Somos como crianças que tiveram o privilégio de passar um dia num grande parque, um parque cheio de jardins, de campos de jogos e de lagos azuis, com batéis a sulcar-lhes as águas tranquilas.

E' certo que os dias concedidos a cada um de nós não são iguais em comprimento, em luminosidade e em alegria. Mas quer nossa vida seja um longo dia de verão ou uma breve tarde de inverno, sabemos que existem nessas horas de beleza e alegria suficientes para torná-la um precioso tesouro.

Depois chega o momento em que nossa grande amiga — a Morte, — toma o homem-criança pela mão e serenamente diz-lhe:

— E' hora de ir para casa. A noite se aproxima. E' hora de deitar-se, filho terreno. Venha, você está cansado. Repouse afinal na tranquila alcova da natureza e durma. Durma bem. O dia findou-se. As estrelas brilham no dossel da eternidade.

Dr. Joshua Loth Liebman

TIRAGEM DESTA EDIÇÃO: 41.000 EXEMPLARES

ANDAR

PRAT.

EST.

15

N.º do ORD.

NESTE NÚMERO

CAPA

A sedutora Rita Hayworth, tal como é vista em «Carmen», seu último filme para a Columbia. Tricromia do gravador Waldemar Turner.

CONTOS

Ideal	2
Inquietação	8
Destinos na tempestade	12
A primeira causa	18
Viagem à roda de mim mesmo	24
A bebedeira de Toni Bianchini	28

REPORTAGENS

Os nossos irmãos da selva	34
O exemplo do passado	38
Quando desce o crepúsculo	41
As reliquias do Sinai	47
Qual é o seu candidato?	52

ARTIGOS

Os ladrões de cadáveres	57
Bernard Shaw e eu	58
Um adivinho nunca morre de fome	64
Serum da verdade ou serum da mentira?	74
Bambú, a mãe do califa	76
O enigma da bomba de hidrogênio	80
Rifas	84
O romance de Carmen	144

HUMORISMO

Quitandinha	68
Sêdas e plumas	87

MODA

A partir da página	89
--------------------------	----

CINEMA

A partir da página	107
--------------------------	-----

SEÇÕES

Fuga	72
Bazar Feminino	104
Panorama do mundo	114
Acontece cada coisa	124
Esparsos	126
O rádio em revista	130
Arte culinária	132
Página das mães	134
O crime não compensa	136
Vitrine Literária	140
Xadrez	142
Caixa de segredos	148
No mundo dos enigmas	154
Vamos trocar cartas	158

FILHINHO emergiu do prédio no meio da onda de funcionários. Sôzinho, calado e grave, tomou pausadamente o caminho de sua residência. Bondes carregados deslisavam pausadamente por entre a multidão. No ponto de ônibus muitos dos seus colegas lutavam para conquistar um bom lugar na tortuosa e extensa fila. «Os da ra-beira vão chegar em casa lá pelas nove...»

Ele preferia ir a pé, como sempre. Sua casa ficava não muito longe e além disso *Filhinho* não apreciava o contato da multidão nos bondes e ônibus.

Era o cacula da família. Com 31 anos, *Filhinho* achava que existiam poucas famílias tão felizes como a dele. João, o irmão mais velho, Maria, que era separada do marido (um corretor de mau gênio, no dizer da família), Felisberto e Otávio, o boêmio, e *mamã*, a cabeça da casa.

D. Chiquinha devia ter sido bela, quando moça. Fronte larga, rosto e olhos grandes, magnéticos. Não era alta que os filhos respeitavam, num misto de amor e veneração, aquela mãe parálitica. Sim, porque fazia mais de onze anos que a mulher não sabia o que era andar. Longa doença deixara seus membros inferiores completamente travados. Após a morte do marido, sentindo-se indispensável na direção da casa foi, aos poucos, com a força do seu de-

selvagens, exóticos, correr mundo e tudo registrando e observando em seu caderno de notas, a fim de reunir matéria para os romances de aventuras que pretendia escrever. *Filhinho* via-se como um novo Jack London, rude, áspero, ousado, tomando tudo e todos, amando a vida plena e aventureira, cheia dos imprevistos perigosos dos grandes cenários. A tendência pela literatura despontou nele depois do primeiro elogio recebido; quando a folha dos estudantes publicou sua estreia literária na forma dum artigozinho fantasia sobre certos costumes dos esquimós, o mestre o surpreendera em plena aula com um «meus parabéns, pelo artigo, seu Luiz!» Isso na frente de todos os colegas. Esse fato incendiou qualquer coisa em seu peito e ci-lo então a colaborar em todos os números do jornalzinho. À medida que ia travando conhecimento com Kipling, London, Conrad e outros cicarones, através de leituras apaixonadas, *Filhinho* ia também sentindo o quanto estava longe de escrever como eles. Desanimou. Por fim compreendeu que para ser um grande contador de história precisava viver, correr mundo. Viajar, apalpar, cheirar, lutar, sofrer. Depois, sim, escrever. Daí nasceu o sonho secreto, o seu *Ideal*. Esse desejo cresceu com ele em todos os momentos de divagações noturnas e diurnas. Os livros de viagens, de aven-

lhinho cintilavam de prazer, enquanto ele desviava-se automaticamente dos transeuntes) viver sôbre as ondas, misturado com rudes marinheiros, ouvir lhes as histórias valentes, assistir às suas lutas de sangue, penetrar nas selvas, fitar frente a frente os negros ferozes da África, percorrer as ilhas deliciosas da Polinésia — Oh! — E um meio sorriso de êxtase iluminou o rosto magro de *Filhinho*. Enquanto atravessava rapidamente a feira-livre do Largo do Arouche, sem olhar para as barracas, sem ouvir os pregões variados, sem perceber nada — no subconsciente a idéia que predominava: afastar-se o mais depressa possível de tal lugar, pois o cheiro que dali provinha era das coisas que lhe davam náuseas ao estômago. O cheiro de peixe, forte e ativo, misturado ao de cebolas, camarão, sabão e outras coisas, a mistura própria e natural desses odores, irritavam suas narinas sensíveis.

Ao limpar os sapatos no capacho da entrada, notou, como de costume, a vizinha do sobrado ao lado, espiando. *Filhinho* não gostava de olhar as mulheres de frente. «Todas elas pensam logo que a gente está interessado». Enquanto não realizasse o *Ideal* jamais se prenderia a mulher alguma. Pois se casasse, aí sim, adeus aventuras e viagens por além-mares!

A vizinha pigarreou várias vezes mas *Filhinho* entrou depressa sem levantar a cabeça.

PRIMEIRO PRÊMIO NO CONCURSO PERMANENTE

IDEAL

seio tenaz, dominando a enfermidade até que por fim exigiu uma cadeira de rodas para movimentar-se na espaçosa residência. Sem se queixar, rodando silenciosamente pela casa toda (casa sua, resto dum pecúlio que o marido não conseguira esbanjar), D. Chiquinha estava sempre vigilante e atenta.

Desde o colégio *Filhinho* vinha acalentando uma ambição: viajar. Atravessar o oceano, aportar às ilhas dos mares do sul, visitar lugares e ambientes

turais (o hábito da leitura atingiu nêle o grau de mania) foram cimentando mais tal desejo e dando ao anelado *Ideal* força obsessora de idéia-fixa.

«Enquanto *mamã* viver, não devo realizar o *Ideal*. Não posso causar-lhe esse desgosto. O *Ideal* requer de prendimento e renúncia completa de todos os laços da família. *Mamã* seria capaz de morrer de aflição à simples idéia disso. Não. É melhor esperar o momento em que eu se livrar. Imagine, (os olhos de *Fi-*

Mamã caiu-lhe em cima, com as indagações habituais:

— Muito serviço, hoje, meu filho? O chefe melhorou do feijão? Vai já para o banho? Qual a camisa que deseja, a de listras rosadas ou a creme? — E depois, rodando a cadeira atrás dele, até o quarto: — *Filhinho*, você precisa dar uma arrumação melhor em seus livros. Compreendo que a biblioteca já está atulhada, mas também em baixo da cama não é lugar para guardá-los. Otávio anda recla-



**Quantos filhinhos existem por aí,
com a vida destrozada pelo excesso
de mimos!**

G. G. BUSSAMARA

Ilust. de Moura

mando com o cheiro de bolor. A Dita se queixa por não fazer a limpeza direito. Veja se arranja uns caixões e bota os livros bem guardadinhos lá no porão. Você deve fazer economias, meu filho. Está gastando muito, com os livros. O João...

— Que é que disse o João?
O tom frio do filho deu cautela à mãe.

— Bem, não é nada. O João anda muito neurastênico, ultimamente. Diz que é só ele que sustenta a casa — o bôbo! Só

êle, ah! Bem, meu filho, você vai tomar o banho agora ou depois? Posso avisar a Dita para esquentar a água?

— Sim, mamã.

— Hum, *Filhinho*, êsse terno está ficando muito surrado. Vou falar com o Jacó da prestação para trazer umas amostras de fazendas. Você não engordou nada, acho que a mesma medida serve, não? O marrom deve ficar bem em você. Sem padrão?

— O quê?

— A fazenda para o terno.

— A senhora acha que devo... Está bem. Pode ser sem padrão, sim.

— Quando o Jacó aparecer hei de avisá-lo. Vou mandar a Dita esquentar a água. Tem toalha limpa na gaveta de cima da cômoda, em meu quarto.

D. Chiquinha saiu.

«Mamã é uma mulher admirável!» — pensou *Filhinho*, enquanto tirava a camisa. — «É o coração (e aqui sentiu-se feliz em poder encaixar sua palavra

predileta) e o cérebro da nossa equipe».

*

Na repartição o chefe veio se aproximando por entre as mesas e com os olhos fitos nele. *Filhinho* notou um ar estranho na fisionomia do homem. «Deve ser o figado, novamente».

— Seu Luiz, acabo de receber um telefonema de seu irmão, João. Pede que vá incontinenti para casa.

— O que é que...

— Assunto grave. — A voz do chefe era sêca como de hábito mas em seus olhos brilhava uma luz nova, um quê paternal, suave.

— Será que aconteceu alguma...

— Vá logo. Pode ir. Penso que é sua mãe que não está passando muito bem. É melhor tomar um carro.

Filhinho tomou.

A mãe falecera. De morte súbita. Afinal ninguém sabia que ela sofria do coração, pois nunca se queixara de coisa alguma.

Filhinho aproximou-se lentamente da cama, à volta da qual Maria soluçava. João, Felisberto e Otávio, mais atrás, estavam silenciosos, hirtos, pasmados. O caçula levou a mão à frente da velha, num gesto instintivo. «Será que ela morreu mesmo? Oh! mamã!... Mamã!... Querida mamã!...»

*

A família, então, pela primeira vez, dividiu-se. Venderam a casa, pois ela trazia recordações da mamã. Maria voltou para junto de seu esposo corretor. João e Felisberto transferiram-se para o Rio e *Filhinho* integrou-se numa pensãozinha da Bexiga. Quanto a Otávio, esse era como ave solta, sem pouso certo.

Após os primeiros dias na pensão, *Filhinho* julgou azado o momento de pensar seriamente em suas viagens, na realização do *Ideal*. «Creio que em primeiro lugar preciso economizar bastante, pois um cruzeiro marítimo não fica barato, embora eu deva trabalhar, aceitando qualquer espécie de serviços, mesmo que sejam rudes e grosseiros. Necessito de experiências, de conhecimentos pessoais das coisas e sem me atirar resolutamente a elas jamais ficarei sabendo como é a vida desses homens que irei descrever em meus livros. Não devo ter orgulho. O *Ideal* exige de

mim a renúncia completa de todo conforto de ordem pessoal, não obstante seja prudente ter sempre umas economiazinhas no banco para as aperturas maiores».

E assim foi indo a vida. Meses após meses na mesma rotina de funcionário exemplar. Algumas mulheres passaram por ele, mas *Filhinho* tinha o hábito de não olhar cara-a-cara as perigosas filhas de Eva.

Até que recebeu a carta do irmão mais velho, lá do Rio. João cumprimentava-o pela passagem do seu 40º aniversário, (do qual *Filhinho* nunca se lembrava) e recomendava-lhe arranjar uma boa esposa. «Você leva uma vida muito solitária,

A generosidade do que oferece deve ter um limite: a delicadeza do que aceita.
— Jacinto Benavente.

ria, mano. Case-se. Já o devia ter feito há muito tempo. Case-se, homem».

Essa ajuizada sugestão de irmão mais velho vinha-lhe agora muito constantemente à memória, principalmente nas noites sem sono e nos momentos de aborrecimentos quotidianos. Case-se, homem! Você quer ficar para semente? Case-se!

Mas o fato é que ele precisava de liberdade absoluta para realizar o *Ideal* e... (Ora, case-se e deixe de besteiras!) Agitava-se. O espectro da velhice solitária surgia-lhe então mais frequentemente na imaginação. Precisava pensar seriamente sobre o caso. Mas o *Ideal*... O diabo era o *Ideal*!

Certa noite uma idéia iluminou sua mente. Sim... quem sabe se ele não poderia realizar o *Ideal* ao lado duma companheira? Lembrou-se do título dum livro que lera «Casei-me com a Aventura». Pois a autora casou-se com um fotógrafo aventureiro, acompanhando-o em todas as suas viagens perigosas, provando assim que existem mulheres valorosas e dignas. No seu caso, bastava ter o cuidado de escolher uma esposa corajosa, destemida, brava, bem disposta.

Na repartição havia entrado uma nova colega, mocinha esbelta, fresca, e dona dum queixinho firme, voluntarioso. Após breve exame, *Filhinho* decidiu-

se. Como a rapariga era novata no serviço ele foi se acercando, auxiliando, prestando pequeninos favores, insinuando-se. Certa tarde primaveril, *Filhinho* resolveu entrar em assunto extra-serviço. À saída, tratou de juntar-se a ela. Os passinhos miudos e elegantes de Berenice não o atrapalhavam. Aspirando com prazer a fragrância que se evolava do vulto ao lado, *Filhinho* achou que era o momento adequado para explicar o grande assunto:

— Berenice, parece que já nos conhecemos suficientemente bem para...

Um rapaz esnadaúdo surgiu à sua frente, de chôfre. Sorridente, jovem, desembaraçado, tomando familiarmente o braço da pequena, enquanto esta explicava:

— Seu Luiz, este é o meu noivo. Rubens Cintra.

Filhinho gaguejou alto, atarantado, estendendo a mão mole. Os jovens, em seguida, despediram-se e uns fiapos de conversa ainda chegaram-lhe aos ouvidos, quando eles se distanciavam: «Ele se parece com teu pai, não Rubens?» «É verdade, justamente foi isso que me chamou a atenção».

Ah! então ele se parecia com o pai do fulano... Senhor! Estava tão velho assim? Tinha perdido a melhor parte da mocidade? Seria já impossível viver o *Ideal*, realizar seu plano de aventuras, de viagens, de lutas, de trabalhos rudes, duma existência heróica enfim?

Caminhou a esmo por uma rua, indo dar numa praça ajardinada. Sentou-se num banco de cimento. Crianças brincavam com petecas e bolas coloridas na areia clara. Cascatas de risos e exclamações alegres, espontâneas, feriam os ouvidos de *Filhinho*. Levantou-se, incomodado. Não! Ele não deixaria a vida passar assim completamente, sem ao menos lutar! Lutaria! Haveria de reagir! Despertara finalmente dum longo sonho acordado. Queria viver! Agir, lutar, qualquer coisa que fôsse ação, vida, emoção, energia, mocidade...

Abriu bem os olhos, fitando com interesse novo as coisas ao seu redor, os transeuntes, a fachada das casas, os letreiros no alto, as vitrines coloridas. Tudo parecia renascer, estranhamente. Ah! que grande alegria era a vida, a vida plena!

Um bonde passou atulhado de

gente. Gritos, assobios, exclamações, guinchos, assoadas vibraram por instantes. Filhinho viu um jornalista ao seu lado e indagou o que era aquilo.

— Vão para o Pacaembu. Hoje tem jogo. Palmeiras e São Paulo.

O elétrico distanciava-se, pesada, rua acima. Nisto surgiu outro bonde com novo magote de populares. Filhinho sentiu-se excitado. «Quero viver!» — Correu e saltou desajeitadamente sobre aquele bôlo de pessoas e teve sorte, pois alguém amparou-o num vão qualquer, onde ele se engançou.

No Estádio, nem bem começou o jogo. Filhinho pôs-se a imitar os demais. Querida vida, energia! «Chuta, Remo! Ai, Leônidas, avança! Quebra ele, Noronha!» Tinha ouvido esses nomes e os citava a todo instante. Mas ele não sabia que estava no meio da torcida palmeiren-

se. Em dado momento, Filhinho viu uma confusão de punhos, braços, chapéus, e depois sentiu-se no ar, ondulando sobre cabeças, ombros, arremessado, empurrado, jogado dum lado para o outro até que percebeu sobre os ossos o impacto duro do chão. Agora policiais pareciam desejar desprender do tronco seus braços e pernas, tal a violência com que os puxavam. Pois naturalmente aquele paisano de meia idade que promovera tamanho sururu devia ser algum desordeiro terrível e uma fera de homem. Era como se ele estivesse no meio dum redemoinho. O que parecia irritar sobremaneira os policiais, incitando-os a continuar, com mais zelo, tapas e socos, era o estranho e cínico sorriso que o homenzinho estampava na face. Um sorriso parado teimoso, com qualquer coisa de desafio, de satisfação ou de desespêro feroz.

DESTINOS NA TEMPESTADE

(Continuação)

der que sua irmã de destino se estava afastando, fugindo dela, que lhe roubara o melhor da vida.

As palavras de Pedro não chegaram a penetrá-la. Sentia-o falando, apertando lhe o braço, roçando o peito de encontro às suas espáduas. Todavia aquilo se afigurava irreal demais para ser aceito. Tudo que lhe restava de energia estava concentrado em saber o que Selene pensaria dela. Um doido desejo de vê-la invadiu-a. Livrou-se da mão de Pedro e deu dois passos atrás.

— Acho que não temos mais o que discutir, pode retirar-se.

— Mônica, você não ouviu nada do que acabo de dizer!

— Nenhum assunto pode nos prender depois do que houve.

— Quer dizer que você não sente nada por mim, Mônica?

— Nada, Pedro, a não ser um grande pesar por eu e Selene o termos conhecido.

Ele esteve pálido um instante.

— Mônica, você está sendo cruel comigo!

— Você foi cruel e desonesto com Selene; nenhum sofrimento parece-me capaz de redimi-lo.

Houve outra pausa. Alguma coisa estava sendo decidida naquele silêncio. Naquela atmosfera de decepção e mágoa, alguém acabava de ser roubado de um grande sonho. Era Pedro.

Ali estava o homem estritamente masculino, o homem-egoísta que nunca acredita na possibilidade de um fracasso. Era até certo ponto comovente vê-lo na sua derrota, na sua impotência para alterar o aspecto dos fatos.

Após um longo recolhimento, Pedro retomou a palavra.

— Você vai ver Selene?

Mônica pareceu despertar de seu torpor.

— Certamente; preciso explicar-me com ela.

— Diga-lhe então que volte. Casaremos assim que ela chegar.

(Continua no próximo número)

A PERSEVERANÇA

Não há caminho demasiado longo para quem anda lentamente e sem apressar-se; não há vantagem demasiado remota para quem a procura com perseverança. — LA BRUYÈRE.

Remover o excesso de baton ?

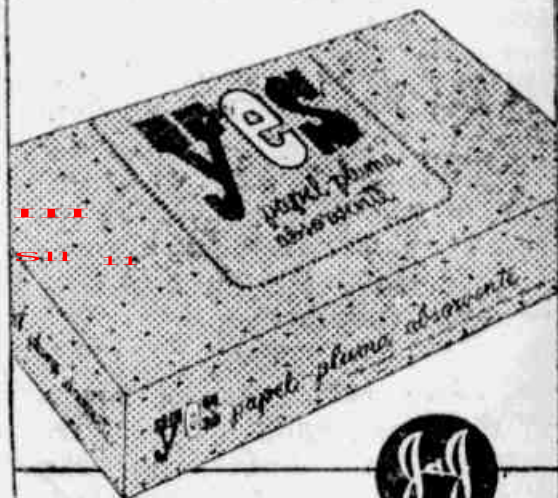


a resposta é

YES

Depois do último retoque, uma leve pressão com este lenço de papel pluma remove o excesso de baton. Eis aí mais uma das grandes utilidades que "YES" lhe oferece, com a maior economia, além de servir para:

- Assoar o nariz
- Limpar óculos
- Remover o maquiagem, etc.



Um produto

Johnson & Johnson

3.513-R



O nosso concurso de contos

No sentido de estimular as vocações e proporcionar incentivo aos valores novos de nossas letras, a direção de ALTEROSA instituiu um «Concurso Permanente de Contos», premiando com a importância de Cr\$ 300,00 os melhores trabalhos que recebe durante cada mês, nesse gênero.

Concorra, também, a esse interessante concurso que tem revelado ao público contistas de valor, obedecendo às seguintes bases:

1º) — O original deve ser dactilografado em uma só face do papel, em espaço nº 2, com o máximo de 7 laudas em formato ofício e o mínimo de 4 laudas.

2º) — Motivo e ambiente nacionais.

3º) — Observância dos princípios morais que norteiam os costumes da família brasileira.

4º) — Argumento isento de tragédias fortes ou mistérios tenebrosos, fixando de preferência as emoções do ambiente de família, do lar e os dramas de fundo moral sadio e honesto.

5º) — Todos os contos enviados para este concurso devem ser inéditos e, uma vez premiados, terão os seus direitos autorais reservados por ALTEROSA.

●
Ao conto classificado em 1º lugar, caberá o prêmio de Cr\$ 300,00. Ao 2º colocado, Cr\$ 200,00 e ao 3º Cr\$ 100,00. Os prêmios serão enviados aos autores logo após a publicação de seus trabalhos.

●
Não se devolvem originais enviados para este concurso, ainda que não aproveitados, nem se manterá correspondência sobre o destino dos mesmos. Os trabalhos aprovados serão mencionados sempre na última página da revista.

VIAGEM À RODA DE MIM MESMO

(Continuação)

ma, para escapar às lacunas da carta. Era de noite; marquei o dia seguinte. Saí de casa e andei muito, pensando e imaginando, voltei com as pernas moidas e dormi como um ambicioso.

De manhã pensei ainda no caso, compus de cabeça a cerimônia do casamento, pomposa e rara, chegando ao ponto de transformar tudo o que estava em volta de mim. Fiz do trivial e desbotado quarto de pensão um rico «boudoir», com ela dentro, falando-me da eternidade:

— Plácido!

— Henriqueta!

De noite é que fui à casa dela. Não digo que as horas andaram vagarosíssimas nesse dia, porque é a regra delas quando as nossas esperanças abotoam. Batalhei de cabeça contra Henriqueta; e assim como por esse tempo, à espera que me fizessem deputado, desempenhei mentalmente um grande papel político, assim também subjuguiei a dama, que me entregou toda a sua vida e pessoa. Sobre o jantar peguei casualmente nos «Três Mosqueteiros», li cinco ou seis capítulos que me fizeram bem e me abarrotaram de idéias petulantes, como outras tantas pedras preciosas em torno deste medalhão central: as mulheres pertencem ao mais atrevido. Respirei afoito e marchei.

Henriqueta ia sair, mas mandou-me entrar por alguns instantes. Vestida de preto, sem mantelete ou capa, com o simples busto liso e redondo e o toucado especial dela, que era uma combinação de moda com a sua própria invenção, não tenho dúvida em dizer que me desvairou:

— Vou à casa de minhas primas, que chegaram de São Paulo — disse-me ela. — Sente-se um pouco. Não foi ontem ao teatro?

Disse-lhe que não, depois emendei que sim, porque era verdade. Agora que a coisa lá vai, penso que não sorrii, mas na ocasião pareceu-me o contrário, e fiquei vexado. Disse-me que não tinha ido ao teatro por estar de enxaqueca, terrível moléstia que me explicou compondo as pulseiras e corrigindo a posição do relógio na cintura.

Reclinada na poltrona, com um início de pé à mo- tra, parecia pedir alguém ajoelhado: foi a idéia que tive e que varri da cabeça, por grotesca. Não; bastava-me o olhar e a palavra. Nem sempre o olhar seria bastante, acanhava-se às vezes, outras não sabia onde pousasse; mas a palavra romperia tudo.

Entretanto, Henriqueta ia falando e sorrindo. Uma vez parecia compartilhar a minha crise moral e a expressão dos olhos era boa. Outras via-lhe a ponta da orelha do desdém e do enfado. O coração batia-me; tremiam-me os dedos. Evocava as minhas idéias petulantes, e elas vinham todas, mas desciam ao coração, deixavam-se estar no cérebro, paradas, cochilando...

De repente calamo-nos, não sei se por três, cinco ou dez minutos; lembro-me só que Henriqueta consultou o relógio; compreendi que era tempo de sair e pedi-lhe licença. Ela levantou-se logo e estendeu-me a mão. Recebi-a, olhei para ela com a intenção de dizer alguma coisa, mas achei-lhe os olhos tão irados ou tão aborrecidos, não sei bem, lá vão tantos anos...

Saí. Chegando ao saguão dei com o chapéu um golpe no ar, e chamei-me um nome feio, tão feio que o não ponho aqui. A carruagem estava à porta; fui colocar-me à distância para vê-la entrar. Não esperei muito tempo. Desceu, parou à porta um instante, entrou e o carro seguiu. Fiquei sem saber de mim, e pus-me a andar. Uma hora depois, ou pouco menos, encontrei um amigo, colega de fóro, que ia para casa; fomos andando, mas ao cabo de dez minutos:

— Você está preocupado — disse ele. — Que tem?

— Perdi uma causa.

— Não foi pior que a minha. Já lhe contei o inventário do Matos?

Contou-me o inventário do Matos, sem poupar nada, petições, trélicas e a sentença final, uma sentença absurda e iníqua. Eu, enquanto ele falava, ia pensando na bela Henri-

(Conclui na pág. 21)

Michel

*Dá a seus lábios
uma beleza mágica*

O baton Michel, em
escolhidas cores da moda,
torna seus lábios mais
bonitos que nunca...
dando-lhes uma beleza
sedutora que dura horas
porque Michel permanece
por mais tempo. Michel
também tem seu perfume
exclusivo—sutil,
encantador, inimitável.
Use Michel... sempre!



MAPOLA • AMARANTH • BLONDE • CHERRY • CYCLAMEN • MARIPOSA • RASPBERRY • VIN BRULÉ • VIVID • VIN ROSÉ

Inquietação

ALICE DE CARVALHO ABREU

ILUSTRAÇÃO DE MOURA

SEGUNDO PRÊMIO NO CONCURSO PERMANENTE

**Embora todo o seu poder, o
ouro não consegue comprar
o amor.**

HAVIA uma semana que eu chegara à «Estrê-la Vesper», formosa vila pertencente ao meu noivo, Geraldo Camargo. A casa vasta, alta, tinha bela fachada. Rosas rubras debruçavam-se sobre o muro que circundava o parque. O jardim pequeno, bem cuidado, tinha estátuas e repuxos. O lugar era pitoresco. Para mim, tudo era novidade. A cascata, as cigarras, os morfos encantavam os meus olhos. Os cajueiros em flor embalsamavam o ambiente. Um pássaro riscava o espaço. O céu limpo, sem nuvens, parecia singularmente belo, naquele princípio de dezembro.

Maria de Fátima, minha futura enteada, estendia-se na relva, tomando sol. As crianças do povoado, sujas, desgremhadas, vinham espiar a menina que «não podia brincar». Suplicavam:

— Só um pedacinho...

Mostrava-me intrasigente. Maria de Fátima estava em convalescência. E Geraldo recomendara tanto! Meu noivo adorava a filhinha.

Plutão, um cachorro vagabundo, tal como dono, o Djalma de Aguiar, corria atrás das crianças. Tentava acalmá-lo.

— Aqui, Plutão! Aqui...

Conquistara a afeição do perdigueiro. Murchava as orelhas, parava, dócil, obediente.

Eu pensava nas peças de meu enxoval. A colcha azul, bordada com motivos chineses, ficaria linda! E a cortina da sala de estar! Verde, com borlas originais... Um modelo de Carven inspirara o meu vestido de noiva, que seria branco, adornado de escumilha prateada. Aproximava-se a grande data: 12 de janeiro de 1940! Queria primar pela originalidade. Achava a grinalda de flores de laranjeira, uma coisa comum, chata...

Se eu usasse uma mantilha finíssima, tomalida-de-rosa-sêca? Minhas modistas escreviam, pedindo opinião.

Nos comentários sociais, os jornais diziam: a noiva, senhorita Leticia de Noronha, parecia uma santa das igrejas góticas... E o noivo? Os jornais sempre emudecem a respeito dessa figura que está preocupada com o dia de amanhã. Além disso, Geraldo não podia ser focalizado, seria até ridículo. Obeso. calvo. Dentadura postica... Eu era incrivelmente vaidosa. Depois... Aquê-le casamento, para mim, constituía uma vitória. Mostraria aquela velha hipócrita, d. Conceição Ribeiro, o valor de uma preceptora. Ainda um que o palacete da Graça estava sendo reformado.

Geraldo era rico, generoso. Não fôra sem razão, que eu afastara a candidatura da formosa loura Dolores Martins. Vencera Augusta da Luz, a elegante balzaqueana da Avenida Sete. Não eram as faces flácidas de Geraldo que me seduziam! Parecia que um espírito judeu me instigava. Apreciava as boas qualidades do meu noivo. Mas amor! Eu queria me vingar da sociedade que me diminuía simplesmente por ser pobre. Não possuía beleza. Nova, apenas. Minha pele, apesar dos produtos Belacolor, não era boa. A fronte, um pouco saliente. Os lábios esbessos. Meus olhos porém encantavam. Escursivos, ligeiramente oblíquos. Meu cabelo tinha reflexos azulados. Era magra. Mãos e pés pequeninos. Fingia um orgulho que estava longe de possuir. As vezes chorava sem saber porque.

Sentia-me feliz na «Estrê-la Vesper», longe dos olhos indiscretos daqueles que procuravam conhecer meus sentimentos mais íntimos. Parecia renascer. Passava, cantava, lia. Sabina, a go-vernanta, atenciosa, ativa, gostava de conversar. Certo dia perguntou-me:

— Já conhece a «cidade»?

— Isto é a Augusta, Sabina? Sabe? Gostei muito da capelinha.

— Sou a zeladora.

— Sabina... E uma casa em ruínas que fica aqui perto? Vizinha ao muro do parque...

— Verde? Com um pombal na frente?

— Exatamente!

— Ah! E' da familia Aguiar! Morreram todos. Parecendo um castigo! Só resta o Djalma...

Interrompi Sabina. As crianças que vinham espiar Maria de Fátima diziam que Plutão era de um Djalma, vagabundo, maluco... A governanta protestou.

— Qual! Nada. Veja só: de pequenos já têm a língua de palmo. Djalma não é louco. Pobre rapaz! E' verdade que voltou da guerra, assim um tanto alvoroçado... Chegou aqui, encontrou a casa vazia!

— Não gosta de trabalhar, não é, Sabina?

Sabina hesitou.

— Lá isso é verdade. Mas trabalhar pra quê? Ninguém quer se casar com ele. Semente de uma raça. Ainda mais com esta fama...

A infelicidade do expedicionário me impressionou.

Algumas vezes me aproximei da casa tentando compreender aquela alma. Raras ocasiões o via. Nada parecia interessá-lo. Passava indiferentemente pela «Estrêla Vesper». Era moreno, alto, simpático.

Certa manhã, eu estudava uma receita de tripe. Vira uma blusa muito bonita no salão de beleza Stela. Salões de beleza, ante-câmaras da perdição... Eu mesma não resistia às propagandas do embelezamento. E certo dia, usei horrendo capacete em forma de cone... Mornia de calor. O espelho mostrava a figura de um médico da Ilde Média, em visita aos pestíferos.

— Paciência, minha senhora! O resultado compensará o sacrifício!

As mocinhas do salão corriam a atender às freguesas ricas e exigentes.

— Permanente a frio...

O passado me absorvia e deixei cair a costura na areia. Maria de Fátima me advertiu:

— Plutão carregou a lâ.

Zanguei-me.

— Cão imundo!

Mas... o que significava aquilo no pescoço do prediguiro? Uma bolsinha de pindoba. Um bilhete!

«Senhorita:

Você não deve prender meu cachorro. Ontem, ele não dormiu em casa. Espiei por cima do muro. Plutão estava servindo de cão de guarda da «Estrêla Vesper». Não concordo.

Djalma».

Fiquei surpresa. O incidente me aborreceu. Absurdo! Eram dois vagabundos: o cachorro e o dono. Espiara pelo muro! Tornei a colocar o bilhete na bolsinha. Sujeito manhoso: fingia que não me conhecia! Plutão não foi embora. Depois de jantar, roeu osso a valer.

Vesti minha blusinha branca. Ajeitei os cabelos à maneira de garoto. Quem sabe se o meu vizinho não vinha buscar o cão? A guerra estava declarada. Eu aceitava o repto. Tinha a impressão de que ele me olhava. Onde estava? Deulto nas folhagens? Deitado na relva? Recolhi-me tarde. Triste, decepcionada. Dormi mal. Levantei cedo. Sabina admirou-se:

— Madrugou, hein?

— Você vive a cantar... Não deixa ninguém dormir!





Por que perder "alguns dias" todos os meses?

Querida leitora!

Não pense você que, só por estar "naqueles dias", é obrigada a "ficar de môlho" em casa. Nada disso! Desde que esteja protegida com o moderno absorvente Modess, você estará a vontade. Modess é tão macio e confortável que você nem perceberá que o está usando. E é mais absorvente que o melhor algodão. Você poderá sair com seus vestidos mais leves, porque Modess é invisível e protegido, de um lado, por papel repelente, que evita o risco de manchas embaraçosas. Além disso, Modess é higiênico de fato: cada absorvente só é usado uma vez e jogado fora. Quer receber 2 amostras de Modess? Envie-me o cupom abaixo.

Cordialmente, *Anita Galvão*
Consultora Feminina
da Johnson & Johnson

Um produto da
Johnson & Johnson



JOHNSON & JOHNSON
Depto. 17 - F - 123 - Cx. Postal 5030 - S. Paulo

GRÁTIS! Queira me enviar o livreto "Ser quase mulher... e ser feliz" e 2 amostras de Modess.

NOME:
RUA: N.º:
CIDADE: ESTADO:

Riu, oferecendo-me uma xícara de café.
— Hoje é 15. Menos de um mês...
— E' verdde! O tempo vòa!
— Já encomendei um cesto de umbú. Precisa levar uma geléia daquele jeito!

Aquela questão de doce não me interessava. Esquecera até a receita do bolo Sol fornecida por madame Souza. Queria dar uma lição ao meu insolente vizinho. À tardinha tive fortíssima dor de cabeça. Não descí para tomar café. Olhava para o retângulo da janela e contava as estrelas que brilhavam no infinito.

Dias depois, o carteiro trouxe a minha correspondência.

Geraldo me escrevera.

Estava ansioso pelo meu regresso. Contava as novidades. O casaco que eu encomendara na Argentina já estava no palacete da Graça. Estive com madame Yvonne. O decorador já iniciara o trabalho. Mandava-me revistas, figurinos. Contava os filmes que assistira. Como passava a filhinha? Tinha uma surpresa para ela.

A carta era simples. Nada de lirismo. Realista. Geraldo era assim, metódico, comedido. Oh! iríamos viver muito bem! Sem curvas. Sem ilusões... O sacrifício seria compensado? Quê! Não havia sacrifício! Era uma vitória retumbante. Eu esmagara Dolores Martins e Augusta da Luz. Faltava tão pouco para realizar os meus sonhos! Mais uma mensagem.

«Senhorita:

Ora, muito bem! E' nervosa. Machucou o bilhete. Estou de parabéns. Mereci a sua atenção. Vestiu sua blusinha branca e perfumou-se. Ah! estou fugindo do assunto! Quero que me devolva o Plutão. Estou sendo prejudicado nas minhas caçadas. Ontem dormi sem comer. Não estou brincando. E' assunto vital. Trocará de roupa hoje, para gáudio dos meus olhos? O velhote escreveu, não foi? Profetizo: terá muita comida, muita roupa, porém levará uma vida inativa, esmirrada como ampola de injeção.

Djalma

Furiosa, rasguei o insolente bilhete. Era demais. O expedicionário ferira o meu amor próprio. «Esmirrada como ampola de injeção». Devia castigá-lo. Nada me ocorria, portanto. Que lhe importava minha vida?

Resolvi apressar o meu represso.

— Sabina, viajaremos no dia 27.

— Oh! D. Letícia, já! Não era no dia 4 de janeiro? E Maria de Fátima já está boa mesmo?

— Oh! MUITÍSSIMO melhor!

Havia cinco dias que Plutão não aparecia.

Semelhante ausência me inquietava. Que teria acontecido? Djalma teria ido embora? Eu fôra egoísta negando-lhe uma palavra de conforto. Coitado, tão só, tão abandonado!

Era véspera de Natal. Maria de Fátima tinha uma coleção de bolas coloridas. Sabina cantava uma velha canção de ninar. As crianças, com vestes domingueiras, enchiam de flores as janelas da capelinha. E até as avós, múmias resuscitadas, pareciam felizes. Sentia-me infeliz, perseguida por uma voz interior que me dizia que eu fôra cruel, muito cruel...

De repente, como nos romances, aquela surpresa!

Leticia,

Estou passando bem. O Plutão segue na minha frente levando este, que é um convite para a ceia de Natal. Acho-me no sítio dos Fagundes — um casal muito generoso. Colhi três lindas rosas para seus cabelos. Não é um presente rico, mas custou-me algumas gotas de sangue. Lembrei-me da «infância querida» e organizei um presépio. Não ria, Leticia! Venha ver que amor! A cascata canta... Tudo natural. Estou sendo perverso para com os pássaros. Uma legião está presa com visco. Flores, folhas. Velas de cera. Sim, a ceia terá perdizes, mel puríssimo, castanhas assadas, água fresquinha. Esqueça, por hoje, que é uma moça elegante da rua Chile. Pensar no futuro é uma complicação. Tem algum vestido alegre, vistoso?

Djalma».

Encantada, sorri. Troquei de roupa apressadamente, como se temesse perder suntuoso reveillon. Parecia um sonho!

Djalma me esperava no jardim. Seus olhos eram belos, dominadores. Não hesitei. Compreendi que o acompanharia até para além da vida...

DEIXÁ-LOS VOAR!

ARLETTY, a linda estrêla, tem um coração sensível. Acha que os pássaros devem voar em liberdade, e em vista disso não gosta de vê-los presos em gaiolas.

Como uma pessoa de suas relações tivesse uma grande gaiola cheia de pássaros cantores e melancólicos, ela, com o seu sorriso mais sedutor, pediu-lhe:

— Emprésteme por alguns dias!

Do posse da gaiola, dirigiu-se à casa de um amigo que no dia seguinte ia embarcar para um breve passeio ao México.

— Faça-me um favor, disse ela com um tom persuasivo. Leve consigo estes pássaros, e, quando desembarcar, abra a gaiola e solte-os.

Mais tarde, é claro, Arletty precisou explicar o desaparecimento das aves, e saiu-se tão elegantemente (restituiu a gaiola cheia de valiosos presentes) que ninguém pensou em querer-lhe mal.

ESTATÍSTICAS AMERICANAS

DADOS de estatística referentes ao Estados Unidos:

Mais de 40% das mulheres entre 18 e 44 anos fumam cigarros.

A percentagem de analfabetos é de 2,7.

Os americanos gastam mais de um terço de todo o sabão fabricado no mundo.

O atual número de parceiras é de 21.000. Em 1924 era 62.000.

A vida média da mulher é quatro anos mais longa que a do homem.

Desde o período anterior à última guerra as mãos da americana média cresceram um ponto de tamanho, e, os pés, de um a dois pontos. Esses aumentos são atribuíveis aos trabalhos de guerra e ao maior trabalho doméstico.

C
A
N
T
I
G
A
S



Quis descobrir nos refolhos
Da tua mente a intenção,
E li dentro dos teus olhos
Esta palavra: traição.

Oscar Baptista

Esta vida, a que me exponho,
é uma agiota de verdade:
se empresta um pouco de sonho,
que juros cobra em saudade!

Adelino Moreira

Eu hoje olhei-me no espelho,
e tive cruel desengano...
— Quantos anos fiquei velho,
no período de um só ano!

Luiz Otávio

Sol, tu podes alegrar
A terra; minha alma, não.
Tristeza é sombra no olhar,
Eclipse no coração.

Anita Carvalho

As mulheres de hoje em dia
que se dizem da alta roda
Não perdem missa, aos domingos,
porque há desfile de moda!

Nival Reis

Nunca me esqueço de ti,
Andas sempre em meu pensar.
Ceguei-me quando te vi,
Ceguei-me no teu olhar.

A. Garibaldi

RESUMO DA PARTE PUBLICADA

D. Amélia Castelo Branco, viúva rica e idosa, resolve adotar duas meninas, para aliviar sua solidão. Com a ajuda da irmã diretora dum asilo, escolhe duas órfãs, Mônica e Selene, amigas inseparáveis desde tenra idade. Com o correr dos anos, Mônica transforma-se numa bela moça e leva vida social intensa, ao passo que Selene, por possuir beleza menos evidente, refugia-se nos livros e na companhia de d. Amélia. Enquanto Mônica permanece no Rio, Selene e d. Amélia vão visitar a sua fazenda, onde Pedro, o administrador, e Selene se apaixonam súbita e intensamente. Em suas cartas à amiga, narra-lhe minuciosamente este amor que a abrasa, enquanto Mônica sonha com igual felicidade.

CAPÍTULO IV

A inesperada chegada de Mônica à fazenda causou verdadeiro reboliço! Quando pôde fugir à torrente de afagos com que Amélia e Selene a receberam, apertou firmemente a mão de Pedro.

— Então esta é a jóia preciosa que atrapalha o regresso de Selene à civilização? Vejam só!

Selene olhou-o; havia ternura em seus olhos.

— Você não imagina como é encantadora a vida longe da civilização.

— Imagino, sim! se não fôsse tal encanto você teria morrido de tédio com esses cinco meses de fazenda.

Riram todos.

Mal sabiam aquêles quatro que acabavam de enveredar por um caminho árduo. Era a primeira tentativa do destino para desatar os laços que prendiam as duas amigas. Iria fir-las profundamente no que possuíam de mais precioso. E Pedro e Amélia seriam espelhos de seus sofrimentos; partilhariam deles cada qual a seu modo.

Tudo teria tomado outro rumo se Mônica não houvesse cedido à enorme tentação de ver Amélia e Selene. Afinal cinco meses são muita coisa entre

criaturas que se estimam realmente. E havia ainda sua curiosidade em torno de Pedro. Este foi talvez o maior erro. Conhece-lo de perto era quase uma obsessão. Analisar frente a frente o homem que arrancara tamanhas vibrações ao coração retraído de Selene tornara-se quase uma necessidade.

para a fazenda; mal sabia que iniciava sua primeira aventura dolorosa dentro da vida.

Foi delicioso aquêles fim de estada na fazenda. Pedro e Selene eram companheiros adoráveis para toda sorte de divertimentos que Mônica sugeria. Dominou-os totalmente com a sua tirania encantadora.

Tudo foi bem até o momento que Amélia participou, pesarosa, que precisavam regressar ao Rio; negócios exigiam sua

Vencida pela tentação rumara presença. Mônica foi escalada para ir na frente preparar a casa para o regresso de Amélia. Embarcou dois dias antes com o coração apertado ante a desoladora tristeza que assaltava Selene. Que resolveria Pedro? Por que não casavam logo? Afinal dona Amélia não se oporia à felicidade dela, embora não fosse aquêles um casamento ideal. Selene merecia muito mais que um simples administrador de gado; mas afinal Pedro era encantador e desde que se amavam a melhor solução era mesmo o casamento.

Depois da partida de Mônica, Selene procurou estar a sós com Pedro. Foi encontrá-lo no escritório onde trabalhava, quase ao cair da tarde. Surpreendeu-o sentado numa cadeira junto à janela fitando o céu. Em que pensaria? Seu coração estremeceu ao ver-lhe a silhueta robusta mal delineada no luzco-fusco do entardecer.

— Pedro...

Ele se ergueu ao ver que era ela.

— Você, Selene?

— Surpreendido?

— Não a esperava, realmente; quer sentar-se?

— Não, estou bem aqui; é linda a vista do ocaso nesta janela.

— Costumo admirá-la diariamente.

Selene compreendeu que estavam evitando o assunto que mais desejavam. Resolveu ser a primeira a falar.

DESTINOS

NEYDE JOPERT

— Pedro, você sabe que partimos amanhã?

— Sei...

A resposta pareceu-lhe fria e indefinida. Deixou-a mais ansiosa.

— Então, que lhe parece? não significa nada?

— Significa ter terminado todo este tempo delicioso da nossa camaradagem.

Selene franziu a testa preocupada; não atinava com o que ele dissera.



NA TEMPESTADE

Ilustração de Moura

— Camaradagem, Pedro? Você chama de camaradagem toda esta febre que nos consumiu há pouco, enquanto tínhamos ensejo de andar sôzinhos, enquanto Mônica não chegou para nos acompanhar?

Súbitamente pensou no que acabara de dizer: «enquanto Mônica não chegou para nos acompanhar». Então um frio de morte transpassou-a! Fitou Pedro: freio de ansiedade!

— Que houve com você, Pedro? Explique-se! apenas não

tente me fazer de ingênua; prefiro sinceridade absoluta.

— Você está dramatizando, Selene!

Ela pasmou ante o sangue frio dele.

— Dramatizando?! então você cre que não me deve ao menos uma explicação? Tudo que nos prendia pode ser desfeito apenas com um gesto? Honra, dignidade, nada disso tem maior significação para você.

— Não admito que você fale assim!

Pedro estava sem sangue diante do que ela dizia.

— Então que satisfação você me dá? Como é que você me indeniza?

— Você não foi prejudicada com o que houve. Ninguém saberá além de nós dois. Apenas não desejo casar-me sem amor.

Aquela foi a frase que a devastou! Mas que todas as humilhações por que ainda viesse a passar, aquilo a causticou como brasa.

— Pedro!

Diario

de

Minas

O

MAIS COMPLETO
MATUTINO DE
MINAS GERAIS

AMPLO serviço informativo do país e do exterior, colaboração especial dos mais renomados comentaristas do mundo, reportagens nacionais e estrangeiras, esportes, cinema, rádio, sociedade, etc. O melhor suplemento dominical, com seções femininas.

ASSINATURAS:

Ano . . . Cr\$ 120,00
Semestre . . . 70,00
Trimestre . . . 50,00

ADMINISTRAÇÃO

RUA TUPINAMBÁS, 444
BELO HORIZONTE

— É isto, Selene; você mesma provocou! Não precisava ter ouvido semelhante coisa.

A respiração dela era forte e pausada. A sala quase escura parecia pequena para conter suas emoções; à sua frente o homem estava espigado contra a janela.

— Pedro, e tudo que houve...

— Eu sou homem, Selene; não poderia ter sido de outra forma. Não teria sido diferente com nenhum outro.

— Mas você me amava, Pedro! Eu sentia que você me amava!

Subitamente ele alteou a voz e desabafou.

— Selene, eu estou apaixonado por Mônica! Perdidamente apaixonado por Mônica! Lamento o que houve conosco, acredite! Mas não posso remediar; seria ainda mais cruel com você se o fizesse.

Durante um curto momento Selene sentiu as forças lhe fugirem; buscou então uma estranha reação interior que ela mesma desconhecera até aquele momento; o orgulho adormecido no fundo daquela alma ingênua saltou lá do fundo para apoiá-la.

Quando pôde falar de novo, indagou:

— Mônica sabe?

O coração bateu-lhe terrivelmente enquanto esperava a resposta.

— Não — disse Pedro. Nem desconfia.

No meio de sua dor era um suave conforto saber que sua amiga dileta estava alheia àquele drama. Seria o mais suportável de tudo saber que Mônica lhe destruiu a vida conscientemente.

Esteve calada mais outro longo momento. Um doloroso indiferentismo derramara-se dentro dela; não sentia odio, nem vergonha, nem desprezo por si ou por Pedro. Tudo lhe parecia uma coisa encerrada, uma coisa morta que já não influiu dali por diante. Estava face a face com o destino; o duelo era inevitável, mas sentia-se capaz de vencê-lo. Irmã Germana infundira-lhe confiança no auxílio de Deus. Chegara o momento de convocar toda a sua fé; só assim se preservaria do desesnô.

Olhou Pedro, ainda imóvel, junto à janela. Agora os primeiros sinais da noite invadiam o campo; um grilo trilhava monotonamente. A silhueta do ho-

mem pareceu afastar-se cada vez mais, até confundir-se com a bruma violeta que forrava o horizonte. Não via, mas sentia aquilo; embora três passos os separassem, sentia-o do outro lado do mundo. Admirou-se de ouvir-lhe a voz tão próxima.

— Selene, você não sabe quanto lamento!

— Nada temos a lamentar; não remediaria o que está feito.

— Mas não queria que terminasse assim; você não merece.

Ela não quis continuar ouvindo o que ele dizia. Abriu a porta e saiu correndo em direção à luz da casa grande. Ouviu a voz de Pedro chamá-la duas ou três vezes; depois o silêncio voltou totalmente, estroado pela cantilena dos sapos e dos grilos.

CAPÍTULO V

Mônica custou a entender o que dona Amélia dizia enquanto o carro as levava da estação para o Leblon.

— Selene foi para São Paulo. Passou por aqui ontem de tarde; deve ter tomado o avião de três e meia.

— Mas não é possível! Nem me telefonou! Não foi a casa! Que se passa com ela?

— Brigou com o Pedro; criou que está desesperada, embora não tenha perdido aquela serenidade aparente. Pediu-me encarecidamente que a deixasse só, por uns tempos.

— Mas não me procurou. Nós que sempre fomos como irmãs! Que tem ela contra mim, afinal?

Amélia bateu-lhe docemente nas mãos.

— Não é nada, minha filha. Há sofrimentos que só a solidão alivia. Por isso deixei-a partir. Breve ela estará conosco novamente.

Mônica não se conformava. Que estaria acontecendo por trás de tudo aquilo? Lembrando-se das descrições apaixonadas, que tantas vezes Selene lhe enviara por cartas, um temor desconhecido oprimiu-lhe o peito. Selene não se desesperaria por pouca coisa; devia existir algum motivo mais imperioso para afastá-la para a solidão daquela castela abandonada no interior. A suspeita do que seria deixou-a gelada.

— Tenho que ir ver Selene! — exclamou de súbito.

Amélia advertiu-a.

— Não faça isso, Mônica. Quanto maior a dor, mais nos parecem odiosas as criaturas queridas. Você só iria atermen-

rá-la. A ninguém terá sido seu sofrimento mais penoso do que a mim. No entanto, contendo-me aqui, ansiosa, torturada por não poder aliviá-lo.

Mônica esmiuçava a paisagem com olhos nervosos. Que poderia fazer? Dona Amélia parecia não supor as mesmas coisas aterradoras que havia em sua cabeça.

«Antes assim», pensava. Tudo seria melhor enquanto aquela criatura feita bondade ignorasse o mais doloroso.

Não suportando as noites de insônia e aquele silêncio profundo em que Selene se aprisionara, Mônica resolveu fazer qualquer coisa. Falou com Amélia.

— Tenho que dar um pulo até à fazenda; preciso falar com Pedro. Não posso ficar aqui de braços cruzados, enquanto Selene está sofrendo longe de nós.

Amélia tentou abri-lhe os olhos.

— Mônica, meu bem, você está vendo as coisas piores do que elas são. Afinal, Selene teve apenas uma desilusão; isto é coisa a comum entre gente jovem. Acho que o melhor partido a tomar é deixar tudo por conta do tempo; devemos respeitar as decisões de Selene, ela tem juízo bastante para escolher o que melhor lhe convém.

Mônica vacilou. Dona Amélia, efetivamente, era mais refletida; mas alguma coisa interior não a deixou recuar.

— A despeito de tudo eu gostaria de falar com Pedro. Agradeceria muitíssimo se a senhora não se opusesse à minha ida.

Amélia aproximou-se e acariciou o queixo de Mônica.

— De modo algum, minha filha! Você fará o que entender. Mônica beijou-a.

— Partirei ainda hoje. Amanhã de noite estarei de volta.

Quando deixou a sala uma violenta ansiedade começou a torturá-la: como falaria com Pedro? Como explicaria aquela viagem até à fazenda? E como aborreceria a o assunto tão aborrecido que a impelia até lá?

Surpreendeu-se, repentinamente, no salão de espera da casa grande. Pela janela via a placidez do quadro que envolvia a paisagem: o campo, os pastos, os largos campos floridos embalsamando tudo com seus perfumes a nesga de céu retalhado pelas montanhas, os pedregulhos reluzentes, saltando das encostas chamalotando o verde do chão.

Ouvia o passo firme de Pe-

VIDAS ILUSTRES

AMUNDSEN

Nasceu Roald Amundsen em Borje, Noruega, aos 16 de julho de 1872. Seu pai era marinheiro, e o garoto desejava ardentemente seguir a mesma carreira, mas a mãe se opôs, tenazmente, e após os estudos secundários pediu à Roald que entrasse na Faculdade de Medicina. A morte da mãe, cuja inquietude pela vida do mar era manifesta, mudou o curso da vida de Amundsen, levando-o para a carreira de sua predileção. Atravessando as expedições polares e depois de prestar exame de alto mar, integrou como tenente a tripulação do «Belgica», mandado por Gerlache, com o qual fez sua primeira viagem aos mares austrais. Logo realizou várias expedições e, com o propósito de descobrir o Polo Sul, preparou uma expedição, em que logrou levar a feliz termo sua empresa, chegando ao Polo Antártico aos 14 de dezembro de 1911. Ao ir em auxílio da expedição Nóbile, que extravariara em terras do Polo Norte, desapareceu Amundsen em junho de 1927.

A famosa viagem de Nansen no «Fram» havia lhe entusiasmado e, quando decidiu percorrer o passo do Noroeste e determinar o polo magnético boreal, foi pedir conselho ao grande explorador das regiões árticas. Nansen o recebeu, carinhosamente, aprovando o seu projeto e dando-lhe valiosas indicações, que tanto haveriam de servir-lhe mais adiante.

Não contente com esta façanha, que havia de immortalizar seu nome, Amundsen, infatigável e constante, se propôs chegar por via aérea ao Polo Norte, já descoberto por Peary, mas pelo lado europeu. Após duas tentativas, nas quais se destruíram os aeroplanos, salvando-se milagrosamente, comprou na Itália um dirigível, ao qual chamou «Norge» e com ele pôde, finalmente, lograr seu intento, alcançando o Polo Norte em maio de 1926. A grande ambição de sua vida se realizara: seus pés haviam pisado os dois Pólos.

Realizada sua viagem com grande êxito, e já de regresso à Noruega, preparou outra expedição, utilizando o «Fram», o barco de Nansen. Depois de navegar pelo Atlântico Sul, atracou no mar de Ross. Deixou o barco na baía da Baleia e, com seus companheiros Hansen, Bjaaland, Hassel e Wislitz, quatro trenós e cinquenta e dois cães, chegaram ao polo Sul.

Já no repouso de seu lar, Amundsen recebeu a notícia do desastre da expedição italiana ao Polo, dirigida por Nóbile. Com este, que fora seu companheiro na viagem do Norge, havia tido sérias desavenças, achando-se inimizados. Mas o grande coração de Amundsen era incapaz de rancores e acudiu, com espontânea generosidade, em auxílio daqueles desditados. Desgraçadamente, seu nobre gesto deveria custar-lhe a vida. O avião, em que seguia em socorro de Nóbile, desapareceu sem deixar rastros, e com ele Amundsen, Guilbaud e Diedrichson.



do, aproximando-se. Viu-o entrar, meio excitado com a surpresa de sua visita, pisando os polcos fofos com as botas tintas de barro.

Encarou-o. Pedro era agradável de ver; e ela, que o conhecia em suas minúcias de ternura e despotismo, gostou de encarar-lo assim a sos os dois, frente a frente, como se acabassem de se encontrar. Achou-o despreocupado.

— **Ah, Mônica! Que surpresa! Tão depressa teve saudades disto aqui? Espero que se demore!**

Ela mediu astutamente o que ele dissera.

— **Não foram saudades que me trouxeram; nem pretendo demorar-me mais que algumas horas.**

— **Então, a que se deve esta surpresa?**

— **Vim falar de Selene.**

Atacado de chafre, Pedro enrijeceu momentaneamente a fisionomia. Depois voltou a parecer natural.

— **Incrível, você ter viajado tanto apenas por isto; ela a mandou?**

— **Não, vim por mim mesma. Quero saber o que houve entre vocês. Selene passou pelo Rio sem ao menos me telefonar. Está isolada em São Paulo, sem dar notícias.**

Pedro sacudiu aéreamente os ombros, onquanto alisava com o pé uma ponta do tapete.

— **Isto é cianice de Selene. Afinal, que a faz agir assim?**

Mônica ficou em falso. E compreendendo que o meio de desanhar-lhe a língua era falar franco, tentou o recurso.

— **Selene era doida por você. Pedro esteve mudo um instante.**

— **Isto não significa nada de excepcional; que tem a ver com sua ida para São Paulo?**

Mônica impacientou-se.

— **Para saber isto é que estou aqui.**

Pedro olhou-a de frente. Sua voz estava um pouco mais dura.

— **Não me está agradando seu interrogatório, francamente. Quando andei a passear com Selene não pensei que viesse a lhe prestar contas.**

— **Pois estou aqui para investigar o que houve. Sei muito sobre o namoro de vocês; é bastante para comprometê-lo, se houver necessidade.**

— **Você está tentando saber mais do que precisa, Mônica; com que intuito?**

— **Estou defendendo Selene; estou certa de que você iludiu sua ingenuidade prometendo-lhe coisas que não pensava cumprir.**

— **Eu nunca lhe falara em casamento.**

— **Mas há coisas que não precisam ser ditas quando as ações demonstram os propósitos.**

— **Baseada em que você fala assim?**

— **Baseada no seu proceder com Selene. Ela me punha a par de tudo sobre vocês.**

Pedro empalideceu ligeiramente. Depois sorriu.

— **Então a sua levandade deve ter-lhe proporcionado bons momentos de leitura.**

— **Não fale assim de Selene! Mônica quase gritara. Começava a sentir-se enojada da-**

A maior riqueza dum homem não é uma fabulosa fortuna, mas um bom caráter. — Young.

quêle homem. Como Selene pudera iludir-se a tal ponto? Sentiu um violento desejo de esmurrar-lhe o rosto zombeteiro. Todo o encanto que emanara dele até aquele instante sumira de chofre! Começava a enxergá-lo além da aparência.

— **Pedro, você está sendo um desalmado!**

Ela escutou sem se alterar. Avançou de vagar com passo firme e olhar reto, como se fosse o homem mais digno do mundo.

Mônica assustou-se de vê-lo tão perto. Tinha o coração aos saltos, embora não pensasse em recuar. Podia ver-lhe até os poros da pele e os raios azulados das pupilas. Imaginou que Selene o vira assim também e por certo vibrara e esmorecera ante o magnetismo de seus olhos e a atração de seu peito largo.

Encarou-o firmemente, como se exigisse uma explicação para aquela atitude. Pareceu-lhe sentir uma excitação qualquer acelerando a respiração de Pedro, mas ainda não concluiu esse pensamento quando seu rosto baixou subitamente sobre ela.

O beijo de Pedro foi uma surpresa violenta. O absurdo da cena isolou-a totalmente da emoção que talvez, em outras circunstâncias, experimentasse. E sua primeira reação foi um

terrível nojo por ele; um nojo que a fez estremecer.

Livrou-se, à força, dos braços dele.

— **Seu imundo... —** balbuciou ofegante. — **Covarde!**

— **Foi isto que me separou de Selene! Este desejo louco de ter você.**

Mônica pensou que sonhava.

— **Com que direito...**

Pedro não a deixou concluir.

— **Eu a amo, Mônica!**

Os olhos dela aumentaram.

— **Você... mas interrompeu-se. Mudou de tom e pas- suas mãos pela cabeça. — Não é possível! meu Deus! Devo estar sonhando!**

Pedro avançou, mas ela pulou para trás como uma fera.

— **Não ponha suas mãos em mim!**

— **Mônica, escute-me! Eu estou louco por você.**

— **Depois do que fez com Selene!**

— **Eu não conhecia você, Mônica.**

Ela não se conformava. Sentou-se e começou a chorar com as mãos no rosto.

— **Coitada de Selene! E a culpa é minha!**

— **Por favor, Mônica, ninguém tem culpa; Selene mesma não se revoltou.**

Mônica deu um salto da cadeira.

— **O que! Você teve coragem de me dizer?**

— **Selene me obrigou; ademais, ela merecia que eu lhe fosse leal sob algum aspecto.**

Mônica estremecia de cólera por entre as lágrimas.

— **Você sabe lá o que é lealdade?!**

— **Não tenho culpa de me haver apaixonado por você!**

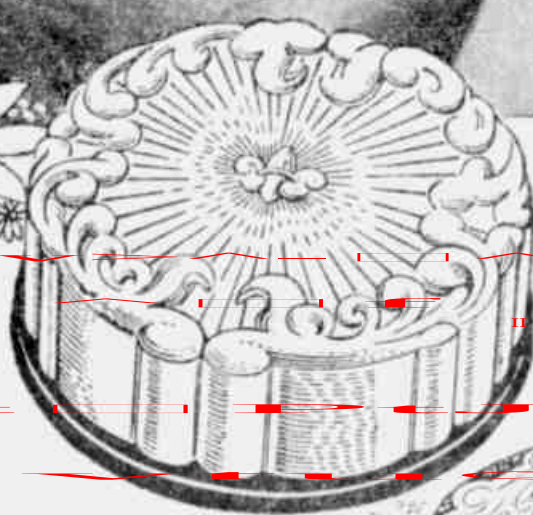
— **E' a pior das desculpas que você poderia ter arranjado! Safa-se das suas responsabilidades e ainda me traiu em seu escudo!**

Pedro conseguiu segurá-la por um braço embora ela reagisse.

— **Mônica, ouça-me!**

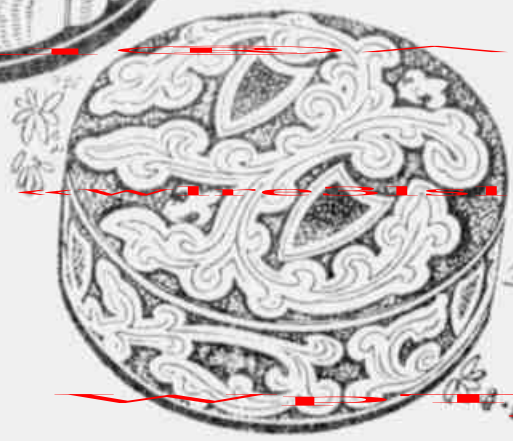
Ela esmoreceu ante a urgência dele. Deixou-se ficar presa pela mão forte que lhe ergovia os músculos. Estava exausta das emoções; a idéia de que Selene sofria, e culpava-se por este sofrimento, tirou-lhe toda a exaltação inicial. Passou subitamente da agressividade para a depressão intensa que lhe anuviava o espírito. Achei-se momentaneamente desorientada para somente compreender

(Continua na pág. 5)



Pó-de-arroz da Cór...

O pó-de-arroz Tormento dá à sua pele suavidade de pétalas de flor... a fragrância persistente das tardes primaveris... a delicadeza do cetim. As lindas tonalidades do pó-de-arroz Tormento foram criadas por Mestres da Cór, para maior realce da beleza feminina.



branco
raquel
ocre
bois-de-rose
pêssego



UM PRODUTO DA **Perfumaria SAN-DAR S.A.**
 PORTUMARIA SAN-DAR S.A.
 Rua Teodoro Sampaio, 1422 • São Paulo

AVR - CADA 12 AMIGOS

Mais uma vez se
confirma a veraci-
dade do velho bro-
cardo: as aparên-
cias enganam...

A Primeira Causa

GIL BLÁS
ILUSTRAÇÃO DE J. RIBEIRO

TERCEIRO PRÊMIO NO CONCURSO PERMANENTE



PLACA na porta dizia: —
Dr. Antônio Cordeiro de
Matos Junior — advo-

— E' aqui — leu, soletrando,
o homem gordo e baixo. — E'
o filho de Totó Matos.

O doutor Matos Junior, recen-
tamente formado em Direito,
instalara o escritório no melhor
local do prédio: duas salas de
frente, à boquinha do elevador,
no primeiro andar. Aliás, o pai
fizera questão cerrada destas
duas coisas: ótimo escritório e
ótimo ponto. Numa reunião de
família, o assunto ficou firma-
do de pedra e cal — e não po-
dia ser de outra forma — de acôr-
do com a ideia do chefe.

— As aparências são quase
tudo na vida — argumentou o
velho. — E para reforçar o ar-

gumento: — Perfume embora fi-
no, em frasco de vidro ordiná-
rio, é simples água de cheiro.

A esposa de Totó Matos, dona
Clara, escutava o marido e, co-
mo de costume, não dava ne-
nhum palpite.

Segurada no bordado espiava,
de vez em vez, os olhos baços e
empapucados, por cima das gros-
sas lentes dos óculos, os da fa-
mília e, em seguida, absorta,
mergulhava a atenção de novo
no trabalho.

O irmão de Totó Matos — o
solteirão Darwin, onomástico que
lhe pusera o padrinho imbuído
da doutrina do sábio naturalista
inglês — o irmão de Totó Ma-
tos não discordou. Pelo contrá-
rio, até apoiou o argumento di-
zendo:

— A exterioridade é impor-
tante. O povo julga as coisas

pelo que parecem ser e nunca
pelo que na verdade são.

— Não vou a tanto... — ob-
jetou ajuizadamente o outro. —
Não vou a tanto... Qualidade é
qualidade. O que é bom sempre
será bom. Mas, que as aparên-
cias são a metade do caminho
para o triunfo, nisto não me en-
gano. E' simples questão de psi-
cologia, que, muito me admira,
escapou à argúcia de Gustavo
Le Bon.

— Até aqui só argumentos.
Vamos aos fatos — disse o sol-
teirão. — Entre mal vestido em
qualquer estabelecimento de ne-
gócio ou repartição pública...
— E com um sorriso — o direito
da irrisão: — Ninguém o aten-
derá bem. — Depois, com outro
sorriso — o avesso da ironia: —
Agora, vá bem vestido a esses
lugares... As aparências, mano,
são como você diz: — a metade
do caminho para o triunfo.

O jovem advogado, indiferen-
te à conversa, ideias borbole-
teando ao léu, não dizia nem
tique nem taque. Tinha, de vez
em quando, vontade de sair. De
sair e de fumar, que o pai ainda
não havia dado consentimento
para fazê-lo perto dele. Na sua
mente, par a par com a vontade
de sair e de fumar, se agarrava
o desejo firme de cavar a vida,
de conquistar a independência,
de obter a liberdade. Pensava
ainda em Sandra, principalmen-
te nos grandes olhos da mulher
amada... Aquilo não era vida.
Estava farto de ser mandado
pelo pai e pelo tio. Não tanto
pelo pai. Mas pelo tio, com o
qual tivera algumas quizílias.
As coisas não podiam continuar
nêsse pé: já era homem feito.
A mãe, esta, uma santa, quando
podia até o auxiliava.

A bem da verdade, é bom se
diga, o doutor Matos Junior nun-
ca teve ordem na vida. Sempre
foi um desordenado. No estudo,
os livros, as apostilas, róis e
amarranhados mais pelo descuido
que pelo uso, eram o arremedo
daquilo que antigamente foram:
livros, apostilas. As anotações,
tomava-as à-tôa, em pedaços de
papel, para logo serem jogadas,
perdidas. Depois... a memória
não o ajudava lá muito: esque-
cia-se facilmente de tudo. Bom
fisionomista, entanto. Bastava
ver alguém uma vez e lhe guar-
dava os traços. Mas, de outras
coisas se esquecia com facilidade.

— Nem sei como o Matos pas-
sou nos exames — diziam al-
guns.

— São as nossas Escolas, as
nossas Faculdades — diziam ou-
tros.

— A cola... dizia, em sã
consciência, o próprio Matos.



No escritório, novo em folha, pois mal se abeira, tudo denunciava o seu velho hábito: a desordem. Uma barafunda de livros. Uma babel de petrechos le escritório. Nada no lugar. Tudo desarrumado.

—E' aqui — soletrou na placa o homem gordo e baixo. — E' o filho de Totó Matos. Conheço o pai de nome. E' homem sério e de bem. O filho também o será. O fruto não cai longe da árvore.

E, de leve, bateu à porta do escritório. Surgiu o jovem caudicido.

— Bem instalado, seu doutor!... Estou gostando disto! — disse, ao entrar, o homem aparrado, com forte sotaque lusitano, depois de correr os olhos pela sala. E prosseguindo no mesmo diapasão: — Isto, sim, é que é escritório. Não é o do velho Conrado... — A consciência, porém, o mandou atenuar o cotejo para aliviar a crítica. — Também ele é simples solicitador... E o senhor, um advogado formado. Um doutor em leis...

Foi, em seguida, ao que o levava ali.

— Eu desejava despejar um inquilino.

O caudicido olhou firme no homem gordo e baixo, todo anéis de ouro e brilhante, todo jóias. E pensou: «A primeira causa! O primeiro consultante! E rico!... Tinha forçosamente que ser rico. Tantas jóias trazia! E ainda possuía casa. Pois não tinha inquilino?»...

Sentiu-se, afinal, emocionado. Não quis acreditar. Ele, Antônio Cordeiro de Matos Júnior, a criança de há pouco tempo, o estudante de ontem, já homem feito, advogado e com a primeira causa...

Era necessário fazer alguma coisa. Mostrar interesse pela causa, demonstrar conhecimento de leis. Tinha de falar, de dizer alguma coisa. O momento era para isso. Por tudo, o servidor de Temis, em tom e atitude doutorais, tomou-lhe informes: — nome do inquilino, rua e número da casa. E sentenciou:

— A causa é fácil. Fácil e ganha na certa. A lei do inquilinato no artigo...

O consultante não o deixou explicar todo o texto da lei, interferindo:

— Antes que me esqueça, senhor doutor, eu cá penso que a Justiça não se move sem dinheiro. Ou, como diz o outro: cobra sem cabeça não anda.

Os olhos do advogado brilharam, faiscaram, refletiram ao ver nas mãos mil cruzeiros — o

primeiro dinheiro ganho na profissão. O calor do dinheiro deu-lhe mais ânimo. Tornou-se garbado. Tagarelou leis. Chalrou parágrafos, alíneas. Farfalhou decretos. E, enfático, repetiu:

— E' causa fácil. Ganharemos. O inquilino será despejado. Vá sossegado, mas volte no correr da semana que vem.

Os dias passaram. O doutor Matos Júnior passou-os dentro da desordem e do esquecimento. Eis senão quando surge no escritório o seu primeiro consultante. A figura do homem bastou para lhe trazer à lembrança a ação de despejo que devia ter iniciado. Meio atropalhado gaguejou:

— Eu... eu... já requeri...

— Já sei, doutor. Já sei. A Justiça não se move sem dinheiro. Por esse motivo resolvi trazer-lhe mais mil cruzeiros.

— O senhor compreende... o oficial de justiça...

O advogado não pôde concluir a desculpa que se esboçava, porque o homem gordo e baixo interferiu:

— Eu compreendo. E' como diz o outro: cobra sem cabeça não anda. Continue o seu trabalho. Voltarei daqui a uns dias.

Sucederam-se os dias. E o doutor Matos Júnior passou-os dentro da desordem e do esquecimento costumeiros.

Eis senão quando, de novo, surge o homem gordo e baixo. Só agora, novamente, o advogado se lembrou da causa. Não tinha movido uma palha. — «E

o papel? — perguntou para o próprio. — Sim, o papel onde tomara as notas? Estaria ali, naquela barafunda, na escrivania. Com toda a certeza. E o nome do inquilino? A rua? o número da casa?»

Havia uma única saída: continuar o jogo iniciado. Dar a entender que a causa seguia os trâmites da lei. E fazendo-se de firme, falou:

— O senhor deve saber...

O homem gordo e baixo, nimbos matreiros e ares zombiões, adiantou-se:

— Então? O senhor é mesmo um colosso...

— O amigo deve saber... já agora, sucumbido, angustiado e indeciso, balbuciou o advogado, pondo-se vermelho de vergonha, de acanhamento.

— O amigo deve saber, hein?

Já sei. Já sei. Não pensava que o senhor doutor fosse o advogado que é, — disse o outro. Mas, tirando uma chave do bolso, mostrou-a: — Ei-la. O inquilino é medroso. Mandou dizer pelo portador que não quer atropalhado com a Justiça. Eu bem lhe havia avisado que ia entregar a causa nas mãos de um bom advogado. — Tomou fôlego e prosseguiu: — Estão aqui mais mil cruzeiros. O seu trabalho foi bem feito. Não sei, doutor, se...

Desta vez, quem interferiu e com muita alma, na conversa, foi o doutor Matos Júnior, não perdendo a oportunidade para tagarelar leis, chalrar parágrafos e alíneas, farfalhar decretos e até citar acórdãos. Terminou perguntando:

— Então? Está satisfeito?

E entre risos e sorrisos de seu primeiro consultante, escutou mais aliviado e cheio de alegria:

— Muito. O senhor é que é advogado. Mas, o velho Conrado... Um troca-tintas, um simples solicitador, um réles... rábula. Afinal, arrematou: — Além do mais, a idade lhe embotou a memória: esqueceu-se de tudo, seu doutor...

MANIAS DE NAPOLEÃO

NAPOLEÃO somente se sentia à vontade usando sapatos excessivamente largos. Gastava 60 frascos de água de colônia por mês, e tinha um bando de gatos. Outra singularidade: seu cozinheiro-chefe, Dunand, precisava estar sempre preparado para servir-lhe frango assado a qualquer hora do dia ou da noite.

PASSATEMPO

- 1º — Qual é o animal que só se deita para morrer?
- 2º — Quando foi feita a primeira operação sem anestesia?
- 3º — Foi realmente, Cristóvão Colombo quem fez um ovo ficar em pé?
- 4º — Qual o traço característico encontrado em todos os personagens de Walt Disney?
- 5º — Por que motivo os cavaleiros do rei Artur se chamavam «Cavaleiros da Mesa Redonda»?
- 6º — Quem empregou pela primeira vez a expressão «fula branca» ao referir-se à água?

Respostas à página 30.

VIAGEM A RODA...

(CONCLUSÃO)

Tinha-a perdido pela segunda vez; e então lembrei-me do caso do Veiga, em que os meus planos falharam de igual modo, e o das frutas, em pequeno. Ao pensar nas frutas, pensei também no misterioso dobramento de mim mesmo e tive uma alucinação.

Sim, senhor, é verdade; pareceu-me que o colega que ia comigo era a minha mesma pessoa, que me punha as mãos à cara, irritado, e me repetia o próprio do saguão, que não crevo. Parei assustado e vi que me enganava. E logo ouvi no ar, levantei a cabeça: eram as estrelas, contempladas remotas da vida, que se chamavam dos meus planos e ilusões, com tal força que eu não arrependi os colchetes, enquanto o meu colega ia concluindo o negócio do inventário do Matos:

— ... um escândalo.

A BEBEDEIRA...

(Continuação)

no estabelecimento que nós vamos pensar, e eu me pergunto agora: como pode ser tão tolo, quando era moço, a ponto de perder o meu tempo lendo romances!... E tu ainda não estás vestido? Eu já estou pronto para sair, enquanto ainda tens que te pentear e pôr o paletó. Vais chegar atrasado. És de crer que «baile» te dará lugar para...

O «baile» foi tão longo e a música tão barulhenta, que Rese da Toni Bianchini não ousou sequer afastar-se, por um instante que fosse, da «caixa» para apertar a sua opulenta mulher que, sobre seu trono, parecia uma estátua em que um mecânico engenhoso apenas fazia piscar os olhos.

A noite, porém, depois da partida habitual de sete e meio com o pai e dois empregados, Rese da Toni Bianchini ao deitar-se, antes de dormir a luz da cabeceira, usou o retomar o assunto:

— O jornal literário...

— Basta! — grita Letizia, voltando-se as costas. — Tu falando de as costas. — Tu

(Continua na pag. 23)

CASEMIRAS, LINHOS E LÃS



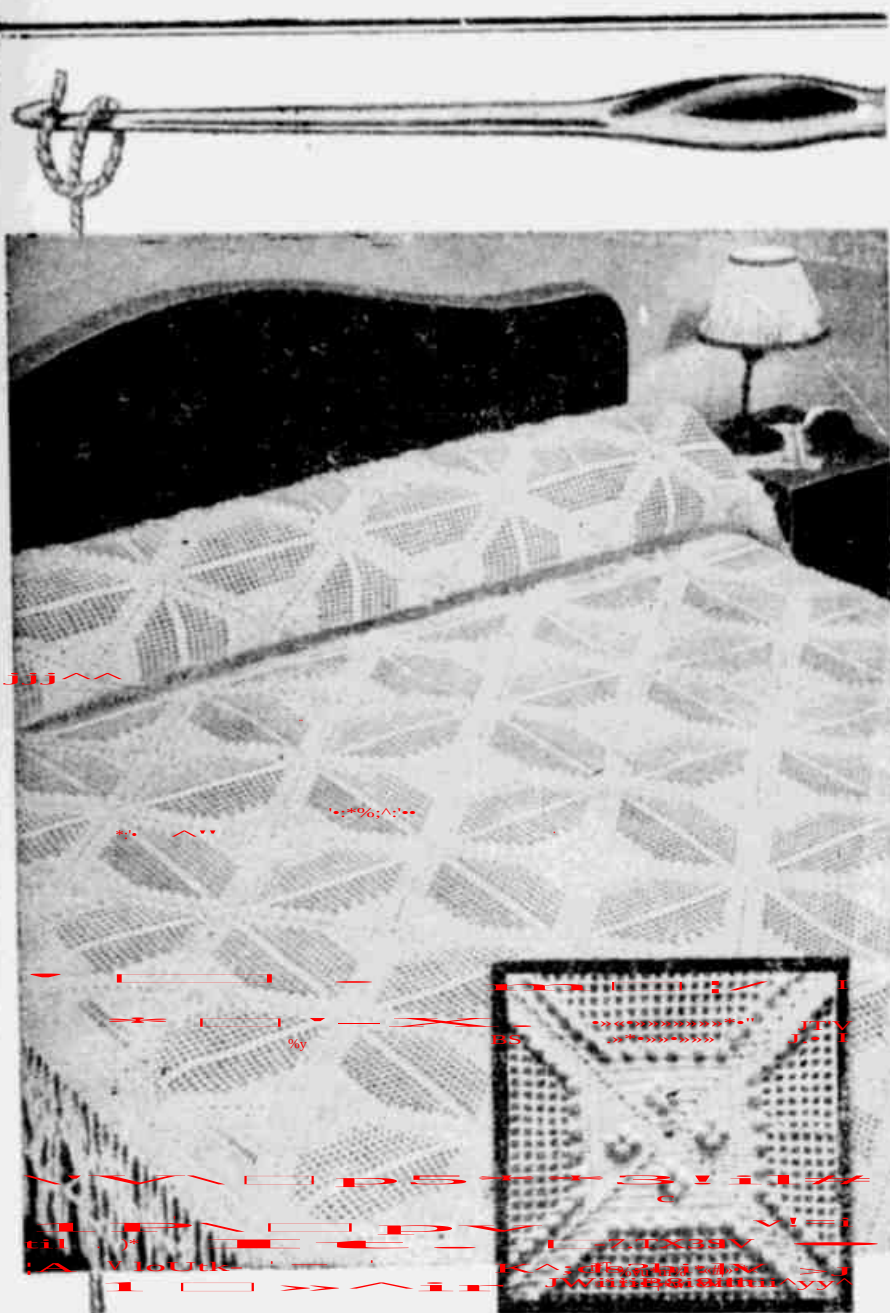
PELO REEMBOLSO POSTAL

PEÇAM AMOSTRAS GRATIS

Casemiras, brins, linhos, lãs, veludos, aviamentos para alfaiates e capas colegiais, da conhecida e popular casa

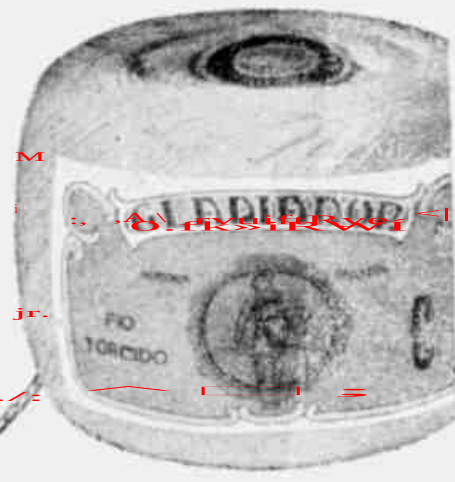
A FONTE DAS ROUPAS

RUA TUPINAMBÁS, 316 — BELO HORIZONTE



O FIO GLADIADOR é fabricado em 6 cabos e confeccionado nas cores C (crú), CA (amarelo), A (bege claro), B (bege escuro). Para franjas de cortinas é usado o fio N.º 1, 2, 3 ou 4, de 5, 7, 9 e 11 pernas, respectivamente. As cores bege resistem satisfatoriamente à luz e à lavagem.

Resistente,
maleável,
não desfia,
não enrola...



Colchas, guarnições, panos de mesa, estores, cortinas, têm mais beleza, mais durabilidade e perfeição, com

Fio Gladiador

A venda nas melhores casas de ramo ou pelo reembolso postal.

COMPANHIA DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA FREITAS SOARES
Caixa Postal 1195 — Rio de Janeiro

ACELERADA A PRODUÇÃO DE RADIOISÓTOPOS

OS processos de fabricação e embarque dos radioisótopos, para consumo médico, industrial e agrícola, não só dos Estados Unidos, mas também de outros países solicitantes, serão consideravelmente acelerados na nova área especialmente construída para este fim em Oak Ridge, no Laboratório Nacional da Comissão de Energia Atômica dos Estados Unidos.

A nova área, recém-inaugurada, mostra um método particular de «controle remoto» de empacotamento e embalagem dos elementos radioativos, alguns dos quais emitindo radiações de alto padrão.

O processo de controle remoto reduz grandemente o tempo anteriormente consumido na operação de embalagem manual, acelerando desse modo o embarque dos radioisótopos para os centros médicos, educativos e industriais, para um mais rápido andamento das pesquisas que ali se realizam.

O presidente Truman anunciou, em setembro de 1947, o programa segundo o qual seria feita a distribuição de radioisótopos com instituições de pesquisas de outros países. Os radioisótopos foram então considerados como «o mais útil instrumento de pesquisa, desde a invenção do microscópio».

Em fins de janeiro do corrente ano, registaram-se cerca de 10.147 embarques já realizados, tendo sido mais de 700 as instituições solicitantes, de 24 nações.

Os radioisótopos estão sendo produzidos no reator de urânio de Oak Ridge, centro da produção dos elementos radioativos nos Estados Unidos.

Os radioisótopos são empregados nas pesquisas médicas e biológicas, como detetores de átomos, em uma variedade imensa de investigações. São também empregados em alguns diagnósticos e certos tipos de terapia. Na agricultura, facilitam o estudo da fotossíntese e da utilização de fertilizantes e, no terreno da indústria, sua maior aplicação é na determinação, por meio das radiações que emitem, da espessura, falhas e fendas dos materiais.

Entre as nações dos cinco continentes que receberam embarques de radioisótopos figura o Brasil. — (Usis).

POLTRONAS DO AMOR

OS cinemas não recuam ante quaisquer esforços para agradar sua clientela. No Bairro Latino em Paris, um grande cinema acaba de estreitar sua plateia poltronas até agora desconhecidas na França: as poltronas de dois lugares, longas e profundas. Nos Estados Unidos, onde há muito tempo são usadas, denominam-se «love-seats» (poltronas do amor)...

não passas de um maniaco. Deixa-me dormir. Estou morrendo de sono.

Maniaco! Sem poder dormir, Toni recordava as coisas, fixando obstinadamente a escuridão do quarto. Primeira etapa: grande poeta, escritor de talento, Kipling e os dólares, Wells e Conan Doyle e seus castelos. Segunda etapa: no ano seguinte, a opinião de Terezinha ratificada por Letizia — um falhado. Seis anos depois, terceira etapa: o dar de ombros de Letizia — um maniaco!

Como, nessas condições, falará à sua mulher do concurso, de suas novas esperanças? Já então, quando ela o via comprar livros, com as economias do dinheiro destinado aos cigarros, resmungava, com aborrecimento:

— Gastar dinheiro comprando papéis sujos, agora que tenho necessidade de tantas coisas! Comprasse antes um pouco de fazenda para fazer uma roupa para os filhos. Muccino, por exemplo, está precisando de um costume...

Muccino, Anselmo, Anselmino. Anselmuccio. Muccino era o primeiro filho, e tinha então a idade de cinco anos. Pobre criança! Não era senão o filho de um maniaco. Sim, era essa a opinião de todos, fôsse em casa, fôsse no estabelecimento. Quando refazendo uma conta, cometia um engano, que era surpreendido pelos empregados, êsses se entreolhavam com um pequeno riso irônico no canto dos lábios. Era como se interrogassem:

— Por que não aprendeste aritmética, pobre maniaco?

Se êle fazia notar a uma datilógrafa um erro de gramática, a empregada levantava desdenhosamente os ombros e sabia-se o que isso significava:

— Maniaco! Presta mais atenção às cifras e deixa-me em paz com tua gramática!

Outras vezes, em conversa, seu sogro defendia os iletrados, se Toni insistia na necessidade da propagação da cultura:

— Deixa-me em paz, Toni. Que posso fazer eu, sabendo gramática? Em que isso pode ajudar o meu negócio? O essencial é conhecer a numeração, é fa-

(Continua na pag. 79)



A arte de conversar

Você sabe conversar? Do ponto de vista do trato social, é necessário saber conduzir uma conversa, de qualquer tipo que ela seja, até quando não nos seja fácil fazê-lo ou quando nosso interlocutor não se nos afigure muito agradável.

Insistamos precisamente sobre isso: devemos ser capazes de conduzir amavelmente uma palestra, até quando, nesse momento, desejamos pôr uma longa distância entre nós e a pessoa com quem falamos. Esta é uma regra elementar.

Naturalmente, não podemos discorrer sobre temas que desconhecemos, e limitar-nos a escutar significará por certo um comportamento não muito mais lúcido, que deixará uma pobre impressão sobre nós no ânimo de nosso brilhante «conferencista».

Já que não podemos conversar sobre o tema, saibamos dirigir perguntas inteligentes que substituam as opiniões que poderíamos formular. Notaremos logo o olhar especial de nosso interlocutor, demonstrando que acertamos o alvo e que, ao dar-lhe oportunidade de exhibir-se amplamente, quase começa a nos considerar tão brilhantes como êle (ou ela) se considera.

Terminaremos aborrecidas com êsse papel. E' muito provável. Mas o mesmo aconteceria se não movêssemos os fios de nossa habilidade, com a diferença a nosso favor de que nosso ocasional companheiro repetirá em toda a parte que somos muito inteligentes. E faria o mesmo no caso contrário, com a diferença de considerar-nos com grande carência de inteligência. Há um apreciável lucro a nosso favor...

Às vezes, uma pequena é viva, conversada, inteligente, amena, mas de súbito, numa reunião com gente a que acaba de ser apresentada, as idéias fogem de seu cérebro, não tem imaginação, acha-se como atida, quando os demais se portam com naturalidade. E', às vezes, falta de sociabilidade, timidez que emana de sua extrema juventude e de outras causas diferentes que influem.

Para essas garotas, que são muitas, há dois infalíveis métodos de «cura». A primeira coisa que devem fazer é ler em voz alta, para se habituar a ouvir a si própria dizendo coisas que não são as frases comuns do trato diário, sem cair porisso no pânico.

O segundo é um recurso que dá grandes resultados. Trata-se de ter um livrinho onde se anotam idéias, anedotas, incidentes de diversas qualidades que podem constituir um bom material de conversa.

VIAGEM À RODA DE MIM MESMO

MACHADO DE ASSIS

ILUSTRAÇÃO DE LICÍNIO ALMEIDA

**Não bastam o amor e o sonho. E'
preciso também a ação.**

Quando abri os olhos, era perto de nove horas da manhã. Tinha sonhado que o sol, trajando calção e meia de seda, fazia-me grandes barretadas, bradando-me que era tempo, que me levantasse, que fôsse ter com Henriqueta e lhe dissesse tudo o que trazia no coração. Já lá vão vinte e um anos! Era em 1864, fins de novembro. Contava eu então vinte e cinco anos de idade, menos dois que ela. Henriqueta enviuvara em 1862 e, segundo toda a gente afirmava, jurara a si mesma não passar a segundas núpcias. Eu, que chegara da província no meado de julho, bacharel em fôlha, vi-a poucas semanas depois e fiquei logo ardendo por ela.

Tinha o plano feito de desposá-la, tão certo como três e dois serem cinco. Não se imagina a minha confiança no futuro. Viera recomendado a um dos ministros do gabinete Furtado para algum lugar de magistrado no interior, e fui bem recebido por ele. Mas a água da Carioca embriagou-me logo aos primeiros goles, de tal maneira que resolvi não sair mais da capital. Encostei-me à janela da vida, com os olhos no rio que corria embaixo, o rio do tempo, não só para contemplar o seu curso perene das águas como à espera de ver apontar do lado de cima ou de baixo a galera de ouro e sândalo e velas de seda, que devia levar-me a certa ilha encantada e eterna. Era o que me dizia o coração.

A galera veio, chamava-se Henriqueta, e no meio das opi-

niões que dividiam a capital, todos estavam de acôrdo em que era a senhora mais bonita daquele ano. Tinha o único defeito de não querer casar outra vez; mas isto mesmo era antes um pico, dava maior preço à vitória, que eu não deixaria de obter, custasse o que custasse, e não custaria nada.

Já por esse tempo abrira banca de advogado, com outro e morava em uma casa de pensão. Durante a sessão legislativa ia à câmara dos deputados, onde, enquanto me não davam uma pasta de ministro, coisa que sempre reputei certa, iam-me distribuindo notícias e apertos de mão. Ganhava pouco, mas não gastava muito; as minhas grandes despesas eram todas imaginativas. O reino dos sonhos era a minha casa da moeda.

Que Henriqueta estivesse disposta a romper comigo o juramento de viúva, não ousou afirmá-lo; mas creio que me tivesse certa inclinação, que achasse em mim alguma coisa diversa dos demais pretendentes, diluídos na mesma água de sabão. Viu em mim o gênero singelo e extático. Para empregar uma figura, que serve a pintar a nossa situação respectiva, era uma estrêla que se deu ao incômodo de descer até à beira do telhado. Bastava-me trepar no telhado e trazê-la para dentro; mas era justamente o que não acabava de fazer, esperando que ela descesse por seu pé ao peitoril da minha janela. Orgulho? Não, não; acanhamento, acanhamento e apatia. Cheguei a ponto de crer

que era aquêle o costume de todos os astros. Ao menos, o sol não hesitou em fazê-lo naquela célebre manhã. Depois de aparecer-me, como digo, de calção e meia, despiu a roupa, e entrou-me pelo quarto com os raios nus e crus, raios de novembro, transpirando a verão. Entrou por tôdas as frestas, cantando festivamente a mesma litanía do sonho:

— Eia, Plácido! acorda! abre-lhe o coração! levanta-te! levanta-te!

Levantei-me resoluto, almocei e fui para o escritório. No escritório, seja dito em honra do amor, não minutei nada, arazoado ou petição: minutei de cabeça um plano de vida nova e magnífica, e, como tivesse a pena na mão, parecia estar escrevendo, mas na realidade o que fazia eram narizes, cabeças de porco, frases latinas, jurídicas ou literárias. Pouco antes das três, retirei-me e fui à casa de Henriqueta.

Henriqueta estava só. Pode ser que então pensasse em mim, e até que tivesse idéia de negar-me; mas neste caso foi o orgulho que deu passaporte ao desejo; recusar-me era ter medo, mandou-me entrar. Certo é que lhe achei uns olhos gelados; o sangue é que talvez não o estivesse tanto, porque vi sinal dêle nas maçãs do rosto.

Entrei comovido. Não era a primeira vez que nos achávamos a sós, era a segunda; mas a resolução que levava agravou as minhas condições. Quando havia gente — naquela ou noutra casa — cabia-me o grande recurso, se não conversávamos, de ficar a olhar para ela, fixo, de longe, em lugar onde os seus

olhos davam sempre, comigo. Agora, porém, éramos sós. Henriqueta recebeu-me muito bem; disse-me estendendo a mão:

— Pensei que me deixasse ir para Petrópolis sem ver-me.

Baluciei uma desculpa. Na verdade o calor estava apertando e era tempo de subir. Quando subia? Respondeu-me que no dia 20 ou 21 de dezembro e, a pedido meu, descreveu-me a cidade. Ouvi-a, disse-lhe também alguma coisa, perguntei se ia a certo baile de Engenho Velho; depois veio mais isto e mais aquilo. O que eu mais temia eram as pausas; ficava sem saber onde poria os olhos, e se era eu que reatava a conversação, fazia-o sempre com estrépito, dando relevo a pequenas coisas estranhas e ridículas como para fazer crer que não estivera pensando nela. Henriqueta às vezes tinha-me um ar enjoado; outras, falava com interesse. Eu, certo da vitória, pensava em ferir a batalha, principalmente quando ela parecia expansiva; mas não me atrevia a marchar. Os mi-

nutos voavam; bateram quatro horas, depois quatro e meia.

— Vamos, — disse comigo — agora ou nunca.

Olhei para ela, ela olhava para mim; logo depois, ou casualmente ou porque receasse que eu lhe ia dizer alguma coisa e não quisesse escutar-me, falou-me de não sei que anedota do dia. Abençoada anedota! âncora dos anjos! agarrei-me a ela, contente de escapar à minha própria vontade. Que era mesmo? Lá vai; não me recordo o que era; lembro-me que a contei com tôdas as variantes, que a analisei, que a corrigi pacientemente até às cinco horas da tarde, que foi quando saí de lá, aborrecido, irritado, desconsolado...

Granz, citado por Tylor, achou entre os groelandeses a opinião de que há no homem duas pessoas iguais que se separam às vezes, como acontece durante o sono, em que uma dorme e a outra sai a caçar e passear. Thompson e outros, apontados em Spencer, afirmam ter encontrado a mesma opinião entre vários povos e raças diversas.

O testemunho egípcio, (antigo), segundo Maspero, é mais complicado; criam os egípcios que há no homem, além de várias almas espirituais uma totalmente física, reprodução das feições e dos contornos do corpo, um perfeito *fac-simile*.

Não quero vir aos testemunhos da nossa língua e tradições; notarei apenas dois: o milagre de Santo Antônio que, estando a prégear, interrompeu o sermão e, sem deixar o púlpito, foi a outra cidade salvar o pai da fôrça, e aqueles maviolosos versos de Camões:

*Entre mim mesmo e mim
Não sei que se levantou
Que tão meu imigo sou.*

Que tais versos estejam aqui no sentido figurado, é possível; mas não há prova de não serem no sentido natural, e que *mim* e *mim mesmo* não fôsem realmente duas pessoas iguais, tangíveis, visíveis, uma encarnando a outra.

Pela minha parte, alucinação ou realidade, aconteceu-me em criança um caso desses. Tinha



ido ao quintal de um vizinho tirar umas frutas; meu pai ralhou comigo e, de noite, na cama, dormindo ou acordado — creio antes que acordado — vi diante de mim a minha própria figura, que me censurava duramente. Durante alguns dias andei aterrado e só muito tarde chegava a conciliar o sono; tudo eram medos. Medos de criança, é verdade, impressões vivas e passageiras. Dois meses depois, levado pelos mesmos rapazes, consócios na primeira aventura, senti a alma picada das primeiras esporas e fui outra vez às mesmas frutas vizinhas.

Tudo isso acudiu-me à memória, quando saí de casa de Henriqueta, descompondo-me, com um grande desejo de quebrar a minha própria cara. Senti-me dois, um que arguia, outro que se desculpava. Nomes que eu nem admito que andem na cabeça de outras pessoas a meu respeito, foram então ditos e ouvidos, sem maior indignação, na rua e ao jantar. De noite, para distrair-me, fui ao teatro; mas nos intervalos o duelo era o mesmo, um pouco menos furioso. No fim da noite, estava reconciliado comigo, mediante a obrigação que tomei de não deixar Henriqueta ir para Petrópolis, sem declarar-lhe tudo. Casar com ela ou voltar à província.

— Sim, — disse a mim mesmo — ela há de pagar-me o que me fez fazer ao Veiga.

Veiga era um deputado que morava com outros três na casa de pensão, e de todos os da legislatura foi o que se me mostrou particularmente amigo. Estava na oposição, mas prometia que, tão depressa caísse o ministério, faria por mim alguma coisa. Um dia prestou-me generosamente um grande obsequio. Sabendo que eu andava atrapalhado com certa dívida, mandou-a pagar por portas travessas. Fui ter com ele logo que descobri a origem do favor, agradecí-lho com lágrimas nos olhos, ele meteu o caso à bulha e acabou dizendo que não me afadigasse em arranjar-lhe o dinheiro: bastava pagar quando ele tivesse de voltar à província, fechadas as câmaras, ou em maio que fôsse.

Pouco depois, vi Henriqueta e fiquei logo enamorado. Encontrámo-nos algumas vezes. Um dia recebi convite para um sa-

rau, em casa de terceira pessoa propícia aos meus desejos, e resolvida a fazer o que pudesse para ver-nos ligados. Chegou o dia do sarau; mas, de tarde, indo jantar, dei com uma novidade inesperada: Veiga, que na véspera à noite tivera alguma dor de cabeça e calafrios, amanheceu com febre, que se fez violenta para a tarde. Já era muito, mas aqui vai o pior. Os três deputados, amigos d'ele, tinham de ir a uma reunião política e haviam combinado que eu ficasse com o doente e mais um criado, até que eles voltassem, e não seria tarde.

— Você fica, — disseram-me. — Antes de meia-noite estamos de volta.

O rico nem sempre é sábio; mas o sábio é sempre rico. — Tales de Mileto.

Tentei balbuciar uma desculpa, mas nem a língua obedeceu à intenção nem eles ouviriam nada; já me haviam dado as costas. Mandeí-os ao diabo, eles e os parlamentos; depois de jantar, fui vestir-me para estar pronto, enfiei um chambre em vez da casaca, e fui para o quarto do Veiga. Este ardia em febre; mas chegando eu à cama, viu ele a gravata branca e o colete, e disse-me que não fizesse cerimônias, que não era preciso ficar.

— Não, não vou.

— Vá, doutor; o João fica; eles voltam cedo.

— Voltam às onze horas.

— Onze que sejam. Vá, vá.

Balucei entre ir e ficar. O dever atava-me os pés, o amor abria-me as asas. Olhei durante alguns instantes para o doente que jazia na cama, com as pálpebras caídas, respirando a custo. Os outros deviam voltar à meia-noite — eu disse onze horas, mas foi meia-noite que eles mesmos declararam — e até lá entregue a um criado...

— Vá, doutor.

— Já tomou o remédio? — perguntei.

— A segunda dose é às nove e meia.

Pus-lhe a mão na testa; era uma brasa. Tomei-lhe o pulso, era um galope. Enquanto hesitava ainda, consertei-lhe os lençóis; depois fui arranjar algu-

mas coisas no quarto, e afinal tornei ao doente para dizer que iria, mas estaria cedo de volta. Abriu apenas metade dos olhos e respondeu com um gesto; eu apertei-lhe a mão.

— Não há de ser nada; amanhã está bom, — disse-lhe saindo.

Corri a vestir a casaca e fui para a casa onde devia achar a bela Henriqueta. Não a achei ainda, chegou quinze minutos depois.

A noite que passei foi das melhores daquele tempo. Sensações, borboletas fugitivas que lá ides, pudesse eu recolher-vos todas e pregar-vos aqui neste papel para recreio das pessoas que me lêem. Veriam todas que não as houve nunca mais lindas, nem em tanta cópia, nem tão vivas e lépidas. Henriqueta contava mais de um pretendente, mas não sei se fazia com os outros o que fazia comigo, que era mandar-me um olhar de quando em quando. Amigos dela diziam que a máxima da viúva era que os olhares das mulheres, como as barretadas dos homens, são atos de cortesia, insignificantes; mas atribuí sempre este dito à intriga. Valsou uma só vez, e foi comigo. Pedi-lhe uma quadrilha, recusou-a, dizendo que preferia conversar. O que dissemos, não sei bem; lá se vão vinte e um anos; lembro-me só que falei menos que ela, que a maior parte do tempo deixei-me estar encostado, a ver cair-lhe da boca uma torrente de coisas divinas. Lembrei-me duas vezes do Veiga, mas de propósito não consultei o relógio, com medo.

— Você está completamente tonto, — disse-me um amigo.

Creio que sorri, ou dei de ombros, fiz qualquer coisa, mas não disse nada, porque era verdade que estava tonto e tontíssimo. Só dei por mim quando ouvi bater a portinhola do carro de Henriqueta. Os cavalos trotaram logo; eu, que estava à porta, puxei o relógio para ver as horas, eram duas. Tive um calafrio ao pensar no doente. Corri a buscar a capa, e voei para casa, aflito, receando algum desastre. Andando, não evitava que o perfil de Henriqueta viesse interpor-se entre mim e ele, e uma ideia corrigia outra. Então, sem o sentir, afrouxava o passo, e dava, por mim ao pé dela ou aos pés dela.

Cheguei à casa, corri ao quarto de Veiga; achei-o mal. Um dos três deputados velava, enquanto os outros tinham ido tomar algum repouso. Haviam regressado da reunião antes de uma hora, e acharam o enfermo delirante. O criado adormecera. Não sabiam quanto tempo ficara o doente abandonado: tinham mandado chamar o médico.

Ouvi calado e vexado. Fui despir-me para velar o resto da noite. No quarto, a sós comigo chamei-me ingrato e tolo; deixara um amigo lutando com a doença, para correr atrás de uns belos olhos que odiavam esperar. Caí na poltrona; não me dividi fisicamente como me parecera em criança; mas moralmente desdobrei-me em dois, um que imprecava, outro que gemia. No fim de alguns minutos, fui despir-me e passei ao quarto do enfermo, onde fiquei até de manhã.

Pois bem; não foi ainda isto que me deixou um vício de ressentimento contra Henriqueta; foi a repetição do caso. Quatro dias depois tive de ir a um jantar, a que ela ia também. Jantar não é baile, disse comigo; vou e volto cedo. Fui e voltei tarde, muito tarde. Um dos deputados disse-me, quando saí, que talvez achasse o colega morto: era a opinião do médico assistente. Redarguí vivamente que não: era o sentimento de outros médicos consultados.

Voltei tarde, repito. Não foram os manjares, pôsto que preciosos, nem os vinhos, dignos de Horácio; foi ela, tão só ela. Não senti as horas, não senti nada. Quando cheguei à casa era perto de meia-noite. Veiga não morrera, estava salvo de perigo; mas entrei tão envergonhado que simulei uma doença e meti-me na cama. Dormi tarde e mal, muito mal.

Agora não devia acontecer-me o mesmo. Vá que em criança, corresse duas vezes às frutas do vizinho; mas a repetição do caso do Veiga era intolerável, e a deste outro seria ridícula.

Tive idéia de escrever uma carta, longa ou breve, pedindo-lhe a mão. Cheguei a pôr a pena no papel e a começar alguns rascunhos. Vi que era fraqueza e determinei ir em pessoa; pode ser também, que esta resolução fôsse um sofis-

(Continua na pag. 6)

você está sobrando



Claro! Com os cabelos desalinhados!

Nada há que chame tanto a atenção como os cabelos desalinhados, o que prova falta de bom gosto e apuro. Penteie-se bem e conserve-se bem penteado, com BRYLCREEM, que fixa sem colar. BRYLCREEM torna os cabelos sadios e juvenis. Em vidros ou em tubos, peça:



BRYLCREEM

O FIXADOR MAIS QUE PERFEITO



Senhora, Senhorita!
o Leite **BENJOIM MOURA**
(medicinal)

Corrige qualquer defeito da pele

Exija-o SEMPRE, de acordo com o grau de umidade de sua pele, pois é fabricado em

3 fórmulas diferentes, para {
PELE NORMAL
PELE OLEOSA, e
PELE SECA

Remetemos pelo REEMBOLSO POSTAL para todo o Brasil, de 3 vidros para cima, ao preço de Cr\$ 45,00 os três.

DROGARIA E FARMACIA N. S. DAS DORES

Rua Itajubá, 420 — Belo Horizonte — Minas

PREÇOS ESPECIAIS para REVENDADORES que adquiram de uma dúzia em diante

O CONTO ESTRANGEIRO

Por seu caráter frágil, lhe negavam tudo, até a paternidade da obra de seus sonhos...

LÚCIO D'AMBRA
ILUSTRAÇÃO DE J. RIBEIRO

DEZ horas por dia, há já sete anos, Toni Bianchini ficava junto à máquina registradora da grande casa de louças, porcelanas e cristais, fazendo trocos e vigiando a atividade dos empregados de balcão. Achilles Casse era o dono do velho estabelecimento, que comemorara, há pouco, o seu jubileu. Cinquenta anos antes, fôra fundado naquela grande avenida, então já um pouco frequentada, e se desenvolvera facilmente, popularizado por um trocadilho ao posto das multidões, colocado à fachada do edifício, em grandes letras berrantes. Ali, naquele canto, ao pé da máquina registradora, com os ouvidos cheios do seu ruído característico, Toni Bianchini por vezes espiava para o passado e considerava as voltas que o mundo dera, até arrojá-lo naquêle mister estúpido, a discutir preços, a dar miúdos a freguesas impertinentes... Havia oi-

terceiro ano do curso de professorado... Agora, é tarde para recomeçar. Tenho vinte e oito anos. Quando já se envelheceu assim, para que vale ainda lutar por um diploma? Eu não farei isso. Prefiro outra coisa. Sou poeta, escritor...

E a senhorita Letizia, sob o clarão cúmplice da lua, diante do repuxo sentimental do jardim, murmurou, extasiada:

— Romancista! Poeta! Oh, como é belo! Gosto loucamente de romances. Adoro poesias. Foscolo... Leopardi... Manzoni... Se o senhor é poeta, por que não me faz uns versos?

Não era necessário repeti-lo. Na manhã seguinte, depois de haver passado a noite inteira sem dormir, Toni Bianchini trazia à Letizia um «bouquet» de doze sonetos, que lhe leu sobre a praia sob um sol de cegar, enquanto em «maillot» a jovem cobria de areia suas lindas pernas esguias, para «evitar», dizia

— Autoriza, papai, o senhor Bianchini a nos visitar... Peço-te... ou, melhor, eu te previno de que, de um modo ou de outro, nós nos casaremos...

O pai havia entremostrado o seu desespero com essa decisão anatematizando os poetas e a poesia, afirmando que Toni Bianchini não tinha uma lira de sua e vivia das magras rendas de sua própria mãe, apenas suficientes para a viúva de um coronel que morrera na guerra. Mas a senhorita Letizia insistiu:

— E' inútil discutir. Eu tenho vinte e três anos e a lei me permite casar com quem eu quiser. Eu não tenho necessidade de dinheiro, pois tu tens quanto basta para mim também...

O pai gritou que o seu dinheiro não chegava para alimentar poetas vadios, emurecido com a intransigência da filha. Mas Letizia objetou:

— Meu marido saberá ganhar

A BEBEDEIRA DE

to anos, conhecera, em vilegiatura, a filha de Achilles Casse, a neta de Anselme Casse, fundador do estabelecimento, a quem aquêle sucedera — em suma, a esguia Letizia Casse, que era então fina e longa como uma taça de «champagne» das que se usavam antigamente, por volta de 1830, e que parecia tão frágil como os cristais que seu pai vendia. Um dia, quando dançavam, ela o interrogara, com uma voz meliflua, sobre o que fazia.

— Eu? Que faço? Acabo de vir da guerra, que interrompeu meus estudos universitários... Ah, sim... Filosofia e letras,

ela, os reumatismos articulares herdados do papai». Toni Bianchini, de julho a setembro, havia escrito mais sonetos do que Petrarca nos vários anos em que os compusera em honra de sua Laura. E a senhorita Letizia, com as pernas mergulhadas na areia quente, dizia:

— Cada poeta tem sua Musa. Dante teve Beatriz. Petrarca, Laura. Leopardi teve Nerina. Tu tens a tua Letizia...

Tratando-se por «tu», em poesia, era natural que o fizessem também em prosa. Letizia tanto se inflamou de amor pelo seu poeta que, de regresso a Roma, ela avisara a Letu pai:

a sua vida. E' uma questão de tempo... de começar, meu pai. Estou certa de que ele se tornará um grande escritor. E os romancistas enriquecem mais facilmente do que vós, vendedores de louças, cristais e porcelanas. Foi Toni quem disse. Sabes quanto pagam por uma palavra, por uma só palavra, a Rudyard Kipling? Quatro dólares, ouviste? Sabes tu que Wells e Conan Doyle, os célebres romancistas ingleses, têm palácios, parques e castelos? Sabes tu quanto rende na França um romance a um escritor bem conhecido? Centenas de milhares de liras... E tu me falas de



TONI BIANCHINI

garrafas, de pratos e so-
 Tu me fazes rir, pa-
 pai!

Um ano depois do casamen-
 to, porém, como Letizia lhe apre-
 senta duas rotundas faturas
 dos que adquirira a cré-
 dulas, Cassé lhes devol-
 vucando:

— Como? Eu, pagar isso? Há
 engar... O romancista, o ho-
 me de letras, é que deve pa-
 gar. Ele não está ganhando
 dinheiro a rêdo?

Sua filha teve necessidade de
 lhe explicar que os primeiros
 dias eram um tanto difíceis,
 os editores escassos e descon-

fiados, e que os medalhões blo-
 queavam a passagem, dificul-
 tando a marcha dos novos de
 talento. Mas o senhor Cassé es-
 tava inflexível:

— De qualquer modo, eu não
 pagarei. Eu fabrico garrafas,
 como dizes tu, e venderei...
 Teu marido faz obras-primas,
 mas não consegue vendê-las...
 Tanto pior para ti, minha fi-
 lha, que não quiseste ouvir os
 conselhos de teu pai...

Assim, para pagar as contas,
 Letizia teve de lançar mão da
 pequena renda mensal que lhe
 dava o pai para a alimentação
 e a casa — pintora protestando

veementemente contra o casa-
 mento desses «dois loucos». Ca-
 da mês, evitando o aumento das
 despesas caseiras, tirava quatro-
 centas liras da mesada para
 amortizar as dívidas. Era nes-
 sas ocasiões que haviam de co-
 meçar as suas recriminações à
 falta de habilidade do marido
 para colocar os seus escritos.

— Por que, enquanto espe-
 ras que te editem, não arranja-
 um meio de ganhar quatrocen-
 tas liras mensais que sejam? Há
 tantas revistas que publicam
 contos e novelas, esses traba-

lho, não são escritos por gênios... Muitos nomes são ainda desconhecidos, são de jovens que esperam, como tu... Por que não escreves também contos e novelas?

E Toni Bianchini respondia: — Eu não sou um novelista, minha querida. Eu não sou nem mesmo um jornalista. Eu sou apenas um romancista, como Balzac. As historietas episódicas não são do meu feitio. Preciso de tempo e de espaço para respirar, movimentar-me, imaginar, narrar... Mas, tem paciência... Brevemente há de ver o meu novo romance. Dois me foram recusados sem que sequer os editores os tivessem lido. Mas esse, estou confiante, estou certo de que terá êxito... Alguma coisa me diz... Um dia agarrarei um editor e o forçarei a lê-lo. E uma vez lido, a coisa está feita... Não tenho dúvida. É uma obra-prima... É preciso somente, que eu possa triunfar sobre as igrejinhas literárias e sobre a indiferença geral...

Para dizer a verdade, Letizia seguia com o ardente entusiasmo de uma musa o primeiro romance, capítulo por capítulo, mas sua marcha começou a fatigar-se nos outros. Enfim, cansava-se da literatura. Os insucessos repetidos de Toni, sempre a vagar de um lado para outro com seus manuscritos de baixo do braço, desencorajavam Letizia, que, desgracadamente, engordava ao peso de cada nova desilusão. E ao passo que a fina taça de outrora se transformava sucessivamente em copo e em garrafa — podia dizer-se que a gordura também

afogava os sonhos poéticos da Letizia de outros tempos. A de agora, a Letizia gorda e bem nutrida, começava a dar razão a seu pai, em suas conversas com os íntimos.

— Pobre papai! Afinal de contas, os pais vêm sempre melhor, mais claro... Mas nós, infelizes, queremos fazer o que se nos mete na cabeça... Eu começo, agora, a duvidar do talento de meu marido. Eu não posso ser um bom juiz... Mas, se ele não tem conseguido nada, uma destas duas hipóteses tem de ser verdadeira: ou ele é uma vítima, ou é um imbecil...

— Perdão — disse uma de suas amigas — há ainda uma terceira hipótese. Ele pode ser um falhado...

— Um falhado?

— Sim. Um homem medíocre, que não pode chegar ao lugar em que colocou os seus sonhos, a sua ambição...

Do fundo de sua gordura, Letizia suspirou:

— Deve ser isso... Deve ser isso... Toni deve ser um falhado!

Quando o manuscrito do seu terceiro romance foi devolvido pelo primeiro editor a quem o enviara, juntamente com uma carta glacial, Letizia, para consolar Toni, murmurou-lhe:

— Começo verdadeiramente a crer, meu querido, que tu és, como diz minha amiga Terezinha, um falhado... Nada mais que um falhado...

Falhado ou não, foi um belo episódio aquele, no dia em que, acompanhada pelo marido, Letizia foi à casa do pai, anunciar que daquela inflação majestosa,

em cinco ou seis meses mais sairia um bebê.

— Um bebê! — exclamou Achilles Casse. — Também não faltava mais nada! Vocês não tinham mais que fazer, o poeta e a musa?! Eu me pergunto, a mim mesmo, se vocês não ficaram loucos... Já não bastava o marido não saber fazer nada... Era preciso ainda um filho, para completar a linda obra...

Estava furioso. Letizia, para dominá-lo, acrescentou:

— Não te zangues, papai. Estou certa de que vais ficar muito contente com o teu netinho... O teu belo netinho — sim, porque ele será belo... Belo como seu avô e como sua mãezinha... E tu reconhecerás, afinal, que Toni e eu temos, enfim, em casa, uma obra-prima...

Foi, porém, como se ela houvesse atirado azeite ao fogo:

— Obra-prima?! — gritou o senhor Casse. — Tinhas necessidade de me aparecer nesse estado? Como se eu já não tivesse o suficiente para me envenenar a vida — as obras-primas de teu marido... Ainda era preciso ajuntar uma, em carne e osso, em colaboração contigo...

Afinal, a tempestade se acalmou. Que pai irritado não abraça da diante da perspectiva de ser avô? Apesar disso, o senhor Casse fala ainda com clareza e ponderação:

— Agora que o menino vem aumentar os encargos do casal, é preciso que o senhor — e o seu dedo enérgico apontou Toni Bianchini — tome uma decisão definitiva e escolha, de uma vez por todas... Ou enterrará a maldita literatura e virá trabalhar no meu estabelecimento, ou

PASSATEMPO

RESPOSTAS AS QUESTÕES A PAG. 20

1ª — A girafa.

2ª — A resposta nos é dada no capítulo II do livro «Gênesis», versículos 21 e 22: «O Senhor mergulhou a Adão num profundo sono e, enquanto ele dormia, tirou uma de suas costelas e encheu de carne o seu lugar. E da costela que tinha tirado de Adão o Senhor Deus formou a mulher e a trouxe a Adão».

3ª — Não. Foi Brunelleschi, arquiteto italiano, para zombar daqueles que afirmavam que ele jamais conseguiria fazer equilibrar-se a cúpula da catedral de Florença.

4ª — Todos os personagens de Walt Disney só tem 4 dedos.

5ª — O rei desejava que reinasse igualdade perfeita entre eles, e a mesa em torno da qual se reuniam era redonda para que não surgisse nenhuma questão de precedência.

6ª — Foi Cavour, o ministro que unificou a Itália. Um engenheiro francês Bergés, aproveitou em Lancey, nos Alpes, a primeira queda d'água de 200 metros, que fornecia 1.000 cavalos-vapor. Em 1869, Cavour visitou essa instalação e, impelido por um entusiasmo bem italiano, exclamou:

— O sr. Bergés acaba de descobrir a «chuva branca»!

desaparecerem os três para sempre das minhas vistas: o poeta, a musa e o filho obra-prima. O estabelecimento pode alimentar-nos todos, mas é preciso trabalhar... Com os diabolos! Para o inferno com essas imbecilidades poéticas que ninguém compra... O Ardini vai apresentar-se. E' preciso alguém para tomar conta da caixa. Em vez de lhe dar um emprego comum, dou-lhe uma retirada de mil e duzentas libras por mês. Com as mil que já dou a minha filha para a sua alimentação, é uma bela soma. Mas é preciso trabalhar... E' preciso trabalhar...

Poucos dias depois, o rei e a rainha ocupavam seus lugares no estabelecimento. Toni, na caixa, por trás da registradora automática. Letizia, gorda ao dobro, sobre uma espécie de trono que, da segunda sala, dominava uma espécie de galeria de exposição e venda. Na mesma tarde em que começara o trabalho, Toni, uma vez chegado à casa, ainda tonto com a dança das cifras e o brouhaha dos clientes, meteu dentro de três envelopes os três manuscritos dos seus três romances, depositando-os sobre os joelhos da sua mulher e dizendo-lhe:

— Teu pai tinha razão. Não era justo que vivêssemos às suas expensas. Eu te confio os manuscritos dos meus sonhos. Tu talvez não estejas errada. Eu sou um falhado que desejou o que não podia alcançar. Mas esses papéis velhos me são caros. Tira-os de diante dos meus olhos, a fim de que a minha renúncia não seja tão penosa. Mas, conserva-os. Apesar de todas as tristezas que eles me causaram, eu continuo a amá-los... Eles são para mim como se fossem meus filhos.

Letizia respondeu-lhe:

— Sinto-me feliz por teres contentado meu pai, mas guardarei religiosamente teus belos romances... A justiça soará talvez um dia para ti também.

Toni balançou a cabeça, com incredulidade, e foi dormir. Na manhã seguinte, recomeçou a fazer da véspera:

— Quanto, minha cara senhora? Ah, doze pratos sopeiros ordinários? Trinta e seis libras... Aqui está o troco, madame Zeferino, faça o embrulho...

Um dia, seis anos depois dessa renúncia resignada, Toni Bianchini descobriu, num jornal que lia na cama, uma notícia acerca de certo concurso literá-

UM TESTE DE AUTO-ANÁLISE



Verifique suas possibilidades de casar-se

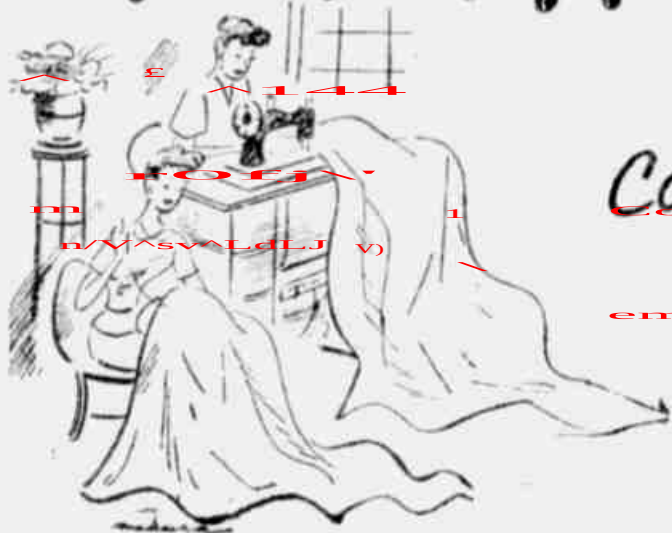
Algumas destas perguntas referem-se às circunstâncias, outras às suas atitudes e traços de caráter. Mas todas influem nas suas probabilidades de casar-se. Responda «Sim» ou «Não».

- 1 ☐ — De modo geral você gosta das pessoas à primeira vista?
- 2 ☐ — Procura sempre arranjar-se com capricho?
- 3 ☐ — Passeia com rapazes três ou mais vezes por mês?
- 4 ☐ — Tem menos de 29 anos?
- 5 ☐ — Você se casaria com um homem dois anos mais moço?
- 6 ☐ — Seu peso está mais ou menos de acordo com sua altura?
- 7 ☐ — Você procede de acordo com as convenções sociais?
- 8 ☐ — Trava amizades com facilidade?
- 9 ☐ — Seus pais apreciam os rapazes com que você passeia?
- 10 ☐ — Os homens muitas vezes admiram seu modo de vestir-se e sua elegância?
- 11 ☐ — Você é tolerante a respeito de religião e questões sociais?
- 12 ☐ — Tem sido constante durante os dois últimos anos?
- 13 ☐ — Gosta de obsequiar os outros?
- 14 ☐ — Já tinha admiradores aos 17 anos?
- 15 ☐ — Vai sempre a festas e bailes?
- 16 ☐ — A maioria de suas amigas são noivas ou têm namorados?
- 17 ☐ — Você pertence a vários clubes e ligas?
- 18 ☐ — Teve algum namorado com quem desejaria casar-se?
- 19 ☐ — Mora em cidade do interior?
- 20 ☐ — Tem certeza de que deseja casar-se logo?

Todas estas perguntas devem ser respondidas afirmativamente. Com um total de 16 ou mais, suas probabilidades de casar são grandes. Caso a contagem de um número menor, procure corrigir os seus defeitos. Se a idade e outros fatores são contra você, isto é mais uma razão para que procure corrigir outras inferioridades.

— Clifford R. Adams.

Para as donas de casa



Costurando em casa

Seja por prazer, por preencher uma necessidade ou simplesmente para ter em dia a roupa de uso diário, designemos uma determinada hora para realizar esta tarefa. Ela se torna muito mais agradável se temos um lugar confortavelmente ordenado, com todas as utilidades necessárias. Dada a escassez de espaço nos interiores modernos, não é de se pretender um aposento exclusivamente dedicado para estes trabalhos. Um móvel baixo pode se transformar num confortável lugarzinho para costura, onde não falte absolutamente nenhum detalhe que possa oferecer maior comodidade.

Quando se costura à máquina, esta se coloca de forma que a luz do dia entre de costa e por sobre o ombro esquerdo da pessoa que trabalha. Todas as máquinas modernas ou modernizadas atualmente contêm um pequeno foco convenientemente colocado que projeta a luz sobre a costura. Com muito pouca despesa e em forma muito fácil pode-se adaptar esta luz a qualquer máquina. As vantagens apresentadas são muitas.

De acordo com o uso a que se destinam, as lâmpadas devem ser mais ou menos potentes. Para trabalhos de agulha realizados sobre fundo negro ou escuro usam-se lâmpadas de 100 a 150 ampères; para costura comum sobre tecido escuro, de 50 a 100 ampères; costura comum sobre fundo claro, de 50 a 75 ampères.

Por pouco que se cota em casa é indispensável um mínimo de elementos para realizar no momento preciso uma costura, um cerzido ou pregar um botão. Devemos ter agulhas de várias grossuras e tamanhos; linhas para coser; linhas de cerzir em diversas cores; alfinetes; dedal; colchetes de pressão e de ganchos; botões de vários tamanhos para roupa branca e de outras qualidades sortidas; uma tesoura; giz para marcar; régua para marcar bainha; uma fita métrica; tesourinha para bordar e mechas de algodão.

rio, aberto por uma revista, em combinação com uma casa editora, entre os escritores jovens, ainda inéditos. Nada de prêmios em dinheiro, mas simples publicação do romance premiado, seis meses depois da decisão do «comitê» julgador. Apagando a luz, estendeu-se ao lado de Letizia, que, mais gorda do que nunca, sibilava dormindo, como o fole de uma forja, obrando e a permanecer acordado, com o pensamento inquieto a cabriolar no cérebro. Das sombras do passado, surgiram os fantasmas dos seus sonhos, um a um, e lhe disseram: — E se concorresse? Quem o saberá? Tu nunca viste realmente uma oportunidade. Pode ser que sejas por isso um falhado. Em verdade, ninguém leu os teus romances, e eles não são piores de que esses que aparecem todas as primavera e todos os outonos. Pe-de um conselho a Letizia. Ela pode restituir-te os manuscritos.

Enquanto se vestiam, na manhã seguinte, Toni, ao fazer o laço da gravata, disse à sua mulher:

— Ouve, Letizia, li ontem num jornal, que uma revista literária...

— Pelo amor de Deus! — interrompeu Letizia, que calcava as meias. — Não venhas tu, depois de tantos anos de silêncio, falar outra vez da tua infeliz literatura!... Ou queres tu enfiar o meu pai? Nós já temos dois filhos e o terceiro nascerá dentro de alguns meses. Como vêes, o momento é impróprio para falar de literatura...

— Mas eu queria dizer... — insistiu Toni.

— Mas pelo amor de Deus, não digas nada! — exclamou Letizia, enfiando a saia pela cabeça. — Se meu pai te visse aqui... As paredes têm ouvidos... e boca! Não queres ter outros aborrecimentos por tua causa. Basta! que já sofres. Que desejas mais? Meu pai já te dá duas mil libras. Um tratado de príncipe! Não acho necessário, nem conveniente que voltes às tuas idéias loucas, agora que todos te creem um rapaz sensato...

— Mas não se trata de... — tentou explicar Toni.

— Nada! Nada! — gritou Letizia. — Sobre esse assunto não quero ouvir coisa alguma.

(Continua na p. 33)



Sabonete DORLY
 PREÇO POR PREÇO É O MELHOR!

À VENDA EM TODO O BRASIL

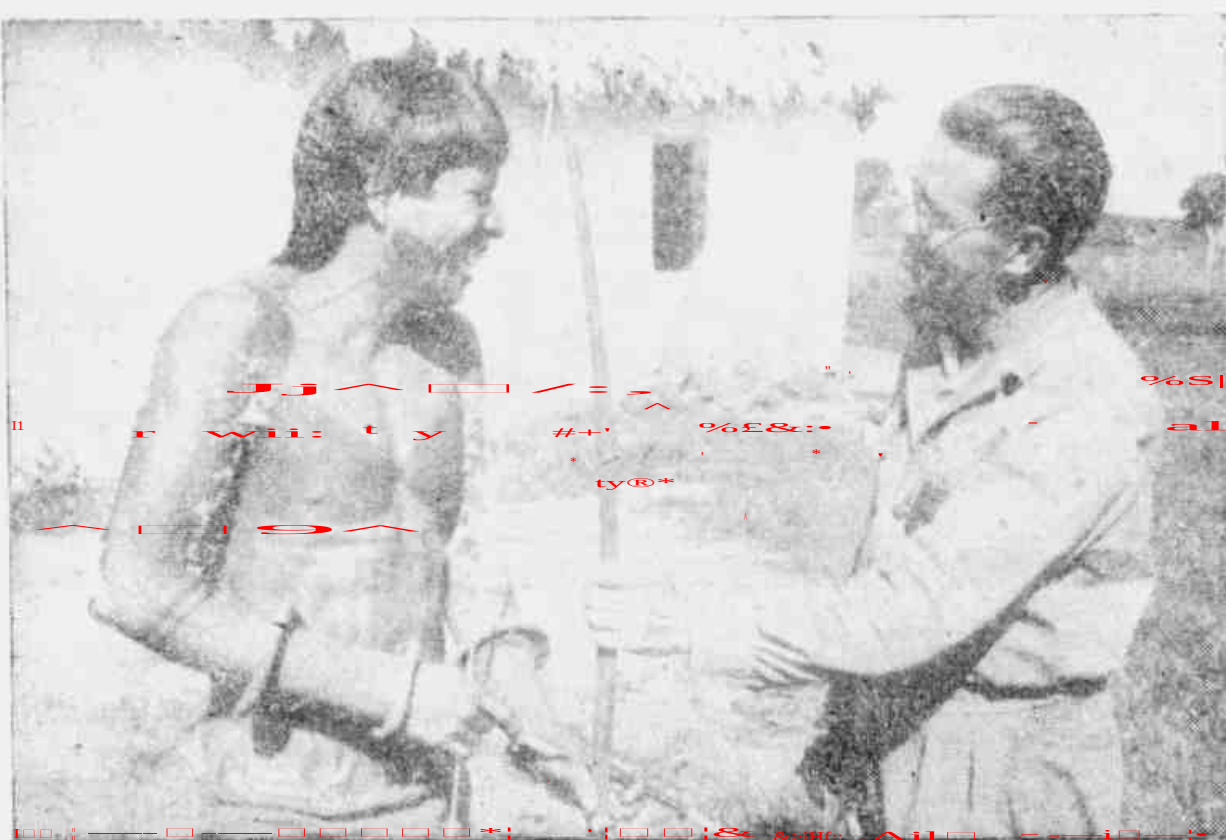
De Ferraz
 PATRÃO



Esta é a dança carajá erroneamente denominada «Aruaná». Segundo Uai'á, Aruanã não significa determinada dança, mas apenas dança, qualquer que seja ela

OS NOSSOS IRMÃOS DA SELVA

Os carajás da Ilha do Bananal — Recepção ruidosa no posto Getúlio Vargas — Um verdadeiro carnaval no «hinterland» brasileiro — A família carajá — Poligamia e paz doméstica — O pudor inerível dos representantes da tribo — O que comem os súditos do «capitão» Uai'á — Quando a mulher é repulsa pelo marido — A morte de um carajá — Alimentos sobre seu túmulo — A impressionante lamentação de um parente morto — Como fala a gente do Bananal — Os índios que mais gostam de dançar — Danças a pretextos de tudo e mesmo sem nenhum pretexto.



2ª DE UMA SÉRIE DE SEIS REPORTAGENS

Por Lincoln de Souza

Conforme havíamos escrito em artigo anterior, Francisco Meireles proporcionou uma visita aos carajás da Ilha do Bananal, como compensação do malogro da nossa viagem ao Rio das Mortes, onde fomos a fim de entrar em contacto com os xavantes.

O «capitão» dos carajás ensina a «toia» a manejar o arco

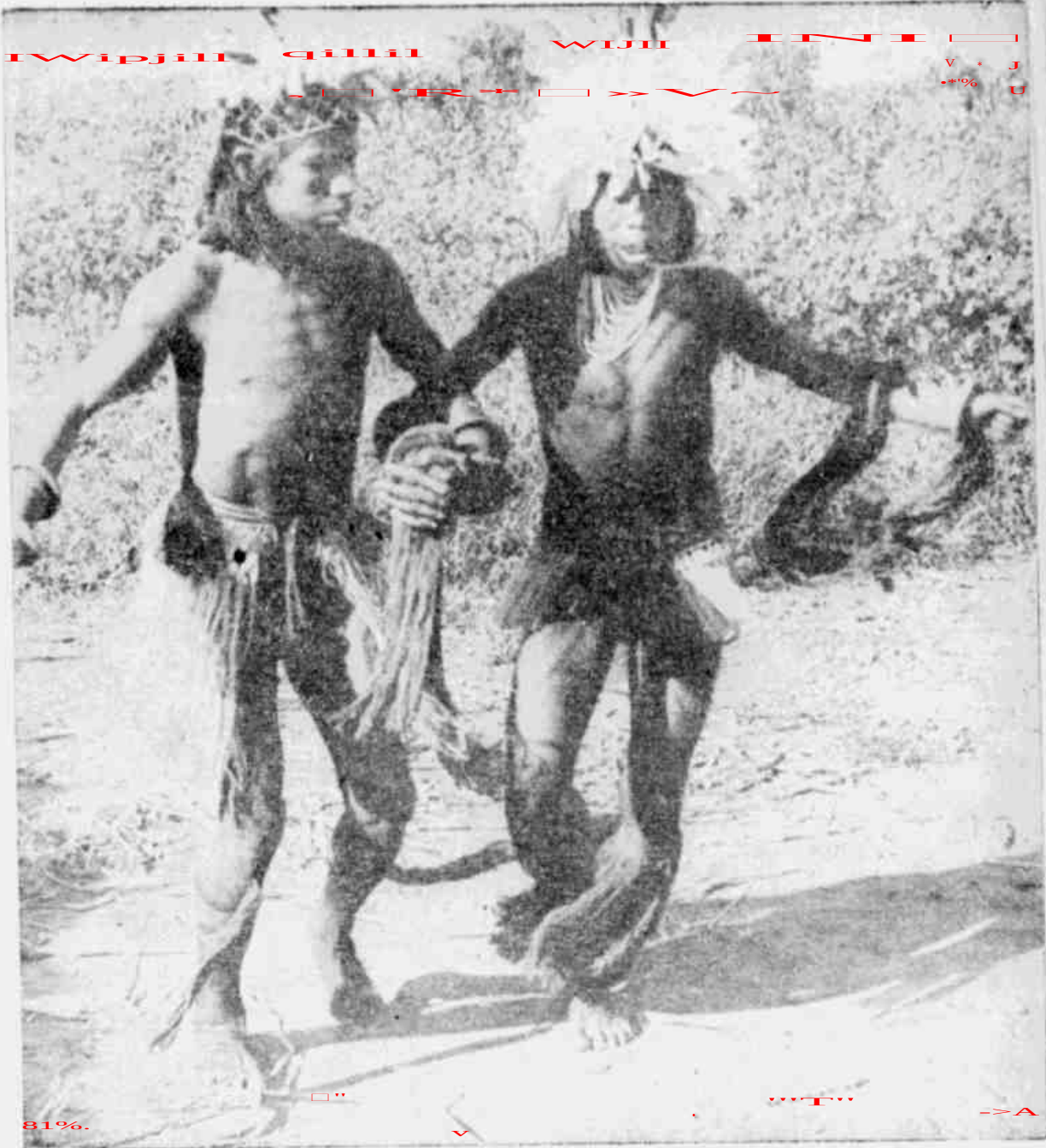
...nuncis de Carajás. Agora
...dancarinos ostentam capri-
...enfeitos sobre o corpo

Essa viagem transcorreu pe-
...ma, como todas, aliás,
...apreendemos pelo Brasil
...al. Numa embarcação em
...que poderia mal caber uma
...de pessoas, eram trans-
...tas, de início, quinze e,
...por, mais tarde, vinte e um passa-
...eiros, afora bagagens e mer-
...adurias. À noite, dormíamos
...no interior da lancha, mas
...sobre a areia das praias, onde
...estendíamos um cobertor e ar-
...ramos nossos moquiteiros.
...As vezes, éramos surpreendi-
...dos pela chuva e tínhamos, en-
...tão, de correr para a embar-
...cação, em cujo fundo nos com-
...primávamos, uns pisando, aco-
...tovando os outros, entre sa-
...cos, malas, caixotes, e bugigan-
...pis de toda espécie. A clássica
...comparação de sardinhas em
...lata era insuficiente para dar
...uma idéia da situação. Talvez
...mesmo que nem nos hediondos
...navios negreiros se viajasse tão
...penosamente. E, para coroar o
...dos (esforço) e o sacrifício da
...jornada, tivemos ainda de su-
...portar o retardamento exaspe-
...rante da marcha da embarca-
...ção, ora por falta de gasoli-
...na, ora pelos desarranjos fre-
...quentes do motor, o que, de
...uma feita, nos obrigou a uma
...parada forçada de dois dias nu-
...ma barranca do Araguaia, onde
...Clivt nos tremenda fome. O lo-
...cal em que estivemos «mofan-
...do» foi solenemente batizado
...por Paulo da Paciência», vis-
...to, f, denominação melhor não
...se poderia ataria àquela situação enra-
...vada entre o rio e a mata.

A PERCECÃO DOS CARAJÁS DO BANANAL

Saindo em fins de dezembro
de 1946, de S. Domingos, só em
primeiro de janeiro do ano se-
(Continua na pag. 37)

Esta é Maria Rosa, nome cris-
tão de uma das jovens carajás
que, abandonadas pelo marido,
são lançadas à prostituição na
tribo conforme o antigo e re-
volta costume daqueles abo-
rigenes





As malocas dos carajás são feitas de folhas secas de palmeiras. Em cada uma dessas malocas alojam-se, às vezes, várias famílias. Em baixo, vemos um carajá fumando o seu típico cachimbo. De seu lábio inferior sai o comprido «olho», que lhe dá um aspecto ainda mais bárbaro. No outro clichê Uatai, o chefe supremo dos carajás da ilha do Bananal



Fantasia carnavalesca? Nada disso. Apenas um indiozinho carajá com os seus enfeites de algodão, colados no corpo com óleo de côco, e outros adornos da tribo

guinte chegamos à grande ilha do Bananal, que mede 105 léguas de comprimento e onde o Serviço de Proteção aos Índios mantém o Posto Getúlio Vargas, em que são aldeados cerca de cento e cinquenta índios.

Muito antes do nosso barco atracar, dezenas e dezenas de carajás corriam ao longo das margens do rio, numa gritaria ensurdecedora, que para eles era sinal de regozijo pela nossa visita. Ao desembarcarmos, fomos logo cercados por uma multidão de índios, quase todos com o rosto e o corpo pintados de vermelho e preto, formando desenhos grotescos, ostentando enfeites, tecidos de algodão, nas pernas, nos pulsos e no pescoço, além de um, de palha ou coisa parecida, cuja extremidade se prende no labio inferior perfurado. Em cada lado do rosto tinham todos um círculo negro, que é o traço característico da tribo. Muitos fumavam em cachimbo de pau, semelhante a um grande bico de mamadeira, tingido de urucum.

Semi-civilizados, não andam nus como os calapalos, vestindo, os homens, calças de brim, de cor irreconhecível, dadas pelo S. P. I. (Serviço de Proteção aos Índios), outros se dando ao luxo de um paletó do mesmo tecido, e as mulheres uns velhos e suííssimos trapos, que foram vestidos em tempos imemoriais. A' luz da lua e em tórno das fogueiras acesas na aldeia, aquele aglomerado bárbaro, com suas pinturas bizarras e seus adornos selvagens dava-nos a impressão de um estranho carnaval no «hinterland» brasileiro.

No dia seguinte ao da nossa chegada, fomos visitar o aldeamento.

(Continua na pag. 50)

Mães e filhas carajás descansam em frente à sua «retô» (maloca). A menorzinha, ao que parece, está mesmo com muita fome...



O Exemplo do Passado

● ARTHUR HALLIBURTON

PARECE que a sucessão dos séculos vai consolidando no homem, através do estudo minucioso da história humana, a certeza de que o passado representa o espelho para as diretrizes do futuro. E, agora, quando as terras que se estendem entre os rios Tigre e Eufrates merecem a atenção de técnicos, essa impressão mais se acentua.

A Babilônia dos tempos do Velho Testamento e uma parte do Iraque constituem hoje essas terras, atualmente desérticas.

No entanto, há cinco séculos, alimentavam enormes populações de babilônicos e assírios, garantindo a suntuosidade e a existência orgiaca que caracterizavam aqueles longínquos tempos de exótico esplendor. Podem ainda os visitantes contemplar as ruínas do secular sistema de irrigação da árida região, hoje em dia saudosa das águas do Eufrates, e os vestígios do extinto esplendor babilônico que culminou com os templos faustosos e os deslumbrantes jardins suspensos. E toda

a grandiosidade desta estranha civilização, cujo mais vivo testemunho é o suntuoso palácio de Haroun-al-Rashid em ruínas, e que se estendia desde o golfo pérsico até o Mediterrâneo através da fronteira turca — foi destruída pelo selvagem mongol Hulaku Khan, irmão de Kublai Khan, que desceu com os seus exércitos desde o norte e arrasou Bagdad e todo o maravilhoso sistema de irrigação. Essa «razzia» do bárbaro iconoclasta representou a agonia de uma população de dezesseis milhões





Na página anterior um expressivo aspecto atual das áridas regiões outrora irrigadas pelo Eufrates, vê-se ainda os escombros dos famosos canais. Nesta página o artista procurou reviver, através de sua arte estilizada, um festim dionisiaco muito comum nos faustosos templos babilônicos, tal como são descritos na própria Bíblia.

de pessoas que, sentindo extinto o brilho de sua civilização, desconhecida de quase todo o mundo antigo, iniciou um êxodo lento que se estendeu através dos

séculos até os dias atuais quando existem naquelas áridas regiões apenas uns três milhões de habitantes.

O plano dos técnicos norte-

americanos foi resultante das trágicas consequências do acordo territorial da questão da Palestina: oitocentos mil árabes

(Conclui na pag. 78)

"Seja mais adorável esta noite!" com o
NOVO e PERFUMADÍSSIMO SABONETE LEVER!

DIZ:

Joan Bennett

Walter Vogel

É a linda **Joan Bennett** que afirma. Hoje mesmo, esta noite mesmo, seja mais adorável, com o romântico perfume do novo Lever. Agora em linda embalagem rosa, o sabonete de beleza das estrelas do cinema apresenta a mesma alvura e pureza, a mesma rápida e famosa espuma, que tanta economia representa. E outra sensação: Lever lhe oferece o vantajoso **Tamanho Banho!** Positivamente, o mais fino, mais puro, mais luxuoso sabonete que lhe é possível encontrar é o novo e perfumadíssimo Sabonete Lever, em 2 tamanhos.



Você verá seus sonhos realizados! Para rubrica-lo, nada como uma cutis suave e deliciosamente perfumada! Siga hoje o conselho das estrelas! Use Lever e seja mais adorável esta noite!



Agora também em vantajoso

TAMANHO BANHO

Usado por 9 entre 10 estrelas do cinema



Estas são histórias que o tempo escreve no livro da vida: humildes histórias dos que viveram, amaram e sofreram e, agora, envelhecem a sós... Nasceram predestinados à solidão. Numa solidão atroz em que as imagens felizes do passado longínquo se superpõem, segundo a segundo, aumentando ainda mais a angústia do abandono em que jazem no túmulo dos asilos. Ó vós, que conheceis esses jazigos humanos de sonhos e ilusões, levai-lhes as vossas flores de bondade, para que a alegria de viver que ali jaz morta ressuscite nos vossos corações!...

JOÃO SERRANO
FOTOS DE
AUGUSTO CARDOSO



FRANCISCO PASCOAL DE PAULA, 80 ANOS
Fiquei cego aos quarenta anos. Ah, patrão, não vejo nem o resplendor do sol!...

Quando
desce o
crepúsculo...



**Envelhecer... Sentir desesperança
e ter todos os casos dentro da alma...
E ver que o coração não mais alcança
aquilo que esperou com tanta calma...**

As bonecas sorriam no pequenino armário da sala pobre do Asilo Afonso Pena. Era a infância da vida enfeitando, na antecâmara de um mundo simbolizando o próprio mundo, a velhice sem amor. No silêncio pesado do casarão tristonho — onde setenta mulheres e vinte e cinco homens faziam distâncias da vida — ouvíamos o riso alegre das bonecas coradas res-

soando em nosso coração. Era a poesia da infância que doura a velhice dos que têm lá, que trazíamos dentro de nós na alegria ingênua e contagiante dos netinhos dos avós felizes.

No dormitório amplo as camas se alinhavam na pobreza de suas colchas remendadas. Sobre elas, sentados ou estirados, corpos valetudinários exaustos de viver. À nossa entrada, olhares

mortos se "entrecruzavam" vagantes: uns, tão suavemente iluminados de fugaz alegria pelo ilusório calor humano de nossa presença; outros, com o brilho da disfarçável do velado ilusão que era reflexo de amargo ceticismo. A nossa voz amiga se perdia gelada no silêncio do dormitório. Mas já as fisionomias tristes se abriram como flores que se entreabrem ao sol e sorriam glaciais de bocas murchas e convidaram à aproximação. Havia, agora, nos olhos das vovós solitárias, um brilho materno, a imobilidade com que nos haviam recebido transiêntemente, aos poucos a influência de nossas palavras carinhosas. Houve até risos gorgulhantes às vezes com que procurávamos expulsar a tristeza que enchia



GABRIELA DELFINA DE JESUS, 90 ANOS

Quando estava «sem idade» fui muito feliz. Agora, «com idade», tudo é diferente. Se eu sei? Cruz! Crede! Ave Maria!



BARBARA MARTINS, 73 ANOS

Meu marido, Américo Martins, foi chefe de polícia Aureliano. Tinha quatro filhos. E todos foram bons para mim.



JOAQUIM PEREIRA LACERDA, 50 ANOS

Fui infeliz no casamento e estou doente. Quero morar com meu filho



JOVINA DA SILVA, 60 ANOS

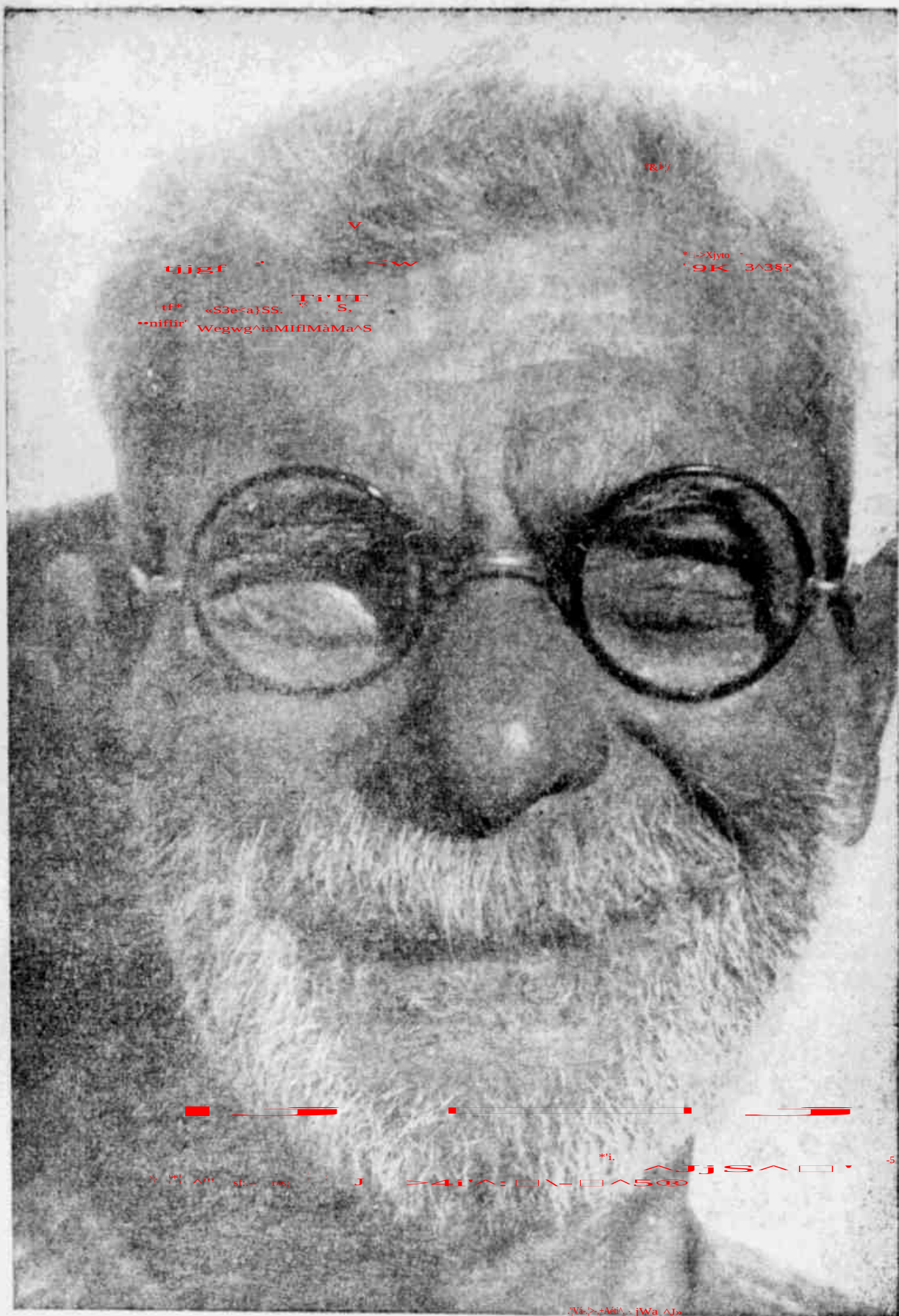
Sinto-me feliz desde que aqui entrei em novembro de 1932. Nunca quis me casar. A vida de solteira é melhor...

amplo dormitório e também nos dominava: o nosso pensamento vagava no mundo exterior, vazio e fútil, cujas criaturas sentiam o contato humano e gozavam da alegria de viver. Pensávamos nas mesas fartas, entulhadas de iguarias raras e garrafas espumejantes. Nos aposentos luxuosos e atapetados onde o frio da noite alta não penetra. No carinho reconfortante que os anciãos felizes recebem nos beijos doces dos netinhos amados. No chamada insistente da netinha que quer abraçar o vovô claudicante nos venturoso. E, nessa circundante introspectiva, revíamos rostos encarquilhados abrindo-se em sorrisos de felicidade intransigente. Era a velhice para a qual o poeta dedicara seus versos — *Envelhecemos, rindo, envelhecemos* — e na qual o riso ainda encontrava a acústica para ressoar contagiante e feliz. Mas ante esta velhice que nos comunicava a sua dor aguda de solidão e abandono, sentia-

JEANA MARIA DA CONCEIÇÃO, 96 ANOS

Me casei com quinze anos e vim casada durante vinte e quatro. Tive dezessete filhos que Deus foi levando...





POMPÍLIO GONZAGA, 82 ANOS

Meu filho me expulsou da casa que eu lhe dei depois da morte de minha mulher, sua mãe. Sou um homem que comemorou, feliz, as todas de 60 anos... Hoje, espero o meu fim, tranquilo, porém magoado com a iniquidade humana, simbolizada, infelizmente, no meu próprio filho!

mas, na sua desoladora plenitude, és te verso que? ora um ferrete incanesciente em nossa alma: «Sim, eu conheço todos os vencidos!»

Quando nos abeiamos dos leitos houve interrogação espantada nos olhos arregalados. E, à explicação, vovó Gabriela — a poetisa do asilo — mostrou as gengivas nuas num sorriso casquilhante:

— Quê! É pra quê essas velharias nas revistas?! Tanta gente pur aí, paiãozinho...

Dissemos-lhe, então, que as fotos lembrariam as criaturas bondosas que ali, no Asilo Afonso Pena, havia gente necessitando de auxílio: alimentação e agasalho. E gente muito velhinha, de pernas trêpegas, olhos baços, mãos encarquilhadas e tremulas, e o coração cheio do passado irremediavelmente perdido. Gente que, desamparada e esquecida, já havia amparado em seus braços criaturas amadas — filhos, netos e enteados — e os havia criado com cari-

nhoso desvôlo. Vovó Gabriela curvada sob o peso dos anos nos olhava espantada pela emoção de nossa voz — tão moça mas tão triste já — e nos seus olhos víamos brilhar as lágrimas — agora de alegria. Vovó Gabriela chorando e ria para nós...

VOVÓ GABRIELA

Foi aí que descobrimos que mesmo na tristeza, vovó Gabriela era uma criatura alegre: ela movida à promessa de que, se, lendo estas histórias e vendo estas fotos, iria mandar algo para o estômago contra a fome e para o corpo contra o inverno doloroso, vovó Gabriela sorriu, ri até, as lágrimas tremendo sobre a epiderme rugosa e negra. Fizemos-lhe perguntas e a todas respondeu: Filha de Aleixo de Jesus e Rita Vieira, morreu há muito tempo, foi durante muitos anos empregada de Francisco Moreira, em Ouro Preto, sua terra natal. Quando a Capital foi transferida para Belo Horizonte, veio com a família. Indagamos se havia casado. Vovó Gabriela deu um muchocho e exclamou, escandalizada: «Cruz! Cruz! Ave Maria!» E emendou, risinha, logo:

Solteirinha, não te cases, goza a tua vida. Pois já vi uma casadinha chorando de arrependida...

Achava vovó Gabriela que casar-se não pagava a pena. Quando estava sem idade — antes dos cinquenta a mulher está sem idade, pelo menos certa — vovó Gabriela era feliz e tudo lhe era indiferente, inclusive os homens... Agora, não: com idade — noventa anos! — ela sentia triste na solidão e a sua vida era — e é — a dor a Deus. E risonha, provando que o espírito se sobrepõe ao desmantelo físico, repetiu a trova filosófica e lá se foi, feliz e sereno, pelo corredor do asilo.

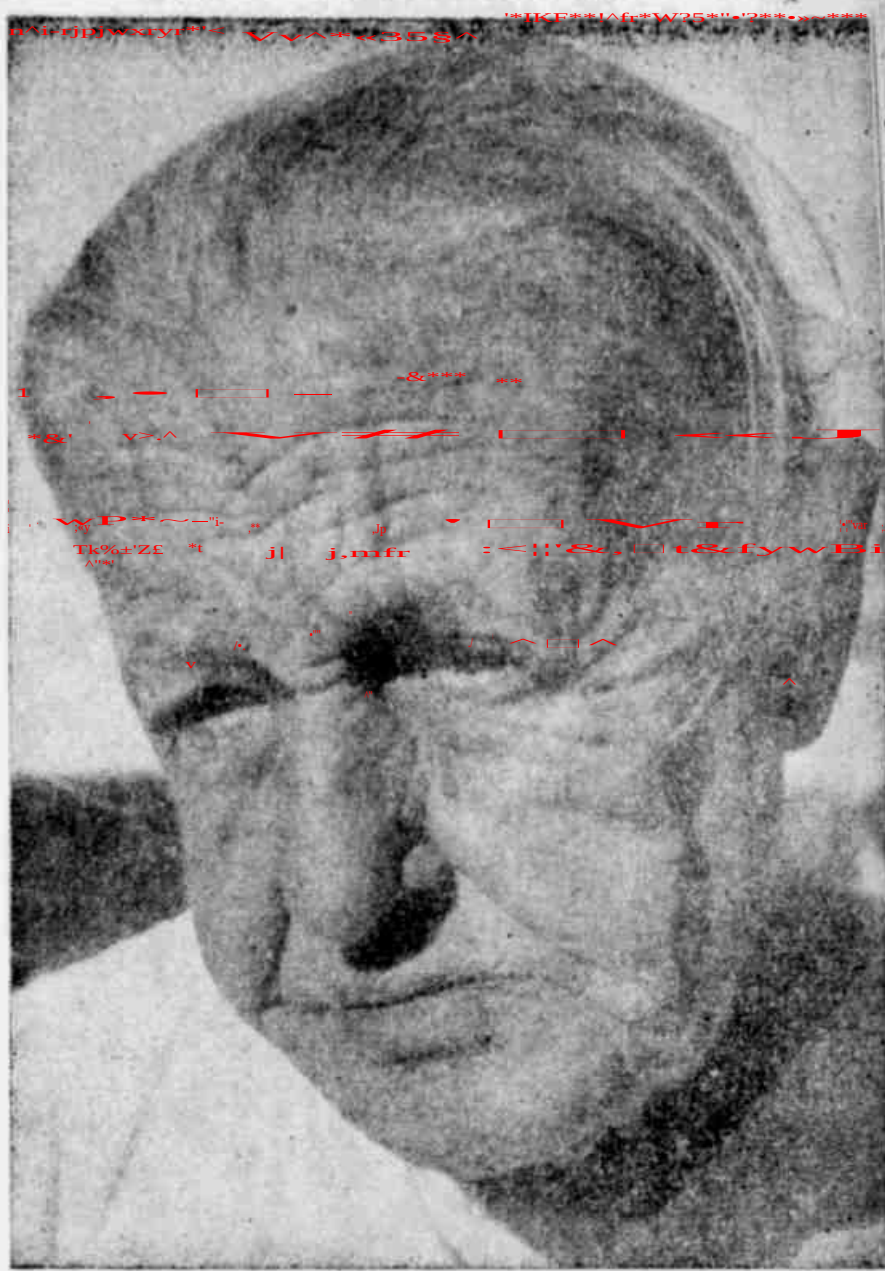
VOVÓ JOVINA

Não escute muita coisa? parece desconhecido a propósito: ora é 50 ora é 60. Ora ela marca 52 e está da idade de 5 de novembro de 1932 o que lhe dá setenta... Vovó Jovina é mais uma que perdeu a contagem dos anos. Filha de José Batista e Francisca Jovina da



ANA AGOSTINHA, 85 ANOS

Há trinta anos que ele morreu. Foi muito bom pra mim. Hoje, vivo lembrando ele e meu maior desejo é trabalhar...



CAROLINA AMÉLIA DE OLIVEIRA, 75 ANOS

Deus não quis que, durante trinta anos de casada, a gente tivesse um filho. Agora, vivo da saudade de meu marido...

Silvia perdeu os quando moça e trabalhou a domicílio: cozinhando, lavando roupa, levando descomposturas. Não se casou, porque sempre achou que a é melhor. E ainda acha. Pois ainda não pretende se casar.

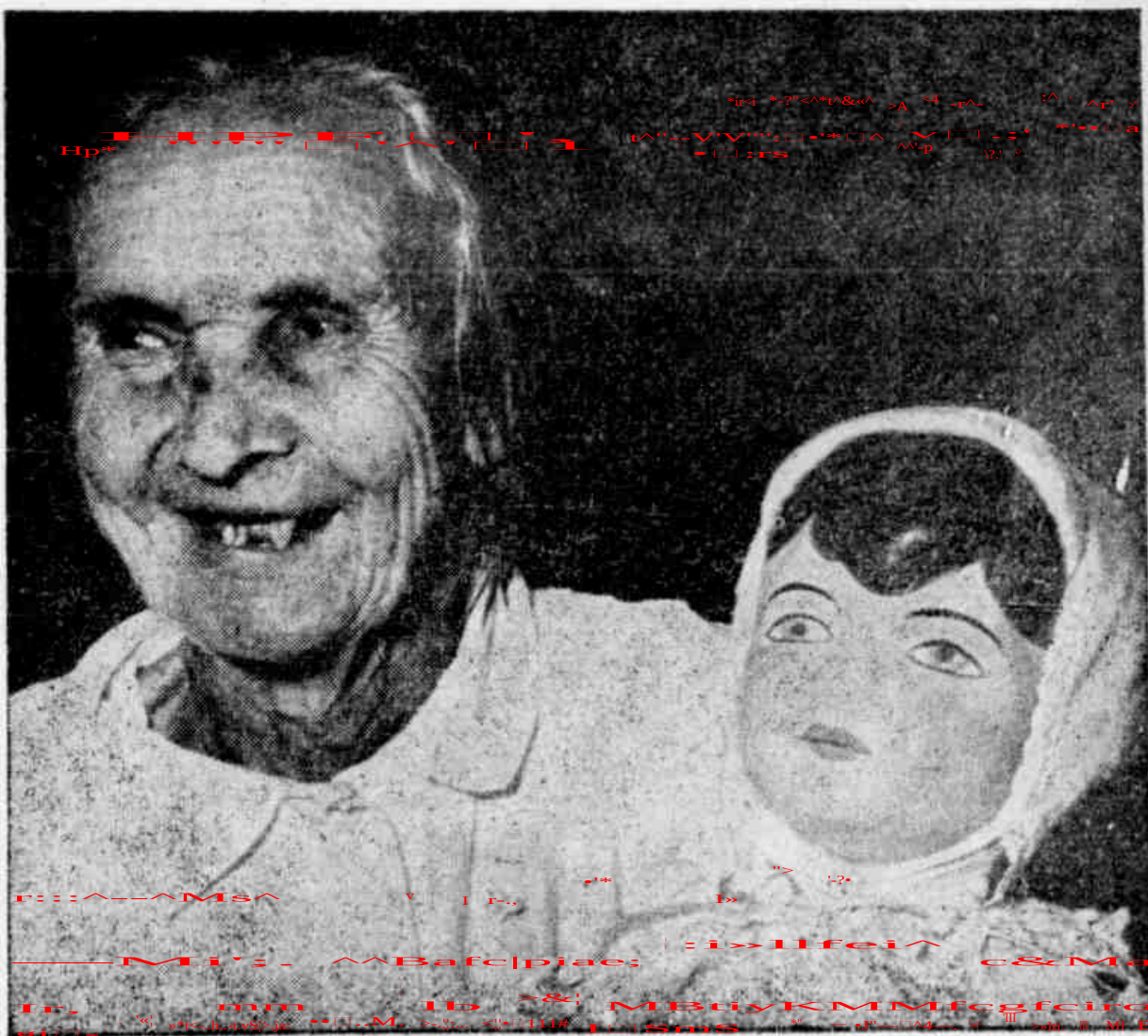
VOVÓ BÁRBARA

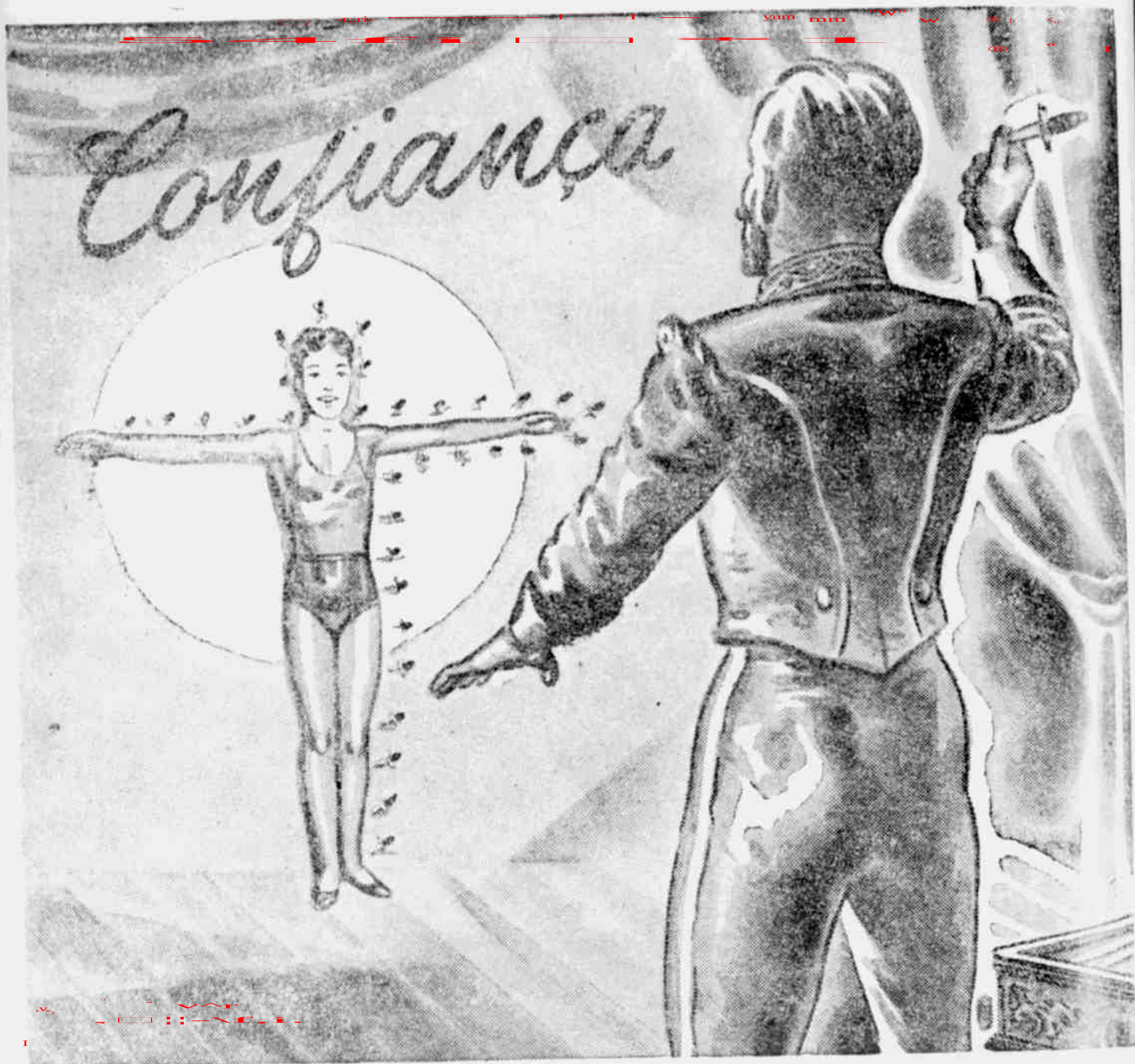
Silvia, vovó Bárbara é um modelo de serenidade e resignação. Quando nos acercamos, estava sentada no seu leito. Com o terço nas mãos, orava. Contou-nos, suavemente, a sua vida feliz. Há setenta e três anos nasceu em Ouro Preto.

(Continua na pag. 120)

FRANCISCA AUGUSTA BARBOSA, 71 ANOS

Tinha dez anos quando morreu meu pai. Não casei porque Deus não quis nem eu tinha mesmo vontade... Agora, quero morrer.





Há quase meio século CAFIASPIRINA impõe-se
 à confiança de todos como o remédio ideal contra
 dores e resfriados, graças à sua científica manipu-
 lação e à perfeição de sua fórmula.

CAFIASPIRINA

O REMÉDIO DE CONFIANÇA



Inter-Continental - 101



O Mosteiro de Santa Catarina do Sinai, encontra-se numa solidão ro-
lida no extremo sul do grande maciço granítico do Sinai. É
toda traido ao pé do Monte Moisés (Monte Voina) que se eleva a
1.250 metros de altitude e permaneceu coberto de neve durante Mid
para ali chegar, é preciso subir o monte taminh
do hebreus durante o êxodo e, atravessando o Canal de Suez, ife
guar um litoral do litoral desértico do Mar Vermelho com 250 kms. de
extensão. Hoje, o automóvel de peregrinos encontra na sua fme
fidelidade nos pontos de descanso para os peregrinos.
Em seguida, o automóvel se embrenha no interior do próprio monte,
subindo o fundo pedregoso do Monte Moisés de 1.500 kms.
desse trajeto, verdadeira prova para os peregrinos mata haheis, rrrn-
Júlio a entrada do Monte Sinai onde se situa o Mosteiro de Santi
Catarina

Visão geral do Mosteiro. É uma fortaleza antiga defendida por es-
fiosas muralhas de granito. Os turistas, em épocas agitadas, não são
ali recebidos, tendo que ir a um levantamento por um guindaste até
uma ponte levadiça situada a um quinto metros de altura. O interior
do mosteiro apresenta um pitoresco a-rantado de igrejas, residências
particulares, lojas e oficinas. À redor do mosteiro, vastos jardins
com terraços plantados de oliveiras, dumos, pereiras e seixos,
dão uma n. de paisagem montanhosa, com prodigiosa
de granito, tomados, por finas lerdas e hasalim negros.

AS RELIQUIAS DO SINAI

No mesmo local onde Moisés recebeu as tábuas da Lei, er-
gue-se ainda o milenário mosteiro do Sinai. * O roubo do
«Código Sinaico» * Relíquias preciosas serão agora preser-
vadas para a humanidade.

PIERRE SOLAN

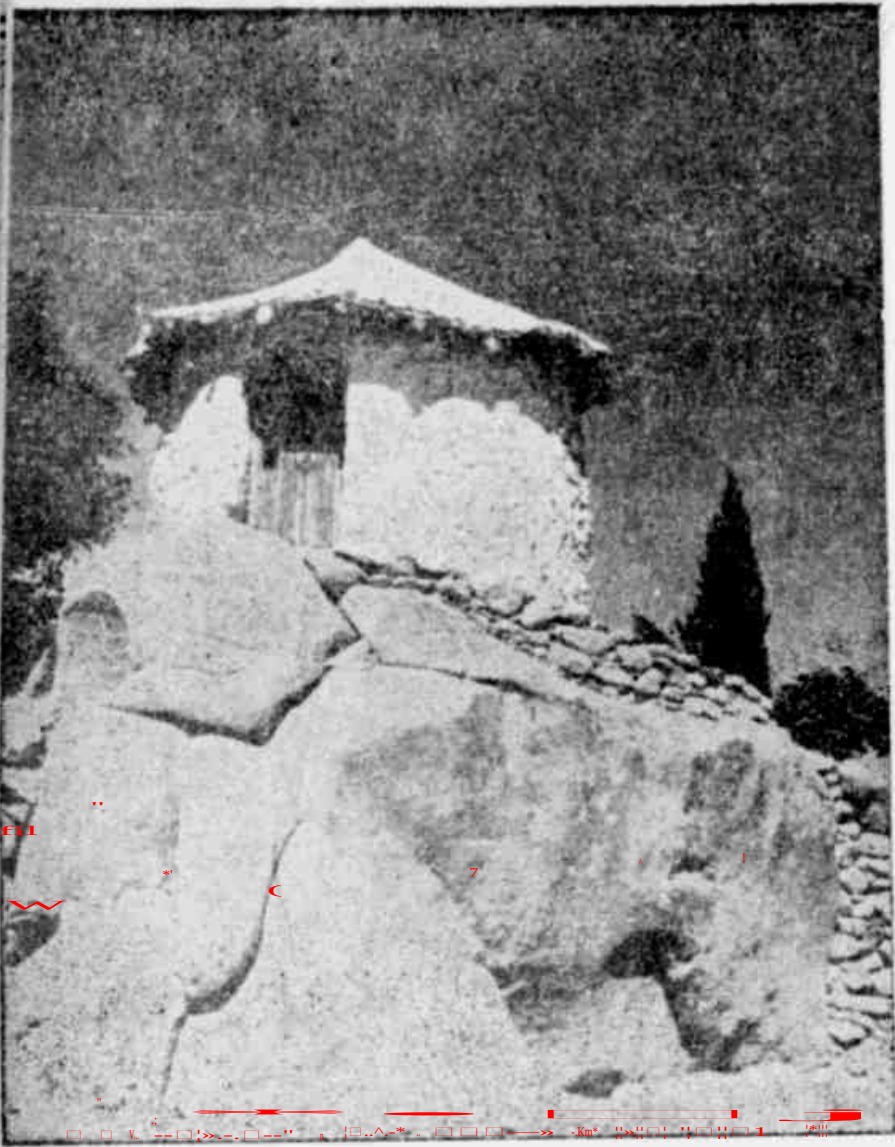
Fotos A. F. P.

No árido vale do Sinai, a mais de quinhentos
quilômetros de qualquer lugar habitado, eleva-se
o mosteiro de Santa Catarina. Foi construído no
ano 345 pelo Imperador Justiniano. A não ser
uma construção de muralhas feita em 1.800, sob
a direção do general francês Kieber, o mosteiro
construiu-se tal como era nos tempos romanos.
Sua basílica, guarnecida de maravilhosos mosai-
cos antigos e de preciosos ícones, é um verdadeiro
tesouro de acumulação, com o correr dos sé-
culos, tesouros vindos de todos os cantos do mun-
do.

O mosteiro está construído nas encostas do
Monte Sinai onde, segundo a mais antiga tradi-
ção, Moisés falou a Moisés, o legislador dos he-
breus. O próprio profeta Moisés, viajando em

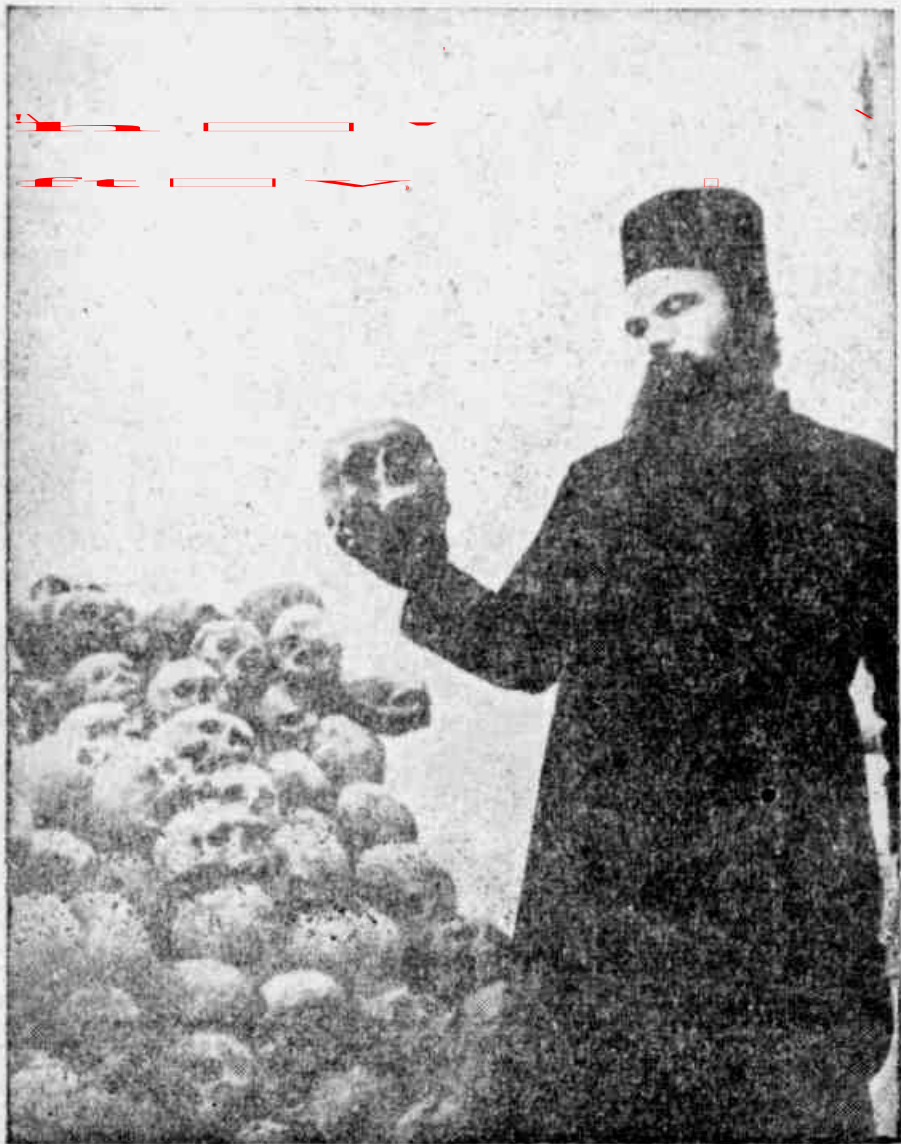
sua juventude através do Sinai, encontrou cari-
nhosa acolhida no mosteiro. Quando, alguns anos
mais tarde, as tribos árabes se lançaram, sob suas
ordens, na conquista do Egito em nome de Allah,
os monges do Sinai receberam dos conquistadores
uma carta de proteção que garantia a sua salva-
guarda durante séculos. Em prova de gratidão e
para agradecer os seus visitantes muçulmanos, edi-
ficaram ao lado da basílica, coração de seu mos-
teiro, uma mesquita que ali se encontra ainda.

Os legionários romanos, encarregados por Justi-
niano de guardar o mosteiro, radicaram-se na pe-
nínsula. Seus descendentes tornaram-se, com o
correr dos séculos, os beduínos muçulmanos. Es-
tão sempre no Sinai. Fieis à sua origem, eles con-
tinuam protegendo e servindo aos monges que



Nos vales que cercam o Monte Santo do Sinai, vivem nós, em retiros compostos de uma cela e um pequeno jardim, os monges destacados do Mosteiro principal. Vê-se aqui um destes retiros, situado à entrada do Wadi que conduz ao Monte Muise.

Os religiosos do Sinai são enterrados no pequeno jardim do Mosteiro. Mas como o lugar não seja suficiente para alimentar todos os irmãos, uma velha tradição manda que os seus corpos sejam exumados depois de dois (ou três) anos. Os esqueletos são então desarticulados e os ossos dispostos em ordem e simetria numa cripta transformada em ossuário. Só o arcebispo tem direito a um tratamento especial. Seus ossos são guardados em cofres ou em armários levando uma inscrição lembrando o seu nome e a data de sua morte. Vemos aqui o ângulo do ossuário consagrado aos crâneos dos monges.



lhes retribuem os serviços fornecendo-lhes pão, farinha, azeite e medicamentos.

O Sinai tornou-se assim, com o correr do tempo, um repositório de relíquias. Os peregrinos sentam-se ainda hoje diante da imensa mesa do refeitório coberta de desenhos gravados pelos Cruzados, seus predecessores na Montanha Santa. Os conquistadores vinham de Jerusalém mandar fazer suas armas e unir pela pátria no Mosteiro de Santa Catarina. Estabeleceu-se, entre eles, a tradição de deixar, à guisa de lembrança de sua viagem, o desenho de seus escudos e algumas vezes o grito de guerra de seus brasões na grande mesa do refeitório do mosteiro. Pouco a pouco, as paredes da sala e a porta da Igreja se cobriram destas inscrições comovedoras. E' todo o código da cavalaria, originária da França, Bélgica, Alemanha e Itália, que se pode ainda encontrar ali, com as datas que fazem sonhar: 1177, 1250, 1370, etc...

Os tesouros do Sinai jamais foram completamente inventariados. Os monges são muito desconfiados e temem expor à cobiça dos antiquários e sábios as peças mais raras de suas coleções. Conservam a amarga recordação do roubo do famoso «Código Sináico», um dos mais antigos manuscritos conhecidos da Bíblia. Havia sido emprestado, em 1859, ao arqueólogo russo Thierschendorf. Reproduzido por ele, numa edição suntuosa, o manuscrito estava bem guardado. Mas veio a desaparecer misteriosamente e, depois de ter feito parte das coleções do Tzar da Rússia, foi vendido por muitos milhões de libras pelos comunistas ao Museu Britânico.

Desde então a biblioteca do Museu está praticamente fechada a todos os visitantes. O padre-guardião exhibe alguns manuscritos aos hóspedes mais ilustres para que os possam admirar, mas ninguém mais é autorizado a manusear esses preciosos documentos. □

Esta feroz reserva dos monges do Sinai suscitou, em diferentes modalidades, o protesto do mundo sábio. Criticaram não somente a obstinação dos religiosos que pretendem impedir a estudo das obras de que eles próprios não fazem uso algum, como também o lamentável estado da biblioteca. Os livros e manuscritos estavam amontoados em células obscuras e até mesmo no chão. Páginas arrancadas e volumes rasgados se empilhavam em grosseiras cestas. Thierschendorf havia encontrado as quarenta primeiras folhas do «Código Sináico», entre os papéis que serviam para acender o fogo no forno da padaria do mosteiro.

Msr. Porphyrios, atual arcebispo do Sinai, prelado ilustre, compreendeu a urgência que havia em mudar a tradicional disposição do mosteiro. Sob sua iniciativa, um novo edifício está sendo construído para a biblioteca, com salas espaçosas e bem iluminadas. Os milhares de volumes ali acumulados pelos monges, desde os primeiros séculos da Cristandade, estão sendo agora dispostos em estantes metálicas ultra-modernas. O arcebispo do Sinai fez mais ainda: autorizou uma missão fotográfica da Biblioteca do Congresso de Washington a instalar-se no próprio mosteiro para aí registrar, página por página, num microfilme, todos os manuscritos e todos os livros existentes no mosteiro.



A mais bela decoração do Mosteiro é decorada de múltiplas cruzes ornamentando todas as formas que este signo tem podido fornecer aos Vários antigos. Muitas destas inscrições, que se vêem nos muros e nas Escolas do Mosteiro, foram deixadas ali pelos católicos das Cruzadas.



O Mosteiro de Sta. Catarina abriga cinquenta monges arce-ontodoxos dos quais uma também somente permanece sempre no Sinai. Os demais são dispersos em diversos retiros dependentes do Mosteiro e estabelecidos em suas proximidades. O chefe espiritual desta comunidade tem a graduação de arcebispo. Vêmo-lo aqui sob uma das latadas do Mosteiro.

Três orientalistas americanos e três especialistas da fotografia acabam de chegar à Alexandria. Seu material é considerável. Dispõem de um avião que os porá em ligação rápida com o Cairo durante os cinco meses que vão passar no Sinai. Levam para o deserto o gerador que lhes fornecerá a eletricidade necessária aos seus trabalhos. Ter-se-á uma idéia dos quilômetros de películas que empregam no Egito, sabendo-se que a operação será realizada a proporção de dez milhas estereotipadas por dia, durante mais de quatro meses.

A Universidade Egípcia de Alexandria pediu aos sábios americanos que continuassem seu trabalho, depois do mosteiro de Sinai, nos diversos Mosteiros cópticos semeados no Wadi Natroun (no deserto libanês) e ao longo do Mar Vermelho. Alguns destes Mosteiros datam, como o de Santa Catarina, dos primeiros séculos da era cristã e conservam também tesouros inenunciáveis.

O mundo poderá, dentro de alguns meses, começar o estudo de uma abundante documentação até agora totalmente inacessível e que compreenderá numerosos textos de grego, latim, etiópico, copto, siriano, hebreu, árabe, eslavo e russo.

Desde já, sabe-se que o mosteiro possui um evangelho siriano escrito em pele de gazela e que remonta ao fim do segundo século. Estas e outras maravilhas do passado estarão brevemente ao dispor dos estudiosos, servindo para esclarecer ainda mais a história dos primórdios da era cristã.



Ao redor do mosteiro vivem os beduínos da tribo dos Djebelieh, nome que significa "O povo da montanha". As outras tribos beduínas do Sinai os têm em mediana estima e os chamam por zombaria "Sebayis el Deir" (escravos do Mosteiro). Esta tribo tem uma estranha origem. Deve sua existência ao aquartelamento militar romano, que o imperador Justiniano estabeleceu próximo ao mosteiro para proteger os monges contra os ladrões. Seus próprios costumes os distinguem dos outros beduínos do deserto. A fotografia representa uma jovem beduína Djebelieh.

(Continuação)

ENRIQUECENDO.



Extrações em JULHO
de 1950
MINEIRA

Dia	Prêmio maior	Preço inteiro
7	600.000,00	100,00
14	1.000.000,00	200,00
21	600.000,00	100,00
28	1.000.000,00	200,00

DE ONDE QUER QUE VOCÊ RESIDA PODERÁ PEDIR SEU BILHETE AO

CAMPEÃO DA AVENIDA
O CAMPEÃO DAS SORTES GRANDES

Avenida, 612, e Avenida, 770 - Caixa Postal, 225 - End. Teleg.: CAMPEÃO
BELO HORIZONTE

NÃO MANDEM DINHEIRO EM REGISTRADOS SIMPLES



IMPUREZAS DO SANGUE?

ELIXIR DE NOGUEIRA

AUX. TRAT. SÍFILIS

UMA EXPERIÊNCIA FÁCIL

Lave bem seu rosto com água e sabão. Pensa que ficou limpo? — Pois passe então o Leite de Lanolina do Dr. Denrik e verá quanto rouge e quantas impurezas saem ainda no algodão. — E' que só o Leite de Lanolina faz uma limpeza integral da pele, penetrando bem dentro dos poros e deixando a cáutis alva, macia, aveludada.

LEITE DE LANOLINA
do Dr. Denrik

mento, composto de perto de duas dezenas de habitações de palha de babacú, com pequena abertura, muito baixa, à maneira de porta, que se transpõe quase de gatinhas. No interior, o aspecto é desagradável: —

uma ou algumas esteiras de fibra vegetal servem, ao mesmo tempo de cama, mesa para refeições e de assento para cada família. Sobre a esteira, os carajás repousam, comem e dormem com a mulher e filhos ou com as mulheres. Visto que são polígamos, tendo às vezes duas ou três esposas, as quais vivem, de resto, no mesmo lar, sem o menor ciúme uma das outras e sem atritos de espécie alguma.

Os carajás, tanto os homens quanto as mulheres, são de um pudor inacreditável. Eles têm vergonha não só dos «toris» (nós), como dos próprios companheiros. Quando se casam, o noivo, após a cerimônia, fica a conversar com a mulher, timidamente, sem ousar a mínima carícia. Passam assim dias e dias num inocente «bate-papo», ambos sentados sobre a esteira de «retô» (casa). Só ao fim de, às vezes, uma semana é que ele se torna verdadeiramente marido...

Os aborígenes do Bananal não gostam de rede como os calapalos. As redes que vimos ali, em muito pequeno número, serviam apenas para ligeiro descanso ou para os garotinhos da tribo. Quando faz calor, eles colocam as esteiras do lado de fora das habitações e dormem sob o pátio luminoso das estre-las.

Continuando a nossa matinal visita, notamos a ausência do elemento masculino. Explicaram-nos que os índios haviam partido para a pesca ou para a roça, visto que em suas terras cultivam a mandioca, o milho, a batata doce, a abóbora, plantando também melancia, de que são grandes apreciadores. À tarde, em grandes cestos de forma especial, voltam para casa trazendo os produtos da lavoura ou da pesca, e é então quando têm lugar a refeição com todos os membros da família reunidos, de vez que antes, no correr do dia, não têm hora certa para alimentar. Os

carajás, assim como outros índios, comem sempre que lhes apetece, e a todo momento estão mastigando coisas, que não chegam, aliás, para encher-lhes a barriga.

A mandioca e o peixe constituem a base de sua alimentação, havendo um prato típico da tribo — o «calugi» — onde entram mandioca e milho ralados com mistura, às vezes, de arroz. Esse «calugi», que não leva tempero, é uma coisa absolutamente intragável para nós «toris». Mas os carajás, que já usam o sal, o acham delicioso e, depois de preparado numa enorme panela de barro, cada qual o vai saboreando, retirando uma certa porção do predileto pitêu com pequena cuia, dada a ausência de pratos entre eles. O peixe comem-no cozido ou assado nas brases. Colocado numa gamela, cada um pega com a mão o seu pedaço, o qual, antes de ser levado à boca, é molhado no caldo do próprio peixe. Quanto à caça, não vi nenhuma na mesa, ou antes, na panela do carajá.

Com relação a frutas, as únicas que se consomem no Bananal são a malancia, a banana, a mangaba, o pequi e algumas outras do mato. Os carajás são doídos por «coti» (fumo), que pedem invariavelmente aos visitantes, bem como a «vidirã» (rapadura) para seus garotinhos e para eles também.

E, por falar em garotinhos, é bom dizer que os carajás têm um amor imenso à família. As crianças quase nunca são castigadas, mesmo que fariam as travessuras mais graves. Elas são verdadeiras ditadoras no lar. Todas as vontades lhes são feitas. A mulher carajá também é uma potência em casa. Os homens, mais do que entre os civilizados, são inteiramente dominados por elas. Nenhum carajá toma certas decisões sem, antes, aconselhar-se, ou melhor, pedir autorização à mulher. Mas como não há regra sem exceção, alguns poucos maridos costumam surtar às vezes as suas caras metidos, deixando-lhes no corpo, como tivemos ocasião de testi-

(Continuação)

RIFAS

(Conclusão)

to proibido que os incitava ao pecado e ao furto! êsse delicioso prazer somente agora revelado àquelas almas rudes! a atração do azar, abrindo àqueles espíritos primitivos um horizonte largo de embriaguez, de atordoamento, de êxtase, — meio de ganhar dinheiro sem trabalho forçado e, mais do que isso, meio de esquecer a amargura do cativeiro, a dor das chicotadas, o peso das golilhas e da formidável canga do trabalho e do sofrimento!

Essa semente de rifa introduzida nas Minas pelo piedoso Fr. João Joseph faz lembrar a semente de trigo de que fala um lied alemão.

Um rei irritado contra uma semente de trigo atira-a ao vento: e eis que ela volta a bater-lhe insolentemente à face. Furioso, mete-a o rei escondida no seio da terra, e exulta. Meses depois, de volta de uma caçada, pasma e recua, vendo, no lugar em que enterrara a semente, erguer-se um trigal, victoriosamente, agitando no ar como espadas, as suas longas folhas petulantes...

Tal, o conde de Assumar, sufocando a primeira rifa, fêz que ela se espalhasse, multiplicada, pelas terras do seu governo, pelas terras de todo o Brasil...

ESCAPOU POR UM TRIZ

Os helicópteros figuram entre as notícias dramáticas do mês. Nas Cataratas do Niagara, no Estado de Nova York, uma mulher foi encontrada, agarrada a uma pedra, a menos de 200 metros de distância da famosa Queda da Ferradura. Depois de falharem as tentativas de salvamento com o auxílio de barcos, a Bell Aircraft Corporation, companhia fabricante de aviões situada nas proximidades, enviou um helicóptero. Os dois tripulantes já haviam passado uma corda em volta da cintura da mulher quando o helicóptero foi virado pela correnteza, deixando assim os dois homens e a mulher em perigo. Um segundo helicóptero conseguiu salvá-los. Levada a um hospital em estado de choque, a mulher não pôde explicar como chegara àquela situação. (Usis).

CUIDADO!

O PERIGO DAS IMPUREZAS
ESTÁ NA POEIRA, NO CHÃO,
EM TÔDA PARTE!

Só Sabonete LIFEBOUY
possui o
**INGREDIENTE
PURIFICADOR**
que protege a saúde
contra as impurezas!



Uma brincadeira inocente mas... sob a ameaça das impurezas! Exclusivamente Lifebuoy possui o Ingrediente Purificador que protege seus filhinhos contra êsse perigo. No banheiro e na pia, a toda hora e sempre antes das refeições, use Lifebuoy - o sabonete de saúde!

EIS A PROVA!

O cheiro de Lifebuoy mostra que só ele possui o Ingrediente Purificador.

DÊ À SUA FAMÍLIA A PROTEÇÃO DIÁRIA DE
LIFEBOUY

1950-1951-1952

Enquete de
JORGE AZEVEDO

Fotos de
AUGUSTO CARDOSO

aposentos, melhor será olhar-
mos a atuação da mulher
moderna na estruturação
das novas gerações através
do heroísmo obscuro de
magistério e da sagrada
missão de mãe. Mas a sua
ação benéfica não se circuns-
creve apenas à escola e ao
elevação moral e espiritual,
como estrela luminosa. O
lar em que ela prima pela
ritmo acelerado da vida ho-
dierna levou-a, através de
contingências inelutáveis, a
empréstar ao mecanismo bu-
rocrático e técnico do país a

Qual

sua cooperação valiosa, in-
pondo-se pela sua eficiência
e conhecimentos. Não per-
deu ela, porém, nem se des-
virtuiu no seu espírito, a
vocação do lar, seu eterno
sonho, sempre vivo em meio
das maiores decepções.

Eis por que nela vemos
sempre — trabalhe nos es-
critórios, no comércio ou
em qualquer outro setor de
atividade — a *mulher do lar*.

(Continuação na p. 54)

13 Parece-nos des-
necessário fo-
calizar numa enque-
te despretenciosa sô-
bre as preferências
femininas na ques-
tão sucessória que
prende a atenção na-
cional, o papel pre-
ponderante da mu-
lher na formação do
mundo. Abstraído-
nos dos acontecimen-
tos conhecidos que a
História registra,
consagrando-a como
heroína nas guerras,
mártir nos entre-
choques religiosos e
conselheira sensata
na penumbra dos

MARIA NEVES, ES-
TUDANTE — Minha
preferência pelo
gadeiro Eduardo Go-
mes se baseia na
comprovada idonei-
dade moral.



LUCÍ BORGES, AEROMÁRICA

Creio que Cristiano Machado poderia ser, pelo seu dinamismo criador, um ótimo dirigente do Brasil.



AUGUSTA DE MOURA, AUTÁRQUICA

Minha preferência se divide entre dois nomes: Cristiano e Eduardo Gomes. São ambos dignos da presidência.

é o seu candidato?



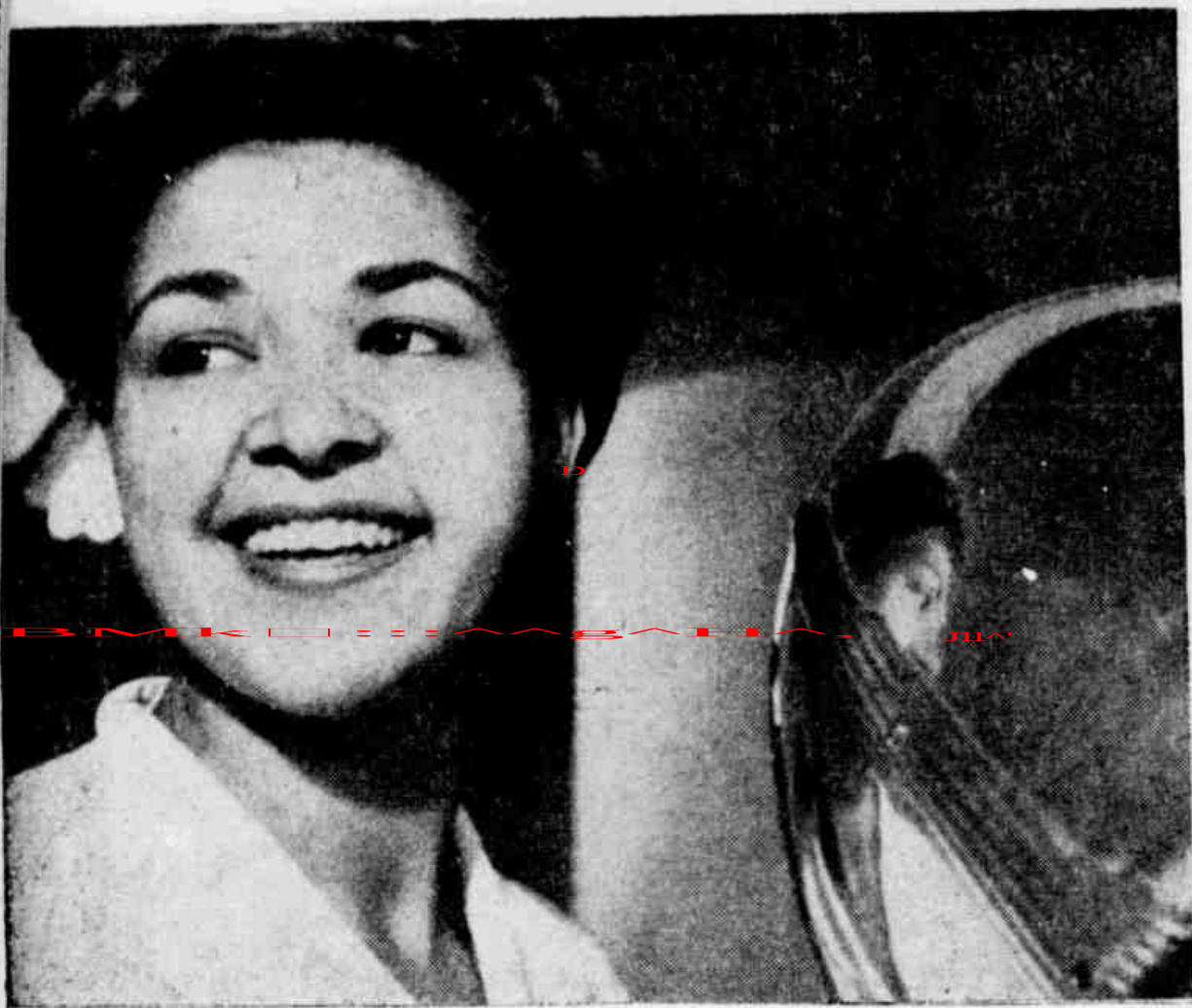
MARIA DO CARMO, FERROVIÁRIA

Cristiano Machado é um nome conceituado, portanto, do nosso voto. Culto e honesto, agradará.



ZULEICA BOTELHO, COMERCIAL

Confio na vitória de Getúlio Vargas, cuja experiência e boa vontade contribuirão para melhorar a situação.



CECÉ CALDEIRA BRANT, CABELEIREIRA

O nome de Cristiano Machado impõe-se à nossa admiração.
Creio que ele poderá resolver os nossos problemas.

com aquela luminosa intuição inata das coisas interiores à vida doméstica, sentindo-lhe as dificuldades

materiais e vicissitudes espirituais.

Caldeando o seu espírito no ambiente doméstico, a

moça que trabalha ou estuda para fazê-lo possui a percepção dos problemas econômicos que a afligem e quase sempre se lhe afiguram esses problemas fatores negativos resultantes da insegurança com que está sendo guiada a nação. Ao contacto direto e permanente, portanto, da realidade doméstica, que é, nos seus aspectos aparentemente insignificantes, o reflexo da realidade nacional, a mulher possui incontestável autoridade para escolher o comandante que guiará, no oceano proceloso do futuro, esta gigantesca nau, perigando entre correntes violentas e rotas traiçoeiras... E o direito de voto veio comprovar essa autoridade e prestigiar a mulher brasileira, criando-lhe um propício a outras reivindicações que ela, pela sua capacidade de trabalho, inteligência e sede de cultura, vem conseguindo, merecidamente.



ELIZA LOPES, FUNC. FEDERAL

O Brigadeiro Eduardo Gomes é o meu candidato. Sómente ele poderá dar ao país um verdadeiro clima democrático.



TEREZINHA MONTEZ, COMERC

Creio que Cristiano Machado fará um bom governo. É um homem culto, honesto e trabalhador. E, além, disso, bem vivido...



MARIA DE SOUZA, Enfermeira

O solitário de São Borja vencerá o páreo. O Brasil com Getúlio Vargas marchará para o progresso. Meu voto será dele!

Certos dessa autoridade na seleção de valores para o próximo pleito eleitoral, procuramos ouvir a mulher mineira em diversos setores de suas atividades: no

magistério, no comércio, nas autarquias, na função pública, na escola e nos hospitais. E o resultado desta enquete o leitor saberá verificando as preferências das

jovens cujas fotografias embelezam estas páginas...

Outubro que se aproxima mostrará o comandante da grande nau agora balouçante ao sabor dos interesses



MARIA HELENA CAMPOS, Professora

Creio que tanto Eduardo Gomes como Cristiano Machado fará bom governo. O primeiro é a experiência; o segundo, o dinamismo.



MARIA JOSE' CASTILHO, Comerciária

Getúlio Vargas será meu candidato nas eleições de outubro. Com ele o Brasil retomará o caminho do progresso...



ANGELICA VILEPORT, Comerciária

Getúlio Vargas me parece o melhor entre todos. Está velho mas ainda poderá fazer um bom governo.

A FONTE DAS ROUPAS

Capas Colegias: azul, com capucho, botões dourados, comprimento:



50 cm	75,00
60 "	90,00
70 "	105,00
80 "	120,00
90 "	135,00
100 "	150,00
110 "	165,00

Atende pelo "Reembolso" **PORTE GRATIS**
Rua Tupinambás, 905
BELO HORIZONTE

Coceira dos Pés

Combate no 1.º Dia

Seus pés coçam, doem e ardem tanto a ponto de quase enlouquecerem? Sua pele rachou, descascou ou sangra? A verdadeira causa destas afecções cutâneas é um germe que se espalhou no mundo inteiro e é conhecido sob diversas denominações, tais como Pé de Atleta, Coceira de Singapura, "Dhoty" coceira, V. não pode livrar-se destes sofrimentos senão depois de eliminar o germe causador. Uma nova descoberta chamada Nixoderm faz parar a coceira em 7 minutos, combate os germes em 24 horas e torna a pele lisa, macia e limpa em 3 dias. Nixoderm dá tão bons resultados que oferece a garantia de eliminar a coceira e limpar a pele não só dos pés, como na maioria dos casos de afecções cutâneas, espinhas, acne, frieiras e impigens do rosto ou do corpo. Peça Nixoderm, ao seu farmacêutico, hoje mesmo. A nossa garantia é a sua maior proteção.

Nixoderm
Para as Afecções Cutâneas

FOTOGRAVURA MINAS GERAIS LTDA.

Clichés em geral
Doblés
Tricromias

Pronta remessa para todo o Brasil pelo

REEMBOLSO POSTAL
Rua Tupinambás, 905
Fone 2-6525
BELO HORIZONTE

peçoais e partidários. E, processando-se os entendimentos em torno da sucessão presidencial à moda da chamada "política de governadores", será interessante sabermos as quantidades de eleitores com que contam os Estados. Rápida vista de olhos no Anuário Estatístico do Brasil nos oferece a seguinte divisão procedida em 1947:

São Paulo	1.601.283	eleitores
Minas Gerais	1.576.286	"
Rio G. do Sul	788.659	"
Distrito Federal	589.972	"
Bahia	477.536	"
Rio de Janeiro	404.472	"
Ceará	383.442	"
Pernambuco	122.849	"
Demais Estados	1.848.067	"

Acreditamos que, no curto período destes três anos, não tenha havido muita alteração nas forças eleitorais

existentes no Brasil, embora as previsões dos entendimentos no assunto deem para as próximas eleições cerca de nove milhões de brasileiros inscritos nas diversas unidades da Federação, sendo, portanto, o aumento previsto de mais de um milhão de votantes.

E certo é que nesse provável aumento haverá considerável contingente feminino, provando, através do voto consciente, que a mulher brasileira está sempre presente nos momentos decisivos da vida nacional.

Eis porque fizemos esta pergunta oportuna:

— Qual é o seu candidato?

E as respostas colhidas aí estão, atestando que a mulher brasileira está presente e se fará ouvir na hora decisiva que se aproxima para a democracia brasileira.

OS NOSSOS IRMÃOS DAS SELVAS

(Continuação)

vestígios bem nítidos de suas selváticas «amabilidades».

A mulher carajá procura, de resto, não perder a estima do companheiro. Ela sabe que se este a repudiar ela será obrigada a passar a condição de prostituta da tribo e da tribo vizinha. Só depois que todos tiverem tido contacto amoroso com ela é que poderá, então, ter liberdade de escolher um companheiro. Trata-se, evidentemente de um costume cruel, imoral, e revoltante, que o S.P.I. deveria há muito ter procurado extinguir.

A morte ou o sepultamento de um carajá é assinalado por um ritual estranho e cercado de mistério. Depois do enterro, que os «toris» não sabem onde foi feito, colocam coisas de comer sobre a sepultura do companheiro, para que ele não passe fome na viagem para o outro lado da vida. Na casa do morto, um membro da família pranteia a ausência do parente querido, entoando uma espécie de cantilena fúnebre, em voz alta, que se ouve à distância, come-

cando ao despontar do dia até o anoitecer. — Isto durante semanas a fio! Nessa lamentação cantada, que lembra as velhas e agonizantes canções sirias, passam em revista toda a vida do índio que morreu, desde que veio ao mundo até seus últimos momentos. É um espetáculo confrangedor e impressionante de que nunca mais se esquece quem, como nós, teve ocasião de presenciá-lo.

Quanto à língua que falam os carajás, é complicadíssima para os civilizados. A sintaxe é o que há de mais confuso. Para dizerem, por exemplo «O pirarucu é o maior de todos os peixes», fazem a seguinte construção — «Bedoleke toberu titire ktura rohi ibutu», — ou, literalmente, «Pirarucu grande muito peixe que todos». (Frei Luiz Palha O. P. «Ensaio de Gramática e Vocabulário da Língua Carajá falada pelos índios remanescentes do Rio Araguaia» — 1942 — Ed. Gráfica Olímpica — Rio de Janeiro).

A linguagem do homem é diferente da da mulher. Assim, a (Conclui na pág. 78)



Os ladrões de cadáveres

F. COTTON

A CABARA de soar a meia-noite no relógio de St. Giles, igreja presbiteriana de Edinburgh. Nesta triste noite de novembro de 1860, dois homens passam como sombras, deslizando pelos muros. Na Escócia, nesta época do ano, já faz frio; uma chuvinha fina e glacial cai sem cessar e a lua acha-se oculta por grossas nuvens negras. Os homens, um dos quais leva uma pá, prosseguem silenciosamente o seu caminho, com a gola do casaco erguida contra o frio e o chapéu caído sobre as orelhas. Avancam como duas aves do inferno pelas ruas tenebrosas, atravessam «Prince's Street» e continuam até se encontrarem diante do portão de um cemitério. Ali chegando, voltam-se a fim de olhar timidamente para todos os lados, depois, impelindo o portão, que cede com um ranger plangente, penetram no cemitério. Parados diante de um túmulo recentemente coberto, o mais forte dos dois começa logo a cavar. Ao atingir o caixão, força-o, tira dele o cadáver, sempre envolvido na mortalha. Com muito esforço, lança seu fardo macabro às costas e então curvado ao peso, põe-se em marcha, seguido de seu companheiro.

Com sua carga horrenda, o par sinistro apressa-se o mais possível pelas ruas escuras. Ao fim dum quarto de hora, param diante duma casa de fachada imponente. Ao primeiro toque da campainha, abre-se a porta e uma voz cultivada diz:

— Entrem depressa.

No interior da casa o corpulento deposita seu fardo ignóbil sobre uma mesa, e o menor, de aparência astuta e vilã, toma a palavra:

— O negócio está se tornando mais perigoso. Depois que se escapou de ser preso, aumenta-se o preço. Desta vez, esta vale dez libras.

O homem que lhes abriu a porta não responde, mas com seus longos dedos bem cuidados conta as cédulas e as passa ao pequeno, que delas não retira os olhos luzentes de cobiça. Sem outra troca de palavras, os dois malfeitores retiram-se. Uma vez na rua, dividem entre si o dinheiro e, com passos silenciosos, partem na noite, onde são rapidamente engulidos pelas sombras.

Ao contrário do que dela se possa imaginar, esta não é a narrativa de um pesadelo, nem um conto saído da imaginação fértil dum cérebro doente. Tudo o que aqui se descreveu passou-se, e por repetidas vezes, na cidade de Edinburgh, durante os anos de 1860 a 1862. Os tristes heróis chamavam-se Burke e Hare, e o médico que lhes comprava cadáveres era um curandeiro célebre e respeitado da cidade. Além disso, ele não era o único cliente de Burke e Hare.

(Conclui na pág. 67)

BERNARD SHAW

STEPHEN WINSTEN

FAZIA já vários meses que estávamos em Ayot quando Bernard Shaw foi visitar-nos. A Inglaterra empenhava-se então na maior batalha de sua história. Mas em Ayot ignorava-se a guerra. Nenhum auto-ônibus prejudicava a aldeia, e a estação mais próxima ficava a 10 quilômetros de distância.

Malgrado seus Rolls-Royces com que percorria a região, Bernard Shaw, sempre à procura de caras novas, aborrecia-se mortalmente. Um dia ele bateu em nossa porta, gritando:

— Está alguém nesta casa?

Entrou, tirou as luvas, tirou o imenso chapéu e a capa, sentou-se, cruzou as pernas e começou a falar como se fôssemos antigos conhecidos.

Minha mulher ofereceu-lhe caldo de maçã, mas ele declarou que nada comia nem bebia desde o meio-dia até às 7 e meia.

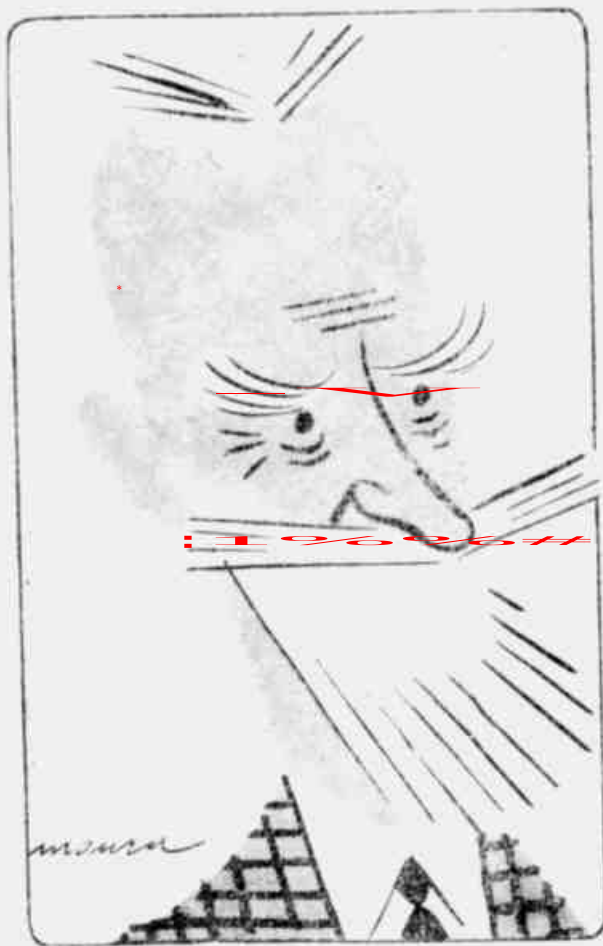
— Na vida precisamos saber escolher. Quando se fala não se pode comer.

A 6 horas menos um quarto ele despediu-se, dizendo:

— Preciso reunir-me à minha mulher. Desde o começo da guerra ouvimos as informações do rádio das seis horas, e por nada neste mundo eu desejaria perdê-las.

Desde sua segunda visita chamou-nos pelo primeiro nome, mas proibiu-nos que o tratássemos de George. Sua aversão por este prenome era tal, que exigiu do editor do *Who's Who* que o colocasse entre parentes.

— É tão mais odioso, quanto as malditas literatas tornaram esse nome suspeito. *George Elliot!* *George Sand!* Isso quanto a mulheres. Mas o cúmulo é que nenhum homem pensa em chamar-se *Wells* Ge-



orge, preferindo *Henri George Wells!*

Afinal, entramos em acordo para tratá-lo de G. B. S.

Em Ayot, eu e minha mulher estávamos decididos a não nos envolvermos na vida local. Mas no dia em que verificamos que as crianças da aldeia não dispunham de um campo de jogos, resolvemos tomar a iniciativa de resolver esse problema. Seu divertimento predileto consistia em roubar o portão do parque de B. Shaw e escondê-lo no campo. Fui consultar B. Shaw sobre os meios a recorrer para proporcionarmos àquelas crianças um emprego do tempo mais conveniente. Disse-lhe que eu estava pronto a contribuir com a maior parte do preço do campo de esportes, mas que, em face da importância necessária, lhe pedia que contribuísse com um pouco.

— Não dou nem um vintém,

ouviu? Nem um vintém! Os impostos que tenho a pagar deixaram-me na miséria. Imagine que entrego ao Estado 90% de toda a minha renda! Se eu não houvesse recebido o seguro a que tinha direito devido à destruição de meus livros pelo bombardeio de Londres, julgo que não disporia de recursos nem para comer.

E mostrou-me pacotes de papéis oficiais cheios de algarismos para provar que era ele quem financiava a guerra da Inglaterra contra Hitler.

Em Ayot, Shaw era perseguido por numerosas solicitações. Um dia, por exemplo, o professor da aldeia pediu-lhe permissão para reduzir sua peça *Joana D'Arc* a fim de poder incluí-la nos programas escolares. Ele respondeu:

— Na minha opinião, não existe nenhuma palavra de mais! nessa peça. Se as crianças não podem apreciar meus livros tais quais são, isto quer dizer que meus livros não são próprios para as escolas. Foi preciso esperar 300 anos para um novo gênio aparecer na terra, pois, como sabe, vim a este mundo exatamente 300 anos depois de Shakespeare!

— Mas Shakespeare é conhecido precisamente por figurar nos programas escolares. — *Ab-jetei.*

— Como?! O senhor não compreende que, se Shakespeare é hoje conhecido, é unicamente porque durante sessenta anos não cessei de dizer que ele não tinha nenhum talento?

Apesar da guerra e de todas as ameaças, Bernard Shaw escrevia um novo livro. Ele nunca me contou isso, mas compreendi-o por causa das perguntas que me fazia. Subitamente a educação tornou-se o seu assunto preferido.

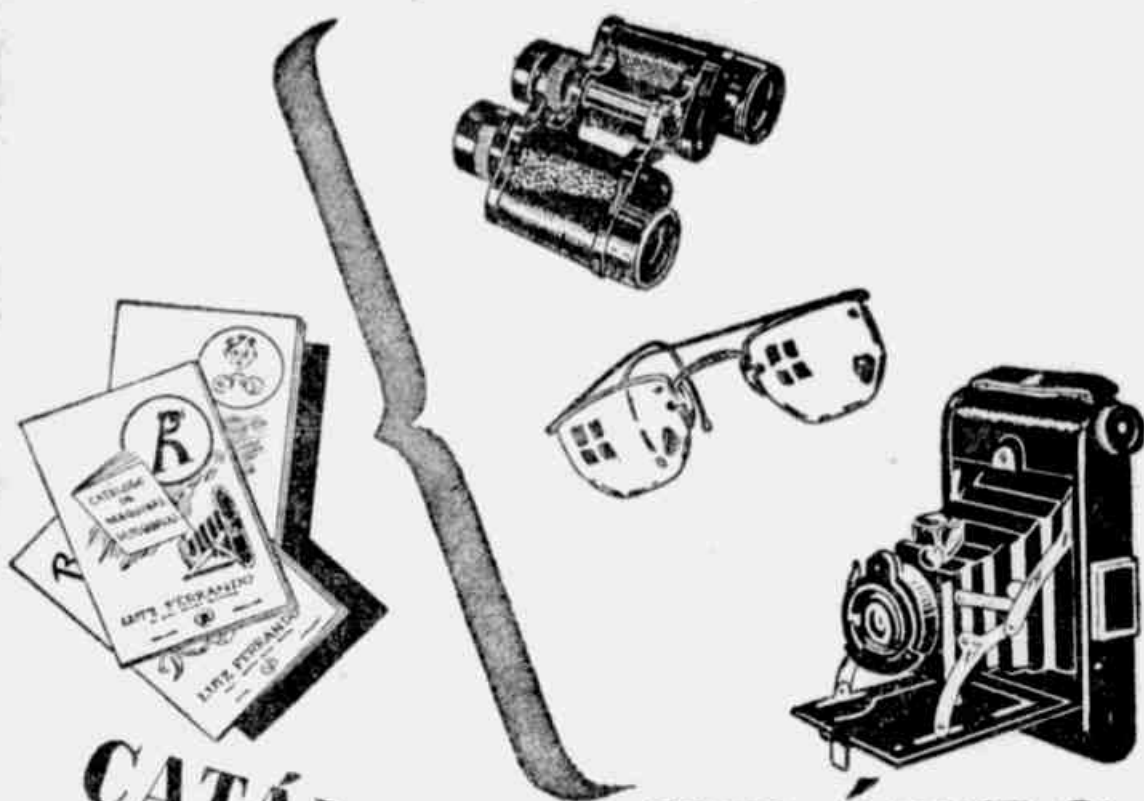
E EU

— Constantemente me convidam para as distribuições de prêmios a fim de eu entregá-los pessoalmente aos melhores alunos. Você não imagina uma situação mais embaraçosa! Se me pedissem a opinião, eu sempre daria os prêmios aos alunos piores. Em que me interessa o fato de um mogo triunfar num sistema escolar que considero idiota? Em geral sou contra todas as competições. Pouquíssimas pessoas podem triunfar, e as outras ruminam sua derrota a vida inteira. Precisava-se renovar totalmente a orientação do sistema escolar, e tirar-lhe o aspecto de sacrifício e trabalho obrigatório.

As duas coisas de que G.B.S. não se desgostou na vida foram do lugar de seu nascimento, e do seu casamento. É verdade que não escolheu como berço a Irlanda, mas tomou como esposa uma irlandesa. Em pouco tempo ela fez um milagre. Aquel homem tornou-se o mais perfeito, o mais correto e o mais amável dos maridos. Antes de casar, os princípios que ele ensinava às mulheres, em seus livros, resumiam-se num só preceito: «Casem-se, mas não com um homem que fique o dia inteiro em casa». E, quando se consorciou, ele viu-se em face de um problema difícil, pois era obrigado, pelo seu trabalho, a não sair de perto de sua casa.

— Então, — contou nos Shaw, como eu não podia arranjar emprego num ministério, mandei construir em nosso parque uma espécie de barraca: minha «cabaninha», para onde vou todas as manhãs, como um empregado público vai para sua repartição. Este aspecto burguês da minha existência sempre causou estranhamento aos jornalistas que costumam visitar-me. «Eu su-





CATÁLOGOS GRÁTIS

PARA UMA ESCOLHA TÃO EXATA
COMO NO PRÓPRIO BALCÃO

Está ao seu alcance adquirir agora, pelo Reembolso Postal, óculos de qualquer grau e tipo, binóculos e máquinas fotográficas. Para facilitar sua escolha, Lutz Ferrando está distribuindo, gratuitamente, catálogos ilustrados desses artigos. Beneficie-se da longa experiência de Lutz Ferrando, e aproveite esse cômodo sistema de vendas.

Peça catálogos grátis a

LUTZ FERRANDO

ÓTICA E INSTRUMENTAL CIENTÍFICO S. A.

Rua do Ouvidor, 38



Rio de Janeiro

Se o seu fornecedor procurar desprestigiar um produto conhecido, para impor-lhe similar de marca ignorada, recuse terminantemente as sugestões que ele fizer, pois elas não consultam o interesse do consumidor, mas tão somente o próprio espírito de lucro do comerciante.

ENSINO SEM EXPLICADOR



Pelo NOVO MÉTODO DE CORTE "VOGUE" para alta Costura, com 365 figurinos, amplas ilustrações sobre a fazenda e ricamente encadernado, por Cr\$ 125,00. ESQUADRO numerado "VOGUE", curvo, com escalas de busto, ombros e costas, Cr\$ 40,00. SUPLEMENTO ILUSTRADO "VOGUE" com mapas e tabelas de medidas Cr\$ 25,00. Pedidos pelo reembolso postal para Rio Claro, Rua 6 n. 1322 Caixa Postal 152, Companhia Paulista, Est. de São Paulo. Matricule-se no Curso por Correspondência da ESCOLA DE CORTE E COSTURA DE S. PAULO. Em 5 meses será perfeita modista. Cursos de Cortadeira técnica com diploma de contra-mestre ou nos

Cursos Especializados com diploma de Professora. Para ensino da Arte e Modas, solicite-nos prospectos.

Cursos completos para alfaiates, com diploma de Cortador Técnico pelos mais modernos métodos de Corte "Vogue". Ouça todas as terças e sextas-feiras, pela Rádio Nacional do Rio, das 9,30 às 9,45, e programa da Escola de Corte e Costura "São Paulo"

punha ir encontrar o pensador inglês mais emancipado», disse a meu respeito um jornalista francês, «e encontrei-me em presença de um pequeno burguês que vive com uma senhora que tem todas as aparências de uma mulher normal». Outra vez o general chinês Kwey veio visitar-me. Não sei exatamente o que queria de mim, mas contemplou-me com admiração, sem proferir palavra, por espaço de meia hora. Finalmente ele disse-me: «Que belos dentes o senhor tem!» Como única resposta tirei minha dentadura e coloquei-a em cima da mesa. Ele a pegou, admirou-a muito tempo, e despediu-se depois de me protestar o seu mais profundo respeito.

Foi precisa muita insistência para conseguirem levar Bernard Shaw à casa do diretor da escola da aldeia, que estava quase agonizante e manifestara o desejo de conversar uma última vez com o mestre. Ao ver Bernard Shaw ele disse:

— Sentirei mais falta de seu espírito do que de meu jardim. Pode-se em verdade dizer que o senhor fez homens irem para a sepultura com o sorriso nos lábios. Sei que muitos soldados morreram na frente de combate recitando suas frases de espírito.

Shaw respondeu-lhe:

— Senhor, nunca falei mais sério em toda a minha vida. Escute bem: continuo sendo um revoltado contra as fantasias da natureza. Os senhores encaram a morte como uma eventualidade normal e respeitável. Eu não. Considero-a uma calamidade. Uma calamidade contra a qual exijo sem cessar séruns e remédios! Em minha obra teatral «Matusalém» peço para o homem uma existência de trezentos anos. Mas cometi um pequeno êrro, pois são os preconizadores da longevidade os que morrem logo, e os outros os que sobrevivem. Quanto a mim, as idades críticas foram sucessivamente os 40, os 60 e os 80 anos. Agora, aos 90, estou certo de que, se transpuser o cabo da centena, viverei trezentos anos! Será uma dura provação, mas a suportarei valentemente, sem embargo de todos os meus aborrecimentos. Pois é preciso que saiba uma coisa — eu não sou um homem livre: sou um milionário.

No mesmo dia Shaw me seguiu até horas adiantadas da

noite. Não só ele tem uma vida que ceda em duração a dos outros seres humanos, como também prolonga sua existência quase que não dormindo. Certo momento liguei o rádio e ouvimos um cantor muito apreciando entoar que era «Feliz... Feliz...». Shaw desligou no mesmo instante.

— O ópio do povo não é a religião — disse ele, — e sim o rádio, e só existe um homem no mundo de nervos bastante sólido para resistir ao silêncio: sou eu.

Muitas vezes ele falava sobre os filhos que não tinha:

— Por que G.B.S. deveria ter filhos? — disse-me um dia.

— Um gênio nunca dá filhos inteligentes ao mundo!

Seu regimen vegetariano era um de seus assuntos prediletos de conversação. Ele não se referia a Churchill sem rancor. É notório que este célebre estadista inglês bebe, come carne, fuma e goza mesmo assim uma excelente saúde. Em suma, seu regimen é exatamente contrário ao de Shaw.

— É evidente, — dizia G. B. S. — ser preciso matar os animais. Se não o fizéssemos, seriam eles que afinal nos comeriam. Por isso é que se assassina os coelhos e as vacas. Não é por outra causa! Isto me preocupa muito. Os coelhos invadem minha horta; comem os legumes com que me alimento. Quanto a mim, multiplico as armadilhas; mas depois, como sou um fraco, passo meu tempo a soltar os infelizes animalinhos que se deixaram apanhar.

Um dia passávamos com G. B. S. em frente de um restaurante vegetariano. Fregueses estacionavam defronte da porta, à espera de lugar.

— Eie indivíduos de bom gosto, — disse-me ele: — Estou certo de que, se os homens dispusessem dos recursos necessários, poderiam todo o reino animal. A força de comer carne eles aos trinta anos, são uns esgotados. Evidentemente meu regimen vegetariano causa-me pequenos aborrecimentos, principalmente quando compareço em banquetes dados em minha honra. Certa vez, num desses banquetes, perguntei se não era possível arranjar-me um pequeno prato. Eu desejava comer um pequeno pão. Depois de trabalhosas pesquisas vieram di-



George Bernard Shaw na sua casa em Ayot

zer-me que não conseguiram descobri-lo. Afinal, tomei parte nesse banquete, em que todos os convidados se empanturravam, comendo apenas pão e queijo.

Um dia em que atravessávamos Ayot a pé:

— Eu desejaria que as gerações futuras se lembrassem de mim como se lembram de Mozart ou de Miguel Angelo.

Na ocasião em que proferia essas palavras um operário que passou por nós cumprimentou-o. G.B.S. simulou espanto e perguntou-me:

— Quem é este senhor? Parece-me que o conheço.

Certa vez ele chegou a minha casa num estado de excitação extraordinária:

— Tenho a contar-lhe a maior das novidades! Consegui curar um homem por correspondência!

Um morador de Manchester escrevera-lhe dizendo que estava enfermo e pedindo-lhe informações sobre seu regimen vegetariano. G.B.S. aconselhou-lhe que dormisse com a janela aberta e comesse pão completo. Numa carta entusiasta esse homem acabava de comunicar-lhe que tinha feito o que ele mandara e havia sarado.

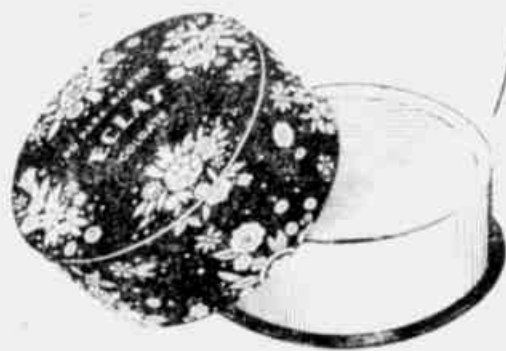
— Sabe de uma coisa? — disse-me ele outra vez. — As mulheres mais irresistíveis são às vezes horivelmente feias. Durante minha viagem à Rússia exprimi o desejo de conhecer a

esposa de Lenine. Ela era muito feia, e mesmo assim fascinava-me mais do que qualquer outra mulher durante toda a minha vida. — Preciso confessar-lhe que a diverti imensamente. Com as mulheres fui sempre irresistível! É preciso absolutamente que eu consiga o tempo necessário para realizar um antigo projeto: escrever um guia da mulher inteligente. Passei parte da minha vida a observar as mulheres. Minha opinião sobre elas será de uma importância considerável, pois só o artista é dotado de visão normal. Escute: fui certo dia a um oculista (adquiri agora o hábito da gente rica: logo que me sinto um pouco fatigado corro a procurar o médico). Antes do mais, eu disse-lhe que tinha dinheiro para pagar-lhe e pedia que me ouvisse. Notei que as pessoas ricas vão aos consultórios para terem um confidente. O oculista examinou-me escrupulosamente os olhos e disse-me, por fim: «Muito bem. O senhor tem uma vista anormal». Tendo lido muita coisa em minha vida sobre os cuidados a serem dados aos olhos enfermos, fiz-lhe uma breve exposição do tratamento que me parecia necessário. Minha competência na matéria não lhe causou nenhuma impressão. Depois de discutir uma longa hora perguntei-lhe: «Mas afinal, que é que tenho nos olhos?». Ele respondeu-me: «Nada, ab-



Ele vai gostar

da maciez de sua pele... da tonalidade ardente que lhe dará o Pó de Arroz ECLAT... Porque o Pó de Arroz ECLAT forma em sua cutis um véu transparente... sedoso... muito sutil, que embeleza e oculta as imperfeições da pele. ECLAT, de perfume insinuante e evocador, é tão fino, que flutua no ar... Use esta noite, Pó de Arroz ECLAT!... Ele vai gostar...



**PÓ DE ARROZ
ECLAT**

Com BATON
ECLAT

seus lábios
ficam mais

ardentes e perturbadores!



solutamente! Por isso é que eles são anormais!»

— E sabe quem foi hoje visitar-me? Vivian Leigh! Ela contou-me que Winston Churchill assistiu vinte e oito vezes a «Lady Hamilton», peça em que ela representa o papel principal.

Shaw acrescentou:

— Na realidade, era Nelson que atraía Churchill. E sabe o que fiz esta manhã? Passei

com ela na aldeia para atrair as atenções sobre mim. Já fiz essa experiência numa ilha do Adriático, com Richard Strauss e Gene Tunney, o pugilista. Quando andávamos os três juntos nas ruas, todos os olhares se concentravam em nós. Mas quando eu e Strauss ficávamos sós, ninguém mais nos olhava. Eis aí: é desse modo que o mundo trata os gênios!

QUANDO DESCE O CREPÚSCULO... (Conclusão)

Seus cinquenta anos vibram na esperança de ainda ir morar com o filho querido. Mas a mulher — jamais deseja vê-la. Pitando o seu cigarro de palha vovô Joaquim lembra a felicidade perdida e anseia por uma velhice melhor ao lado de José.

VOVÔ POMPILIO

Vovô Pompílio tem oitenta e dois anos, usa óculos e, sob o bigode espinhento, o seu riso possui um ricto de indizível amargura. Quer sobrepor à tristeza que o invade, e se estampa em sua fisionomia, uma alegria que não é sua... Quando está rindo nos dá a impressão que vai cair em pranto, tal a melancolia que há no seu olhar que se escapole por entre as pálpebras apertadas e chega até nós com umidade de lágrimas... Sua história é dolorosa. Filho de Platão Gonzaga e Maria das Dores Gonzaga, já falecidos, vovô Pompílio (não ria, por favor, vovô!) foi um rapaz trabalhador e se casou cedo com Ana Malta, seu único amor. Celebraram, juntos, as bodas de ouro. Foram cinquenta anos de plena felicidade. Criou o filho único com imensa ternura. Mas quando a esposa faleceu, vovô Pompílio sentiu que o amor do filho, não era o mesmo. Mesmo assim fez-lhe presente da casa que havia adquirido com imensos sacrifícios. O filho ia

casar e, naturalmente, precisaria da casa. E vovô Pompílio nos informa que recebeu a primeira prova de gratidão: prendeu-o o filho no Asilo de São Francisco de Assis, de onde fugiu por não suportar o ambiente. O filho pô-lo então na rua, dizendo-lhe: «Vá para Belo Horizonte e não bata mais à minha porta! Esqueça que sou seu filho!» Vovô Pompílio não sorri agora: chora de verdade. Espalma a mão no rosto, aperta-o com força e fica mordendo o lábio inferior, espetando-o com o bigode agressivo. «Meu filho e a esposa são ricos. Ela é doutora. Ele, tenente. Nunca bati nele. Dava-lhe dinheiro sempre para as diversões. Agora, não me manda ele nem um cigarro...» Hoje, espera a morte sorrindo a seu jeito... Estende-se sobre a cama, cruza as pernas e nos acena, «alegre», enquanto saímos bombardeados de emoções contraditórias. Lá fora nos esperavam o sol da tarde e a paisagem colorida da cidade. Mas iam nos arrastando, a alma genuflexa, os joelhos dobrados sobre o calçamento e nas mãos um círio aceso numa oblata comovida àqueles que sabem envelhecer sôzinhos...

Ó vós, que conheceis esses jazigos humanos de sonhos e ilusões, levai-lhes as vossas flores de bondade, para que a alegria de viver que ali jaz morta ressuscite nos vossos corações!

OPÉRAS DE CARLOS GOMES

CARLOS GOMES escreveu as seguintes óperas: «Noite no Castelo» (1861), «Joana de Flandres» (1863), «Guaraní» (1870), «Fosca» (1863), «Salvador Rosa» (1874), «Maria Tudor» (1878), «O Escravo» (1889), «Condor» (1891) e «Colombo» (1892).

A ópera «O Guarani» foi levada à cena, pela primeira vez, na Scala de Milão, a 19 de março de 1870.



SOBRADO DOS CALÇADOS

O maior do Brasil

1.000 — PROTINHO. A sensação do momento. Conforto e beleza. Salto de 2 1/2. Camurça: preta, amarela ou verde. Tamanho: 35/41. Cr\$ 100,00.



1.001 — Camurça azul ou preta, e pele preta ou vermelha. Cr\$ 110,00.



1.002 — Camurça preta ou azul, e pele vermelha ou preta. Cr\$ 110,00.



1.003 — Salto Caribea. V ou III. Camurça, preta ou vermelha. Cr\$ 110,00.



1.004 — Luiz XV — Salto 11. Camurça preta ou azul, e pele preta ou vermelha. Cr\$ 135,000.



1.005 — Sandália de material plástico. Uma maravilha. Camurça branco, vermelho ou verde. De 32 a 38. Cr\$ 98,00.



1.006 — Sapato colegial GALA, em verniz preto. De 38 a 32, Cr\$ 70,00. De 33 a 39, Cr\$ 75,00.



1.007 — Moderníssima sandália Sport um lively. Camurça verde, branco, vermelho ou amarelo. Salto Anabela 3. Cr\$ 100,00.



1.008 — Sandália Luiz XV. Camurça preta ou azul, e pele branco. Salto 6 1/2. Cr\$ 98,00.

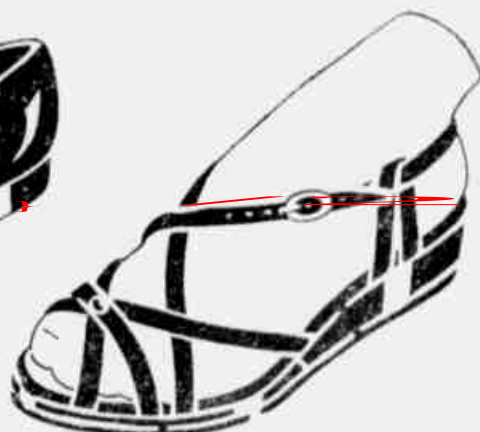


1.009 — Linda sandália Luiz XV Salto 6 1/2 ou 11. Camurça preta ou azul, pele vermelha e bufalo branco. Cr\$ 130,00.

Cuidado com os imitadores! Oferecem calçados com o mesmo desenho, mas de qualidade muito inferior! Não se deixem iludir. Confiem suas encomendas a uma casa de conceito tradicional.



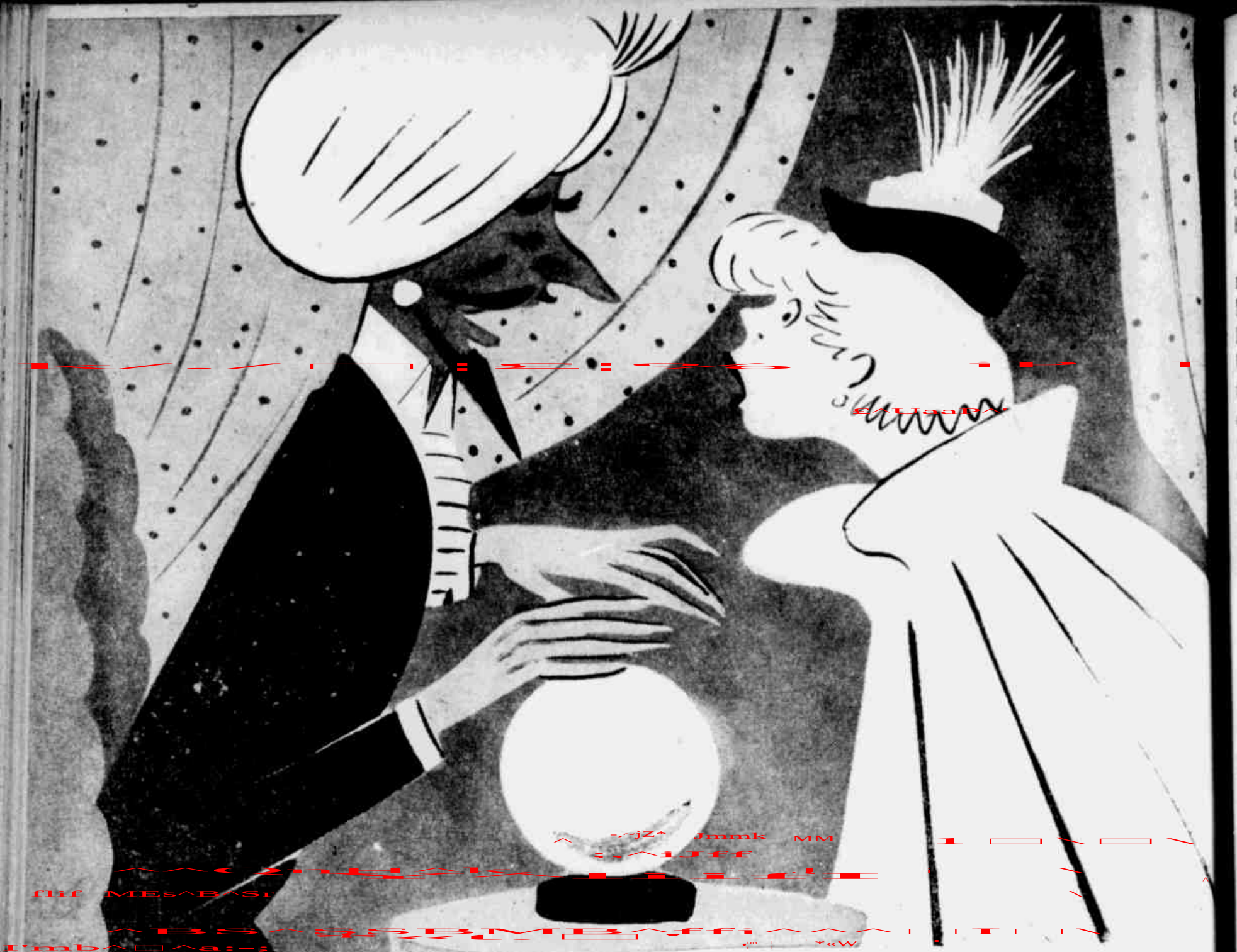
1.010 — Em salto de sola 11. Camurça preta ou azul, e pele vermelha. De 32 a 38. Cr\$ 120,00.



1.011 — Sandália Sport em verniz preto, vermelho ou verde. Cr\$ 90,00.

PRONTA REMESSA, PARA TODO O BRASIL, PELO REEMBOLSO POSTAL
Av. Afonso Pena, 333 — Belo Horizonte

RECIN/



UM ADIVINHO

N um salão de beleza uma jovem dizia animadamente à amiga: — Querida, você precisa consultá-lo! Tenho a certeza de que ele a auxiliará. Imagino que foi ele que conseguiu restituir-me a felicidade conjugal. Você se lembra de quando aquela mulher... Pois bem, eu fiz o que me aconselhou e no fim deu certo. Seu olhar penetra até o coração da gente. Você sente-se outra. Ele é admirável!

Quem? Seu confessor? Infelizmente não. A moça referia-se a um adivinho.

Ninguém sabe ao certo a quantia exata que o povo americano gasta atualmente com cartomantes, astrólogos, quironomantes, faquires que vêem o futuro em bolas de cristal, analistas de caracteres e conselheiros profetas — que na sua maioria sabem tanto adivinhar quanto as velhas ciganas que tiram a sorte. Há quinze anos calculava-se que o total do que se pagava a adivinhos

Enquanto houver
um número sufi-
ciente de ingênuos,
a profissão de adi-
vinho será sempre
altamente rendosa.

ascendia a dois bilhões e quinhentos milhões de cruzeiros, importância que provavelmente agora deve ter atingido o dôbro. Os videntes profissionais que costumavam cobrar vinte cruzeiros por consulta agora cobram cem.

É cousa comum mas errônea incluir-se os adivinhos na classe dos charlatões. A maioria deles precisa de clientela fixa e, para atrair novamente um consultente, necessita fazer alguma revelação exata em troca do dinheiro que recebe, ainda que não seja a prometida revelação do futuro. Mediante uma observação cuidadosa das pessoas, pela experiência adquirida e erros anteriormente cometidos, muitos adivinhos conseguiram de há muito aprofundar algumas das grandes verdades que a psicologia só recentemente descobriu.

Bouvier no seu *Law Dictionary* define o adivinho como "pessoa que alega poder revelar acontecimentos futuros". E essa espécie de adivinhação, quando é feita visando lucro pecuniário, é em muitos lugares considerada ilegal. A lei deixa contudo margem para muitos abusos.

O modo mais legal de se ler a sorte é também o mais eficiente. A bola de cristal é coisa que se pode apresentar como prova de culpa; a alma de sua avó que lhe dá conselhos num quarto escuro, é um corpo de delito pal-

que de diversões. Seu conhecimento profissional era muito mal remunerado até ela aprender a utilizá-lo sob um aspecto de adivinhação.

Um meu amigo que foi durante anos um próspero especialista em impostos tornou-se adivinhô apenas pelo prazer que lhe proporcionava essa ocupação. É que aprendera a interpretar a natureza humana em seus contactos com clientes sobre questões tributárias.

Um mágico muito conhecido que se tornou "mentalista" disse-me:

— A primeira temporada em que trabalhei foi em hotéis, para divertir os hóspedes, e ainda fazia "trabalhos" particulares. Depois de seis semanas eu já não fazia mais nada além disso. Afirmando-lhe com toda a segurança que um adivinho nunca morrerá de fome!

Pouco se tem escrito a respeito da técnica dessa adivinhação, que já foi chamada "psicologia aplicada". O sistema mais usado começa com ligeiras sondagens, acompanhadas por uma análise do caráter; daí passa-se para os assuntos que mais despertam o interesse de todos: amor e dinheiro; saúde e doença; amigos e inimigos; perigos e sonhos. Um pouco de mistério, um aviso solene, um bom conselho. Depois, para finalizar,

NUNCA MORRE DE FOME

William Lindsay Gresham

pável que se pode agarrar e identificar como sendo um objeto fosforescente. Mas o leitor de pensamentos usa apenas seu profundo conhecimento da natureza das pessoas e seu colossal sangue frio.

Ele "lê" os pensamentos de uma pessoa que vai consultá-lo, a cujo respeito nada sabe, e que nem sequer viu antes. É que, observando-a, o adivinhô começa a descobrir quais são suas preocupações, suas esperanças, seus receios e seu passado. É bastante que ele acrescente de vez em quando: "É claro que não posso desvendar o futuro" para que legalmente esteja a salvo de um processo.

Na realidade ele pode muito bem ter-se diplomado num curso superior antes de descobrir quanto são rendosas as ciências ocultas. Conheço uma jovem especializada em psiquiatria social, que atualmente se ocupa em ler as palmas das mãos, num par-

alguma coisa que impressione o cliente e faça com que ele volte.

O espírito humano é como uma peneira que retém apenas o que o interessa e deixa fugir o resto. As suas revelações sucedendo-se em rápido tropel durante sessões de 20 minutos têm o proposito de dar ao "otário" o maior número possível de informações, de maneira a aturdí-lo e fazer com que se lembre apenas do que saiu certo.

O adivinhô que deseja que o cliente volte na outra semana, pode recorrer a uma longa parolagem decorada para retificar algum erro chocante ou para tratar com um cliente dos difíceis, isto é, dos que não dão demonstração daquilo que pensam. Comumente, porém, o adivinhô confia na sua habilidade para ler fisionomias e extrair do cliente confirmações inconscientes — habilidade que só com uma longa prática se po-

de adquirir.

De todos os tiradores de sorte que conheço, apenas um mostrava-se franco comigo. Conhecido como "John Doe, doutor em ciências mentais" era um habil palestrador com um olhar bondoso de Papai Noel e uma extraordinária perspicácia.

Os clientes do dr. Doe, os quais observam durante uma tarde por uma fresta na porta, deixada propositadamente para isso, nunca poderão imaginar quantas vezes confirmaram com a cabeça, saltaram exclamações e começaram a articular frases reveladoras que deixaram em meio. Quando sair, eles eram capazes de jurar que não haviam aberto a boca.

Certa vez em que eu me mostrara intrigado o bom doutor falou-me:

— Observe aquela senhora com os tacões dos sapatos já gastos...

Ela atravessou a sala em direção ao dr. Doe, segurando nervosamente a bolsa. No seu dedo anular havia um sinal denunciador no lugar da aliança que faltava. Ela a havia retirado com alguma vaga intenção de enganar o adivinho. Quando se sentou Doe já a havia classificado.

Casada — provavelmente dois filhos — e via-se que estava preocupada. Idade — uns 35 anos, começando a decair; roupa do ano anterior, reformada, sinal de que naquele ano o dinheiro estava mais escasso. Nenhuma empregada, via-se pelas mãos. Conservadora, sem imaginação, tímida — os traços comuns, a boca e os olhos revelavam isso. Olhar preocupado, ansiedade e algum desgosto na expressão da boca. Provavelmente aborrecimentos causados pelo marido.

— Prezada senhora — começou ele falando depressa — estou satisfeito com o facto de ter vindo consultar-me, porque acho que posso ajudá-la... A senhora compreende, é claro, que não tenho poderes ocultos nem posso prever o futuro... Deixe-me ver. A senhora está preocupada por causa de seu marido, não é exato?

Começara acertando. Os olhos da cliente abriram-se mais, sinal de que ele dissera a verdade. O doutor continuou cautelosa-

— Existe no caso outra pessoa, uma mulher...

Errada. Os olhos da cliente se cerraram. Vamos experimentar falar em dinheiro. Ah! agora sim, estava outra vez em bom caminho...

— ... E uma quantia que precisa ser paga... Eu percebo que esta não é a maior dificuldade. Há um problema relacionado com seu marido. Sua falta de força de vontade para... (os olhos dilataram-se de novo) enfrentar o patrão... ou melhor... é nas suas horas de folga que se nota isso... essa fraqueza por bebidas... ou jogos... parece-me que vejo cartas espalhadas na mesa...

Nada disso! As sobrancelhas se cerraram.

— Não, essa fraqueza não a preocupa, e sim uma tentação a que não pode resistir faz que ele gaste o dinheiro de que a senhora precisa, não para si, pois vejo que não é egoísta (nada como uma lixão para captar-lhes a simpatia) mas para seus filhos. Estou vendo uma multidão, cores brilhantes... cavalos. Senhora, seu marido gosta de apostar nas corridas, não é verdade?

Os olhos da consulente enchem-se de lágrimas e o adivinho acrescenta:

— Eu, só por mim, não poderia saber isso. Arranquei estes fatos de seu pensamento.

O senhor venceu, doutor. Trate-a agora com bondade e ela lhe contará sua vida. Mais tarde poderá fingir que adivinhou seu passado e ela sairá jurando que não revelou coisa alguma.

Muitas sessões de adivinhação, logo após esses preliminares, transformam-se em sessões de audição. No fim meu amigo adivinho dá um conselho sensato, mostra-se interessado, fala mais uma vez a respeito de seus poderes ocultos. O cliente vai para casa completamente aliviado; passado uns dias, quando as preocupações de novo se acumulam, ele retorna ao consultório.

Com os clientes menos preocupados o adivinho passa logo a uma análise de seu caráter e o que vê e o que ele diz são duas coisas muito diferentes.

(Continua na pag. 83)



OS LADROES DE CADAVERES

(Conclusão)

Cumpra não esquecer que, na época, os médicos não tinham os conhecimentos de seus confrades de hoje. Eles ignoravam a existência dos micróbios, bem como a hereditariedade em certas moléstias, e até a estrutura do corpo humano, que era conhecida imperfeitamente.

Consequentemente, certos médicos, precursores de Pasteur e Lister, pesquisavam e apalpavam, no desconhecido. Era-lhes proibido, nessa época, nos hospitais, estudar anatomia nos cadáveres, mas havia alguns que tiveram a idéia de comprar despojos recentemente sepultados, a fim de aperfeiçoar seus conhecimentos.

Infelizmente, as atividades de Burke e Hare não se limitaram a violar o repouso dos mortos. Notando a rapidez com a qual ganhavam dinheiro daquela maneira, decidiram que teriam menos trabalho assassinando do que desenterrando cadáveres. O seu método de assassinar consistia em esperar as pessoas que chegavam tarde às suas casas, e espancá-las com um golpe de saca de areia na cabeça. Esperavam sempre dois ou três dias antes de entregar a vítima, que eles conservavam oculta. E, em defesa dos médicos que eram seus clientes, cumpriam assassinar que ignoravam a verdadeira origem dos cadáveres. Compravam nos crentes de que eram sempre os despojos humanos desenterrados dos cemitérios.

Uma noite, Burke e Hare foram presos em flagrante delito, transportando o corpo ainda morto de uma jovem, a quem acabavam de abater da maneira habitual.

O processo dos dois teve repercussão no país inteiro, onde os habitantes achavam-se chocados até o mais íntimo do ser, pela macabra originalidade dos crimes cometidos. Um dos médicos escoceses implicado no caso, não ousava mais sair à rua, com receio de ser linchado pela multidão que bramava diante de suas janelas; antes do fim do processo, suicidou-se.

Burke e Hare foram condenados ao suplício da fôrca, e morreram a dez minutos de intervalo um do outro. (News Press)



Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar - para garantir o seu bom humor diário. Combate a prisão de ventre

"SAL DE FRUCTA"

ENO

LOÇÃO CONTRA ESPINHAS

LACERDA

INDISPENSÁVEL NO TOUCADOR DA MULHER

Eficaz contra acne ou espinhas, cravos ou foliculites

Ótimo dissolvente das seborréias do rosto ou do corpo

LABORATÓRIO LACERDA

Rua Conde de Bonfim, 832 — Rio de Janeiro

Envia-se pelo Reembolso Postal



Quitandinha

Antologia original de recortes alheios...
...de graça

TÔDA A PRUDÊNCIA ERA POUCA



AQUI NÃO, AMIGO!

CHICO Mamão, de uma remota cidadezinha sertaneja, era célebre pela sua sovinice. Era dos tais que comiam com o prato dentro de uma gaveta, para fechá-la às pressas quando chegava alguma visita, a fim de não precisar convidá-la a participar de sua refeição. Um dia um homem caiu quase exânime à porta de sua casa. Era um mendigo esfarrapado, cuja magreza e palidez atestavam suficientemente sua vida de privações.

— Que tem você, Galdino? — perguntou o pão-duro aproximando-se dele.

Mal podendo falar, o mendigo, entre estertores, respondeu:

— Estou... morrendo... de fome!

— Oh! — exclamou Chico Mamão. — Não quero que se diga que alguém morreu de fome à minha porta!

E, agarrando-o sem cerimônia, arrastou-o até a porta da casa do vizinho.

UM eminente advogado encontrou-se um dia com uma de suas clientes em frente do prédio onde tinha seu consultório. Era uma senhora madurona, muito bem vestida, e levava consigo um pequenino cão francês. Enquanto os dois conversavam sobre questões forenses, o canito sentiu-se atraído pelos sapatos do advogado. Este em certo momento deu um pulo para o lado. A dama olhou-o, risonha, dizendo:

— Oh, não tenha receio... Meu cachorrinho não morde.

— Não receei que ele me mordesse, minha senhora, mas é que, vendo-o erguer a perninha, tive medo de que me desse um coice!



NÃO TINHA DEFEITOS

A mesa, no lugar de honra, uma senhora encantadora falava muito sobre si mesma, gabando suas próprias qualidades, seus méritos, seus encantos... com tanta insistência, que seu vizinho, já um tanto cansado de ouvi-la, acabou por perguntar-lhe:

— A senhora, realmente, não tem defeitos?

— Não, senhor. Não tenho.

— A senhora não bebe?

— Não bebo.

— A senhora não fuma?

— Não fumo.

— A senhora não joga?

— Não jogo.

— Não é coquete?

— Absolutamente não!

— Não é gulosa?

— De todo!

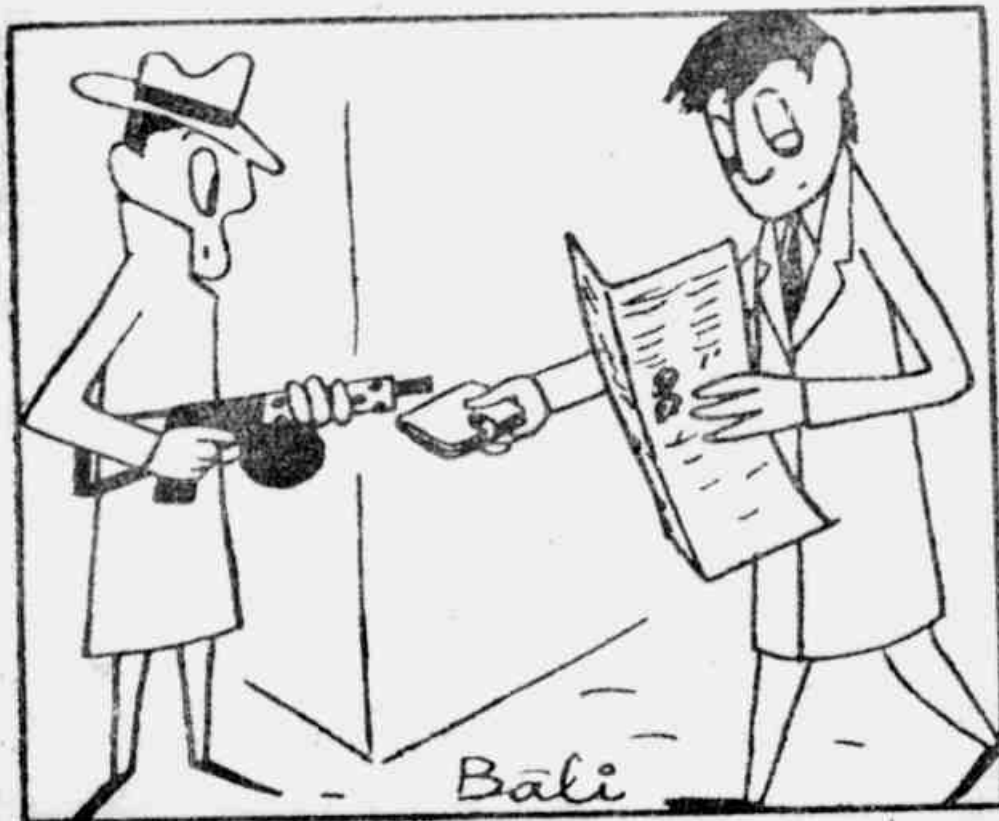
— E... não traiu ninguém?

— Oh, senhor, nunca! nunca!

— Então a senhora não tem realmente nenhum defeito?

E a mulher respondeu candidamente:

— Não... Ou melhor, reconheço que tenho um defeito pequenino... É que mintei sem parar!



RECORTE



O primeiro beijo é o homem quem o pede. O segundo, é a mulher quem o exige...

Berilo Neves

HISTORIETAS

EM TECNICOLOR



UM pintor instalou seu cavalete em frente de uma magnífica paisagem de montanhas. Muito interessada com as atividades do artista, uma galinha se esqueceu de procurar o ninho para cumprir o seu dever. Afinal, depositou aos pés do pintor um ovo magnífico e foi-se embora.

O pintor, distraído, não reparou em nada. Certo momento, precisando enxugar seus pinceis, avistou no chão, aquela cousa branca, e a fez servir de palheta.

Dai a pouco apareceu o galo. Primeiro ele parou em frente ao quadro esboçado e admirou-o com um ar de entendedor. Mas de repente deu com a vista, por acaso, no ovo multicolorido que estava ali perto. Então, furioso, correu para o quintal... E deu uma coça no pavão.

ASSOMBRAÇÃO

UM jovem irlandês foi procurar um padre e contou-lhe, com um ar apavorado, que tinha visto um fantasma.

— Quando foi isso? Onde foi? — indagou o ministro de Deus.

— Foi ontem à noite... Quando eu ia passando



perto da igreja, avistei um vulto grande em frente à sua parede...

— Com que se parecia? — perguntou o padre. — Que forma tinha?

— Tinha a forma de um grande burro...

— Oh, meu filho! Vá para casa e não fale mais nisso, — aconselhou o sacerdote. — Você é muito medroso, e assustou-se com sua própria sombra!

COMO SE CONHECEM OS HOMENS



ESTA manhã, — dizia um comerciante a um amigo, — meu carro enguiçou, por isso precisei de ir a pé para minha loja. Como não tinha pressa, pus-me a observar os homens que iam na mesma direção e passavam adiante de mim. O primeiro caminhava em passos rápidos e firmes. «Eis um homem de ação que triunfará por certo!» disse eu comigo. O segundo caminhava em passos moderados e regulares. «Este deve fazer bem o seu trabalho», refleti. O terceiro era um preguiçoso que se arrastava lerdamente. No mesmo instante o classifiquei entre os ociosos e imprestáveis.

— Mas escute uma cousa, — replicou o amigo, — esses três indivíduos não passaram adiante de você?

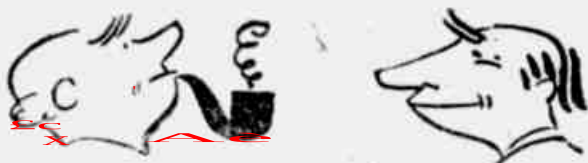


CAPÍTULO DOS IMPOSTOS



QUANDO disseram a um nativo sul-africano que ele precisava pagar impostos porque o governo, como um bom pai, o protegia contra os inimigos, tratava dele quando adoecia, alimentava-o quando passava fome, dava-lhe a necessária educação, e que para fazer tudo isso precisava de dinheiro, o preto replicou:

— Sim, eu compreendo. E' como se eu tivesse um cachorro e o cachorro sentisse fome, e viesse pedir-me comida. E eu então lhe diria: «Meu querido e fiel cachorro, tenho pena de ver você com fome. Vou dar-lhe carne para comer.» E então tomava uma faca, cortava o rabo do cachorro, e o dava para ele, dizendo: «Tome e coma, meu fiel amigo, que isto o alimentará!»



TAMBÉM os holandeses não gostam de pagar impostos. Certa vez, encontrando-se um deles com um americano, disse-lhe:

— Nossa bandeira, como a sua, tem três cores: vermelha, branca e azul. Quando se aproxima o tempo de pagar os impostos, nós começamos a ficar azuis; ao receber o aviso, tornamo-nos brancos, e no momento de pagar ficamos vermelhos!

— Mesmo assim, são muito felizes, voltou-lhe o americano, pois nos Estados Unidos, nós, além disso, vemos estrelas!



— A senhora pode pôr 36 velas em seu próximo bolo de aniversário que ninguém perceberá a diferença.

PINGOS DE HISTÓRIA



REMORSO

Pediram a Alphonse Allais que definisse o remorso. Ele respondeu contando o seguinte episódio:

«Quando eu era criança aproximei-me de uma carroça cheia de pêssegos à venda, e, enquanto o vendedor estava discutindo preço com uma freguesa, eu, mais que depressa, surripiei-lhe um pêssego. Afastei-me em seguida correndo, refugiando-me atrás do portão de uma cozeira e dei uma dentada na fruta. E então, com a boca cheia, senti um remorso irresistível. Voltei até a carroça e, aproveitando um momento de distração do vendedor, joguei nela o pêssego meio comido... e tirei outro mais maduro.»

UM SÓ... A MAIS

Perguntaram um dia a Balzac qual era seu maior desejo. E ele disse:

— Ter sempre na minha carteira um franco além da quantia que eu desejasse gastar.

TRABALHO INÚTIL

Clemenceau passava um dia com um de seus amigos em frente do Clube Inter-aliado, em Paris, quando lhe viu a bandeira hasteada em funeral.

— Quem será que morreu? — disse o amigo. — Vou entrar para ver.

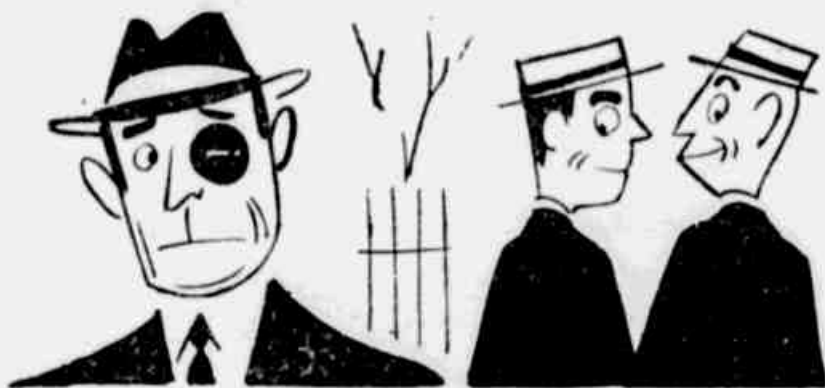
— Não se dê esse trabalho, — respondeu-lhe o Tigre. — Você teria uma decepção, pois nunca é a pessoa que desejávamos que tivesse morrido.

ACORDO

Rothschild, famoso banqueiro judeu, morto em 1901, saiu em companhia de um bispo. Ao chegar à porta, o bispo, gentilmente fê-lo passar à sua frente. Rothschild recusou-se, mas, por fim, aceitou:

— Vá lá, uma vez que o Velho Testamento veio antes do Novo...

DEFINIÇÕES



COVARDE — Indivíduo que no momento do perigo pensa com os pés. — Ambrose Bierce.

LUGAR PEQUENO — Aquêlê em que uma pessoa que tem um tapa-ôlho não precisa dizer o que foi, pois todo o mundo sabe. — A. W. Perrine.

MEDICINA — A única profissão que luta sem cessar para destruir a sua razão de ser — Lord Bryce.

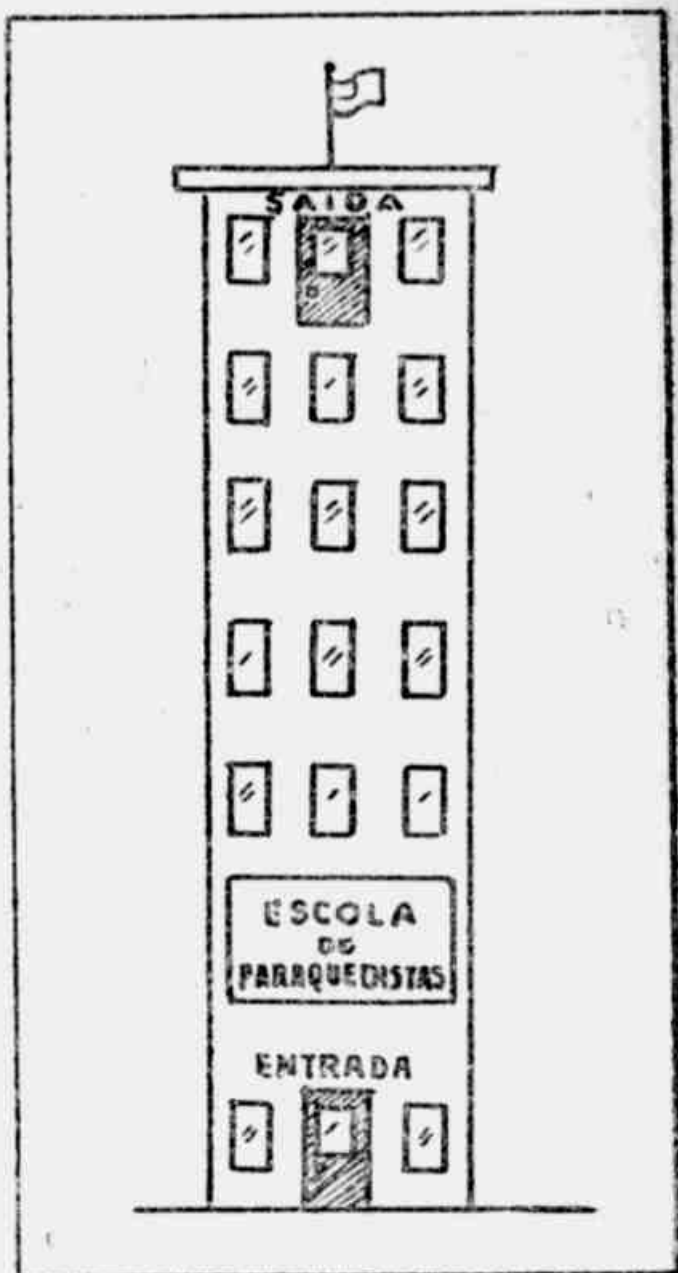
PSIQUIATRA — A última pessoa com quem você fala antes de começar a falar consigo mesmo — F. K. Kernan.

PREGUIÇOSO — Um homem que não finge que trabalha — Tristan Bernard.

CONSCIENCIA — é o cochicho íntimo que nos diz: «Não faças isso porque alguém te poderia pilhar!»

BOM MOTORISTA — é um homem que, depois de presenciar um desastre, guia seu carro com prudência pelo espaço de algumas centenas de metros.

ARTISTA DE CINEMA — é uma pessoa que se esforça durante muitos anos para se tornar conhecida, e depois usa óculos pretos para não ser reconhecida.



E' proibido descer pelo elevador

PENSAMENTOS

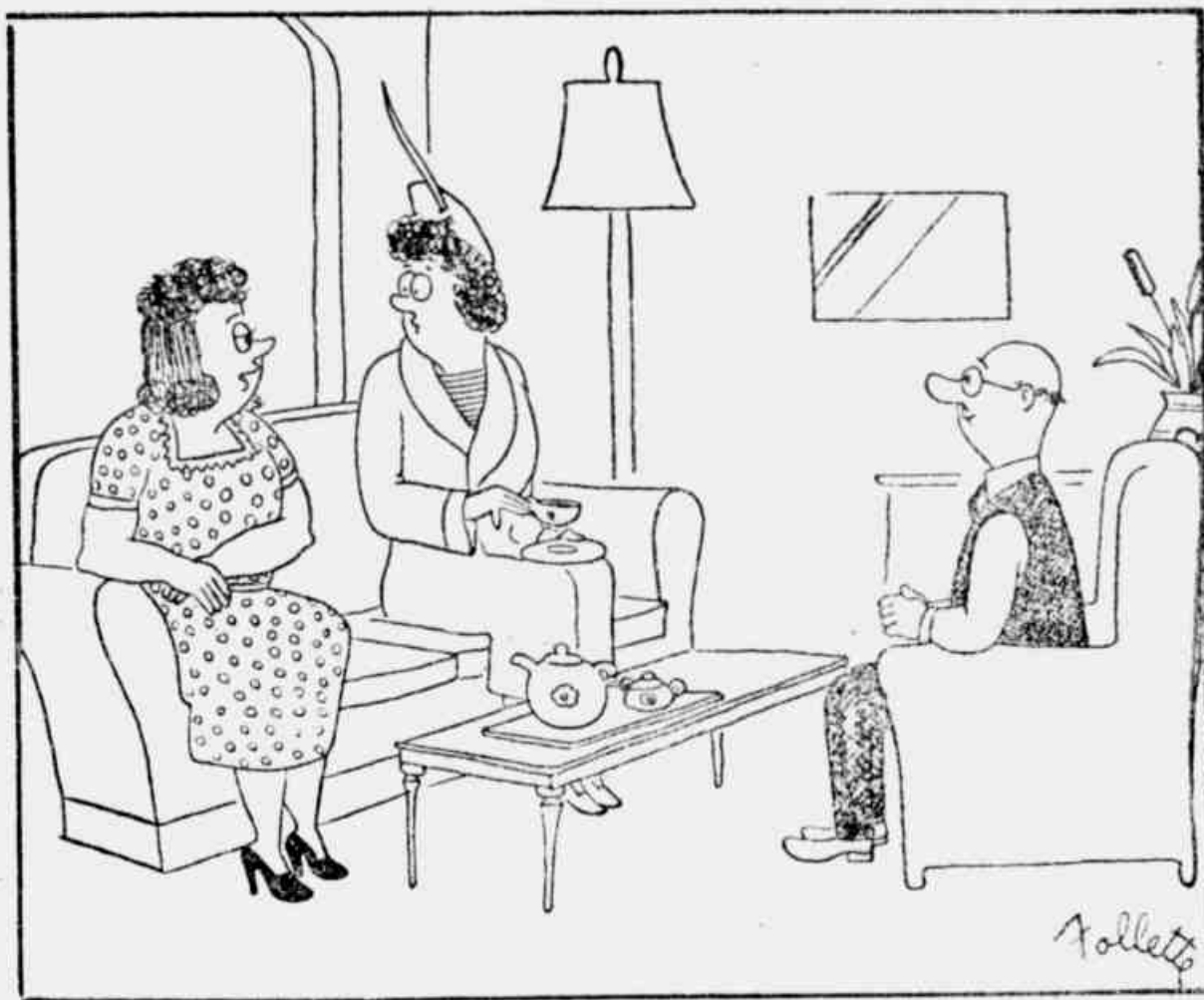


Nem sempre o dinheiro faz a felicidade das pessoas. Um homem com cem milhões de cruzeiros não é mais feliz do que um homem com noventa milhões. — The Pointer.

Para efetuar-se um casamento bastam geralmente duas pessoas: uma moça solteira e uma mãe ansiosa para casá-la. — Jackson.

Só achamos graça nas cousas que acontecem aos outros. — Clemenceau.

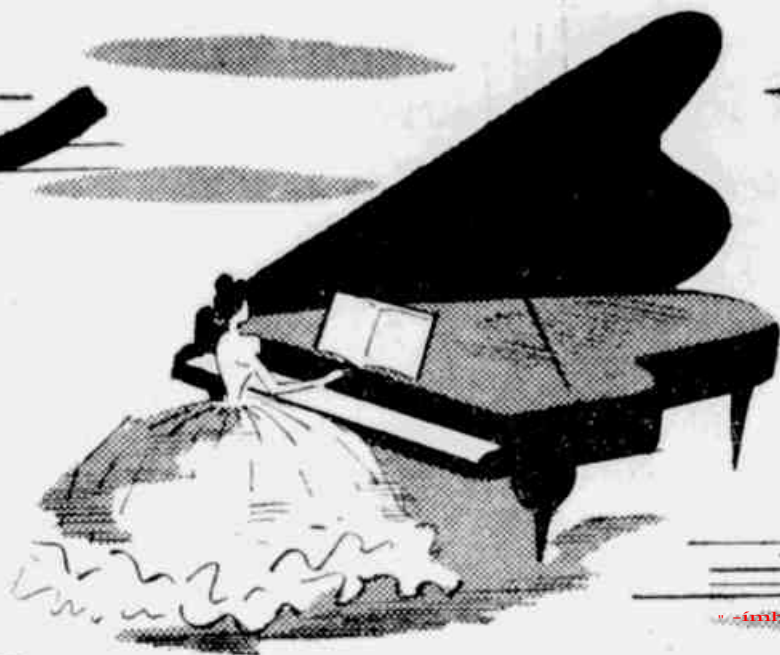
Uma das razões porque há tantos divórcios é que muitos maridos que juraram morrer por suas mulheres não cumpriram sua palavra. — A.M.L.



EXPLICAÇÃO FEMININA

— Meu marido é quem movimenta todo o dinheiro. Eu só lhe digo no que é que ele deve gastar.

«Antes, bem antes de nascer,
mos já ouvíamos música...»



Leonor Telles

Esta música que nos envolve quando estamos sòzinhos com os nossos livros? Creio que no lugar de onde viemos e para onde vamos e de que temos saudades algumas vezes, tudo deve ser música. Quando lemos certas coisas aproximamo-nos dêste lugar: talvez seja por isso que ouvimos música. (Raquel Jardim).

Idéia de Rollinats sôbre a música: — ela continua a beleza da poesia, sem a idéia.

«Noturno» — Virginia Vitorino: —
«Toca mais baixo ainda. Ainda mais. Devagarinho. Assim. Tu nunca ouviste o desfolhar das rosas nos rosais? E' curioso e brando e muito triste. Tens os olhos pisados? O que sentes? — Se o teu olhar um dia me falasse! — Os teus olhos parecem uns dentes para quem a esperança se acabasse... Vai tocando baixinho. Sempre assim. Os teus dedos são moles, são de sêda, como as folhinhas novas da alameda... As tuas mãos, onde pô-las? Parecem duas rôlas correndo no teclado de marfim... Desmaia o dia lá fora. Já para a morte caminha, e em lágrimas d'ouro chora... Bendita seja a noitinha! Vão-se as luzes, brandamente. Morrem perdidas e frouxas... — Teus olhos são o sol poente, são duas violetas roxas... Toca mais baixo ainda. Ainda mais. Tudo em sombra se esbate. Anoteceu. Desfolharam-se as rosas dos rosais. O dia morreu, lá fora, já an-

dam estrêlas no céu. Os teus olhos fecharam-se cansados, mais tristes, mais pisados... Para. Não toques agora. A minh'alma ador-meceu...»

Deixai que o homem caminhe ao som da música que ouve, por mais compassada que seja. (Thoreau).

«A música é de tôdas as artes a mais cosmopolita e sendo a mais difícil é a mais acessível. Os sentidos do ritmo e do compasso, do som e da harmonia são universais. Por isso praticam-na os selvagens e os bárbaros, os semi-bárbaros e os civilizados».

De Emily Bronte:
«Não sei com cai sôbre mim
Esta tarde de verão silenciosa e solitária.
Mas a brisa parece murmurar suavemente
Algumas notas de uma canção antiga...»

Das notas sentimentais, de Edmundo Lys: «Mesmo quando ela não fala, ouço a sua voz macia e grave. Sua voz é como um doce música que ouvimos e que guardamos para sempre, dentro de nós, no fundo da alma. Não me importo, às vezes, de não entender o que ela diz — fico ouvindo sua voz, a música inefável de sua voz... Também não entendo o que quer dizer o canto dos rouxinóis, nem a música de Grieg — mas amo o canto dos rouxinóis e amo o «Noturno» de Grieg».

S. A. CASA PRATT

DISTRIBUIDORA EXCLUSIVA DE

Remington Rand

O 1.º NOME EM EQUIPAMENTOS DE ESCRITÓRIO

REMINGTON

Máquinas de escrever Standard - Portáteis - Elétricas

REMINGTON RAND

Máquinas de contabilidade, somar e calcular

POWERS

Equipamentos de cartões perfuráveis para contabilidade, controle e estatística

KARDEX

Sistemas visíveis de controle

MOV AÇO

Arquivos, Fichários de Aço e Pertences

REMTICO PARAGON

Fitas para Máquinas e Papéis Carbonos



FILIAL DE BELO HORIZONTE
RUA GOIÁS, 187 (ED. AUTOMÓVEL CLUBE)
TELEFONE 2-2529

Os estudos científicos para estabelecer um processo seguro de narco-análise, por meio de injeções de pentotal, ainda se encontram em fase de experiências, não muito satisfatórias. Ainda desta vez, ao que parece, o serum da verdade continuará sendo um mito.

SERUM DA

A narco-análise acha-se em foco. A idéia de que os pesquisadores podem hoje invadir os escaninhos de suas almas, muitos homens e mulheres sentem um leve arrepio de susto. Entretanto, a narco-análise, o serum da verdade, encontra-se ainda no período experimental.

Alguns doentes fortemente impregnados de pentotal souberam mentir perfeitamente. O inconsciente mente mais que o consciente. Ele conhece perfeitamente, sob a narco-análise ou sob o hipnotismo, ou em qualquer outra forma de sono artificial e de sugestão, aquilo que lhe pode ser útil. Procede sempre de acordo com seu interesse próprio. Os mecanismos de defesa apenas são influenciados na proporção em que o paciente permite que o sejam.

Todos os psiquiatras de grande experiência clínica registraram uma respeitável percentagem de narcoses falhas, isto é, de casos em que o paciente se negava a responder às perguntas mais ardilosas e indiretas. Não podiam deixar de reconhecer essa resistência fundamental. O pentotal não faz transpor certas barreiras a que Freud deu o nome de censura. É preciso o amadurecimento natural, a confiança do enfermo (que acaba por compreender a necessidade de falar para sarar), e a simpatia perene do médico. Na psicanálise, tanto quanto na arte, o bom êxito é uma longa paciência, e o tempo não resmota aquilo que foi feito sem ele.

Mas, ao lado dos pacientes que nada falam, existem aqueles que só falam aquilo que sabem. Um exemplo: o dr. Philippe Marat submeteu à narco-análise um oficial agente do Serviço Secreto. O neurótico respondeu com muita facilidade e sem o menor vexame enquanto o interrogatório permaneceu no do-

VERDADE OU SERUM DA MENTIRA?

MARYSE CHOISY

minio de sua vida íntima, de sua infância, de seus antigos traumas, e até mesmo de seus extravios sentimentais. Mas a uma pergunta mais direta do médico, o oficial, apesar de se achar sob a ebbriedade do penthotal, replicou:

— Isso não posso contar, porque meu chefe me proibiu.

É possível que existam diferenças individuais notáveis, e que sob a ação do pretendo «serum da verdade» algumas pessoas se defendam melhor que outras. Mas bastaria esta circunstância para desqualificá-lo como teste de confiança. No fundo, ocorre aqui um fenômeno análogo ao da embriaguez comum. Trinta séculos antes da descoberta do penthotal já os antigos sabiam que o vinho desata as línguas (*In vino veritas*). Mas não desata a todas elas, nem desata completamente.

Todos conhecem o caso trivial da moça que, depois de dez coquetéis (às vezes só depois de cinco) pratica uma grave levandade. Por que só pratica nessas condições? Porque poderá responder à sua mãe, mas sobretudo à sua consciência, ou melhor, àquilo que os psicanalistas denominam seu *super ego* (super eu):

— A culpa foi dos coquetéis. Eu não sabia o que fazia.

Do mesmo modo, o penthotal só faz um paciente dizer aquilo que ele tem vontade de dizer, sem se atrever, todavia, a isso no seu estado normal. É uma ilusão acreditar-se que, sob a narcose, se arranca mecanicamente a confissão que o emprego de certa habilidade não extrairia antes. O penthotal deixa ao criminoso que se obstina a silenciar todos os meios de defesa habituais. Quando se trata de seu interesse e, com mais forte razão, quando é questão de vida ou de morte, o in-

consciente negará tão enérgica-mente quanto a consciência.

Eis um fato ainda mais grave: o inconsciente é mais mitomano, mais mentiroso que a consciência. Ou, para sermos mais exatos, sua noção da verdade não corresponde à noção racional que dela temos. Por este motivo, ao lado do silêncio dos verdadeiros criminosos, o magistrado conseguirá as confissões mais pormenorizadas de assassinios shakespearianos, de um inocente que seria incapaz de matar uma mosca. Segundo parece, para o inconsciente o ato e a intenção de praticá-lo são coisas equivalentes; o desejo de matar o pai é o mesmo que matá-lo realmente.

A narco-análise pode ser muitas vezes um excelente instrumento de trabalho para o psiquiatra que procura surpreender a verdade efetiva sepultada no fundo da alma. Mas não se vê a utilidade que possa ter para um magistrado que deseja conhecer, não um símbolo vivido interiormente, mas um ato praticado no mundo de todos os dias. Por um lado, o assassino esperto lhe ocultará seu crime; por outro, um inocente lhe confessará cinco homicídios, um parricídio, um incesto e outras proezas menores, por pouco que ele tenha um sentimento inconsciente de culpabilidade.

Entretanto, se a narco-análi-

se se tornasse um dia o «serum da verdade»; se, como acredita Delay, o adormecimento progressivo por efeito do amytal, acompanhado de um súbito despertar mediante a methedrina, facilitasse, com uma força explosiva até então desconhecida, a revelação dos segredos; se, na verdade, as descobertas farmacodinâmicas permitissem violar o homem interior, por que motivo o magistrado não deveria utilizar-se desse meio? Não existem atualmente outros mil meios de violar a psique do homem, entre as quais a sugestão, propaganda e todas as espécies de astúcias hipócritas?

Mas se o juiz pudesse verdadeiramente, por alguma via miraculosa, introduzir-se na pele do criminoso, identificar-se com seu eu essencial; se pudesse, enfim, conhecer, não só a verdade dos fatos, como toda a gênese do ato criminoso e os móveis inconscientes que levaram o assassino ou o ladrão a cometer aquele ato, é provável que ele absolveria a todo o mundo. Não haveria mais criminosos, só existiriam uns infelizes neuróticos necessitados de tratamento urgente. As prisões se converteriam em hospitais psiquiátricos.

Cumpramos classificar o *serum da verdade* entre os grandes mitos eternos que são os sonhos da humanidade.

A ciência, que se jacta de se haver substituído à fé, retomou a magia para seu uso. Mas, assim como sucede aos aventureiros que, envergonhados, trocam seus nomes plebeus por outros indicativos de nobreza, também a magia repudiou sua antiga denominação que rescendia a uma mentalidade primitiva, adotando um nome pedantesco e multisilábico sonoramente terminado em «al».

.....

DOR DE
GARGANTA

Friccione a garganta e o
peito com VapoRub. Também
derreta um pouco na língua.

VICK VAPORUB

.....



BAMBU

*a mãe do Califa
das mil e uma noites*

TEXTO E DESENHO DE OLGA OBRY

«QUEM tem duas mulheres» diz o provérbio árabe, «tem uma vida cheia de cuidados; quem tem três mulheres, tem toda sua vida envenenada; quem tem quatro mulheres, é um homem morto». Conforme as leis do Corão, o número das mulheres legítimas deve ser quatro, sendo que o das concubinas que povoam um harém varia conforme a fortuna de seu dono. E a fortuna dos califas abassidas de Bagdá, no século VIII, era imensa.

Kaizouran era apenas uma das inúmeras concubinas do califa Medi, o Enviado, quando este, em 775, sucedeu a seu pai, o velho Mansur, morto durante uma peregrinação a Meca. Era uma moça iememita, escrava que ganhou a liberdade graças à sua beleza e inteligência fora do comum. Chamavam-na «Bambú», talvez por ter seu corpo a flexibilidade e a graça esguia da planta que traz esse nome, talvez por possuir seu espírito as mesmas qualidades.

A concubina Kaizouran tinha dado a Medi 2 filhos: Hadi e Haroun. Mas, enquanto a mãe não fôsse também uma das esposas legítimas, nenhum deles poderia suceder ao pai no califado de Bagdá. E, se assim sucedesse, seria o mais velho, Musa abu Djafar — a quem deram a alcunha de Hadi: «O Diretor» — o herdeiro presuntivo do trono. Mas, Kaizouran preferia o caçula, e todos os projetos que ela tramava convergiam para esse fim: Haroun seria um dia Califa de Bagdá.

No mesmo ano em que Medi se tornou Califa, ele reconheceu a linda Bambú Kaizouran como sua esposa. Haroun tinha então dez anos, idade em que os meninos muçulmanos saem do harém e passam a viver com os homens, entregues aos cuidados de um educador. Este foi escolhido entre os altos funcionários: Yahia, o Barmecida, foi incumbido da tarefa de criar o pequeno príncipe, ensinando-lhe as leis do Islã, o manejo das armas e o amor das letras.

Embora de longe, a mãe continuava vigiando o destino do filho. Este logo afeiçoou-se ao seu professor que conhecia desde pequenino: Kaizouran era tão amiga da esposa favorita de Yahia quanto eram amigos, desde sempre, o pai e o educador do menino. As duas mulheres, num estranho pacto de amizade, tinham trocado os papéis: Fadi, filho mais velho de Yahia foi amamentado pela mãe de Haroun, e este pela esposa de Yahia. Haroun mostrou-se logo um aluno esforçado.

Chamava o professor «meu pai» e procurava agradar-lhe e seguir-lhe os sábios conselhos. A única preocupação de Yahia era a paixão intensa do adolescente pela música. Era, porém, o célebre compositor Mossuli — cujas aulas Haroun frequentava com entusiasmo exagerado, ao ver de seu educador — quem era castigado quando seu zeloso aluno desleixava as outras matérias de estudo. Entretanto, Haroun distinguia-se também no mistério das armas. Com menos de quinze anos de idade, já acompanhava seu pai nas expedições militares cavalcando ao lado do califa Medi, sob as bandeiras pretas da dinastia dos Abassidas. Os poetas louvavam-lhe a beleza e o porte real; os guerreiros, apesar da sua mocidade, submetiam-se às suas ordens, e Medi acabou nomeando o filho adolescente para chefiar uma expedição contra a fortaleza grega de Samalú, que capitulou depois de um sítio de pouco mais de um mês. Haroun mostrou-se magnânimo com os vencidos, deixando-lhes o livre exercício de sua fé cristã, e voltou triunfante a Bagdá, onde a mãe o esperava orgulhosa. Havia, entretanto, uma sombra na luz da sua alegria: seu filho mais velho, Hadi, acabava de ser eleito herdeiro do califado. Apesar de suas vitórias, Haroun parecia mais longe do que nunca da realização das ambições maternais. Mas, Bambú apenas se curvava sob o vento dos acontecimentos, para erguer-se logo depois e seguir o caminho traçado de antemão.

Aliás, a sorte devia favorecer-lhe os designios. Pouco depois dos primeiros sucessos guerreiros de Haroun, a guerra rebentava novamente entre o império árabe — que então se estendia até o norte da África e Bizâncio, onde, em 780, outra mulher ambiciosa pegava nas rédeas do governo: Irene, mãe do menino imperador Constantino VI e regente pelo filho ainda menor, exercia um poder sem igual, tendo recebido o título de Augusta, como os césares de outrora. Não precisava ocultar-se nos bastidores da política, como Kaizouran, esposa de seu rival do Oriente, o califa de Bagdá, que usava o véu e vivia oculta entre as mulheres do harém. Além disso, Irene era de sangue real, e Kaizouran apenas uma escrava liberta. Entretanto, Irene perdeu a partida do filho, e Kaizouran ganhou a de Haroun-al-Rachid.

Zelosa de alargar seu domínio, a imperatriz Irene ordenou aos seus generais invadirem a Ásia Menor, que fazia parte do império árabe. A princípio a ação foi bem sucedida, as tropas do califa



ceder ao impeto do exército grego. Nessa si-
tu-
desastrosa foi que o califa Medi mandou
seu filho mais jovem, a frente de um exército de
100.000 homens, enfrentar o inimigo. O jovem
Haroun cumpriu a difícil tarefa com brilho: a
Augusta Irene teve que pedir uma trégua, retirar
suas tropas e pagar um vultoso tributo aos ára-
bes. Em recompensa, Kaizouran obteve para o
filho o título de herdeiro em segundo lu-
gar e o sobrenome de Rachid: aquele que segue
o bom caminho, o bem dirigido, o justo e direito
em questões da religião.

Bem ou mal dirigido, ele o era oficialmente
pelo seu professor Yahia e, de modo oculto mas
firme, por sua mãe. Esta achava que o segundo
lugar, depois do irmão mais velho Hadi, era pouco
para o menino dos seus olhos. Com Hadi, não se
dava bem, não conseguindo dominar seu caráter
duro e rígido. Defendendo os direitos de Haroun,
ela defendia também seus próprios interesses, pois,
tornando-se este califa, seria ela quem governaria
o califado de Bagdá. Além de Haroun e Hadi, o
califa Medi tinha mais cinco filhos das suas ou-
tras esposas, entre os quais Ibrahim, famoso por
sua linda voz e talento musical. Mas Chiklan,
mãe de Ibrahim, não possuía os dons diplomáticos
da sua rival e Ibrahim ficou na sombra, enquanto
Haroun continuava na sua ascensão vertiginosa.
Foi por ocasião de seu nascimento que o cruza-
mento de sua mãe da escravidão; com o amor a
este filho predileto, sua influência foi crescendo
cada vez mais. Dizem que um dia Medi deu de
presente a sua esposa Kaizouran mil escravos e
mil escravas; cada um dos homens levava uma
sacola contendo moedas de prata, e cada uma das
mulheres uma bolsa cheia de moedas de ouro. Mas,
o segredo de «Bambú» era de nunca ficar satis-
feito: aceitou o presente e, na mesma noite acusou
o marido de nunca ter feito nada para lhe agra-
dar.

Outra anedota relata um sonho do califa Me-
di: apareceram-lhe os dois filhos, Haroun e Hadi,
e a cada um deles ele deu um galho; no que estava
na mão de Hadi, brotaram apenas umas poucas
folhas, enquanto o de Haroun logo se cobriu de
folhagem lustrosa e abundante. Como interpretar
tal alegoria, a não ser que o reino de Haroun seria
feliz e glorioso, enquanto o de Hadi teria pouca
duração e prosperidade? Kaizouran não podia dei-
xar escapar a ocasião:

— Não seria melhor mudar a ordem da suces-
são e fazer logo de Haroun o herdeiro do trono?
— sugeriu ela ao marido.

Para fazê-lo, era indispensável obter a renún-
cia de Hadi, herdeiro legítimo. Hadi estava longe
da capital, lutando contra tribos rebeldes na perí-
feria do califado. Seu pai ordenou-lhe voltar logo
a Bagdá, mas Hadi não atendeu à ordem paterna.
Então Medi foi procurá-lo, acompanhado de Ha-
roun, para arrancar-lhe o consentimento à força.
A viagem era longa e penosa. Numa das etapas,
em Assabatã, Medi faleceu — de morte natural,
de uma ferida recebida acidentalmente durante uma
caçada, ou de um veneno sutil que uma escrava
ciumenta teria acrescentado a pastéis destinados
a uma rival que lhe disputava os favores do amo.
Decorridos quase doze séculos, os historiadores
ainda não resolveram o problema. Seja lá como
foi, Hadi era califa de Bagdá, e Haroun, sua mãe
e seu educador Yahia estavam em maus lençóis.
Governar fingir a submissão. Aconselhado por
Kaizouran e Yahia, Haroun mandou ao irmão uma
carta de pesames e de felicitações, chamando-o de
Califa e entregando-lhe as insignias do poder: o
anel, o bastão e o manto do Profeta.

O primeiro a voltar a Bagdá foi Haroun.

(Concluído na pág. 129)



LIMPA MELHOR COM
LIMPA MELHOR COM

Ação Dupla

Sua melhor garantia para dentes saudáveis
e um belo sorriso é a escova Tek — de
ação dupla. Tek, com seu desenho ana-
tômico, limpa melhor por fora e protege
por dentro, onde as cáries começam.



Por fora as curtas fibras
de cerdas limpam melhor,
alcançando os interstícios
mesmo nos últimos dentes
da boca.



Por dentro, devido à for-
ma convexa das cerdas,
adapta-se à arcada den-
tária, limpando os pontos
onde as cáries começam.



As Escovas

Tek

Duram...

Duram...

Duram...

Um produto de

Johnson & Johnson

COLGATE

3 Escôvas EM Uma!



1. De formato científico para limpeza completa dos dentes.
2. Tamanho ideal para massagem das gengivas.
3. Maior altura nas extremidades da escôva para uma limpeza mais eficiente.

Para dentes limpos e perfeitos, use, com a Escôva Colgate, Creme Dental Colgate!

A TOSSE NA IDADE DO CRESCIMENTO

Quanto! Combata a tosse e fortifique os pulmões da criança com SATOSIN — poderoso antissético e descongestionante das vias respiratórias. Bastam algumas colheres de SATOSIN para que a tosse logo se acalme, até cessar de uma vez. É excelente remédio para combater Gripes e Resfriados. Peça ao seu farmacêutico ou droguista SATOSIN — o dominador das Gripes, Tosses e Bronquites.

Quem dá aos pobres em-presta a Deus

Envie o seu óbolo ao

ABRIGO JESUS

Rua Costa Sena, 1126, (Progresso) -- Belo Horizonte

A melhor ornamentação do lar resume-se na conservação dos móveis e isso se obtém com óleo de peroba.

O EXEMPLO DO PASSADO

(Conclusão)

sem lares estão ameaçados de fome no Oriente Médio. O desalojamento da crescente imigração judaica pelo Estado de Israel aumenta ainda mais a gravidade da situação dos desajustados árabes. E seus advogados acham que somente a restauração por processos modernos do sistema de irrigação das terras inóspitas traria a solução de tão premente problema social.

Visitando recentemente a região, o arqueologista americano Lawrence Griswold, entrevistado por jornalistas, fez o seguinte relato:

— Existem tendas de refugiados em quase todos os recantos dos Estados Árabes, desde Beirute até o Líbano e para o norte da Síria até o Iraque. Na Jordânia, onde a população de origem atingia pouco mais de trezentos mil, novas tendas foram armadas como resultado do êxodo repentino de Israel e Palestina em 1948. Atualmente, esta população é alimentada pela Cruz Vermelha e outras instituições particulares congêneres. No Oriente Médio não há nenhuma terra cultivável para uma tentativa no sentido de remediar a situação. No inverno passado, num só campo, morreram de inanição e frio cerca de sessenta pessoas, e neste, outro tanto nas mesmas condições, senão piores. Na minha opinião, a restauração do antiquíssimo sistema de irrigação custará cerca de sessenta

milhões de dólares (um bilhão e duzentos milhões de cruzeiros). Com o auxílio técnico e equipamento dos Estados Unidos, a ciclópica obra será realizada em quatro anos, constituindo a única resposta certa ao problema da Palestina. Também se pode dizer que a solução da questão petrolífera americana na Arábia, vizinha ao Iraque. Atualmente explica Griswold — uma boa parte dos alimentos consumidos pelos americanos em Dhahran, Kuwait e outras regiões da Arábia deve vir dos Estados Unidos por via aérea, operação mais penosa que a de Berlim durante o bloqueio dos russos. Se o Iraque chegar a ser uma rica nação agrícola e os rios férteis como nos tempos babilônicos, os legumes frescos e as frutas poderiam ser enviados, numa só noite, aos diversos pontos petrolíferos nos desertos da Arábia. E dentro de dez anos estaria pago o alto custo da obra gigantesca. Inicialmente possibilitaria o reemprego de milhares de trabalhadores da Palestina nos serviços de drenagem e preparo. Certo é que muitos árabes sem experiência agrícola não se sentiriam entusiasmados com o grandioso empreendimento. Mas o projeto atrairia milhares de camponeses propiciando a eles novos meios de vida de acordo com as suas tendências. Seria, então, a ressurreição do Oriente Médio! (King Features Syndicate).

OS NOSSOS IRMÃOS DA SELVA

(Conclusão)

seguinte frase — «Meu filho, me dá o arroz» — o homem caraiá diz: «Harioke maysumã bedeo». A mulher, porém, dirá desta maneira a mesma frase — «Ua hioke mak'sumã no bedeo».

Muita coisa teríamos ainda para dizer a respeito dos caraiás, mas a fim de não alongar demasiado este artigo, vamos terminar fazendo rápida menção às danças dos habitantes do Bananal.

Que os caraiás são loucos por

danças, não resta a menor dúvida. Qualquer coisa é pretextada para dançarem: — o plantio de um cereal, uma farta colheita, uma pescaria extraordinária, o nascimento da filha do «capitão» (entre os índios não se diz cadaque, mas «capitão») ou outro qualquer motivo. — E mesmo sem motivo algum.

Para as danças, eles usam adornos e indumentária própria. Para certa dança, se vestem com fantasias feitas de fibras de palmeira, que lhes envolvem

do corpo, até mesmo a cabe-
 ra, sendo que outras exigem
 enfeites, entre os quais:
 «lori», «deici», «olú»,
 «lonlori», «derossi» e «uetá»
 respectivamente, capa-
 de adornos para pulsos, lá-
 ços, pernas, braços e quadris.
 As danças desses índios, ter-
 ras um sentido determinado
 refletindo episódios da selva
 entre aborígenes e bichos, com
 um enredo qualquer que Uatã
 «capitão» da tribo, não soube
 explicar, a despeito do nosso
 grande desejo de surpreender
 os fatos do folclore carajá.
 (A seguir — Enfim com os
 prazeres)

A BEBEDEIRA (Continuação)

— Se as contas certas... Ci-
 mas, meu caro, cifras... Todo
 isto não vale um caracol!
 O desejo importante, entretan-
 to, não se deixava esmagar. To-
 usou ainda alguns dias de
 férias, interrogar a esposa, dan-
 do outra construção à frase:
 — Minha querida Letizia, tu
 és tão boa, que conservas
 tanto cuidado — sim, estou
 certo de que tu os conservas...
 esses três pobres romances
 que eu te confiei...
 — Sim, sim, — disse a mu-
 lher — ou os guardei com toda
 cuidado. Será que pensas que
 alguém os roubou? Devem estar
 lá, no celeiro, nas malas
 e coisas velhas e inúteis...
 — Timidamente, ele interroga:
 — Ah, sim? Nas malas? Ah,
 bem, bem... Podes dizer-me
 se não nas de cima ou nas d
 baixo?
 — Tu não tens a pretensão
 de fazer, de me fazer procura-
 r nos montão de coisas ve-
 lhas... — retrucou Letizia. —
 meu pai souber que te vo-
 ltu a mania...
 — Eu farei o cuidado de dei-
 xar tudo em ordem. Não quer
 não ver se estão bem conser-
 vados...
 — Não tentes fazer isso —
 letou Letizia — pois papai é
 bem tem as chaves...
 — Mas, eu...
 — Despediste. Do contrári-
 o, gerás tarde à loja. E' pro-
 pósito preparar a exposição do Na-
 e os empregados necessitar
 quem os dirija, de quem o
 depois de ter lavado a
 (Continua na pág. 146)

ESTÁ PROVADO QUE ESCOVAR OS DENTES LOGO APÓS AS REFEIÇÕES COM CREME DENTAL COLGATE AJUDA A EVITAR AS CÁRIES DENTÁRIAS



Demoradas Experiências Realizadas por Eminentes Cientistas,
 Provam que o CREME DENTAL COLGATE Ajuda a
 Evitar as Cáries, Antes que Comecem!



A PROVA MAIS CONCLUSIVA NO COMBATE À
 CÁRIE DENTÁRIA! O mesmo CREME DENTAL
 COLGATE, que você usa para perfumar o hálito,
 limpar e embelezar os dentes, oferece agora
 um método eficaz, absolutamente seguro e com-
 provado, para ajudar a evitar as cáries dentárias,
 antes que comecem! Experiências realizadas du-
 rante dois anos, entre centenas de casos, ofere-
 cem a prova mais conclusiva no combate à cárie!
 COLGATE contém todos os ingredientes neces-
 sários - inclusive um ingrediente exclusivo e
 patenteado para o eficaz cuidado diário dos den-
 tes. E nenhuma alteração foi feita no delicioso
 sabor nem na ação limpadora de COLGATE!

NENHUM OUTRO DENTÍFRICO OFERECE PROVAS
 DESTES RESULTADOS! Recentes pesquisas re-
 velam que a cárie é causada por ácidos que
 se formam na boca e cuja ação destruidora se
 manifesta principalmente depois das refeições
 ou lanches. Escovando os dentes com CREME
 DENTAL COLGATE, logo após as refeições,
 você ajuda a remover esses ácidos, antes que
 possam danificar o esmalte dos dentes. E a
 espuma penetrante de COLGATE limpa até
 onde a escova não alcança, removendo as par-
 tículas de alimento, que também produzem
 hálito desagradável. Está provado que
 escovar os dentes com CREME DENTAL COLGATE,
 logo após as refeições, ajuda de fato a evitar
 e combater a cárie dentária!



USE SEMPRE
 COLGATE PARA
 PERFUMAR O
 HÁLITO, LIMPAR E
 EMBELEZAR OS DENTES
 E AJUDAR A
 EVITAR AS CÁRIES
 DENTÁRIAS!

O ENIGMA DA BOMBA

Dr. Hugh C. Wolfe

A O contrário da desintegração ou fissão atômica, que é o princípio da bomba atômica (ou bomba-A, abreviadamente), que tem valores construtivos para a humanidade, a bomba de hidrogênio (ou bomba-H) serve unicamente para matar.

Se aviões inimigos, carregados com bombas-H, transpusessem a cortina de defesa dos Estados Unidos, em poucas horas exterminariam, provavelmente, 50 milhões da população de 150 milhões daquele país, concentrando seus ataques sobre Nova York, Detroit, Pittsburgh e outras regiões industriais de população excessivamente densa.

O poder destruidor da bomba-H é virtualmente ilimitado. É a expressão material da intenção de aniquilamento.

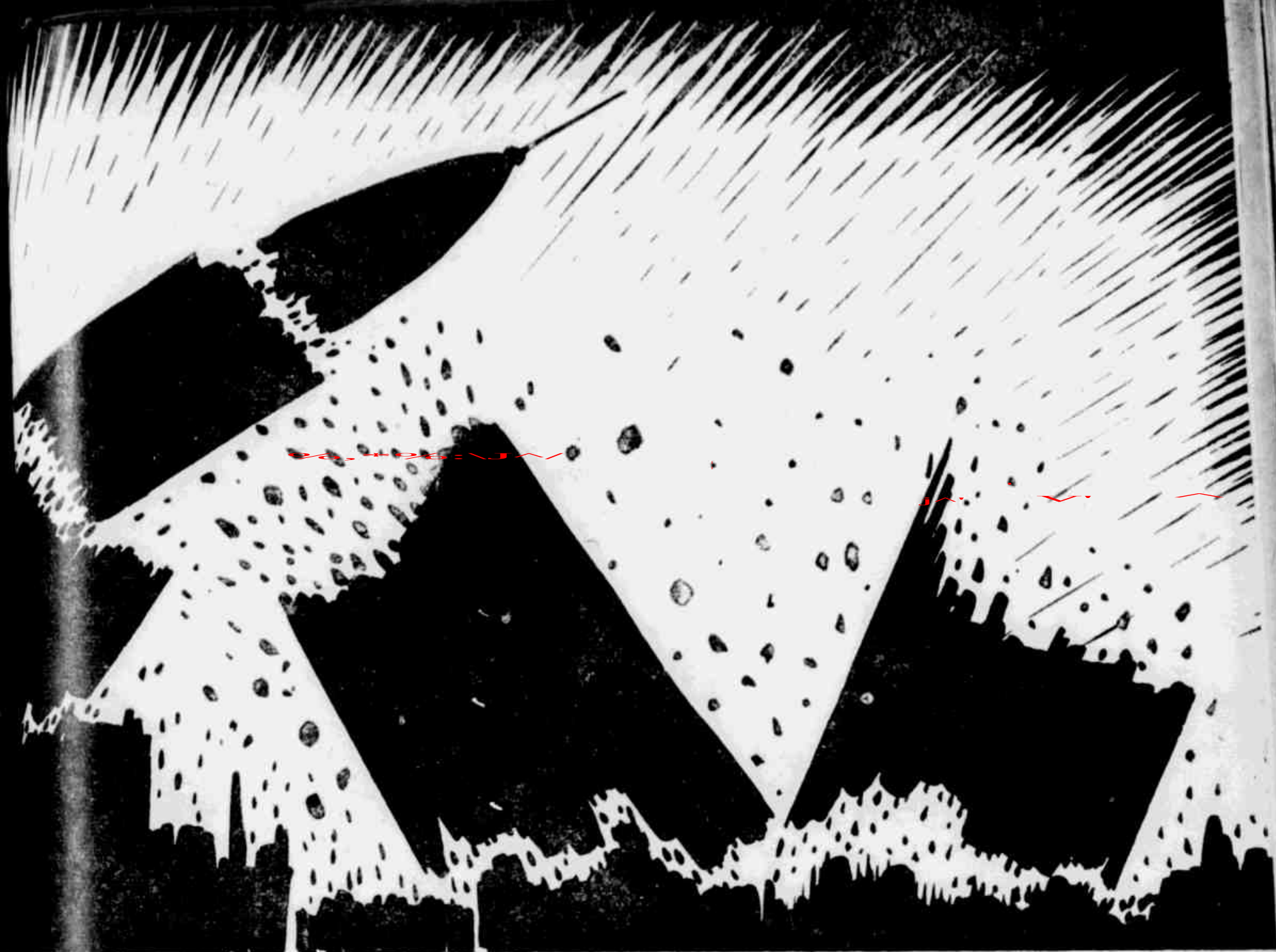
A fissão atômica pode ser utilizada para o progresso das pesquisas médicas, principalmente nos domínios do câncer, e até mesmo para concorrer — se não suplantá-lo — com os combustíveis como o carvão e o óleo, e com a força hidro-elétrica como fonte de energia. Mas a bomba-H pode unicamente destruir. Não serve para propósitos criadores ou construtivos. Antes, porém, de nos deixarmos contagiar pelo

pânico que se reflete nas manchetes dos jornais, convém considerarmos estes três pontos básicos relativos à bomba-H:

1) Ela ainda não existe de fato, e sim como cálculo teórico. Serão precisos alguns 12 meses para chegar à fase que permitiu a primeira experiência com a bomba-A em Alamogordo (Novo México) a 16 de julho de 1945. Mesmo que a bomba-H chegue a essa fase de desenvolvimento, há muitas probabilidades de que absolutamente não dê resultado — isto é, de que não tenha passado de uma esperança vã.

2) As profecias de que toda a matéria viva será aniquilada, como efeito de uma guerra com a bomba-H, pertencem mais ao terreno das possibilidades teóricas do que ao das realidades prováveis. A vida — ou aquilo a que Bergson chama *élan vital* — é uma coisa difícil de ser totalmente extinta.

É certo que grandes devastações em escala ainda não imaginada poderão ser feitas. As explosões impróprias para a habitação humana, radioatividade despreendida por uma explosão de bomba-H extinguirá provavelmente a maioria, se não a totalidade, dos seres animais e vegetais dentro de áreas limitadas. Mas a este res-



DE HIDROGÊNIO

Ilustração de Moura

peito devemos lembrar-nos de que, através de todos os cataclismas experimentados pela terra em seu desenvolvimento no passado, a natureza encontrou meios para adaptar-se às condições sempre mudadas, permitindo que a matéria viva, nalgumas de suas manifestações, possa sobreviver.

Nem depois de uma guerra em grande escala com a bomba-H não é provável que todos os habitantes de algum continente sejam exterminados.

Sob o ponto de vista estratégico, por exemplo, os bombardeios inimigos procurariam destruir as concentrações americanas de valor econômico e industrial, como Boston e Seattle, e ao mesmo tempo deixar ilesos os vastos trigais de Kansas.

Há pessoas que afirmam que o uso de bombas-H pode envenenar em tal grau a atmosfera com sua radioatividade, que será impossível persistir a vida humana neste planeta. Caso essa previsão tenha fundamento, podemos acreditar que a bomba-H nunca será usada. Pois o suicídio não agrada nem mesmo aos ditadores.

Essa bomba, pelo alto preço em que fica, não se presta para matar poucos seres humanos. A

este respeito, se deflagrasse uma guerra entre os EE. UU. e a URSS, a última levaria grande vantagem. Primeiro, porque os russos têm o poder de espaço infinitamente maior. Não têm a concentração de estabelecimentos industriais que constitui a origem do poder produtivo da América. Em segundo lugar, os EE. UU. têm uma civilização mais apurada e seu povo está acostumado a mais altos padrões de vida do que o povo russo.

A falta de abastecimento de água, de luz elétrica e de meios fáceis de transporte como as vias-ferreas, com todas as privações resultantes, tenderia a paralisar tanto material como psicologicamente os americanos. Os russos são mais adaptáveis. Podem viver só de raízes. Dormem até nas florestas. Têm mais aptidões para sobreviver por serem mais primitivos e mais rústicos. Encontram-se mais próximos da terra, não se achando habituados às exigências de habitações confortáveis que caracterizam os americanos.

Por outro lado, como a técnica dos EE. UU. é mais adiantada do que a russa, os americanos gozarão relativa vantagem para a fabricação de bombas-H e de aviões ou projetos dirigidos para

arremessá-la ao seu alvo. A este propósito convém, todavia, que não esqueçamos que talvez o maior erro da política externa americana dos últimos anos foi subestimar a capacidade científica e técnica da URSS. Ela fabricou sua bomba-A quatro anos depois dos americanos. E estes não têm fundamentos para afirmar que lhe estão levando dianteira na fabricação da bomba-H.

3) A bomba-H ou «triton» difere essencialmente da bomba de urânio pelos seguintes aspectos importantes: A bomba-A baseia-se na divisão de elementos pesados formando outros mais leves. A bomba-H baseia-se, pelo seu lado, na síntese do hélio produzido pelo mais leve dos elementos, isto é, o hidrogênio, nas formas pesadas de deuterium e de tritium. Em ambos os casos a energia calorífica resulta do fato de que o produto final pesa menos do que os materiais iniciais de que é composto.

A formula da bomba-H baseia-se na equação enunciada por Einstein em 1905: $e=mc^2$. A bomba-A tem tamanho limitado porque seu material explode espontaneamente quando atinge certa massa crítica. A bomba-A de hoje, com seu continente aperfeiçoado e os mecanismos anexos, forma um volume do tamanho de uma bola de baseball de salão.

Quanto ao tamanho da bomba-H ainda não foi determinado, não só por não ter sido ainda fabricada, como também por ser, em teoria, de

tamanho infinitamente extensível. Pode-se fabricar de qualquer tamanho, tendo-se apenas em vista que seu peso não deve ultrapassar aquele que um colossal avião-transporte possa carregar. E' permitido, portanto, conjecturar-se que um bombardeiro moderno pode transportar uma bomba de hidrogênio cem vezes mais destruidora do que a bomba atômica que arrasou Hiroshima.

A primeira bomba-H pode ser fabricada nos Estados Unidos mais ou menos até o primeiro trimestre de 1951. O custo de uma bomba-H pequena, de tamanho apenas suficiente para pôr em prova o princípio em que é baseada, ficará em 100 milhões de dólares (2 bilhões de cruzeiros), o que contrasta com os 2 bilhões de dólares (40 bilhões de cruzeiros) que foram necessários para a produção da primeira bomba-A. A razão é que, para se fabricar a bomba-H, pode-se em grande parte utilizar o aparelhamento já existente para a produção da bomba-A. Em grande extensão, portanto, já havia fábricas e maquinários disponíveis.

A bomba-H tem mais outra conexão com a bomba-A, e é que precisa ter esta última no centro, desempenhando o papel de detonador ou espoleta. Ela não detona por si só. Por conseguinte, ao custo da bomba-H deve ser acrescentado o da bomba-A. Depois da explosão desta última, a bomba-H levará cerca de um milionésimo de segundo para explodir.

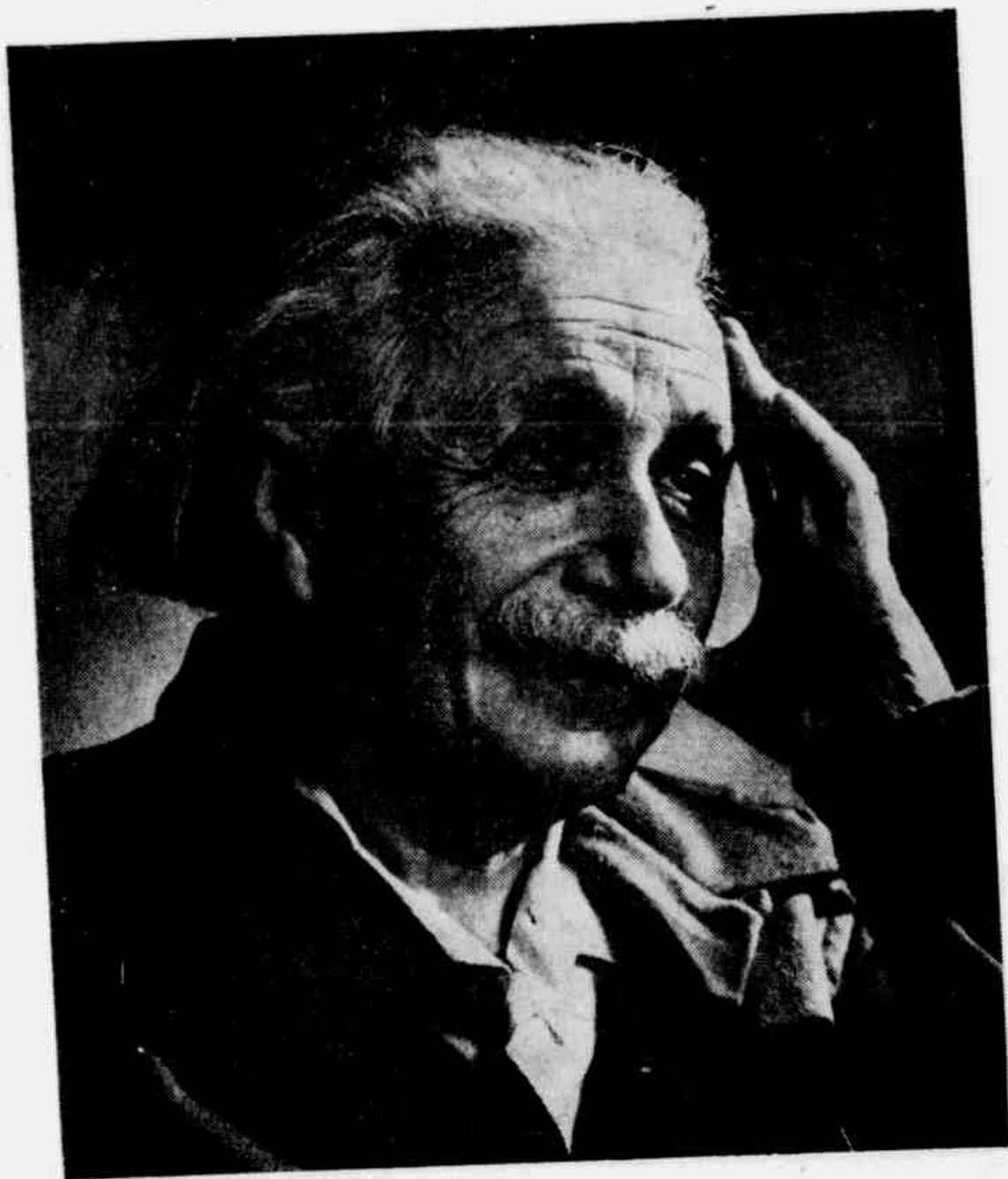
Isto fez necessariamente surgir a questão de se saber se o piloto e a tripulação de um bombardeiro que transporte a bomba de hidrogênio deverão pertencer ao *Kamikase* ou esquadrão suicida. Não há razão para se pensar em tal. Não será impossível regular-se o tempo da explosão de forma que, depois de lançar a bomba, o bombardeiro possa afastar-se até distância segura. A altura, a atração da gravidade e a resistência do ar, tudo entra nesse cálculo. Na grande maioria dos casos, portanto, o avião que deixar cair a bomba não será atingido pela sua explosão.

Apesar dos temores suscitados pela traição do Dr. Fuchs, os EE. UU. jamais recorrerão à tática do terror totalitarista das perseguições, nem fechará suas portas à cooperação dos cientistas de todos os países, isto não somente por motivos ideológicos, como também por considerações muito práticas. Se tivessem, por exemplo, excluído do Manhattan Engineering District os eminentes cientistas europeus Einstein, Meitner, Fermi e outros, os Estados Unidos não teriam a bomba atômica. E muitos sábios desse mesmo grupo representarão sem dúvida um papel relevante no desenvolvimento da bomba-H.

Em verdade, talvez que a figura de mais realce na criação dessa bomba seja o Dr. Edward Teller, o dinâmico e brilhante sábio húngaro, que fez seu aprendizado nas universidades de Budapeste, Munich e Leipzig, e se naturalizou cidadão americano em 1941.

ALBERT EINSTEIN

Em sua equação $e=mc^2$, enunciada em 1905, baseia-se a fórmula da bomba de hidrogênio



A arma indispensável e decisiva dos EE. UU. é a sua mentalidade emancipada e aberta para as questões científicas.

O terrível efeito da explosão da bomba H fez que muitas vezes se discutisse a sua moralidade. O cientista se tornou com frequência para o público o preconizador e o símbolo dos morticínios em massa. Vêem nele o sinal de Caim. E, com efeito, lamentável que os conhecimentos e a técnica da ciência tenham sido dedicados a essa obra de destruição. Mas a culpa é da organização da sociedade humana, tanto nacional como internacional, e não dos cientistas que se esforçam para bem servir o seu governo.

É a guerra que, em si mesma, é imoral, e não um particular instrumento mortífero, por mais assustadores e terríveis que sejam os seus efeitos.

Em vista disso, em meu entender, o governo dos EE. UU. deveria iniciar imediatamente negociações em que não só se proscrevessem as bombas atômicas e de hidrogênio, como também — e isto é mais importante — se proscrevesse a própria guerra. Se os EE. UU. apresentassem novas propostas para abolir a, teriam um apoio formidável da parte de todos os povos do mundo. Sua estatura moral e sua influência aumentariam incomensuravelmente. Com esse procedimento eles mais uma vez demonstrariam que a liberdade e a democracia são as geradoras da paz, ao contrário da tirania e do espírito militarista que desde o alvorecer da história humana se apresentaram como precursores da guerra.

Sob o ponto de vista da responsabilidade pela guerra, é toda a humanidade que deveria clamar «mea culpa», e não, apenas, o físico nuclear, o químico, o engenheiro, o metalurgista e o pesquisador técnico. E o dever moral de todos os que se compenetraram de sua própria responsabilidade, é esforçar-se para extinguir as condições sociais, políticas e econômicas que pervertem as finalidades da ciência — em suma, é procurar remover as causas da guerra.

*

UM ADIVINHO NUNCA...

(Continuação)

Na contração da boca de uma mulher despitada ele vê uma história completa.

— A senhora tem sofrido muito devido à maledicência, — diz o dr. Doe. — Tem um grande coração e é de muito boa fé...

É isto o que ela pensa a respeito de si mesma...

Um homem mal-humorado se denuncia pelas narinas e lábios.

O senhor irrita-se com certas injustiças, mas a falta de compreensão das pessoas faz com que procure dominar-se...

Isto é o que ele pensa, mas sua espôsa provavelmente terá outra opinião.

Resumindo: o adivinho aprende a retratar as pessoas do modo que elas imaginam ser, tendo sempre presente na memória que todo o homem se julga uma exceção e que toda a mulher tem a certeza de possuir todos os belos predicados.

(Conclui na pág. 129)

Óleo PALMOLIVE

APRESENTA

o penteado do mês



Criação de Antino



Amacie e perfume
os cabelos com

Óleo PALMOLIVE



Cabeleiros famosos recomendam o Óleo Palmolive para manter a PERMANENTE e conservar os cabelos mais brilhantes, mais macios e fáceis de pentear. Óleo Palmolive, tão bom para dar vida e beleza à PERMANENTE, é também maravilhoso para conservar a ondulação natural mais perfeita e atraente. Óleo Palmolive, feito de óleos super-refinados, realça a beleza dos cabelos, tornando possível qualquer penteado!

OP-40

RIFAS

Já na época do conde de Assumar,
o jogo era um problema que dava
trabalho às autoridades e muito
lucro aos banqueiros...

OLAVO BILAC

UM dia, mergulhando nos arquivos empoeirados de Ouro Preto, pesquei ao fundo de-se-mare magnum de papéis velhos, a pérola de uma portaria preciosa. É a portaria em que o conde de Assumar proíbe ao povo do seu governo que compre ações entre amigos.

Esta sorte de rifa é hoje, como em 1720, um negócio da China. Careço de dinheiro. Não tenho um vintém, mas tenho um relógio. Que faço? Não vou vender o relógio a um relojoeiro que me dê por ele cem mil réis. Promovo uma ação entre amigos, e rifio a minha jóia a dez mil réis o bilhete. Vendo quarenta e nove bilhetes, em-bolso quatrocentos e noventa mil réis e, quase sempre, quando corre a loteria a que anda anexa a rifa, reconheço com um contentamento infinito que o prêmio coube ao único bilhete que ficou comigo. E, assim, resolvo o problema de ganhar dinheiro sem perder o relógio.

Isto, que pela habilidade fim-de-século que revela parece coisa de hoje, é coisa que data de mais de dois séculos. E o que há de mais curioso, na portaria que descobri, é a revelação de que foi um frade quem introduziu no Brasil a moda das ações entre amigos.

Cuidava eu que fôra o diabo em pessoa quem, a bordo de uma caravela fantástica, trou-xera das terras corrompidas da Europa para as terras imaculadas da América a mania do jogo.

Puro engano! a semente do jogo veio dentro do breviário de um carmelita descalço. Ides ver como fr. João Joseph, quan-

do chegou ao Brasil — com uma face piedosa, toda alagada de fé, pés nus mortificando-se no rude chão dos matos virgens, mãos cruzadas ao peito, numa atitude de recolhimento e de prece, olhos extaticamente pregados no céu azul, — trazia en-tre as dobras do hábito severo os papeluchos numerados da primeira rifa brasileira, da Eva-mãe de todas as nossas rifas.

Eis aqui o documento precioso, copiado, sem alteração, de um grande livro amarelado, picado de traças, encapado de cou-ro roído, — cujo sono secular fui interromper no seu calmo de um armário venerando:

«D. Pedro d'Almeida, etc. etc. Faço saber a todos o mo-radores deste governo que, sen-do S. Magestade a q. D. q. informado que o Revdo. Padre Fr. João Joseph, Religioso Carmelita descalço, introduzia nes-te governo humas sortes a que chamão rifas na forma que se usão nos Reynos Estrangeiros, as quaes sem ordem dos gover-



maiores e informação dos ouvidores geraes das Comarcas fazem algumas pessoas para dar saída aos seus bens que por outro modo não venderião tão brevemente, sendo nestes casos excessivo o valor porque se rião a saber: escravos, fazendas e moradas de casas em que S. Magestade reconhece prejuizo dos moradores dessas minas. pois lhe chegou à sua Real noticia que muitos entravão nas ditas rifas mais por contemporisar com pessoas de respeito que por vontade propria com dez, vinte e trinta oitavas cada huma e querendo o dito Senr. obviar o damno que se pode seguir aos seus vassallos das ditas rifas; foi servido ordenar-me as não consentisse nessas minas sob penas graves para que se não tornasse a usar das ditas rifas e crescesse o damno com a sua demasiada frequência; portanto ordeno que nenhuma pessoa daqui em diante possa fazer rifa alguma nem entrar nella, ou seja voluntariamente, ou solicitada por outra: quando succeda pelo contrario qualquer pessoa que rifar qualquer das cousas sobreditas perderá a dita coisa rifada ametade para a Fazenda Real e a outra ametade para quem o denunciar, e as pessoas que entrarem na dita rifa perderão triplicado o premio que nellas arriscarem ametade para a Fazenda Real e a outra ametade para as obras pias e os Drs. ouvidores geraes farão cada hum na sua comarca que se observe com todo o rigor esta ordem que S. Magestade o quem D. g. me ha por muito recomendada e para que veja a noticia de todos a man- dei publicar a som de coizas, registrar nos livros da Secra. deste Governo e nos da ouvidoria e comarca de todas as villas. — Villa do Carmo, 15 de Março de 1720. — Conde D. Pedro Almeida.

Perseguido pelo conde de Asumar, como o é hoje pelos delegados de policia, que fêz o João? Desenvolveu-se. Escravos que trabalhavam doze horas por dia, no mundo negro e úmido das minas, mal alimentados, gemendo sob a fome e o chicote, arriscavam sempre, às ocultas, oitava de ouro furtada à baia. Oh! a bela tentação para os miseráveis escravos! esse fru-

(Conclui na pag. 51)

Eleita
pelo
Amor!

Srta. Eleanor

É linda... e usa Pond's!

A Srta. Eleanor é noiva. E não admira que triunfasse no amor, porque tem um perfil clássico e uma cutis suave e acetinada, que os homens admiram... e as mulheres invejam. Ela o protege com Creme Pond's C. Siga também o tratamento de beleza Pond's:

PRIMEIRO (para limpar), aplique com abundância uma rica e sedosa camada de Creme Pond's C sobre o rosto e o colo, dando pequenas palmadas sobre a pele, para ajudar a desprender o pó e a maquiagem. Em seguida remova-a.

SEGUNDO (para enxaguar), faça nova aplicação de Pond's C, espalhando-o com os dedos, em movimentos circulares. Remova-o novamente. Esta segunda aplicação deixará sua cutis mais limpa, mais fresca

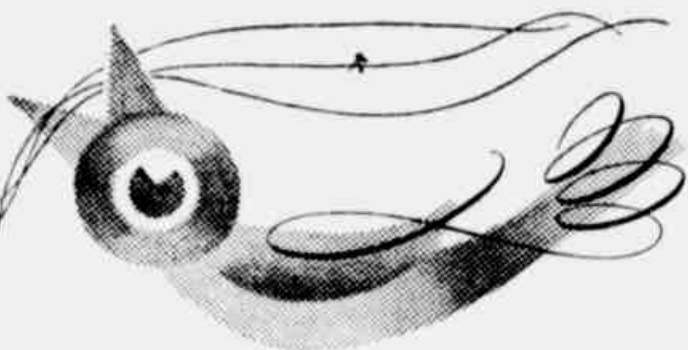
Tôdas as manhãs, ao levantar-se, e à noite, antes de deitar-se, dê a sua cutis este tratamento de beleza Pond's. Saberá porque tantas noivas lindas, como a Srta. Eleanor, e tantas encantadoras senhoras da sociedade, como a Sra. John A. Roosevelt, adotam o Creme Pond's C.



POND'S

5 minutos apenas

para um *tratamento de Beleza* perfeito!



Os especialistas Coty criaram, finalmente, o tratamento de beleza perfeito, que é, ao mesmo tempo, rápido, econômico e prático e que você mesma pode fazer em casa com suas próprias mãos, em poucos minutos. Depois de longas e rigorosas experiências, Coty selecionou estes três produtos básicos para os cuidados de sua beleza!

CREME DE LIMPEZA - Para limpar a pele — operação indispensável em qualquer tratamento.

LOÇÃO TÔNICA - Completa a ação do primeiro. A Loção Tônica é para enxaguar a pele.

CREME BASE - Unifica e protege a epiderme, preparando-a para o maquiillage.



Peça o folheto "Tratamento Simples, Beleza Perfeita".
Caixa Postal 199 — Rio de Janeiro

A garôta que veio do interior e aqui está em casa de respeitável família à procura de emprêgo, é positivamente «do barulho». Durante o dia, sai pelas repartições públicas e empresas comerciais a oferecer seus serviços e a exhibir suas prendas. Ouviu dizer lá na sua aldeia que, sem fazer uma «forcinha», ninguém aqui consegue colocação.

Não há homem de certo prestígio que não tenha sido abordado pela pequena. Para obter o que deseja, ela começa dizendo que sabe francês, inglês, estenografia, música, desenho, etc. Se o sujeito continúa impassível, ela diz que dança muito bem, que bebe, fuma, joga, etc. Se o senhor bem situado nem com isso se mostra atencioso, ela fala da sua plástica, das linhas do seu busto, dos concursos de beleza em que foi premiada, das suas conquistas e da loucura que tem pelas noites de luar...

Às amigas, ela diz que tem feito uma «forcinha». Há, com certeza, êrro de expressão. O que ela tem feito deve ter outro nome...



Sedas



e plumas



A S festas joaninas foram sempre comemoradas em Minas. Os clubes elegantes abriam seus salões para bailes que duravam a noite toda. As fogueiras tradicionais, os jogos de prendas, os fogos de vista, os balões aparatosos, ainda existem aí pelas vilas e pelos morros.

E' pena que tão românticas tradições estejam desaparecendo da nossa Minas que, lá fóra, goza da fama de terra conservadora. Os homens e as mulheres de quarenta anos, se é que existem mulheres dessa idade, ainda guardam de memória o encanto dessas comemorações. Na noite de São João punha-se, ao sereno, um copo d'água e nele se despejava uma clara de ovo. No dia seguinte lá estava, no copo, o destino da criatura. Se tinha de viajar, fios de clara de ovo adquiriam a disposição das velas de um navio. A moça que desejava casar-se descobria, com certa boa vontade, que a clara do ovo se abria como um véu de noiva.

As famílias se reuniam em torno das fogueiras crepitantes. E quantos casamentos foram ajustados nessas reuniões ingênuas e patriarcais?

Fogueiras de Santo Antônio
Meu Deus, que recordações!
O fogo ardendo lá fóra
E em chamas os corações.

-Ah! se eu pudesse ser vista com a minha Lingerie

Valisère

CONTACTO QUE É UMA CARÍCIA



... a toilette
estará completa
com Meias Nylon Rhod



Tecido indesmatável
Corte individual rigoroso



*Modelos
do mês*

O vestido à esquerda, criação de Mary Stevens, apresenta alças e capa, sendo ideal para passeios ao sol. O outro, criado por Natalie Renke, é um modelo para a cidade, em azul-rei. (Foto Apla).

Tardes de Inverno



Entre os belos e variados modelos que Paris criou para a estação atual, escolhemos alguns que mais demonstram as tendências da moda hiberna, como sejam: linhas simples e verticais, golas amplas, costas levemente franzidas, quadris bem delineados e bolsos enviezados. Entre as fazendas, predominou o jérsei, principalmente nos modelos de alguns costureiros.



Na página ao lado, vemos um juvenil modelo em jérsei de lã verde jade, com a saia em "pissé soleil" e a blusa inteiramente lisa. Um casaquinho de malha da mesma cor acompanha o vestido. (Foto Apla)

Na página, à esquerda, Jean Dessés apresenta um vestido de veludo cinza, cuja gola forma pregas sobre os ombros. Uma saia de tule da mesma cor transforma-o em vestido vespertino.

Ao meio encantador redingote de Jacques Heim, com amplas mangas curtas, fechado por quatro botões. Justo na cintura, abre-se depois em grandes pregas.

A' direita, vestido listrado em branco e preto, recoberto por tudo em tafetá azul marinho, que deixa aparecer o vestido de baixo. Criação de Jeanne Lafaurie



Ao alto, à esquerda, Hermes apresenta um belo casaco em gabardine, amarelo canário, a côr da moda. Sua originalidade consiste no capuz, que se forma por meio de uma écharpe que parte da cintura. Mangas debruadas e bolsos embutidos.

À direita, manteau em lã bege debruado de leopardo. Mangas sem punhos e bolsos embutidos bem altos. Criação de Marcelle Chaumont.

Em baixo, conjunto de Jean Dessés, em lã castanha. O paletó é revestido por tweed castanho e bege, apresentando um aspecto original.

Abriços



Garantidos pela maior fábrica de motores elétricos da América Latina, os aparelhos elétricos ARNO — enceradeira elétrica, liquidificador e panela expressa de pressão — já estão ao dispor de todas as donas de casa, para servi-las no salão, na copa e na cozinha, proporcionando mais beleza, mais rapidez, mais economia e mais saúde! A técnica e o longo tirocínio da ARNO permitiram o cuidado excepcional necessário à fabricação de enceradeiras, liquidificadores e panelas de pressão de alta classe: estudos cuidadosos, matéria-prima selecionada, testes rigorosos, montagem inspecionada para garantir a máxima precisão na ajustagem das peças, segurança absoluta e linhas artísticas!

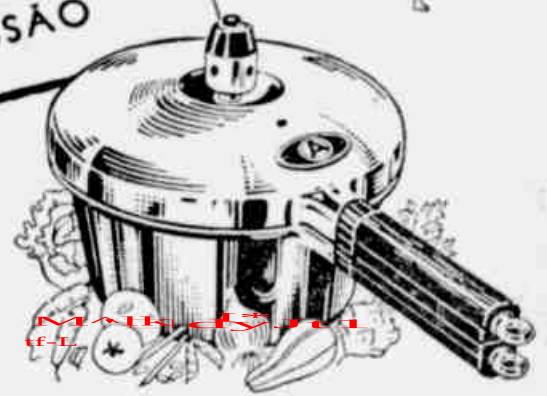
Todos os aparelhos ARNO são garantidos pela Arno S. A. Duram toda a vida!

Vendas com facilidade de pagamento.

Senhora Dona de Casa, estão aqui para servi-la!

Enceradeira ARNO

Panela Expressa ARNO DE PRESSÃO



— mais vendida que todas as outras juntas!

Ganhe tempo...
Ganhe dinheiro...
Ganhe saúde!

Aumenta seu prazer de cozinhar... reduz para 1/5 o tempo na cozinha! Reduz 80% do consumo de combustível... Reduz a zero o desperdício de vitaminas e sais minerais dos alimentos! Dois dispositivos exclusivos de segurança! Fácil e simples manuseio do tempo, ajusta-se herméticamente, sem molas ou dispositivos incômodos, nem junções que dificultem ou se estraguem. Próprio para eletricidade, gás, carvão e lenha! Toda de liga especial de alumínio! Capacidade: 4 litros.

Cr\$ 495,00 F.O.B. S. Paulo

Liquidificador ARNO

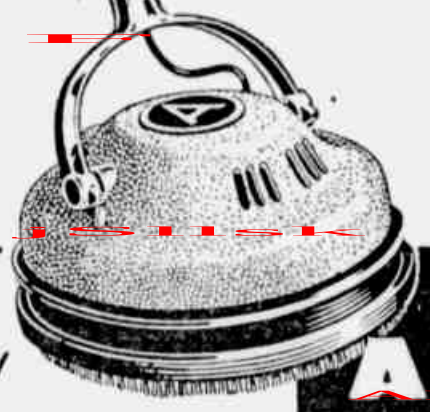


o mais higiênico
o mais útil
o mais durável

Perfeição inigualável, rapidez e simplicidade! Uma verdadeira fábrica de vitaminas! O mais higiênico: além do vidro, os alimentos só entram em contato com aço inoxidável. Mistura, tritura, agita, rala, liquidifica, pulveriza, faz purês e cremes.

Cr\$ 995,00 F.O.B. S. Paulo

Cr\$ 1.595,00
F. O. B. - São Paulo



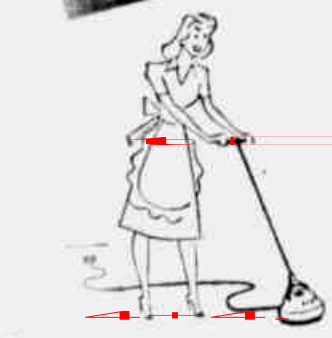
ARNOS

silenciosa

eficiente

elegante

resistente



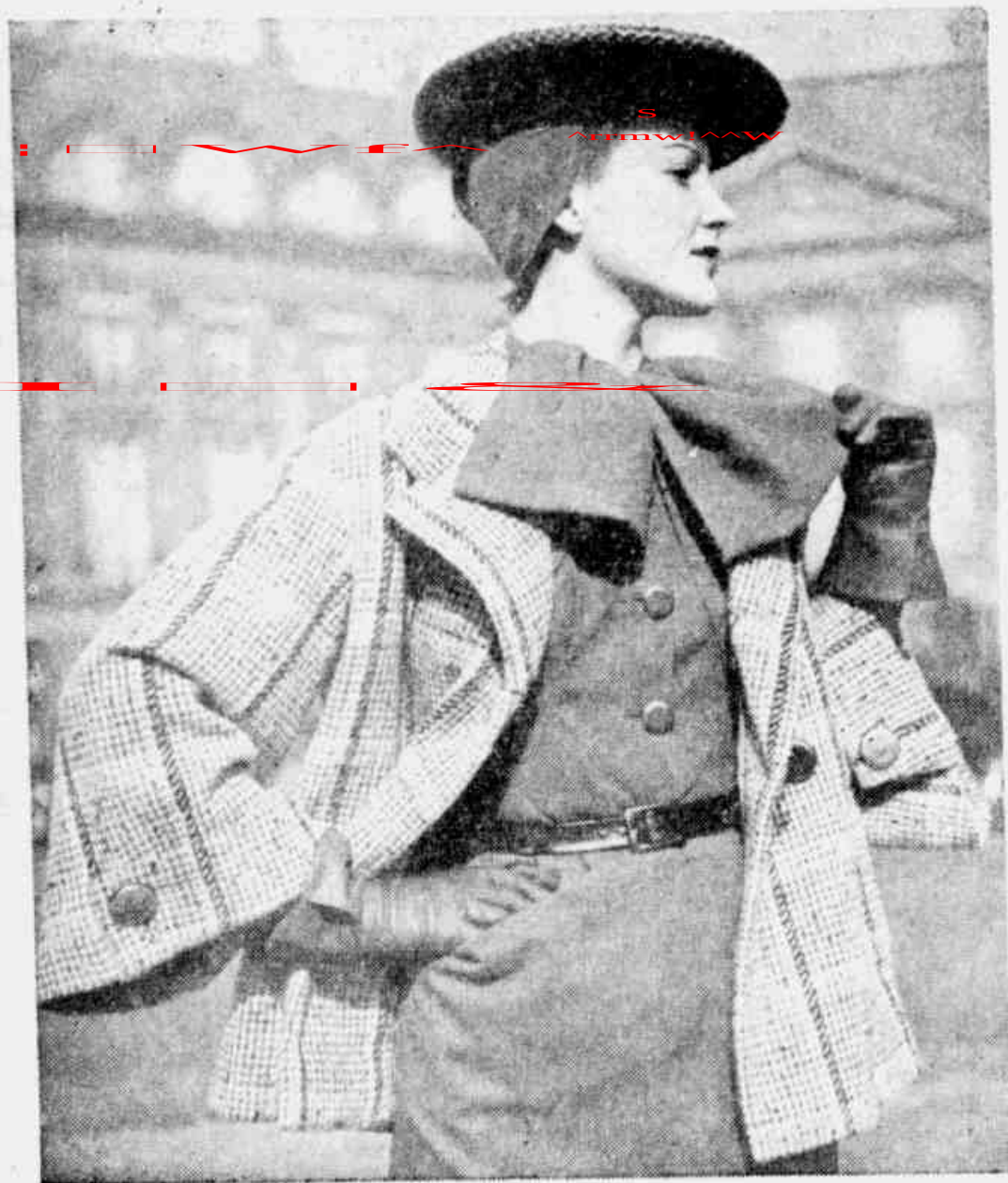
Procure ver de perto... sem compromisso!

Visite hoje mesmo os Revendedores Autorizados nesta cidade

REVENDEDORES AUTORIZADOS NAS PRINCIPAIS CIDADES



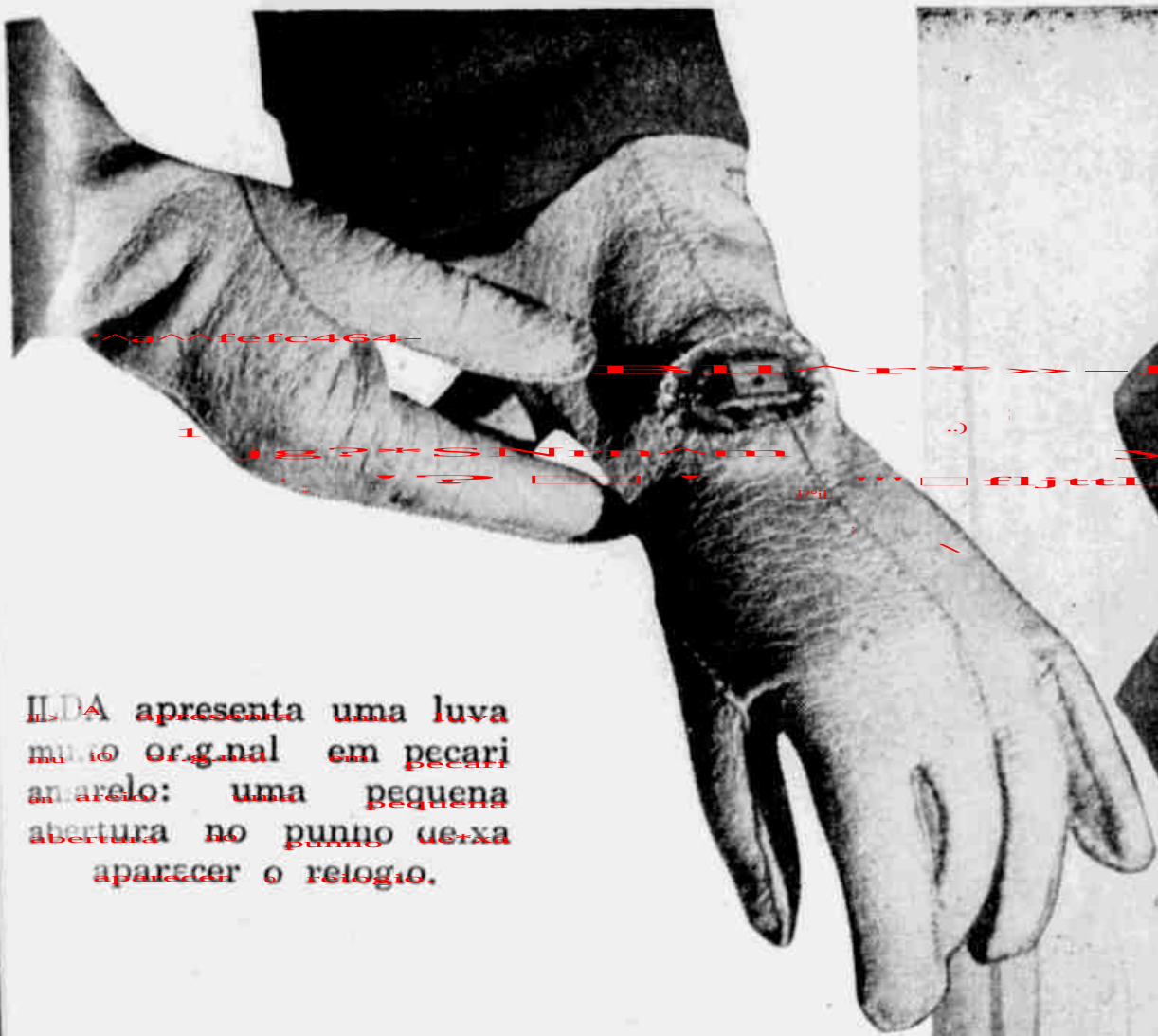
Noticias de Paris



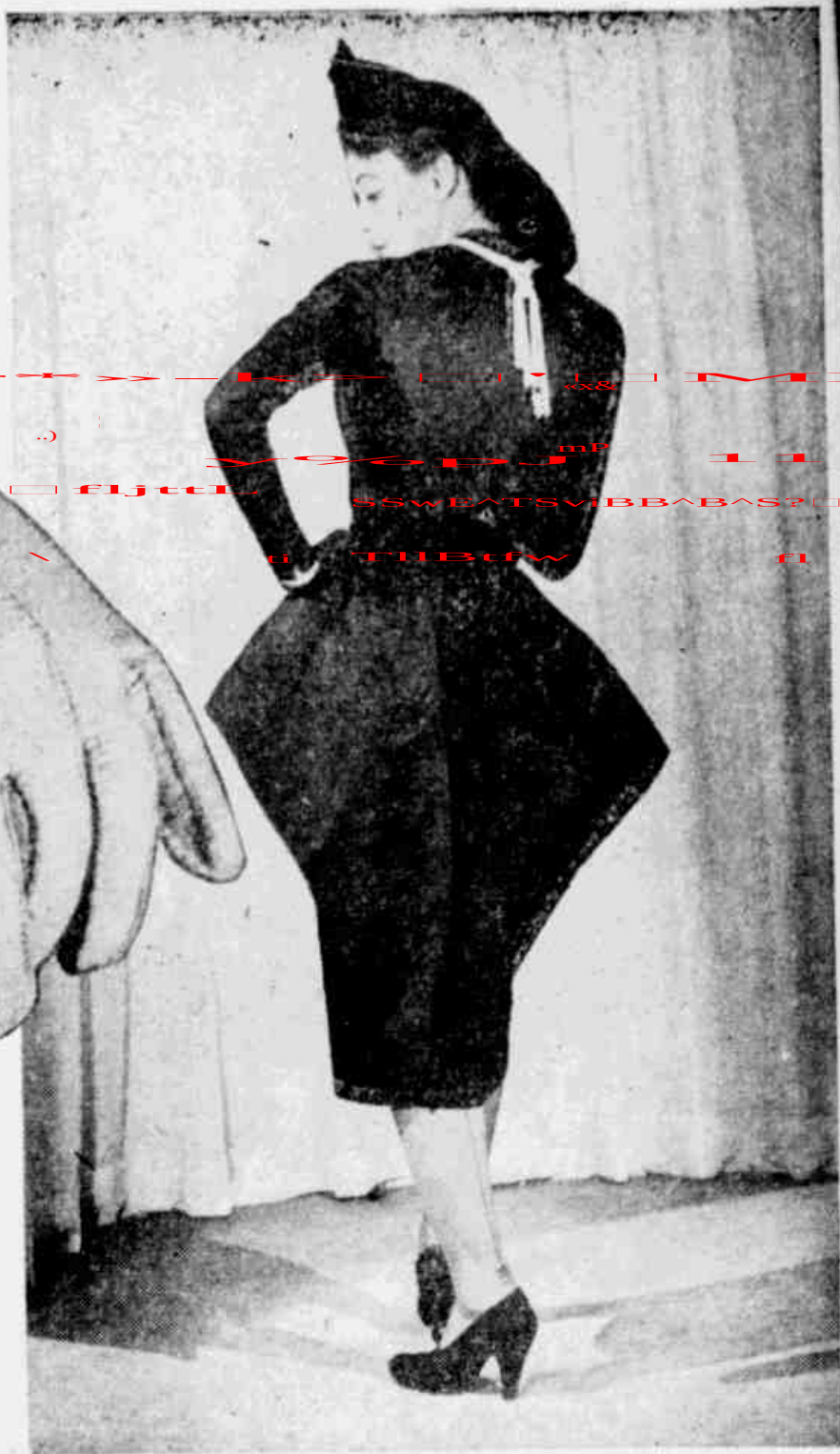
SCHIAPARELLI — Casaquinho em lã negra, fechado por seis botões em matéria plástica. A originalidade deste modelo consiste nas mangas franzidas sob o cotovelo e que se envolvem em espiral.

ROBERT PIGUET — O decote deste vestido negro abre-se em três debruns triangulares, em cetim amarelo. Quando se fecham na base do pescoço, forma-se um vestido mais simples e fácil de levar.

Um dos modelos de sucesso de Schiaparelli: vestido em flanela cinza com drapeado na blusa, formando gravata no decote. O casaquinho de mangas três quartos é em lã escocesa nas cores negra, cinza e rosa.



ILDA apresenta uma luva muito original em pechari anarelo: uma pequena abertura no punho de-xa aparecer o relógio.



BALMAIN — Vestido para coquetel em feille de seda negro. A blusa muito justa prolonga-se em curta túnica na frente, terminando atrás em cauda de andorinha. Este conjunto é um marco entre a ampliação dos últimos anos e a linha reta atual.



ROBERT PIGUET este ano pretere os plissados e os coloca de preferên- cia nas costas, como vemos nesse modelo duas-pecas em lã azul mari- nho, de mangas quimono três quar- tos. Uma gravatinha de musseline branca dá um toque alegre no conjunto.



Duas peças



5

wm&f&m

1— ALWYNN — «Tailleur» em alpaca de lâ cinza prateada. Gola preta. Vê-se um lenço de cambraia negra ao pé da cava.

2— GEORGES LECOMTE — «Tailleur» em mini «culo» «pied-de-poule» bege e castanho. O de um de seda castanha segue a cintura do busto e dos bolsos.

3— JACQUES FATH — Blusão justo depois da cintura, em «pied-de-poule» marron e branco, debruado de marron. Blusinha branca.

4— CHRISTIAN DIOR — Palatô de decote arredondado sobre um colete em lâ azul marinho. Saia envolvente.

5— GERMAINE LECOMTE — Sébrio costume em lâ cor de pérola, com gola e bolsos originais.

6 — Costume clássico, em lâ azul claro, com botões nos bolsos. Saia simples, com prega dupla na frente. (Foto Apl)



6



Ora! Por que ocultar as imperfeições da pele com o "maquillage" exagerado?



Confie na

*Base
Medicinal*

do Leite de Colonia
para eliminar

*Manchas, Sardas
Espinhas e Cravos*

Ora! Ora! É um erro usar o "maquillage" excessivo para disfarçar as imperfeições da pele. O certo é corrigi-las com Leite de Colonia. Preparado pelo médico Dr. Arthur Studart, o Leite de Colonia tem base medicinal e ação curativa: Elimina manchas, sardas, cravos, espinhas e outras erupções da pele. Aplica-se também para fixar o pó de arroz e proteger a pele contra o sol... vento frio... e poeira. Mas não confunda! Só há um Leite de Colonia para conservar sempre jovem o encanto do seu rosto.



Leite de Colonia

É preparado pelo médico Dr. Arthur Studart



JACQUES FATH — Tutu é um vestido para o dia em faille azul marinho, muito interessante com suas mangas abajur em tule franzido, colocadas na cava. Gola smoking branca com gravatinha azul marinho.

PAQUIN — Vestido de coquetel em faille cor de areia. A amplitude da saia concentra-se na frente, em pregas. Mangas curtas, abertas em forma de asas.



Vestido de primeira comunhão em organdi branco, trabalhado em pequenas pregas horizontais. As mangas, muito amplas, são presas um pouco abaixo dos ombros e se fecham por pequeno punho.

Alta costura para crianças

VESTIR-SE bem foi sempre uma das grandes preocupações da mulher de todos os tempos. Por mais que varie a moda, tem ela oportunidade de estar a par das inovações através dos figurinos, do cinema e dos grandes desfiles.

E como existem grandes costureiros que se dedicam ao lançamento de novos modelos para satisfazer a vaidade da mulher adulta, existe também quem os crie para crianças. Assim, com grande sucesso, os seis mais jovens modelos de Paris, — de três a catorze anos — apresentaram a coleção de primavera de Jane Sylvain, «o costureiro da juventude». O desfile se realizou na forma das grandes apresentações. Apenas, em lugar dos clássicos «tailleurs» e dos vestidos de noite, os pequenos modelos ostentavam vestidi-

nhos para ocasiões diversas, conjuntos esportivos e trajes de primeira comunhão.

Muito sérias, as pequenas espectadoras, que ocupavam a primeira fila da assistência, apontavam os modelos que mais as encantavam e que custavam a seus pais de 10.000 a 25.000 francos (500 a 1.250 cruzeiros).

Os modelinhos têm, como os modelos adultos, seus camarins, seus «robes», seus sorvetes e até mesmo o seu «rouge» e o seu «baton». Recebem 2.000 francos cada vez que se apresentam. Entretanto, nem um deles tem nesse trabalho o seu meio de vida. Depois de envergarem tantos vestidos maravilhosos, devem voltar à vida que sempre levaram, isto é, aos bancos da escola.



CONJUNTO PRAIANO — "Maillot" de piquê branco coberto por uma ampla saia e um bolero curto do mesmo tecido com "pois" cereja. A gola e as mangas são dobradas em piquê branco.

CICLISTA — Conjunto esportivo em zefir. A calça bufante, con'ecionada na fazenda escocesa verde e vermelha, é presa logo abaixo dos joelhos. Blusa vermelha. A gola azul marinho tem a enfeitá-la um viés também escocês.

POUR VOUS e RONDÓ são dois vestidinhos para meninas de seis e três anos. O primeiro, é confeccionado em organdi branco, com a saia formada de três babados franzidos, festonados e bordados. O segundo é feito em tafetá lavrado, igualmente branco. A saia muito ampla é bordada em rosa.

MEXICANA — Lindo "manteau" em tecido cor de torrada. Saia em forma. Gola alta em ponta. A blusa é adornada de uma trança do mesmo tecido de onde saem as mangas.



A LINHA DE PARIS



CHRISTIAN DIOR

Palco 3/4 substituem os boleros; "manteaux" encimam, abasculando até embaixo; dorso ligeiramente fransido. Saias a 40 cms. do solo.

SCHIAPARELLI

Vestidos abertos, ombros erguidos, paus soltos, "echarpes" envolventes, laços e bolos, caracterizam a linha "Temps Nouveaux".

CHRISTIAN DIOR

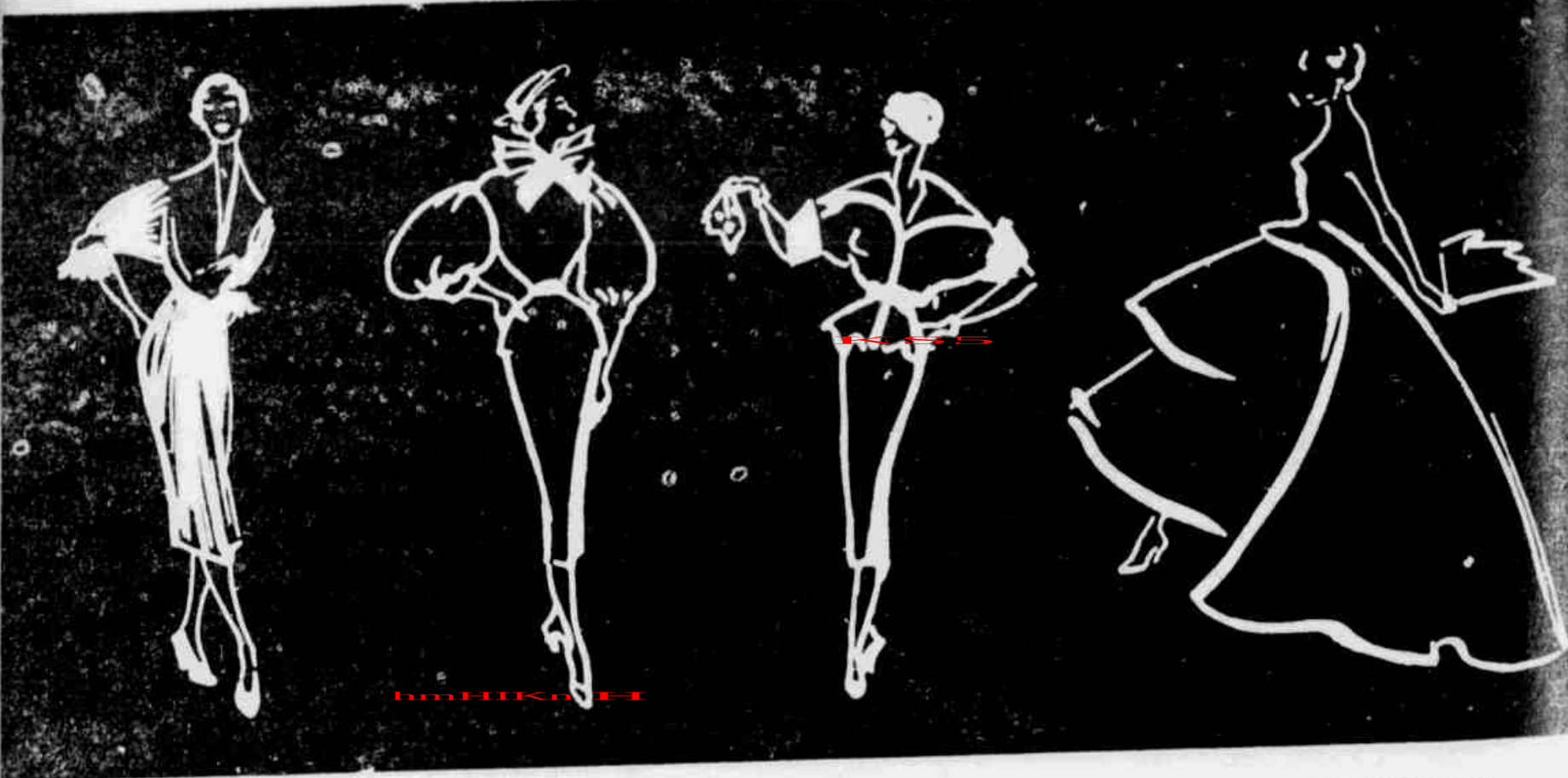
Busto bem modelado, decote em forma de ferradura, cintura justa; são as principais características da linha "Verticale".

JEAN DESSÉS

Blusas amplas, franzidas nas costas; decotes "bateau", mais abertos atrás. Mangas amplíssimas e muito trabalhadas.

MOLYNEUX

Saias justíssimas, jaquetas curtas e retas, ombros erguidos, capas com bolos, blusas amplas e quadris naturais marcam a linha "Triangle".



WORTH

Ombros erguidos, mangas curtas, saias plissadas a 40 cms. do solo, ou de paus volantes, assinalam a linha "Cham-pignon".

MADELEINE DE RAUGH

"Tailleurs" clássicos muito simples; saias mais justas embaixo; blusas de seda listrada em várias cores; gola branca com gravata preta. Mangas bufantes.

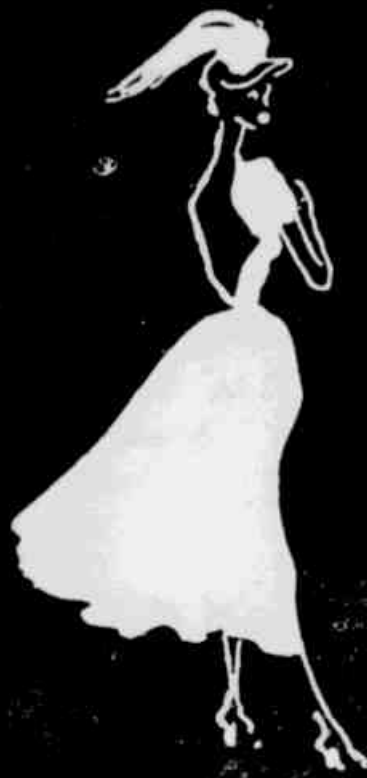
PATOU

Mangas japonesas, bolsos, quadris bem delineados, saias superpostas e irregulares; "basques" pequenas. Golas em ponta e punhos debruados.

JACQUES HEIM

Trajos de gala mais curtos adiantes, com babados; decotes baixos nas costas. "Echarpes" de organza bordadas de rafia, lanteoulas, pedras e pérolas.

PARA A NOVA ESTAÇÃO



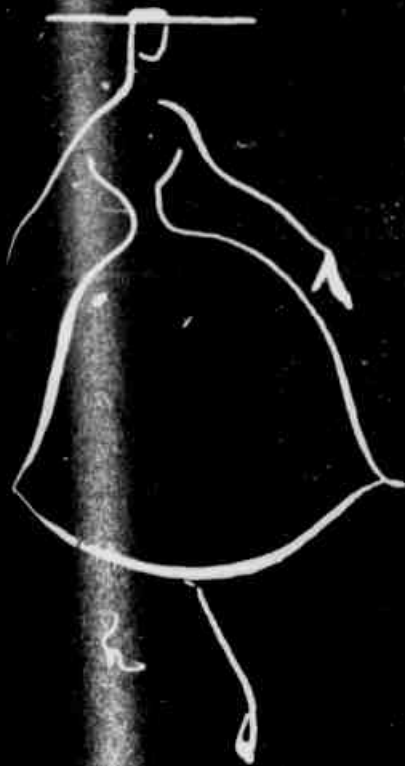
JEANNE LAWYN
Vestidos clássicos; Hino com ampliação concentrada em lado; mangas curtas distintas a linha "Pinfly".

Mangas e gola volumosas, novas nas formas e nos bordados. Entre os acessórios destacam-se a sombrinha de longo cabo cravejado de pedras e os sapatos bordados.

ALWYNN
Vestidos estreitos, frequentemente sem mangas, com longas "écharpes" que saem dos ombros. Decotes amplos.

RÓCHAS
Meio termo em tudo: saias nem muito amplas, nem muito justas, nem muito longas, nem muito curtas. Dorso franzido.

RÓCHAS
Mangas balão, ombros caídos. Vestidos de musseline ou organdiza para a tarde, curtos na frente e com cauda atrás.



PAQUIN
A ampliação da saia enviezada é apontada na frente ou traseira. Busto bem delineado. Mangas justas e longas.

PAQUIN
Silhueta o tanto fino e baste erguido. Blusas leves e saia em ponta. Para a noite, vestidos confeccionados em material exótico, como a ráfia.

PAQUIN
Decote generoso, ausência de mangas. Costas levemente franzidas. Para o dia vestidinhos leves em fazendas finas.

PAQUIN
Para coquetel, modelos em tecidos leves, emoldurando a garganta e envolvendo os ombros, mas deixando nuas as costas. Atrás reunem-se a ampliação da saia.

GRIFFE
Blusas em losango sobre saias que se alargam à altura dos quadris. Mangas curtas ou quimono. Pequenos bolsos colocados à vontade.



BAZAR

JEQUINHO

BELEZA E SEDUÇÃO

Detalhes e Novidades

A beleza, assim como o talento, deve ser cultivada em forma adequada. As que acreditam poder ser formosas sem prestar atenção à epiderme e à maquiagem nunca se apresentarão de acordo com seu físico.

Admirar os cabelos alheios e escauscar-se do muito que vê para eles um escovamento diário bem feito, é simplesmente tomar a comididade ou a prentiça por aliadas, o que é francamente condenável.

Praticar a cultura física, a ginástica, equivale a melhorar a própria figura, já que nada realça tanto como uma silhueta delgada e em perfeito equilíbrio.

Ao olhar no espelho não tenha vergonha de si mesma. É preciso ler no espelho o presente e, mais que o presente, o futuro. Ele é um conselheiro eficaz quando se tem um pouco de auto-crítica.

Em matéria de beleza o elogio dum homem poderá ser errôneo, mas o de outra mulher quase sempre é avesso. Por isso, é preciso encarar os com algumas restrições.

Não saia para uma excursão ao campo, sem levar na bolsa um pote de bom creme. Recorrendo a ele, poderá evitar estragos à cutis.

Muita gente confunde a beleza com a sedução, e esforça-se em consegui-las por meio da maquiagem. É necessário esclarecer que a beleza pode exercer sedução, mas não constitui sedução só por si mesma. Às vezes, um rosto pouco formoso e de linhas irregulares pode transformar-se, com um pouco de cuidado, num rosto sedutor.

A sedução possui uma série de pequenos truques de maquiagem, que aperfeiçoam os dons que nos deu a natureza, aumentando-lhes o encanto e a beleza. Ela procura manifestar-se pela sombra das pálpebras, pelo desenho dos lábios ou das sobrancelhas, pelo rimel dos cílios ou pelo perfume. Se seus olhos são pequenos, um leve traço de lápis, nas extremidades, aumentará-lhes o tamanho. Ou então para que sua boca pareça mais polpuda, pinte com mais profusão o lábio inferior.

Enquanto a beleza natural não carece de artifícios para destacar-se, a que foi menos do-



Kaniti Bnotik, da Metro

expressão máxima de sua juventude. As garotas que exageram no desejo de parecer sedutoras, longe de alcançar esse fim, apresentam-se envelhecidas. Na juventude, a sobriedade na maquiagem é a melhor arma para se obter um rosto formoso.

Outro elemento de grande vantagem para o aumento nos o encanto é o perfume. Mas a sua escolha deve ser estritamente de acordo com nossa personalidade, levando-se em conta não só a idade, tipo etc., como também as ocasiões em que o usamos.

Para as moças são recomendados os perfumes suaves como a lavanda.

CAS PREMATURAS

CADA dia se vê maior número de mulheres encanecidas, mulheres que apenas chegaram aos trinta anos e têm a cabeça prateada ou um número regular de fios brancos.

A ciência ainda não estabelece a causa desse prenúncio de envelhecimento, que nada tem a ver com a velhice. Ainda o corpo e o rosto se mantêm em perfeita juventude. Todavia, é certo que existe um meio direto de impedir essa inoportuna invasão de fios prateados em nossos cabelos: combater os elementos ricos em ferro como o espinafre, agrião, ameixa, passas de uva, figo e outros mais. Além disso, convém não permitir o enfraquecimento das raízes do cabelo, o que se consegue por meio duma limpeza correta e da massagem diária praticada com a escova.

O cuidado da pescoço

Um dos pontos da beleza feminina que deve merecer mais atenção é o pescoço. Lamentavelmente, porém, a maioria das mulheres só se lembra disso quando chega à idade madura, isto é, quando já é tarde demais. E o resultado é um pescoço enrugado e envelhecido, quando ainda poderia apresentar-se belo e atraente.

Se o seu pescoço é firme e liso, mas com tendência a avermelhar-se, principalmente em certas épocas do ano, não basta somente limpá-lo. Quando começar a adquirir este desagradável tom vermelho, cuide dele imediatamente, a fim de evitar tardios dissabores.

Para isso, use continuamente um espelho duplo, a fim de observar com cuidado como estão as costas e a parte posterior do pescoço. Muitas mulheres não põem pó de arroz no queixo e no colo. Isto constitui grave erro. Se usar um cosmético básico, comece a aplicação no pescoço, incluindo os lóbulos das orelhas e subindo até o queixo. Em seguida, empoe-se. Para extirpar as manchas verme-



lhas do pescoço, use um líquido para clarear a pele, aplicado por meio de algodão. Enquanto as manchas não saírem inteiramente, abandone um pouco os vestidos muito decotados e use o cabelo não muito curto.

Alimentos que valem belera

DEPOIS de refeições copiosas e indigestas, observamos geralmente que nossa cutis apresenta um deplorável aspecto. Por outro lado, quando ingerimos verduras, carnes e frutas, que exercem ação benéfica para nossa saúde, podemos sentir seus benefícios refletidos sobre a epiderme. Nesse intuito, reunimos alguns alimentos embelezadores, que devem ser frequentes à nossa mesa.



O leite, particularmente rico em cálcio e fósforo, é um dos melhores alimentos para manter a fresca coloração da cutis. Devemos consumir diariamente meio litro no mínimo. A coalhada é mais vilhosa para a pele, por suas propriedades benéficas ao intestino.

A cenoura, além de ser muito rica em sódio e cálcio, é fortemente alcalinizada, contém quase todas as vitaminas. Meio copo de suco de cenouras cruas, bebido em jejum pelas manhãs, é um dos melhores fatores de beleza da pele. Também recomenda-se comer as refeições uma cenoura crua, triturada e bem mastigada, para auxiliar a digestão.

A maçã, ao deitar, é excelente para os dentes e para favorecer um sono tranquilo, que é de vital importância para beleza.

Pela alta porcentagem de celulose que contém e pelo seu fermento similar à pepsina, o abacaxi tem a propriedade de neutralizar os ácidos, desinfetar os intestinos e dissolver as gorduras. Depois de alimentos complicados, nossa sobremesa deve reduzir-se a uma fatia de abacaxi. Os figos também são excelentes para a digestão, além de conter grande porcentagem de açúcar. Mas a fruta realmente perfeita para o organismo é a laranja, por ser refrescante, alcalina e laxante, assim como os limões. Comer laranjas, beber limonada, foi sempre um meio seguro para desintoxicar o organismo, porque contém grande quantidade de vitaminas. Um coquetel excelente, para se tomar pelas manhãs, é obtido misturando-se partes iguais de suco de cenouras e de laranjas.

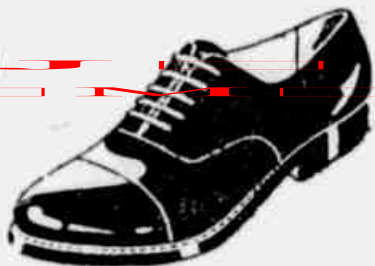
Uma das carnes mais recomendadas aos anêmicos e nervosos é o fígado de vitela, principalmente na convalescença. Quando se faz regime para emagrecer, deve-se consumi-lo, para diminuir a fadiga que produz uma alimentação pobre em calorias.

Quanto às verduras, quando cozidas, perdem grande parte de seus sais minerais, sobretudo se são fervidas além do necessário. A cocção ideal é ao vapor, se não, com o mínimo de água.

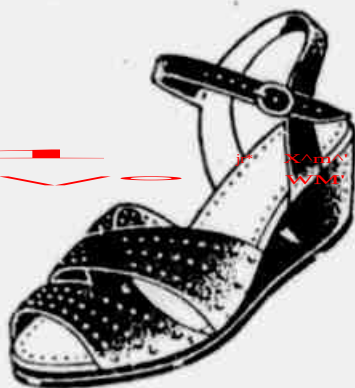
A SAPATARIA CYSNE, a mais antiga e conceituada da Capital, oferece calçados de qualidade, a preços mínimos pelo seu perfeito serviço de REEMBOLSO POSTAL



521 — Elegante sandália em camurça preta, marrom e azul, e em búfalo branco. Saltos 4½, 5½ e 6½. Cr\$ 130,00.



760 — É o modelo que mais se vende. Acabamento e material de ótima qualidade. Em vaqueta preta e marrom, de 36 a 44, Cr\$ 90,00. Em pelica preta, Cr\$ 120,00.



537 — Salto Anabela 3¼, em havana, camurça preta e em ventuz preto. De 32 a 40, Cr\$ 70,00.



742 — Feito a mão, com uma única costura. É de durabilidade comprovada. Em vaqueta cromada, preta e havana. De 36 a 44, Cr\$ 100,00.



510 — Um encanto de modelo! Primorosa fabricação! Em camurça preta com pelica, e em camurça azul com pelica. Saltos 4½, 5½ e 6½. Cr\$ 175,00.



519 — Muito elegante, a preço de bonificação. Em ventuz preto, em camurça preta ou azul, e em búfalo branco. Saltos 4½ e 6½. Cr\$ 85,00.



336 — Em vaqueta de 1ª, marrom e preta. De 20 a 27, Cr\$ 50,00. De 28 a 33, Cr\$ 60,00.



752 — Forma confortável e de grande duração, por ter revestido pontado à máquina. Em marrom e preto. De 37 a 44 — Cr\$ 100,00.



526 — Muito curado e elegante. Em pelica havana, vermelha e azul, em camurça azul e preta, e em búfalo branco. Salto sola de 1½. De 28 a 32, Cr\$ 90,00. De 33 a 38, Cr\$ 120,00.



530 — Grande moda, impecável modelo. Em camurça marrom com pelica marrom, camurça azul com pelica azul, camurça justa com pelica preta, e também todo em pelica vermelha. De 32 a 38, Cr\$ 125,00.



527 — Simples, mas agrada sempre. Em pelica vermelha, azul, havana e preta. Salto sola de 1½. De 28 a 32, Cr\$ 80,00. De 33 a 39, Cr\$ 100,00.



535 — Ótimo modelo em pelica preta e havana, e em camurça preta. Salto sola de 3½. De 32 a 40, Cr\$ 75,00.

VEIAM MENSALMENTE NAS PAGINAS DE «ALTEROSA» AS NOSSAS ÚLTIMAS CRIAÇÕES EM CALÇADOS

Aceitamos representantes em todas as localidades do Brasil

Fornecemos gratuitamente nosso catálogo, com vários outros modelos para senhoras, homens e crianças — Despachamos qualquer pedido no prazo máximo de 24 horas.

Avenida do Contorno, 1.423, (Floresta) — Fone 2-3702 — Belo Horizonte — Minas Gerais

CINEMA

OLIVIA DE HAVILLAND

A colecionadora de «Oscars»

Por Charles Saint



Olivia de Havilland

tado devido à sua interpretação na produção para a Paramount, «A Porta de Ouro» (Hold Back the Dawn).

A bomba só foi explodir, porém, quando, depois de perfazer um total de 31 filmes, Miss de Havilland veio a obter a famosa estatueta, desempenhando o papel de mulher desiludida em «Se Resta Uma Lágrima» (To Each His Own), em 1946. Dai por diante, sua carreira tomou outro aspecto. Da plataforma brilhante onde se encontrava, fácil se tornou para ela conseguir papéis que lhe proporcionassem novos êxitos e, por conseguinte, outras tantas citações dentro das normas exigidas para «os melhores do ano».

No período seguinte, a sua atuação no impressionante filme «Espelhos D'Alma» (The Dark Mirror), lhe valeu nova adesão dos membros da Academia a seu favor. Contudo, a maioria dos votos restantes foi para outras bandas... Passa-se o ano de 1948 e Olivia, espremeira devido ao seu desempenho em «Na Cova das Serpentes» (The Snake Pit), viu-se, entretanto, privada deste outro «Oscar», devido a Jane Wyman o ter conquistado sem dizer uma palavra sequer...

Novo horizonte surgiu quando William Wyler chamou-a para interpretar o principal papel feminino de «Tarde Demais». Logo de início, Olivia sentiu que neste novo cenário estava no caminho certo para alcançar um sucesso inigualável. De fato, logo que a produção da Paramount foi levada ao cartaz, o êxito não se fez esperar. Prosseguiu num ritmo cada vez mais crescente, o filme acaba de obter não só para Olivia a classificação de «a melhor atriz do ano», como também vários outros prêmios para os seus realizadores.

BOB HOPE EM PRIMEIRO LUGAR



Bob Hope

UM concurso patrocinado pela revista «Sowman Trade», Bob Hope, o vitorioso comediante da Paramount, foi classificado pelos exibidores norte-americanos como o absoluto «Campeão de Bilheteria» do ano de 1948.

A eleição de Bob foi realizada pouco depois da estréia, nos Estados Unidos, da sua comédia mais recente, intitulada «O gostoso».

Se bem que o engraçado ator sempre figurasse em lugar de destaque nas eleições anteriores, só agora vem ocupar o primeiro, numa demonstração de que o seu prestígio está aumentando, de que é uma prova as altas receitas que seus filmes produzem.



Barbara Stanwyck

A MENOR CÂMERA DO MUNDO

NA filmagem de «Viciada» (The Lady Gambles), da Universal International, Barbara Stanwyck carregava escondida uma máquina fotográfica dentro de uma carteira de cigarros e usava no seu papel de reporter para tirar instantâneos de personalidades, tipos curiosos e lugares pitorescos que cercam o elegante balneario de Las Vegas, centro de recreio de milionários.

Unindo a realidade à ficção, Barbara colocou por sua conta um rolo de filmes na minúscula máquina. As fotografias ficaram tão nitidas que a simpática estrela não descansou enquanto não obteve uma máquina igual, pois é muito afeiçãoada a tirar instantâneos fotográficos de pessoas amigas.

A máquina é de fabricação suíça, custa 400 dólares (8 mil cruzeiros) e tira fotografias no tamanho de 36 mm.

FATOS & BOATOS

● A esposa de Henri-Georges Clouzot, um dos mais célebres diretores do cinema francês, é brasileira. Chama-se Vera Amado e é filha do escritor e diplomata português Gilberto Amado.

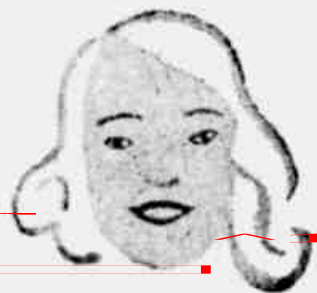
● Viveca Lindfors, outra bonita estrela que venceu em Hollywood, declarou recentemente, num intervalo da filmagem de «Backfire», para a Warner Bros, que acha as mulheres norte-americanas as mais afortunadas do mundo. A afirmativa de Viveca valerá por um elogio aos norte-americanos?

● Enrol Flynn, que está trabalhando agora na película «Montana», para a Warner Bros, começou a fazer um curso intensivo de pilotagem. É que ele pretende comprar um avião para voar constantemente até Jamaica, onde se encontra o seu famoso iate «Zaca».

● Foi iniciada em Porto Alegre a construção de amplos e modernos estúdios de propriedade da Horizonte Produções Cinematográficas Ltda., constituindo um grande conjunto arquitetônico com dez blocos de edificações. Segundo anuncia a nova empresa gaúcha, os seus estúdios, que serão os maiores do sul do país, estarão dentro em pouco fazendo filmes de longa metragem.



Nas fotos vemos o casal Clark Gable, após seu casamento, que deu que falar a Hollywood. Ao lado, eles são festivamente recebidos por uma chuva de arroz no seu rancho da Califórnia. Em baixo, Gable ajuda sua nova esposa a cortar o bolo nupcial com um punhal japonês. Na página ao lado, posam para o fotógrafo antes de partirem para Honolulu em viagem de núpcias. Ambos se casam pela quarta vez. Lady Silvia, que já foi esposa do falecido Douglas Fairbanks, parece-se extraordinariamente com Carole Lombard.



Giabile casa-se por





Recordação

Consoando-se com Lady Sylvia Ashley Alderley, Clark Gable acaba de confirmar de modo inesperado sua lenda de «viúvo inconsolável». Pois Lady Sylvia se assemelha estranhamente a Carole Lombard, terceira mulher e grande amor de Clark Gable, falecida em 1942 num acidente de aviação. Como Carole, ela possui longos cabelos louros e um corpo delgado. Como Carole, ri incessantemente. Tem 39 anos, a idade que hoje deveria ter Carole. Os começos das duas foram modestos. Carole principiou como figurante. Sylvia foi corista antes de se casar com Lord Ashley, seu primeiro marido. Toda Hollywood pergunta se, desposando Lady Sylvia, Clark Gable não procurou fazer resurgir a recordação de um grande amor.

Depois da morte de Carole Lombard, Clark Gable encerrou-se meses seguidos na fazenda onde vivera com ela. Quando de lá saiu para se engajar na aviação como soldado raso, seus cabelos já estavam grisalhos. O quarto de Carole foi conservado do modo como ela o havia deixado. Seus vestidos ainda estão suspensos nos guarda-roupas. Seus perfumes e seus cremes de beleza continuam na mesma ordem em que ela os deixara. A intensi-

dade do sofrimento de Clark Gable desconcertou Hollywood, a capital do artifício.

Quando Gable começou a cortejá-la, Lady Sylvia receou que fosse apenas pela sua semelhança com Carole Lombard. Exigiu longo prazo de experiência. Encontravam-se todos os meses, sempre em presença de outras pessoas. Decorreu um ano desde o «Amor» de Clark Gable até a resposta de Sylvia: «Eu te direi sim amanhã».

O consórcio realizou-se numa fazenda, perto de Santa Barbara. A voz de Sylvia tremeu ligeiramente ao repetir as formulas rituais proferidas pelo pastor, e Clark deu-lhe em seguida um beijo que, na opinião de todos os assistentes, seria censurado num filme. Sylvia, cujas mãos também tremiam, derramou uma taça de champanhe na orquidea gigante que lhe enfeitava o corpete. E o casal fugiu num automóvel, gritando aos repórteres:

— Tentem descobrir-nos, se forem capazes!

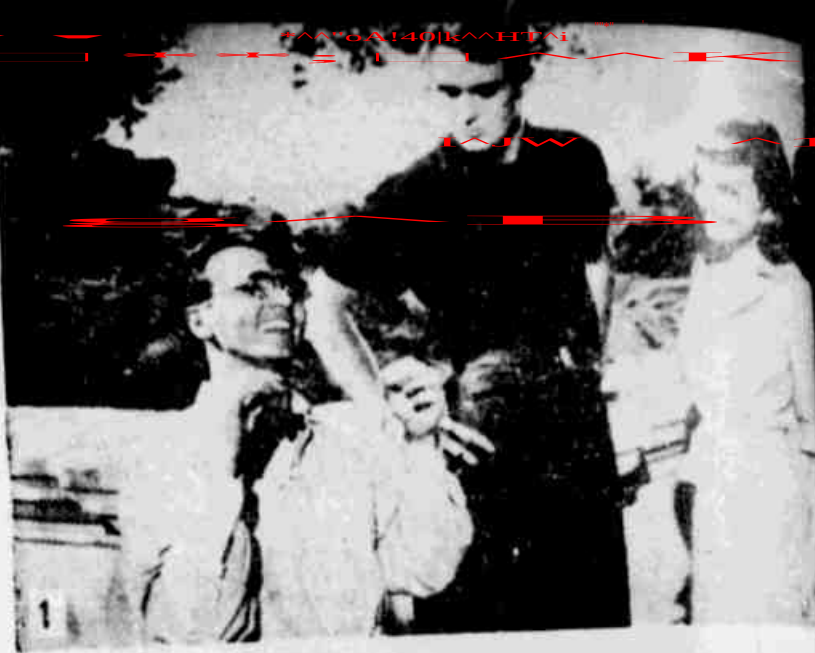
Três dias depois desembarcavam em Honolulu. Onze mil pessoas os esperavam no cais.

O enlace de Clark Gable consternou a crítica. (Conclui na pag. 122)

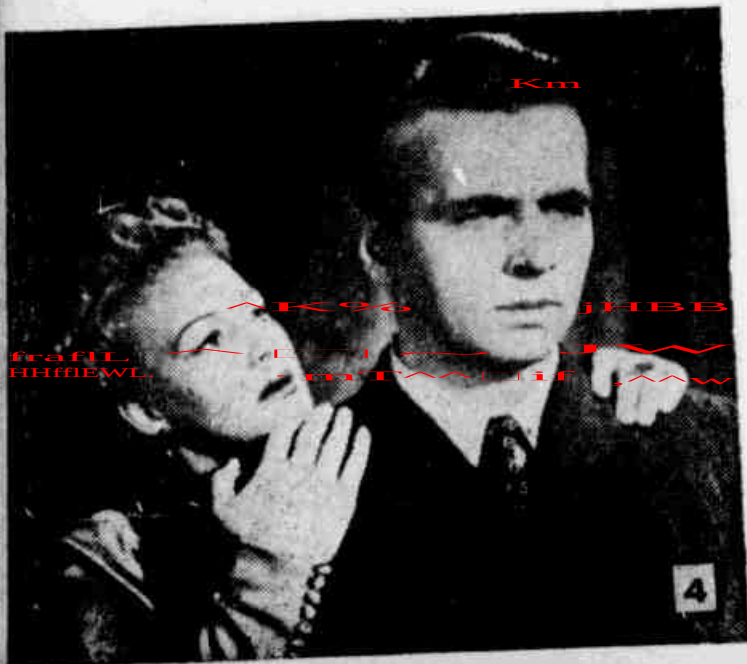




John Lund



De operário a astro



1 — Em "A dança dos milhões" (*Miss Tatlock's Millions*) Lund, que aqui se vê treinando minhocas diante de Wanda Hendrix e Robert Stack, tem um dos mais engraçados papéis cômicos jamais criados. Representa ele um tecnólogo normal que resolve passar por demente, a fim de dar uma lição na sua ambiciosa família. São co-estrelas desse filme Wanda Hendrix, Barry Fitzgerald e Monty Woolley.

2 — John Lund surgiu diante dos frequentadores de cinema, pela primeira vez, no filme "Só resta uma lágrima" (*Too Lost His Own*) representando ao lado de Offici de Havilland. Pelo seu ótimo trabalho nesse filme, viu-se logo que Lund tinha uma grande carreira diante de si.

3 — Em "A Mundana" (*A Foreign Affair*) Lund recebeu a espécie de papel que desejava. Ele não se considera o tipo de "mocinho" (embora os seus fans não concordem com ele) e em "A Mundana" pôde provar suas habilidades em um campo mais leve. Jean Arthur e Marlene Dietrich foram as co-estrelas do filme.

4 — Promovido a "astro", Lund apareceu como o destemido herói de Betty Hutton em "Minha vida e meus amores" (*Two Persils of Pauline*). História... Pearl White, a ousada raíza dos filmes silenciosos. Betty teve o papel de Pearl White a competir a Lund salvá-la de toda sorte de perigos.



"A noite tem mil olhos" (Night Has a Thousand Eyes) é uma película mergulhada em mistério. Trata dos místicos e intuitivos poderes da mente e doce fazer o seu cabelo ficar em pé. Lund co-estrela com Edward G. Robinson e Gail Russell

JOHN LUND, um dos astros de mais rápida ascensão nos céus de Hollywood, antes de ser ator, experimentou várias profissões tendo sido «garçon», controlador de «pontos», carpinteiro e até cavador de valas! No caso de Lund, porém, não era que ele estivesse marcando passo, esperando por uma oportunidade no teatro. Nunca a ideia da carreira teatral lhe passara pela cabeça até o momento em que lhe persuadiram a aceitar o papel principal da peça «Waiting for Lefty», uma produção de amadores.

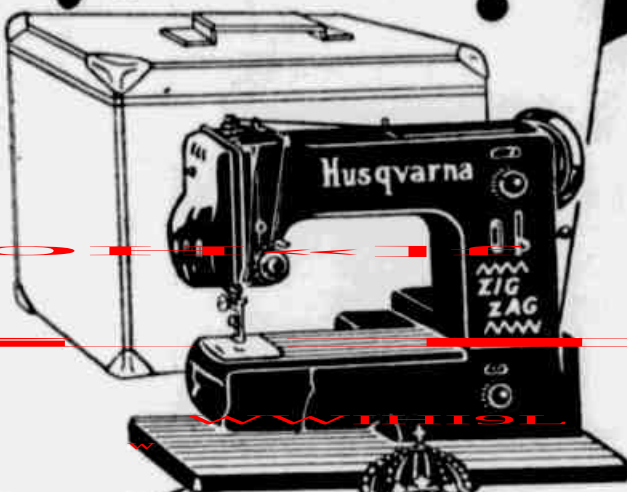
Depois, por motivos financeiros, Lund arranhou emprego em uma agência de publicidade. O palco, porém, agora o atrai e ele acabou com um pequeno papel na Broadway. Nos momentos de folga, experimentou escrever para o rádio e se saiu tão bem, que por algum tempo teve duas carreiras. A peça, entretanto, um dia saiu do cartaz e ele ficou só com o serviço de escrever para o rádio.

Isso não durou muito, pois o homem não conseguiu mais ficar afastado do palco e aceitou um papel que lhe ofereceram em «The Hasty Heart». A peça foi um grande sucesso. Foi quando se exibiu esta peça que Henry Ginsberg, Vice-Presidente da Paramount, encarregado da produção, descobriu Lund. Ginsberg achou que o nosso louro e simpático John

(Conclui na última página)

A MAIS ENGENHOSA...

...do mundo!



A única máquina

elétrica portátil que,

além de coser e bordar,

costura em zig-zag, prega

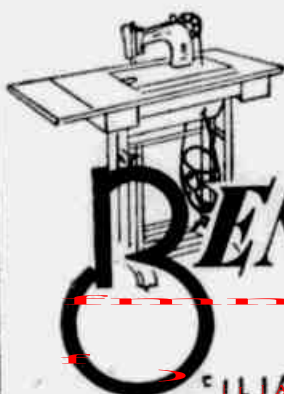
botões, casêia, cirze meias,

faz bainhas, bordado cheio, e

outros trabalhos

que só o zig-zag

pode fazer.



REMOREIRA

"Sua Husqvarna"

RUA TAMÓIOS, 48 FONE: 2-1619 - B. HORIZONTE

Husqvarna

A PERFEIÇÃO
DA INDÚSTRIA
SUECA!

prestações
de
cr\$300,00
mensais

H. E. I. O.
PARIS

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DE MINAS GERAIS

O Departamento Estadual de Estatística acaba de lançar o terceiro número do «Anuário Estatístico de Minas Gerais», relativo ao ano de 1949.

O volumoso trabalho, que reúne 433 páginas de matéria informativa de alto valor para conhecimento da posição mineira em todos os ramos da estatística, representa uma notável contribuição para o estudo da situação do Estado.

Como bem esclarece o dr. Joaquim Ribeiro Filho, diretor do D.E.E. na apresentação dessa obra, trata-se de um repositório numérico de informações referentes a todos os assuntos de estatística geral, objeto de pesquisas e uma fonte de consultas indispensável a quantos devam orientar as suas atividades à luz da estatística, sejam os poderes públicos, na realização da obra administrativa de que depende o bem estar do povo, sejam as entidades privadas que também contribuem para a constante expansão do patrimônio econômico e cultural da coletividade mineira.

CHARADA DO FAN



A foto que publicamos na edição de maio apresentou os artistas Howard Da Silva e Paulette Goddard, no filme «Os Inconquistáveis».

Acertaram nessa charada os seguintes leitores, aos quais já enviamos os prêmios, pelo correio: Roberto Barbosa de Alencar da Capital; Teodélio Augusto Barros, de Maceió; Olmar Ribeiro da Cunha Teles, do Rio; Lourdes Lessa, de Guaiaba; e Regina Veloso, de Severina.

Para este mês, a charada do fan consiste na indicação do nome da estrela que apresentamos aqui num desenho que realça os seus principais traços fisionômicos.

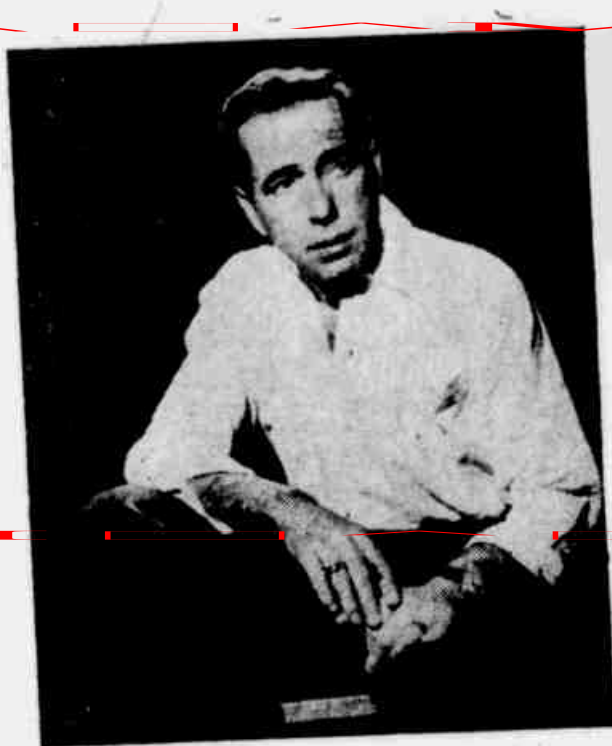
No sentido de facilitar aos nossos leitores a solução da charada, vamos alinhar alguns dados biográficos da conhecida estrela. Nasceu em Salt Lake City, no Utah, e foi para Hollywood com a sua família, aos 4 anos de idade. Seu verdadeiro nome é Gretchen.

Com apenas 15 anos de idade foi-lhe entregue o principal papel de um filme, ao lado do famoso Lon Chaney. Daí por diante sempre lhe foram confiados papeis os mais variados e em grande quantidade. Atuou ao lado de Charles Boyer em «Shanghai» e foi a principal figura feminina do filme «As Cruzadas».

Desde que os filmes começaram a falar, os «astros» e «estrelas» dotados de boas cordas vocais passaram a ter uma boa fonte de renda. A voz passou a ser a marca registrada do artista — tão valiosa para o êxito de uma carreira cinematográfica quanto o bigode de Clark Gable, as pernas de Marlene, o corpo de Paulette Goddard, o nariz de Bob Hope e os cabelos de Veronica Lake.

Lizabeth Scott, por exemplo, provavelmente nunca se esquecerá da ponderação feita por uma garçonete do Brown Derby, de Hollywood, quando ela apenas pisava os primeiros degraus da escada do triunfo. Após tomar nota do pedido de Miss Scott, a moça murmurou: — «Tenho a certeza de que já ouvi essa voz no cinema». E com alguns erros de concordância e pronúncia, a «garçonete» descreveu com exatidão o efeito que o tom peculiar da voz da artista exerce sobre o público.

A voz de Liz é baixa, rouca e tão fora do comum que bem se compreende tenha ela representado tanto na ascensão da «estrela». Com a mesma facilidade com que as pin-up girls põem glamour nas suas atitudes físicas, Lizabeth Scott enche de sex-appeal suas frases pronunciadas num tom rouco, porém bem musical. Não queremos dizer com isso, que a intérprete de «Amei até Morrer» seja despro-



Humphrey Bogart, da Warner Bros



Lizabeth Scott, da Paramount

vida de dotes de beleza plástica. Sua figura esbelta, seus cabelos cor de âmbar, seus olhos azulados e seu corpo elegante são do tipo que fazem subir a pressão dos cavalheiros que não bebem whiskey.

Outro ator que leva em conta a ajuda das cordas vocais, é o popular Alan Ladd. Durante a filmagem de «Até o Céu tem Linhas», respondendo a um repórter que desejava saber a que atribuiu o seu êxito no cinema, disse o galã: «A minha voz».

Ladd relembra o fato de que sua esposa, Sue Carroll, — então agente de artistas, — resolveu contratá-lo sem conhecê-lo pessoalmente, após ouvi-lo num programa radiofônico. Sue, ao que parece, ficou impressionada com sua fala vibrante e de certo modo autoritária, não desconfiando até o dia seguinte de seu conhecimento pessoal com o seu possuidor. O que aconteceu daí por diante, os fans sabem muito bem: Alan Ladd é hoje um dos ídolos do ecran.

O crooner Bing Crosby há mais de doze anos vem dizendo palavras que não passa de um «gemedor». Mas, quem tiver a oportunidade de ouvi-lo interpretar as melodias do filme «O Bom Velhinho», logo chegará à conclusão de que uma garganta privilegiada pode muito bem tornar o seu possuidor rico e famoso.

E' claro que existem, entre os favoritos da tela, inúmeros que não sabem ou não podem cantar. Mas suas vozes são facilmente identificáveis pelo público, mesmo no escuro ou gravadas em discos. Qualquer fan, de sete ou setenta anos de idade, não demoraria em reconhecer a voz rápida e nítida de Bob Hope; a pronúncia inflexível de Barry Fitzgerald ou a rispidez vocálica de Humphrey Bogart...

Afinal das contas, falando é que eles se entendem... e se fazem entendidos.

O que você pode fazer contra a Apendicite



Dor de estômago... ou apendicite? Só o médico poderá dizer! Os maiores perigos da apendicite são: os remédios caseiros e a demora no tratamento.

Conselhos a seguir



Não tome laxativos



Nada de aplicações quentes ou frias



Deite-se e fique quieto no leito



Chame o médico imediatamente

Sintomas de apendicite: dor na região do abdomen, às vezes acompanhada de náusea, vômitos, febre ligeira. Siga as instruções acima.



A cirurgia moderna e as novas drogas eliminaram a maioria dos perigos da operação de apendicite. A convalescença é mais segura, mais rápida, mais agradável!

A apendicite não deve atemorizá-lo se for reconhecida e tratada em tempo! Suas consequências sérias são evitadas em quase todos os casos, através de um tratamento oportuno. Mas a apendicite, que é uma inflamação do apêndice (pequeno órgão ligado ao intestino grosso), é sentida às vezes como uma simples dor de estômago. Muitos ignoram a verdadeira doença até que seja tarde demais! Se, aos primeiros sintomas, todos chamassem o médico imediatamente, os casos fatais de apendicite seriam reduzidos à metade!

Aviso! Não queira tratar-se você próprio! O erro mais comum: tomar purgante ou clister. Isso frequentemente provoca a ruptura do apêndice, generalizando-se a infecção. Um estudo sobre a apendicite numa grande cidade, mostrou que, evitando-se os laxativos, os casos fatais foram reduzidos à metade. Portanto, não tome remédios caseiros, não aplique bolsas de gelo ou de água quente. A qualquer dor de estômago suspeita, chame o seu médico imediatamente! Só ele pode fazer um diagnóstico seguro.

Se o médico recomendar uma operação, siga o seu conselho e não se preocupe. Em geral, a remoção do apêndice é um serviço de "rotina" que o cirurgião já fez inúmeras vezes e que exige apenas alguns minutos. As novas drogas e os modernos antissépticos garantem agora operações mais seguras e proteção contra complicações. Você pode confiar em que: 1) terá uma convalescença agradável; 2) sairá do hospital em menos de uma semana; 3) voltará à vida normal em menos de 3 semanas!

Esta é uma série de conselhos sobre problemas básicos de saúde. Neles você verá como uma estreita cooperação com o seu médico pode, não só SALVAGUARDAR, como também MELHORAR seu bem-estar diário e suas possibilidades de uma vida longa e saudável.



SQUIBB

PRODUTOS FARMACÊUTICOS
DESDE 1858

Se quiser receber, durante este mês, seu exemplar grátis do folheto "Como Proteger Sua Saúde", escreva para E. R. Squibb & Sons do Brasil, Seção de Publicidade F-2, Caixa Postal 225-A — S. Paulo

FIGURAS EM FOCO



DEAN ACHESON
Secretário de Estado americano

EM sua excursão, no mês de maio, aos países do Pacto do Atlântico, do qual foi o verdadeiro criador, a figura do secretário de Estado americano ficou em forte destaque no cartaz internacional.

Dean Acheson (pronuncie Di-ne Atcheson), com 57 anos, 1m.83 de altura, bigodes ruivos um tanto grisalhantes, americano de recente origem escocesa, começou sua carreira como advogado. Aos 30 anos já ganhava cerca de 3 milhões de cruzeiros anuais (como ministro, hoje, percebe apenas a décima parte).

Sua primeira vitória diplomática, dizem, foi ainda estudante em Harvard, contra o pai de Alice Stanley, grande industrial de Detroit. Apaixonado à primeira vista por essa moça, colega de sua irmã Margaret, pediu-a em casamento; mas o pai, olhando-o de alto a baixo, respondeu:

— Você nunca se casará com minha filha! Escolha outra moça em seu próprio ambiente!

— Eu sou modesto, — voltou ironicamente Acheson. — Não tenho altas pretensões. Contentar-me-ei com uma esposa escolhida no seu ambiente!

Stanley gostou da réplica. Riu-se, sentiu-se desarmado, e aceitou-o como genro. Hoje esse casal tem três filhos: Jane, David e Mary Eleanor.

Graças aos triunfos na advocacia e ao rico dote da esposa, o jovem advogado pôde logo adquirir uma grande casa em Georgetown e uma propriedade agrícola em Sand-Spring (Maryland), onde se entregava à sua paixão favorita: horticultura.

Foi em 1933 que Dean Acheson se tornou pela primeira vez um «homem público». Recém-eleito presidente dos EE. UU., F. D. Roosevelt o nomeou sub-secretário das Finanças. Mas apenas serviu seis meses. Ele foi o único homem que conseguiu enfurecer a Roosevelt, recusando-se a subscrever um ato que legalizava a desvalorização do dólar. Acheson voltou à sua banca de advocacia. Era reconhecidamente o homem mais elegante dos EE. UU. Cada dia usava uma gravata nova. Quando Roosevelt, que não lhe guardou rancor, tornou a chamá-lo, durante a guerra, para membro da Junta de Defesa da América, Acheson foi cognominado «número 1 dos números 2».

Em janeiro de 1949, Acheson, que durante o secretariado de Marshall se afastara do governo, voltou a servir, e desta vez como «número 1», isto é, como secretário de Estado.

Embora o acusassem de pro-sovietismo, sua nomeação foi aprovada pelo Senado por 83 votos contra 6. E aquela acusação caiu como infundada logo que ele acolheu com extrema reserva o convite de Stalin a Truman, por intermédio do jornalista Kinsbury Smith.

NIJINSKY

HA pouco tempo faleceu em Londres o grande dançarino Nijinsky. Depois de seu último grande triunfo no «Espectro da Rosa», Nijinsky soçobrou nas trevas da loucura. Durante trinta anos Romola, sua esposa, esperou que ele se restabelecesse. Mas sua loucura era incurável. Durante breve período — numa acalmia superveniente — ele tentou novamente dançar, mas súbitamente exclamou: «Não posso, estou louco!» Em abril último, depois de uma temporada de repouso no parque de um castelo próximo de Salzburgo, Nijinsky, prostrado por uma nefrite, murmurou «Até à vista!» à mulher e alguns amigos reunidos em torno de seu leito, fez o sinal da cruz, esboçou com a mão um gesto vago, e caiu para trás morto.



NIJINSKY
Dias antes de sua morte

Nascido em Varsóvia em 1892, o dançarino passou a adolescência e a juventude a esmerar-se na arte que exige grandes esforços e pesquisas de novos efeitos. Quase foi expulso da Escola Imperial de Petersburgo. Karsavina e Anna Pavlova dançaram com ele. Durante os anos de internamento na Hungria, Nijinsky, artista fanático, encontrou meio de «escrever» a dança do mesmo modo que se escreve a música.

A DUQUESA VERMELHA



LUISA MARIA
Duquesa de Valença

A terrível e formosa espanhola apelidada «Duquesa Vermelha», e cujo nome é Luisa Maria Norvaez y Perez de Guzman el Bueno Ramirez de Arellano, duquesa de Valença, condessa de Canadã Alta, viscondessa de Aliatar e marquesa

de Cartagena, jurou em 1931 restaurar a monarquia espanhola.

A princípio aliada de Franco durante a guerra civil contra os republicanos, abandonou-o depois, ao verificar que Franco combatia mais para si mesmo do que em benefício dos Bourbons.

Mulher de ação, tem lutado incansavelmente contra o regime atual da Espanha.

Como em regra sucede com as agitadoras de saias, nunca aplicam contra ela medidas demasiado severas; muitas vezes tem sido presa, mas permitem, por exceção, que mande vir a伯特as e o aquecedor elétrico de sua casa, e que receba de fora da prisão o seu alimento.

Detenta muito irascível, vive a reclamar sobre mil coisas, que seu banheiro não tem água quente, que as baratas enxameiam, que não lhe permitem ler outros livros que não sejam os da biblioteca da prisão, nem escrever tantas cartas quantas desejaria, nem mandar vir o cabeleireiro para lhe oxigenar os cabelos (na primeira vez em que foi presa toda Madrid ficou sabendo que ela era uma falsa loura), etc.

As detentas comunistas que se escandalizam por vê-la usar pijama de cetim branco na prisão, ficaram-lhe por fim afeições, ao ponto de uma delas dizer:

— Duquesa, se todos os aristocratas fossem como a senhora, não haveria luta de classes! Os aristocratas, pelo seu lado, acham que se toda a nobreza fosse como ela, não haveria mais tranquilidade na Espanha.

Continua intensa, na Alemanha, a ofensiva desencadeada há alguns meses contra o samba, sem embargo de ter este alguns defensores. O bispo de Würzburg encheu as paredes dessa cidade de cartazes bicolores em grande formato, convidando a juventude a fazer a greve da dança quando as orquestras tocassem sambas ou rumbas. Um capitão de bombeiros de Kembach bei Wertheim (Odenwald) declarou, por sua vez, no discurso com que deu início à festa anual da região, que «quem dançasse o samba de acordo com suas regras, seria imediatamente expulso da sala».

Contrariamente a isso, um pugilista e um deputado, entrevistados, se manifestaram favoráveis.

✱

Eva Peron, a esposa do presidente e ditador da Argentina, acaba de ser submetida com bom êxito, à operação de apendicite. Por determinação do presidente todos os trens em movimento tiveram ordem de imobilizar-se durante dez minutos à guisa de ação de graças pelo restabelecimento de Evita.



No Instituto Orientalista de Moscou foi elaborado, com a colaboração de especialistas chineses, um novo alfabeto chinês simplificado. Este alfabeto assemelha-se muito ao alfabeto denominado ciriliano dos russos. O velho e complicado alfabeto chinês vai ser abandonado, já havendo sido lançadas as bases de uma campanha contra o analfabetismo na China.

✱

O último recenseamento dos Estados Unidos evidenciou que a população desse país já ultrapassa 149.000.000 de habitantes.

✱

Segundo declarações prestadas aos jornais de Belo Horizonte pelo Dr. Rafael Xavier, secretário do Conselho Nacional de Estatística, a população da capital mineira deverá alcançar, no censo deste ano, a 330 ou 335 mil habitantes. Acrescentou aquela autoridade em estatística, ao falar à imprensa: «Belo Horizonte registra um índice de crescimento que é dos mais elevados do mundo».

✱

A «Targa Florio», a célebre corrida de automóveis da Sicília, pode transcorrer normalmente num domingo de abril último graças a um «acôrdo» entre carvalheiros estipulado entre a polícia e o «banda de honra», Salvatore Giuliano.

ESCLARECIDO O MISTÉRIO DOS DISCOS VOADORES



Recentemente grassou, como se sabe, nova «epidemia» de discos voadores. Foram vistos em toda parte por uma infinidade de pessoas de boa fé. Apareceram nos Estados Unidos, no Brasil, em Rabat, em Tânger, em Viena, em Addis-Ababa e no Egito. As explicações de sua origem foram as mais fantásticas possíveis, inclusive a de serem aparelhos vindos da Lua, de Marte ou de Vênus — hipóteses absurdas porque nem a Lua, nem Vênus, nem Marte são habitáveis por organismos evoluídos comparáveis aos homens. Se existe vida em Marte, ela certamente se reduz a bolores e líquens. Em grande parte os tais «discos» foram não mais nem menos do que o Planeta Vênus visível durante o dia.

Mas esse grande mistério, afinal, parece definitivamente desvendado. Sua revelação nos foi dada pela revista americana «United States News and World Report», publicada em Washington, e cujas relações com o governo lhe dão uma autoridade incontestada.

Alguns dos discos avistados foram, efetivamente, reais. Trata-se de um novo tipo de a-

ronaves, misto de helicóptero e avião a jacto que vem sendo desenvolvido pela marinha americana. Esses aparelhos, de grande velocidade e grande raio de ação, podem decolar sem a exigência de vastos aeroportos, até mesmo da cobertura de um navio comum.

O primeiro tipo de disco-voador foi comprado pela marinha americana em 1942. Esse avião, construído por Charles Vought, foi experimentado pela marinha, mas esta em seguida anunciou o abandono do projeto.

Segundo se supõe — uma vez que se trata de segredo militar não suficientemente esclarecido — de acordo com os testemunhos de quem o viram, ele funciona do seguinte modo:

A força motora é fornecida por motores a jacto. Cada disco tem uma série de tubos motores dispostos em direções variáveis, com um complicado sistema central de controle. O carburante utilizado é desconhecido, porque as chamas dos «jactos» ora são vermelho-alaranjadas, ora azuis, ora sem nenhuma cor. Os discos parecem ter a possibilidade de planar durante longas distâncias, economizando, assim, o carburante. Não possuem leme. A direção do aparelho e sua velocidade são evidentemente determinadas pelo ângulo dos tubos motores, pelo número destes em funcionamento, e pela potência utilizada. Escolhendo os tubos que devem ser rigidizados quer para cima, quer para baixo, e determinando seu ângulo o piloto pode fazer subir ou descer o disco verticalmente, voar direito para a frente, ou mudar de direção. A maior velocidade é obtida voltando-se todos os tubos para trás. Com os tubos voltados para o solo, o disco sobe verticalmente; e, com menor potência, desce do mesmo modo. □ (Conclui na pag. 163)

A DEMISSÃO DE JOLIOT CURIE

NO XIIº Congresso Comunista que se realizou em Gennevilliers, o eminente físico Frédéric Joliot Curie declarou que «os cientistas comunistas jamais contribuiriam com uma parcela da sua ciência para se fazer guerra à União Soviética». Esta declaração alarmou a França, motivando um pedido de interpelação.

Como consequência, terminou a absurda e perigosa situação de encontrar-se aquele comunista na direção da Comissão de Pesquisas Atômicas da França. O primeiro ministro Georges Bidault anunciou «com pesar» a demissão do físico nuclear vermelho.

Essa demissão, entretanto, não constitui plena segurança para o governo da República. Joliot Curie encaixou muitos de seus correligionários na Comissão Atômica, e o governo não revelou a intenção de proceder a uma depuração completa. O atual governo da França não agiu por sua



FREDÉRIC JOLIOT CURIE
Demitido por Bidault

própria iniciativa. Bidault unicamente reagiu «com pesar», em virtude dos repetidos atos de hostilidade do Partido Comunista, que, mediante uma campanha de motins e ameaças, punha em risco a segurança da nação.

O sábio nuclear temido já não era moço, e sua popularidade é atestada pela homenagem aparentemente de desagravo que lhe prestaram

em maio último, a pretexto da passagem do seu 50º aniversário natalício. Reuniram-se em suas vivas no paco municipal de Monteuil, num salão forrado de vermelho. O vinho servido cor-

(Conclui na pag. 163)

SKORZENY O ESPADACHIM DO NAZISMO



SKORZENY
o capanga-mór de Hitler

Esse homem terrível foi parar numa pensão familiar e desapareceu novamente.

A Pensão dos Cedros, em Saint-Germain-en-Laye (Paris), não tem qualquer aspecto de um quartel-general de espões, e o quarto

n. 33 é a imagem de sua senhoria: tranqüilizador e sossegado. Entretanto, por mais assombroso que isto seja, seu último ocupante foi um dos homens mais perigosos do mundo: Otto Skorzeny, espadachim n. 1 e assassino assalariado de Hitler, chefe do «Comando Especial» e de sua guarda pessoal. Colosso de dois metros de altura, uma enorme cicatriz sulca-lhe o rosto desde a têmpora até o queixo.

Aventureiro de extraordinária envergadura, sua atuação começou em 1938. À vista de uma companhia de soldados austriacos, um homem aprisionou na Austria Shussnigg, en-

tão presidente da república. Esse homem era Skorzeny, e agiu a mandado de Hitler. Até setembro de 1943 ele trabalhou à sombra do Führer, executando todas as missões discretas e perigosas, e de então por diante o vulto de Otto Skorzeny, o executor das baixas tarefas do nazismo, foi crescendo cada vez mais.

Mas apenas em setembro de 1943 o mundo teve conhecimento de sua existência: desde o dia em que, acompanhado por uns poucos homens, ele raptou Mussolini, que se achava preso por ordem de Badoglio, em condições de louca temeridade.

A fim de ser jugulada a Resistência francesa, em abril de 1944 recebeu nova ordem do Führer: «E' preciso eliminar De Gaulle».

Skorzeny embarcou com cinco homens no submarino 354, tomando a direção das costas argentinas. A' noite, novas instruções do chefe nazista: Eisenhower e Churchill também deviam ser eliminados. Mas três serviços secretos aliados embarçaram-lhe as atividades. Em dezembro de 1944 muitos de seus subalternos foram apanhados e fuzilados ao transporem a frente das Ardenas.

Foi esse o homem que nos meados de fevereiro último partiu tranqüilamente da Pensão dos Cedros, acompanhado de uma mulher misteriosa, e se encontra atualmente em toda a segurança na Argentina...

O BISPO DE UGANDA



BISPO KIWANUKA
Uma grande força de vontade

O Revmo. Bispo Joseph Kiwanuka seria ainda hoje um preto igual a tantos outros de sua tribo africana, se sua mãe não lhe tivesse ensinado a ler e se um dia, quando contava 12 anos, um missionário católico não o tivesse encontrado, casualmente, absorvido na leitura de um livro.

O missionário o enviou para a escola da missão, e isto foi o início de um curso que terminaria com sua ordenação sacerdotal aos 30 anos. Mas somente dez anos depois, em 1939, o papa o sagrou bispo de Masaka em Uganda, na Africa Oriental.

Em agosto passado, numa visita a Roma, o bispo Kiwanuka expôs ao Papa que existiam em Uganda muitos outros meninos

que desejavam ser padres, mas sem facilidades para frequentarem um seminário. Os outros bispos da Africa, sendo brancos, tinham no estrangeiro relações suficientes para obter fundos que permitam a criação daqueles estabelecimentos de ensino, ao passo que ele, na sua qualidade de negro, não gozava de igual vantagem.

— Vá aos Estados Unidos e arranje amigos lá — aconselhou o Santo Padre.

(Conclui na pag. 163)

LEONARDO DA VINCI PINTOU DUAS GIOCONDAS

Existe uma segunda Gioconda. O diretor do museu do Vaticano acaba de declarar que um quadro levado da França para a América em 1797 por William H. Vernon como presente de Maria Antonieta, era uma segunda Gioconda devida, realmente, ao pincel de Leonardo da Vinci... Esse Vernon fora recebido quinze anos antes na França e se tornou o amigo do rei e da rainha. Maria Antonieta fez-lhe presente dessa tela, que pertence atualmente à família Vernon, e é avaliada em 25 milhões de cruzeiros.

Estamos dispostos a acreditar.

Mas o curioso é que, na ocasião em que a célebre tela foi roubada, ninguém revelou, à guisa de consolo, que existia outra Gioconda de emergência!

O «AFFAIRE» ROGER PEYRÉ



ROGER PEYRÉ
Está escondido no Brasil

O governo francês pediu em junho último ao governo brasileiro a extradição de Roger Peyré, acusado de subornar funcionários públicos franceses e de utilização ilegal da sua influência.

Este caso, mantido em cochiços em torno do Palácio Bourbon, e de senca de a d o por uma notícia publicada na revista

«Time» de Nova York, teve sua origem em dezembro de 1949 num corriqueiro incidente num ônibus que se dirigia para a estação de Lião, entre um soldado francês de 20 anos e dois rapazes indo-chineses anamitas (ou vietnamenses). Houve insultos, bofetadas e todos foram parar na polícia. E na pasta de um dos indo-chineses a polícia descobriu a cópia de um relatório confidencial do general George Revers, que fôra em missão oficial à Indo-China. A divulgação desse documento poderia ter causado, (e há quem diga que causou) um grave desastre militar francês no Oriente.

No final do relatório Revers aconselhava ao governo francês a nomeação de seu amigo, o general Thomas Mast, para o cargo de Alto Comissário no Viet-Nam.

Procedendo a investigações para descobrir

como esse documento fôra parar nas mãos dos vietnamenses, a polícia verificou que um príncipe dessa nacionalidade mantinha relações com Roger Peyré, negociante falido, condenado à prisão pelo crime de receptação, depois absolvido por influência do general Revers, e agraciado com a Legião de Honra. Fôra Peyré quem lhe fornecera a cópia do relatório.

Apurou-se ainda que Peyré recebeu do Viet-Nam 2.800.000 francos (cerca de 170.000 cruzeiros), e que dessa quantia cada um dos generais implicados recebeu de Peyré 1.000.000 de francos.

Roger Peyré, filho de um pedreiro e uma porteira, era casado em segundas núpcias com uma sua ex-amante, e no mês anterior (novembro) embarcara com a mulher, uma filha e um filho para o Brasil.

Numa busca procedida em seu domicílio em Paris, foram descobertas numerosas cartas do general Revers, que nelas lhe pedia a interferência para conseguir uma quinta condecoração (que posteriormente obteve) e bem assim a nomeação de Mast para o cargo acima referido.



PRINCESA VINHA XA
25 anos, eleita Miss Indochina em 1948, era um dos elementos de ligação entre Revers e Peyré

Evidenciou-se, desta forma, que Peyré gozava de extraordinária e inexplicável influência, devido à proteção de alguma misteriosa personalidade francesa que não puderam atinar quem fôsse.

Esse escândalo cortou a carreira de dois generais, maculando gravemente (Conclui na pág. 163)

TODOS GANHAM



Os japoneses descobriram coisa melhor do que as loterias nacionais e os sorteios de apêlces! Eles inventaram o banco-loteria. Este funciona. Você deposita, por exemplo, cem cruzeiros em sua conta. No fim de seis meses, em vez de lhe pagarem os juros que esse capital renderia, o banco o faz participar de uma loteria cuja sorte máxima é de trezentos mil cruzeiros (para comodidade da demonstração transferimos os «yens» em cruzeiros, mas a proporção entre o depósito e o ganho foi respeitada). É inútil dizer que, quanto mais avultado for o seu depósito, mais probabilidades você terá de tirar a sorte grande.

A vantagem dessa combinação é que todos saem ganhando:

- o cliente não gasta um centavo de seu capital, e participa, mesmo assim, de um sorteio;
- o banco sai lucrando, porque a importância total dos prêmios é inferior à dos juros que deveria pagar;
- e a nação, enfim, também lucra, porque os japoneses, para aumentarem suas probabilidades de ganhar, depositam o máximo de dinheiro nos bancos, o que auxilia a reprimir a inflação.

O NOVO PRÍNCIPE DE MONACO



S. A. RAINIER III
torna-se príncipe reinante

A 11 de abril último subiu ao trono do principado de Mônaco, Rainier III, representante de uma longa linhagem de antepassados ilustres, dentre os quais os célebres Grimaldi, Hortênsia Mancini e o duque de Mazarino.

Esses antepassados lhe legaram a mais bela coleção de títulos com que um nobre possa sonhar: duque de Valentinois, marquês de Baux, Conde Ferrante, etc., etc., etc... ao todo, 18!

Sua Alteza Sereníssima é solteiro, de 27 anos, 1m76 de altura, 80 quilos de peso, cavaleiro da Legião de Honra e titular da Cruz de Guerra

merecida pela sua brilhante conduta durante a campanha de 1918. Foi campeão de box no colégio de Summerfields, é recordista de mergulho na pesca submarina, bom jogador de tênis e golf, ás do volante e fan do «yachting». Toca piston de jazz e guitarra. E, coisa ainda mais extraordinária para um chefe de Estado: é excelente poeta.

Foi Otton, o Grande, que, eleito em 925 imperador da Alemanha, distinguiu um membro da família Grimaldi, entronizando-o como príncipe de Mônaco. Há séculos que vive independentemente este pequeno principado sito entre o condado de Nice e a Ligúria, e que hoje conta 2.200 súditos monegascos — 900 mulheres e 1.300 homens. Carlos III, filho de seu soberano ex-ator Florestan, foi quem instalou a roleta no rochedo de Spélugues, que por isto ficou sendo chamado Monte Carlo.

Um de seus mais ilustres antecessores foi o sábio Alberto I, que se especializou em estudos de peixes (ictiologia), percorreu todos os mares e criou o museu oceanográfico mais vasto e mais belo do mundo.

A festa do coroamento se iniciou com uma barcarola, que todo o povo monegasco dedicou a seu soberano bem amado, tocada pelos melhores bandolinistas do principado. O rei apareceu na sacada para agradecer a seus fiéis súditos. Depois desceu ao pátio de honra do palácio, onde condeceu-se com seus mais denodados carabineiros e bombeiros.

«Tos isto foi apenas um prelúdio familiar às solenes manifestações, prestigiadas pelas nações estrangeiras, que se vão desenvolver no célebre rochedo de Mônaco.

Entre os seus participantes figurava um velho cidadão albanês, conhecido pela idade, mas ainda de bom viço — o dr. Voro-noff, que não representava a medicina nem a velha Rússia, e sim o México, do qual é o embaixador permanente em Mônaco.

Nessa ocasião um nome achava-se em todos os lábios: o da atriz Gisèle Pascal. Esta não se mostrou durante os festejos. O príncipe desmentiu oficialmente qualquer projeto de casamento com «la petite chocolatière», que reparte o seu tempo entre Cannes, onde moram seus pais (ex-vendedores de hortaliças) e sua magnífica Villa de Beaulieu.

Apesar daquela afirmação, todos estão persuadidos de que seu idílio acabará em casamento. Não é assim que todas as opções terminam?

GALERIA DOS DESILUDIDOS



ANDRÉ GIDE
Prêmio Nobel de literatura, um dos desiludidos do «Taratão Soviética»

Muitos simpatizantes do comunismo vêm na URSS stalinista o seu ídolo caído por terra. André Gide, escritor, revoltado com os contrastes de privilégios na França, voltou-se para a Rússia como os neo-conversos se voltam para Roma — e nela viu contrastes mais chocantes do que em seu país. Arthur Koestler, romancista húngaro, tornou-se comunista porque não havia outro partido disposto a combater com o mesmo ardor o hitlerismo — mas verificou que, acima de tudo, os comunistas aspiram a destruir o liberalismo e o socialismo. Ignazio Silone, célebre romancista italiano, seguiu o mesmo caminho pelo ódio ao fascismo — mas descobriu que a subserviência ao Partido Comunista russo era igual à dos italianos a Mussolini. E o mesmo aconteceu aos correspondentes americano e inglês Louis Fischer e Walter Duranty, que, de admiradores entusiastas da Rússia, passaram a ser seus acerbos críticos, depois de a terem conhecido de perto.

QUANDO DESCE O CREPÚSCULO..

(Continuação)

to e lá se casou com Américo Martins quando completava dezesete anos. Daí a seis anos, por força da mudança da Capital para Belo Horizonte, transferiu sua residência, pois seu marido era ordenança do chefe de polícia, dr. Aureliano. Teve catorze filhos, estando vivos uma filha, hoje viúva do major Nilo da Silva Gomes; José Américo, inspetor da guarda-civil, e Targ no Martins, funcionário da Imprensa. Não tem queixa nenhuma a fazer, pois, desde o marido, exemplar chefe de família e o póso amantíssimo, todos foram e são bons para ela. E espera, tranquila, o seu fim. Mas, antes que chegue, alimenta ainda o desejo de morar com Targino, que sempre foi bom filho...

VOVÓ FRANCISCA

Vovó Francisca tem setenta e um anos mas é alegre como uma menina. E, como uma menina, que ficou presa na infância, adora bonecas. Faz a roupinha delas e as coloca na cama, quando não as leva no colo, ninando-as. Evoca, desse modo, o tempo muito distante em que foi ama-sêca, criando os filhos dos Ferreira, hoje muitos em Belo Horizonte. E ela gosta de pronunciar-lhes os nomes: João, Luiz Augusto, João Batista, Margarida. Esta, então, — lembra vovó Francisca — dá jantar aqui todos os anos, no Natal. Perdeu o pai, Francisco Augusto, quando tinha dez anos. Sua mãe, Maria Tereza Ferreira, ficou na miséria. Tinha cinco irmãos e agora só tem um. Nunca sentiu vontade de se casar. Tanto que agora se julga mais feliz que nunca, embora seja muito doente e tenha sido operada duas vezes. Seu maior desejo agora é morrer. Tanto que não pensa mais na vida...

VOVÓ ANA

Vovó Ana, quando chegamos, estava macambúzia. Mas provocamos-lhe um sorriso que o fotógrafo aproveitou. Viu a luz do dia em São Miguel de Guanhães, centro de Minas. Amou demais ao seu marido, Sabino Francisco da Rocha, lavrador.

Viveu, felicíssima, durante o tempo em que o teve, carinhoso e fiel. Teve três filhos, ainda vivos: José, casado, morando em Governador Valadares, Efigênia, solteira, e Maria, viúva. Está resignada com o destino. Agora, seu maior desejo é ficar boa e ainda poder trabalhar... Não lga muito à idade, oitenta e cinco anos, pois se sente com disposição. Vovó Ana é um exemplo em que se deviam mirar muitas mocinhas de hoje... E muitos mocinhos também.

VOVÓ JOANA

Vovó Joana é a mais velha de todas: noventa e seis anos. Seu rosto é um pergaminho onde parece estar escrito todo o seu passado de privações inomináveis. Filha de Luiz Ferreira e Bernardina Maria da Conceição, cedo conheceu as agruras da vida. Mas a esperança chegou quando Pedro Gonçalves Rodrigues a pediu em casamento: tinha quinze anos. Já faz tempo... Pedro, porém, ficou seriamente enfermo, e a miséria voltou novamente a enegrecer o destino de vovó Joana. Todo o ano nascia-lhe um filho e ela, no desespero das mães que nada têm para saciar-lhes a sede ou matar-lhes a fome, ajoelhava-se ante o velho oratório e orava à Nossa Senhora da Conceição num dramático apelo para que viesse buscá-los e fôsse, no céu, a verdadeira mãe deles. E Nossa Senhora a ouviu, pois os foi levando um a um, não reparando se era pagão ou batizado... E, dos dezesete filhos, vivem hoje apenas José Gonçalves Rodrigues, Avelina Maria da Conceição, Lavina Gonçalves Rodrigues e Jovelina Gonçalves Rodrigues, que reside em Governador Valadares.

E, agora, mesmo abandonada pelos filhos, não tem nenhuma queixa do destino que lhe foi tão adverso. E, à pergunta de qual

A beleza dos seus móveis consiste unicamente em tratá-los constantemente com óleo de peroba.

era o seu maior desejo, vovó Joana fitou-nos paralisada por um instante e deixou escapar dos lábios murchos esta palavra sublime que lhe estremeceu o corpo alquebrado num fêmito de incontida esperança: — «Deus!»

VOVÓ CAROLINA

Nasceu em Caetés há setenta e cinco anos, vovó Carolina. Seus pais, Lisardo José de Araújo e Felipa Maria de Jesus, morreram quando ela era mocinha. Dos dois irmãos, Antônio e Jacinto, só vivo este último, residindo agora em Carangola. Casou-se com vinte e quatro anos com Antônio Coelho de Oliveira, o homem de seus sonhos, que jamais a decepcionou. Viveram felizes trinta anos de casados. Quando Antônio morreu o mundo pareceu desabar para vovó Carolina. A fisionomia tristonha de agora ainda parece refletir a imensa amargura de perdê-lo, perdendo a própria alegria de viver. Vive mergulhada na saudade, buscando no espaço e no tempo a imagem e a voz dele, seu príncipe encantado. Sempre sonhou morrer primeiro que ele. Mas Deus não quis. E, por mais estranho que pareça, nunca sentiu falta de um filho: tinha o marido, que era ao mesmo tempo seu esposo e seu único filho...

VOVÓ FRANCISCO

Vovó Francisco é uma impressionante máscara de ébano. Dir-se-ia ter fugido duma fazenda escravocrata. Mas que estranha beleza na sua cabeleira de algodão que se une à barba também branquejada sobre o negror da epidemia luzidia! Tem uma das vistas vazadas e a outra... cega. Sua exclamação quando o guiamos por entre as camas nos furou como um prego acêso: «Patrão, não vejo nem o resplendor do sol!» A amargura berse «Pai João» da senzala da cegueira é serena como plácido é o seu semblante majestoso, remetendo-lhe a formação espiritual embora rústica. Nasceu vovó

(Continua na p. 127)

QUAL É O NOME DESTA MULHER?



- a) — Personagem bíblica que tem um grande lugar na vida de Sansão. Deu origem ao corte de cabelo mais famoso da história.
- b) — Segundo o Livro dos Juizes (cap. XVI), era uma corteza célebre pela sua beleza.
- c) — Enquanto Sansão dormia fez-lhe cortar o cabelo, fazendo com que perdesse a sua descomunal força.

ESTA PROVA DECIDIRÁ TUDO

Hoje mesmo mande encetar um oposto de sua casa com a Cera Cachopa e compare os resultados com os da cera antiga.

Depois de muitos e muitos anos em que as ceras para soalhos foram sempre fabricadas da mesma maneira... surgiu a CERA CACHOPA com uma fórmula inteiramente nova. Mais rica em qualidades, usando matérias primas muito mais caras, a CERA CACHOPA, à base de carnaúba e contendo DDT, é a mais moderna e a melhor cera para soalhos.

mais pura
mais concentrada
mais rica em qualidades

*espalha mais!
rende mais!
brilha mais!*

Cr \$

10.000

em prêmios

Havendo mais de uma até cinco respostas que venham a resposta certa, o prêmio de Cr\$ 10.000,00 será dividido em partes iguais. Caso cheguem mais de 5 respostas certas, todas as cartas serão colocadas numa urna, cabendo um prêmio de Cr\$ 2.000,00 para cada uma das cartas retiradas em primeira lugar. * Importante: Toda resposta deverá vir acompanhada do Disco Metálico Voador que se encontra em todas as latas da CERA CACHOPA. Cada participante poderá mandar quantas respostas quiser.

Este é o Disco Metálico Voador que você encontrará em todas as latas e deverá acompanhar o "coupon" ao lado



TESTE MENSAL "CACHOPA"

Nome desta mulher é: _____ N.º _____

Nome da(o) concorrente: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Preencha e remeta este coupon, junto com o Disco Metálico Voador, a FONTO-QUÍMICA S.A. Departamento de Propaganda - Rua Caetano Pinto, 129 - Caixa Postal, 4789 - São Paulo

* Este ato será público e realizado na primeira feira de cada mês, das 21 às 21,30 hrs., no palco auditório da PRE-4 Rádio Cultura de São Paulo

O RESULTADO DO "TESTE CACHOPA" SERÁ SEMPRE PUBLICADO NESTA REVISTA, UM MÊS APÓS A APURAÇÃO, COM OS RESPECTIVOS NOMES E ENDEREÇOS DAS PESSOAS PREMIADAS

VEJA O RESULTADO DO TESTE DE MAIO NA PÁGINA 161

GABLE CASA-SE POR RECORDAÇÃO

(Conclusão)

ca de uma dúzia de estrelas maiores e menores de Hollywood, que haviam nutrido a esperança de fazê-lo olvidar Carole Lombard. Para isso aplicaram todos os meios, mas sempre em vão. «Ele não se tornará a casar», diziam, desiludidas.

— Essa notícia deixou-me boquiaberta, — comentou uma delas em nome de todas as rivais.

A surpresa também foi grande entre os amigos mais íntimos de Gable.

— Ele nada me disse sobre sua intenção de casar-se, — declarou Clarence Brown, o cineasta que deve fazer seu próximo filme.

A última palavra foi dita por Louella Parsons, a mais célebre cronista de cinema americano, que deixou escapar, candidamente, esta enormidade: «Duvido que quaisquer personagens da história, inclusive Cleópatra e Marco Antônio, Helena de Troia e o resto (sic) tenham tido carreira iguais às dessas dois».

Lady Sylvia já se havia casado três vezes: com Lord Ashley, com Douglas Fairbanks pai, e com o barão de Alderley. A carreira matrimonial de Gable teve a mesma movimentação.

A personalidade e o próprio triunfo de Gable foram a obra das numerosas mulheres que atravessaram a sua vida.

De seus primeiros amores Clark apenas conservou a recordação de alguns prenomes. Aos oito anos apaixonou-se por Tree-la. Por causa dela renunciou à pesca para frequentar um curso de catecismo. Foi-lhe fiel durante cinco anos.

Outros prenomes flutuam-lhe na memória: a loura Norma, de Akron, onde ele trabalhava numa fábrica de artigos de borracha; Elsa, que conheceu quando empregado numa refinaria; e Louise, filha de seu hoteleiro, quando era lenhador.

Mais tarde, ao se tornar celebre, a lista de suas conquistas presumidas, a dar-se crédito aos jornalistas americanos, inclui os nomes das estrelas mais famosas. Mas três mulheres desempenharam um papel capital na sua vida: as três que ele desposou antes de se tornar o marido de Lady Sylvia. A primeira ensinou-lhe sua profissão, a segunda fez dele um homem da sociedade, e a terceira ensinou-lhe o amor.

Gable conheceu sua primeira mulher, Joséphine Dillon, em 1924. Era empregado da companhia telefônica e foi consertar sua linha. Josephine tinha dez

anos mais do que ele. Era professora de arte dramática e Gable sonhava em ser ator. Durante os seis anos que durou esse casamento Josephine ensinou-lhe tudo quanto sabia sobre sua profissão. Ele foi um aluno dócil, respeitoso e reconhecido. Ela mostrou-se professora dedicada. De acordo com a opinião de todos, foi um casamento feliz. No fim de seis anos Gable tornou-se um ator conhecido. Josephine não tinha mais nada que ensinar-lhe e Gable nada mais tinha a aprender. Então o elo que os reunira se desfêz. Divorciaram-se.

Em 1931, Gable encontrou Théa Langham. Era viúva, riquíssima, recebida na alta sociedade, e tinha um magnífico apartamento em Park Avenue, Nova York. Théa apaixonou-se por ele. Malgrado sua celebridade, Gable continuara a ser, na vida prática, o mesmo operário que fôra durante muitos anos. Ficou deslumbrado com o luxo, a elegância e a distinção da sra. Langham. Era mais velha do que Gable onze anos, mas ele não se preocupou com a diferença e desposou-a.

Sempre bom marido e bom discípulo, Clark Gable aprendeu a vestir-se e a frequentar os salões. Mas alguns anos de vida comum esgotaram, novamente, esse programa. Em 1936 divorciaram-se.

Agora ator e homem da sociedade, Gable encontrou, afinal, o

amor em Carole Lombard. Casaram-se em 1939. Ela foi, sem dúvida, o grande amor de sua vida.

Até a morte de Carole, os dois viveram em sua fazenda enfeitada com troféus de caça. Carole cuidada das galinhas. Clark pescava, caçava e cultivava as terras.

A 16 de janeiro de 1942, o avião de Carole Lombard despedaçou-se em Las Vegas. Desesperado, Clark alistou-se na aviação de bombardeios. Tomou parte em numerosos raids e bombardeou principalmente a cidade de Nantes. De regresso da guerra viram-no outra vez em lugares públicos de Hollywood, sempre rodeado de lindas moças. Os cronistas atribuíram-lhe muitas aventuras, citando numerosos nomes célebres. Seu melhor amigo, o diretor cinematográfico Jack Conway, afirma que Gable nunca teve pretensões a Don Juan. «Clark não se interessa seriamente pelo amor. Creio que seu maior prazer é despedir-se de todos, ir para o campo e deixar crescer a barba».

Esse tipo de homem, rude e afetuoso ao mesmo tempo, de sedução um tanto frustrada, animal, corresponde à idéia que as mulheres se fazem da verdadeira virilidade. Se, na cidade, Clark Gable não é sempre o Don Juan descrito pelos jornalistas, é, certamente, na tela, o ator mais apreciado pelo público feminino.

Desde seu primeiro filme clamaram: «É um Rodolfo Valentino no corpo de Jack Dempsey!»

Jack Conway apelidou-o «novo rei da América». E em 1938 foi sagrado Rei de Hollywood. Até hoje costumam chamar-lhe «Rei».

Ele só conheceu um eclipse. Em 1946, ao regressar da guerra. Seus dois primeiros filmes, *Aventura e Mercadores de Ilusão*, foram uns fracassos. Acreditou-se, por um momento, que Gable estava «liquidado». Mas em 1947, seu terceiro filme, após-guerra, *Regresso à Pátria*, constituiu um retumbante sucesso.

Hoje, Clark Gable voltou a ocupar um lugar de realce na classificação dos grandes astros americanos. Assinou com a Metro Goldwyn Mayer um novo contrato de oito anos, para dois filmes anuais. Quando o contrato vencer, em 1955, Clark Gable terá 54 anos.

S. I. P.

Serviço de Informações e Propaganda

Funciona regularmente, desde 1947, das 17,30 às 20,30 horas, intensificando a educação cultural e artística na cidade — 4 possantes alto-falantes no perímetro urbano da cidade, dirigido pelo sr. Francisco Farias Rodrigues. Locutores: Jésus Ferreira Brasil, Sebastião Lopes Filho, Benedito de Castro e Gualter Rodrigues Albino.

LADAINHA — E. F. C. B. MINAS

Francisco em Capela Nova das Dôres, neste Estado. Filho de Pascoal Francisco de Paulo e Custódia Miguelina de Jesus, sofreu privações desde cedo. Quando tinha seis anos foi mordido debaixo de um pé de gabioba por uma jaracussú do campo. O curador que o assistiu fez-lhe trágica profecia: o veneno da cobra o poria cego anos depois... Vovô Francisco esperou a cegueira anos a fio, numa expectativa desesperante que lhe marcou a adolescência. Mas a cegueira não veio. Quando completou vinte e dois anos conheceu a sobrinha do padre Trigueira, de Bonfim: Virgínia Francisca de Jesus Trigueira que, após 14 anos e 11 meses (e quantos dias e horas, vovô?) os abandonou, a ele e aos filhos. Ficou apaixonado. A cabrocha era trabalhadeira e tão boa que até o havia ensinado a ler num mês apenas. Gostava dela... Abandonado, pois os filhos se haviam dispersado, não o ligando até hoje, com exceção de Alice, que o visita de vez em vez, vovô Francisco sofreu outra tragédia: aos quarenta anos, tornou-se-lhe uma das vistas, enquanto a outra desfêz-se certa noite... Cumprira-se o vaticínio do feitiço: o veneno da jaracussú do campo vencera o tempo! «Ah, patrão, nem o esplendor do sol!» Quando lhe perguntamos a idade da esposa infiel, vovô quis fazer graça e disse: «Ainda não deve estar pintando... Mas como pintou quando fugiu de nossa casa!» Lembra sempre dos filhos: Maria, Alice e Braz. Agora, só espera a morte. E, sempre fazendo graça, vovô Francisco murmura: «Ah, a morte eu tenho fé em Deus que hei de ver!...»

VOVÔ JOAQUIM

Vovô Joaquim é o mais moço e o mais forte de todos. Sente-se doente e não pode trabalhar. Filho de Jonas Pereira de Lacerda e D. Josefina Dias de Sales, casou-se com d. Josefina Joana da Silva mas foi infeliz com ela. Tem um bom filho, José Patrocínio da Silva.

(Conclui na pag. 62)

Saúde

Quando abelhas, formigas e outros insetos nos picam, o lugar da picada fica em geral inchado e dolorido. Ultimamente os médicos descobriram que a aplicação direta de unguento contendo alguma substância anti-histaminica, como a teforina, a piribenzamina ou o neo-antargan, produz rápido alívio. Talvez sejam alergias a causa da dor e da inflamação.

Desde a descoberta da penicilina e de outros antibióticos desenvolveram-se muitos métodos úteis de se empregarem essas substâncias contra grande número de moléstias. Entre as mais recentes técnicas figura a inalação dos antibióticos por meio de um aparelho especial que emprega uma botija de oxigênio para fornecer a pressão necessária. As inalações de penicilina, estreptomicina e outros antibióticos mostraram-se úteis nas infecções crônicas dos seios nasais, das fossas nasais, da garganta e outras, como amigdalites, bronquites e asma infecciosa. Até o resfriado comum pode ser aliviado nos casos em que se complique com infecções secundárias causadas por germens de associação sensíveis às substâncias antibióticas.

Balzac, o maior bebedor de café conhecido, era um escritor incrivelmente fecundo, mas isso não quer dizer que você possa repetir esse milagre tomando muito café forte. Você se sentirá mais alegre, mais animado, e possivelmente mais lúcido... mas não por muito tempo. Na dose de dez a doze xícaras de café forte por dia, sua animação desaparece normalmente depois de umas 72 horas. Então sobrevém preguiça, abatimento e lerdeza mental. Tomado em quantidade excessiva, o café produz exatamente o contrário do efeito estimulante desejado.

A proporção que envelhecem, as pessoas ficam mais gordas, o que é devido a modificação das atividades glandulares. Os cientistas afirmam que essa mudança da química do corpo se pode associar com endurecimento das artérias, alta pressão sanguínea, e até mesmo câncer. Alguns entendem que um regimen favorável a meninos e meninas em período de crescimento pode ser prejudicial a adultos idosos. Quando alguns efeitos glandulares são controlados nas pessoas idosas, suas células tornam a armazenar proteína e não gordura. Os hormônios sexuais mostram-se particularmente úteis para esse fim.

O cérebro é um gerador de eletricidade, e essa corrente elétrica pode ser registrada, num indivíduo normal ou num enfermo, aplicando-se no crâneo placas metálicas especiais ligadas a um aparelho registrador. No Canadá, um ilustre neuro-cirurgião, o dr. Pennfeld inventou um aparelho que lhe permite, até mesmo durante intervenções cirúrgicas contra a epilepsia, «passar» na superfície exposta do cérebro uma placa minúscula que localiza exatamente a região enferma que é necessário extrair.



Acontece cada coisa...

A cada mês, Continui manuscritas interessantes de casos curiosos e pitorescos que vocês, leitores, poderão contar nesta seção de sua revista. Mande-nos a sua narração, com o máximo de 250 palavras, escrevendo de modo bem legível, em uma só face do papel, com seu nome e endereço completos. As colaborações publicadas serão premiadas com Cr\$ 50,00 (cinquenta cruzeiros).

PERIGO DE SAIAS

© recorde de mulher mais perigosa do mundo foi batido, sem dúvida, por uma mexicana jovem, bela, intel gente e sedutora — Maria Elena Blanco.

Ajudada por dois cúmplices ela matou um joalheiro. Condenada a vinte e oito anos de prisão, seus encantos conquistaram o coração do carcereiro. Uma noite ele a levou, românticamente, a passear ao luar. Ela aproveitou o ensejo para deixá-lo nocaute e fugir. Recapturada ao fim de algumas horas, fugiu de novo, seis meses depois, com o auxílio de um caixa de mercearia. Novamente aprisionada, pouco depois foi transferida para outra prisão, onde a conheceu, oportunamente, um visitante rico e influente. Seduzido por tantos atrativos, o infeliz caiu perdidamente apaixonado e empreendeu uma campanha para obter sua libertação. Mas importunou tanto seus amigos políticos, que foi obrigado a deixar o país. Em 1946 o ministro da Justiça achou que Maria já havia causado muitos aborrecimentos; e, receando novas complicações, enviou-a para a pe-

nitenciária da ilha de Maria Madre, no Pacífico (que é uma coisa parecida com a Ilha do Diabo, dos franceses). Onde cumprirá os restantes 25 anos de sua pena.

CASOU-SE COM MULHER RICA

© dinheiro do casal fora levado por ela, e a mulherzinha gostava de alegar isso. Se compravam um objeto ou faziam uma viagem, ela não deixava de observar:

— E' claro que, sem a minha fortuna, não poderíamos ter esse prazer.

Há dias eles compraram um



imponente Rolls-Royce. Indo alguns amigos visitá-los, conduziram-nos à garagem de sua «vila» para admirarem a nova aquisição.

— Sim, — respondeu ela às felicitações. — E' realmente um belo carro. Mas, como não cesso de repetir a meu marido, se não fôsse minha fortuna, este carro não estaria aqui!

Exasperado por ouvir sempre o mesmo estribilho, o marido subitamente prorrompeu, furioso:

— Mas, imbecil que você é, não compreende que sem a sua fortuna, eu também não estaria aqui?

REALEZA DEMOCRÁTICA



EM sua viagem à Noruega, um meu amigo ficou impressionado ao ver os modos simples e democráticos com que procediam pessoas da família real. Certa vez em que lhe caiu sob a vista uma fotografia do rei carregando uma mala para embarcar, acompanhado por um ajudante de ordens que ia com as mãos abanando, ele comentou para um norueguês:

— Imagine-se uma coisa destas! O rei carregando sua mala!

O norueguês ficou surpreso: — Que tem isso? A realeza é dôle! — Ernest Maass.

GANHAVA SEMPRE

QUANDO um agente de uma importante companhia foi transferido de Nova York para Chicago, seu chefe escreveu uma carta explicando que ele era o melhor vendedor da companhia, mas que tinha um grave defeito — era manido por apostas.





A sua chegada o novo chefe lhe disse:

— Aborreceu-me saber que você gosta de apostas, moço. Mas de que espécie são elas?

— Faço apostas sobre qualquer coisa. Por exemplo, eu apostaria 25 dólares em como o senhor tem uma mancha escura atrás do ombro direito.

— Aceito a aposta! — exclamou o chefe.

E, ato-contínuo, tirou o paletó e a camisa. O agente pagou os 25 dólares e o chefe de Chicago escreveu para Nova York referindo o incidente e jactando-se de que havia dado uma boa lição ao rapaz.

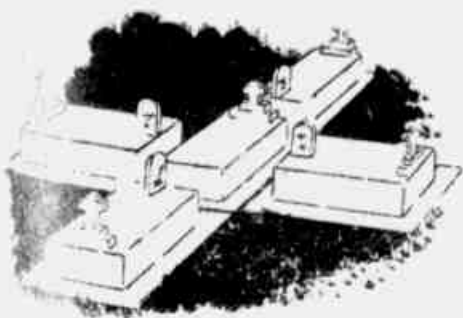
Poucos dias depois ele recebeu esta resposta:

«O rapaz saiu ganhando, porque, antes de partir, quando falei em sua severidade, ele apostou comigo 200 dólares em como, 5 minutos depois de chegar à sua presença, faria você tirar a camisa!»

FANTASIA FUNERÁRIA

EXISTE nos Estados Unidos um pequeno cemitério onde se encontra um estranho monumento: quatro sepulcros em torno de um quinto. Em cada um deles há um pedestal de mármore, e nesse pedestal está esculpida uma mão de indicar o pontado para o túmulo central.

Nessas mãos acham-se gravadas estas palavras: «Nosso espírito»



ECONOMIA

UM veterinário de Nova York foi procurado por um modesto fazendeiro, que, depois de saber quais eram seus honorários, lhe pediu que fôsse ver uma vaca doente.

O médico o levou no seu carro, e, depois de muitas voltas em estradas detestáveis, chegaram à fazenda do tal homem. Então este desceu do carro e, antes que o veterinário fizesse o mesmo, disse-lhe:



— Não precisa descer, doutor. Não tenho nenhuma vaca doente. O caso é que eu queria vir para casa, e como o senhor cobra só 3 dólares por visita, me ficar é mais barato do que pagar 5 dólares a um motorista de praça...

VIAJANA NUM FORDECO



HENRY Ford rodava um dia em seu carro nos arredores de Detroit quando encontrou um automobilista em apuros. Parando seu automóvel, ele desceu para ajudar o homem, e em poucos minutos conseguiram repór em forma o automóvel enguiçado. O dono deste, muito satisfeito, quis gratificá-lo com duas notas de um dólar.

— Fico-lhe muito grato, — respondeu Ford, sorrindo, — mas afianço-lhe que não preciso desse dinheiro. Posso bons rendimentos.

— Isso me admira — disse o outro, uma vez que está viajando num Ford!

CASAMENTO E NEGOCIO



ANUNCIO de casamento publicado num jornal de Londres: «Um lavrador, de 38 anos, deseja conhecer uma moça de 30 que possua um trator para fins matrimoniais. Enviar seus documentos, com a fotografia do trator, a fulano, à rua tal...»

LONGEVIDADE E ALCOOL

COMO constasse que o velho Tobias, que acabava de completar cem anos, nunca havia bebido uma gota de álcool em sua vida, a diretoria da sociedade de abstêmios de uma grande cidade vizinha partiu para entrevistar o velho, esperando, por esse modo, fazer uma excelente propaganda a favor da temperança.

Tiraram de sua cama o infeliz macróbio que, apatetado, ia respondendo como podia às perguntas dos visitantes. Mas de repente estes pensaram que a casa ia abaixo. Do cômodo vizinho saía uma barulhada horrível, parecendo que os móveis e toda a louça dançavam uma sarabanda infernal.

— Que é isso, Deus do céu?! Que é isso? — perguntou muito assustado o presidente dos abstêmios.

— Oh! — respondeu calmamente o centenário; — não é nada! É papai numa das suas costumadas bebedeiras!



Esparzos



SOBREVIVÊNCIA AO SONHO

Não penseis que me quedo triste, agora
Que o sonho de porvir não mais me alenta
Rejubilo-me até de, vida a fora,
Ter a minha alma, de maldade, isenta.

Não quero a compreensão que desalenta
E o sonho mata na inocente aurora...
Em face da mesmice, ou da tormenta.
Só mesmo o sonho é que nos revigora.

Minha ilusão foi algo de sublime:
Oração luminosa que a alma exprime.
A sua luz jamais se há de apagar...

Sinto-a prêsa ao meu ser, embora triste...
E' como a luz que desce ao nosso olhar,
Vinda de um astro que não mais existe...

Anita Carvalho



INVICTO

Ergue a cabeça e afronta o teu desgosto.
Ignora a turba que te inveja então.
As ironias que te vão ao rosto
Devem ser palmas que os covardes dão.

Te isola deles e em teu alto pôsto
As trepadeiras nem te alcançarão,
Pois a palmeira não precisa encôsto
No alçar-se bela dos reptis do chão.

Dos corvos que esperar senão cobija
Em ver uma águia forte podre e morta
Pra depois lhe comerem a carniça?!...

Deixa aos mediocres a feroz chalaça,
Prossegue em teu destino. E o mais que
[importa?
Ladram os cães e a caravana passa!...

Miguel Russowsky

TRISTEZA



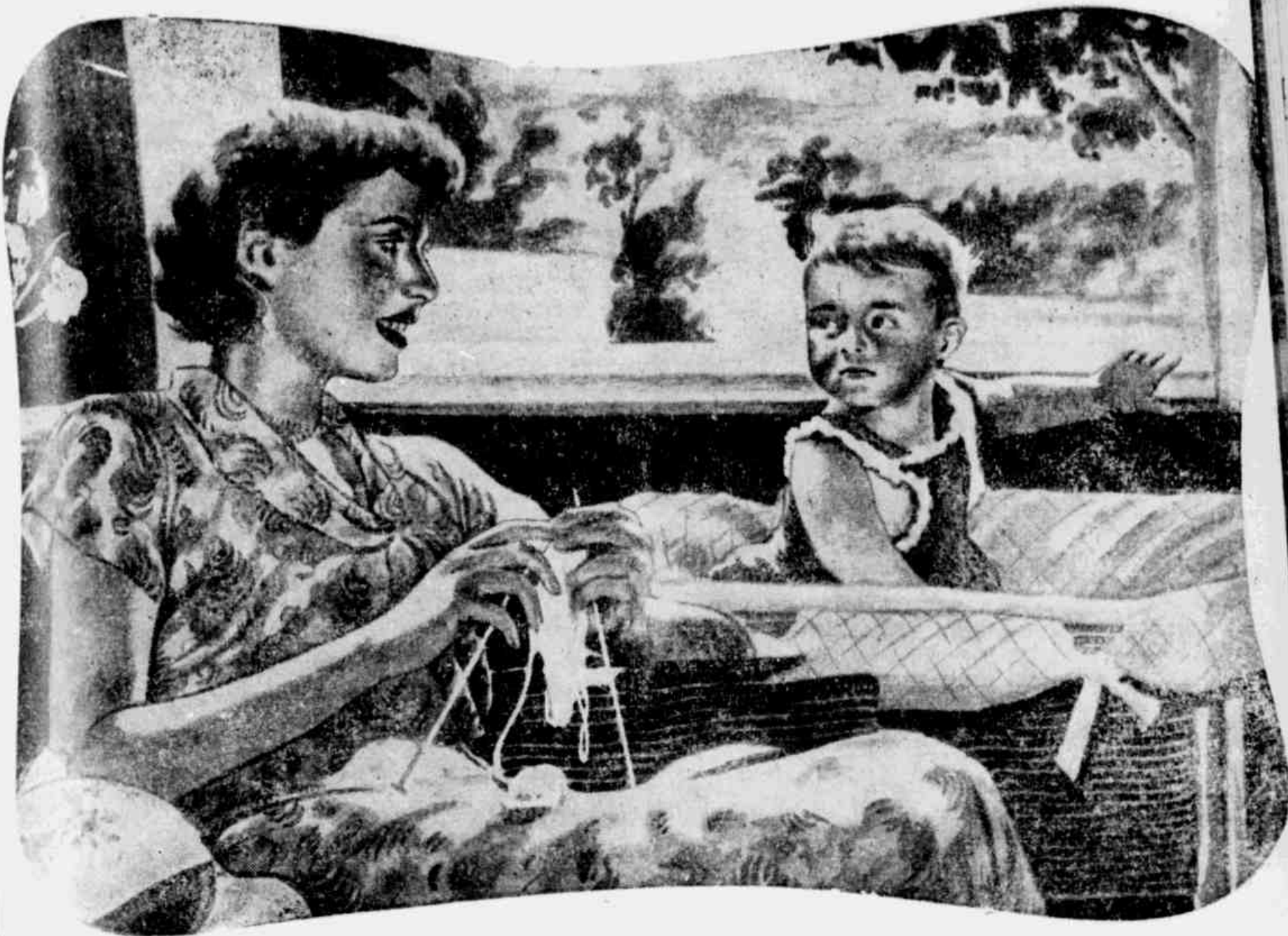
Hoje, estou triste. Uma tristeza atôa...
Tristeza não sei de quê!
Boiando em meu olhar, como uma fôlha,
Imóvel, abandonada,
Nas águas de uma lagôa...

Hoje pensei em você...

Deve ter sido a saudade!
Deve ter sido a saudade,
(Com asas de libélula dourada)
Que me deixou triste assim...
E este tempo não passa, e esta distância,
Esta distância é imensa,
Ai de mim!

Hoje estou triste... Uma tristeza mansa.
Que não sinto, aliás, todos os dias...
E' como um vôo cansado num céu ermo...
Foi talvez uma lembrança!
Foi talvez de você uma lembrança,
Que veio encher minhas horas,
Tão vazias...

Nathan Pinheiro



FAÇA COM QUE SE ETERNIZE ESTA FELICIDADE

UM PATRIMÔNIO constituído por Apólices Populares do Estado de Minas Gerais representa uma sólida base para a segurança de sua família.

Além dos juros que rendem, as Apólices habilitam o seu possuidor a concorrer a valiosos prêmios, que podem esquecer-se de um momento para o outro. Possibilitarão, ainda, o Governo a executar obras de interesse econômico, eletrificando o Estado, mecanizando a lavoura, abrindo estradas, construindo escolas e pontes.

SORTEIOS SEMESTRAIS COM OS SEGUINTE PRÊMIOS:

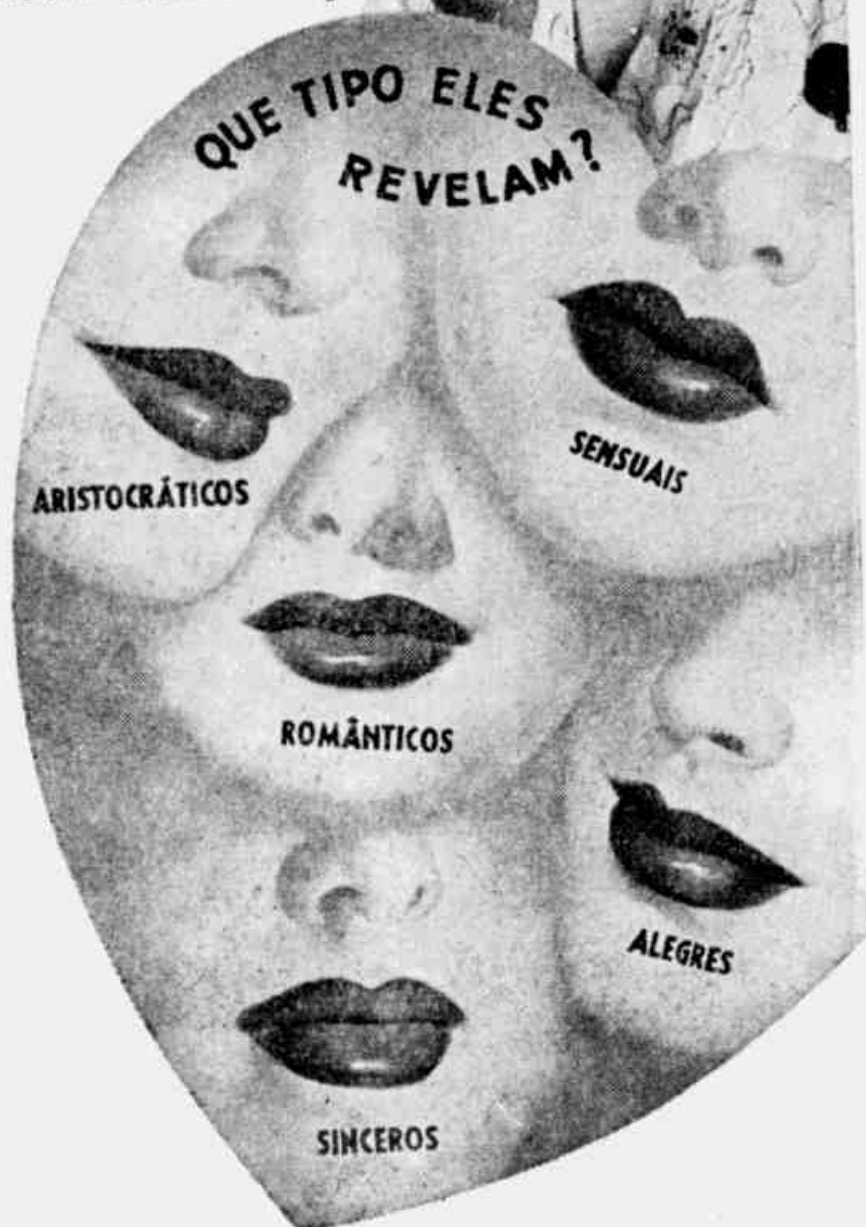
1 de	500.000,00	500.000,00
2 de	50.000,00	100.000,00
5 de	20.000,00	100.000,00
22 de	10.000,00	220.000,00
40 de	5.000,00	200.000,00
95 de	2.000,00	1.900.000,00
1.980 de	1.000,00	1.980.000,00
3.000 de	6.000.000,00	5.000.000,00

MONTANHESA Propaganda

**APOLICES POPULARES
DO ESTADO DE MINAS GERAIS**

O Coração
Bate com
Baton
COLGATE

Qual o tipo dos
seus Lábios?



Descubra uma nova personalidade nos
seus lábios com **PINK CICLAME** —
o matiz ardente do **BATON COLGATE**!



Feito de Karanuva,
o emoliente superior -
BATON COLGATE
tem um perfume
adorável, permanente.

PINK CICLAME
a moderna cor do
BATON COLGATE...
traz romance para
seus lábios!...

O Coração Bate com
Baton **COLGATE**

BAMBÚ, A MÃE DO CALIFA... (Conclusão)

Antes de Hadi chegar à capital, irromperam, a favor do interregno, desordens nas ruas e praças. Kaizouran, se não as fomentava, pelo menos devia estar contente com as dificuldades encontradas por Hadi, o Diretor, ao assumir o poder. Com a renda enorme de 160 milhões de direns, de que ela dispunha, a viúva do califa Medi cercou-se de uma verdadeira corte de rainha. Recebia toda a nobreza, desde manhã até à noite, os altos funcionários vinham levar-lhe suas homenagens. Kaizouran, usando trajes masculinos, tramava intrigas, manejava os homens como se fossem fantoches, sem prestar maior atenção aos epigramas que, de boca em boca, faziam a volta de Bagdá:

«Cuidado, Kaizouran, pare!
Deixe governar teu filho...»

A mãe fazia questão, entretanto, de que Haroun ficasse fora das lutas políticas. Muito moço ainda, ela o tinha casado com a linda Zubeida, e a esposa do filho predileto era agora mais um instrumento nas suas mãos hábeis: devia retê-lo no harém, distraí-lo, afastá-lo das intrigas da corte, para que Hadi não desconfiasse do irmão caçula. O novo califa, porém, lembrando do sonho de seu pai e receando que seu reinado fosse breve, tratou de nomear seu filho, ainda pequenino, herdeiro do califado. Para tanto, era preciso quebrar a resistência materna e obter a abdicação de Haroun. Kaizouran persistia em manter Hadi sob sua tutela. Este se rebelava, recusando-se a executar as ordens desta mãe ambiciosa. O principal aliado de Kaizouran era Yahia, o Barmecida, educador de Haroun. Eliminando-o, seria mais fácil afastar a rainha mãe e subjugar o irmão. Hadi mandou aprisionar Yahia, e correu o boato de que o velho cortesão seria assassinado no seu cárcere.

Mas, quem morreu assassinado, não foi Yahia: foi Hadi, numa noite de verão, rodeado das mulheres do seu harém, entre flores, perfumes e melodias. «Morte accidental», anunciava o noticiário oficial. O reinado de Hadi — como augurava o sonho de seu pai — durou apenas um ano. Em 786, Haroun era proclamado califa, Yahia saía da prisão, o filho de Hadi, aquele infeliz menino que seu pai queria nomear herdeiro, ia para o cativo. E, com Haroun-al-Rachid, sua mãe assumia novamente o poder.

Das janelas do palácio, Kaizouran assistia orgulhosa, ao cortejo triunfal de Haroun. Com seus vinte e quatro anos, ele tinha bela aparência, e toda a cidade se curvava diante dele, que por sua vez se curvava diante de Kaizouran. Yahia, nomeado primeiro ministro, nada fazia sem pedir a opinião da rainha mãe. Os filhos de Yahia, e principalmente aquele Fadi, que Kaizouran tinha amamentado, foram cumulados de honras e títulos.

E assim foi durante os três primeiros e mais felizes anos do reinado de Haroun: governavam a rainha mãe e o educador, encarregando-se de todos os negócios do Estado, enquanto Haroun, símbolo do poder, gozava de todos os prazeres da vida, dos mais fúteis e dos mais elevados. As letras, a música, as ciências tinham nele um protetor generoso e inteligente. Mas, em 789, falecia Kaizouran e, sem sua presença vigilante, o jovem califa desconfiava da autoridade perigosa do partido dos Barmecidas. Com a morte da mãe, acabou sua mocidade despreocupada e alegre. Toda a responsabilidade do governo recaía agora sobre o califa. Mas, a seu lado estava a esposa que Kaizouran escolhera para ser sua companheira e conselheira.

...a zabeida, sua prima, filha e neta de reis, a quem a sogra, antiga escrava, tinha ensinado a arte de governar os homens, oculta na sombra da harem.

Como disse Gobineau: «A cada passo que a gente faz na Ásia, melhor se compreende que o livro mais verdadeiro, mais exato, mais completo sobre os reinos desta parte do mundo, são as lendas de Mil e Uma Noites».

UM ADIVINHO NUNCA. (Conclusão)

Se o consulente não dá com a língua nos dentes, o leitor de pensamentos pode com facilidade falar sobre generalidades. Para as pessoas jovens o amor vem em primeiro lugar; para os de meia idade, o dinheiro; e, para os velhos, a saúde.

— Estou vendo que a senhorita é muito requestada, — diz ele a uma jovem bonita e cheia de si. — O fato é que se acha em dificuldades para se decidir entre dois ou três bons partidos...

Entretanto, nem sempre os melhores clientes dos adivinhos são as mulheres. Os líderes políticos e financistas são com frequência os mais rendosos. Muitos adivinhos enriquecem aconselhando-os em seus negócios.

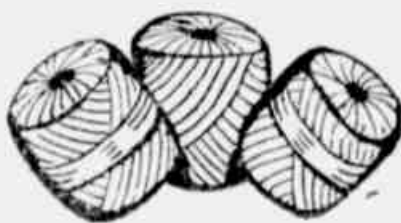
O dr. Doe costuma terminar perguntando se o cliente deseja fazer alguma pergunta, e isto geralmente solta a língua dos que se mostram mais desconfiados. Digam eles o que disserem, o adivinho os interrompe, dizendo: "Ah! o senhor lembra-se de que eu li isso em seu espírito!" Seu objetivo agora é fazer que o cliente fique completamente dependente dele, pelo menos enquanto tiver dinheiro para dar-lhe.

por aí se vê o grande mal que fazem os adivinhos. Além dos imbecis que pagam grandes quantias de uma vez, há outros que são explorados pouco a pouco. Além disso, no terreno psicológico o dano causado pode ser sério.

O dr. Doe confessou-me francamente que o adivinho ele procura embaralhar as ideias de suas vítimas e fazê-las ficar supersticiosas.

A maioria das pessoas que consultam um adivinho fazem-no com o desejo de de-
vassar o futuro. Se o caso é esse, elas têm o que procuram, sob a forma de vagas conjecturas. Mas grande número de clientes precisa apenas de um bom conselho, de compreensão, de um bom ouvinte e de algumas palavras confortadoras. E isto é o que os adivinhos como o dr. Doe continuam a proporcionar até que se multipliquem suficientemente os consultórios de psicólogos especializados como conselheiros.

SERP oferece pelo REEMBOLSO



Linha "Sarmento" — Mercetizada, todas as cores, noveto de 200 gramas — Cada Cr\$ 25,00. Idem "Campeão" — Cr\$ 20,00.



Lã SUZI — Meadas de 50 gramas — Em 36 cores lindíssimas — Lã 100% — Meada Cr\$ 15,00.

Lã GIGANA — Em novetos de 40 gramas — Ótima para pulôver ou blusas, grossa, macia — Nov. Cr\$ 7,00.



Lã GUTTHARD — A lã rival, 36 cores em tonalidades encantadoras — Puríssima, 100% lã — Meadas de 50 gramas, Cr\$ 15,00



APARELHO "TAK" para tricot sem agulha. Faz qualquer ponto. Simples e rápido. Kleram em 5 horas. Peça detalhes. Aparelhos de 150, 170 e 200 malhas, a \$50, 600 e 650 cruzeiros.

SERP é uma organização que especializou-se no serviço de REEMBOLSO POSTAL. — Envia para todo o Brasil. Pedidos à organização SERP

GUARANI — E. F. Leopoldina — Minas



MOCAS E SENHORAS "CHICS"

A "Depilina Sarah" destrói extraíndo os cabelos superfluos em qualquer parte do corpo que se deseje. Maravilhoso invento norte-americano, de fácil aplicação.

Cr\$ 20,00

Faça seu pedido, pelo Reembolso Postal, aos distribuidores:
S. Costa Representações - Cz. Postal, 4864 - Rio de Janeiro
A venda nas Perfumarias, Drogarias e Farmácias de Brasil



Formula do Prof Dr Antonio Aleixo da Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais

TALCO

Mahra

PARA O BEBE
PARA O PAPAÍ
PARA A MAMÃE

O TALCO IDEAL

O NOVO «TRIO DE OURO»

O maior



O «Trio de Ouro», o famoso conjunto que tanto sucesso tem alcançado no «broadcasting» nacional, tem agora em Noêmi Cavalcanti, graciosa cantora capixaba, uma nova e brilhante figura, que substituiu Dalva de Oliveira. Ao que estamos informados, teremos novamente o «Trio de Ouro» em Belo Horizonte, ainda durante o mês de julho, numa temporada que há muito vinha sendo reclamada pelos seus numerosos fans das alterosas.

A fotografia mostra o famoso conjunto em sua nova constituição, integrada agora por Noêmi Cavalcanti, Herivelto Martins e Nilo Chagas.

A MAIOR personalidade do rádio norte-americano, nos últimos 25 anos, é o comediante Jack Benny, segundo concluíram 330 escritores radiofônicos dos Estados Unidos, numa enquete organizada pela revista «Radio Daily».

O segundo lugar foi obtido por Bing Crosby. Entre os que vieram logo depois figuram o comentarista Walter Winchell e outro comediante, Bob Hope.

Com relação às personalidades que se destacaram no rádio, sem pertencer diretamente a ele, os escritores foram unânimes em eleger Franklin Delano Roosevelt.

E' interessante notar que entre os mais votados figuram, além de Walter Winchell, dois outros comentaristas, Lowell Thomas e H. V. Kaltenborn. (Al Neto)

RÁDIO BRASIL CENTRAL, A GRANDE EMISSORA GOIANA

Operando com dois transmissores, ZYX-9 e ZYY-2, ondas médias e intermediárias, nas frequências de respectivamente, 1270 e 4995 quilociclos, a Rádio Brasil Central, opera com um transmissor de 10 Kws. e 1.000 watts, abrangendo, com a sua cuidada linha de programações, não somente o Estado de Goiás bem como toda a América do Sul.

Contando exclusivamente com «pratas da casa», organizou um elenco de locutores e artistas que a coloca em nível de igualdade com as demais grandes emissoras do país, sob a orientação segura de seu diretor-gerente, F. Pimenta Neto, velho organizador de emissoras radiofônicas e que alia ainda as funções de rádio-autor e diretor de rádio-teatro. Possuindo um «cast» rádio-teatral com algumas dezenas de integrantes, vem a RBC apresentando novelas e cenas dramáticas e cômicas, merecedoras dos mais sinceros



elogios dos ouvintes pela perfeição dos desempenhos e interpretações.

Orientada artisticamente por Luiz Carlos, profundo conhecedor de seu «metier», conta a emissora goiana com a colaboração dos seguintes artistas: Amélia Brandão, exímia pianista, cognominada pela crônica internacional como a «Artista da América», graças às suas apresentações em diversos países da América do Sul, Europa e alguns Estados principais dos Estados Unidos. Maria Célia, outra virtuose do piano, chamada pelos seus inúmeros admiradores como a «Rainha do Ritmo». No quadro de anunciadores destacam-se, Luiz Carlos, Isac Abrão, Jeová Bailão, Sílvio Medeiros, Maria de Lourdes e Adélia Pereira. Comanda a seção esportiva Heli Mesquita, como locutor e Abílio Lopes de Almeida, cronista e comentarista.

(Conclui na pag. 163)

Carlos Cruz e Almore Tomagnini; ao centro, Neide e Nanci

Sucessos da Inconfidência

Já se encontra em Belo Horizonte o restante do equipamento comprado pela Inconfidência, com o qual será completada a sua nova estação de frequência modulada e o seu novo transmissor de 50 kw. Anuncia-se para breve a inauguração, assim como a de seus novos estúdios.

Voltou a fazer parte das programações de estúdio da I-3 a sua famosa Orquestra Típica Inconfidência, cujas audições estão sendo efetuadas às terças-feiras, às 21 horas, sob a direção de Mauro Coura Macêdo e tendo como intérprete um dos melhores cantores da música portenha no país: Alair Brasil.

Carlos Cruz continuava brilhando na interpretação de músicas mexicanas ao microfone da emissora da Feira de Amostras.

Almore Tomagnini, do «cast» da I-3, vem oferecendo magníficas audições bi-semanais, com a colaboração da consagrada pianista Conceição Brandão, afirmando-se como um dos melhores cantores do rádio brasileiro.

Continua agradando plenamente a dupla Neide e Nanci, em suas interpretações folclóricas na Inconfidência.

Geraldo Alves, uma das novas atrações da I-3, está cantando lindamente valsas e canções, constituindo ainda uma das atrações do esplêndido programa «Vida Sertaneja».

Jackson Campos, um bom cantor de música popular brasileira, é uma excelente oferta da I-3 aos seus ouvintes de todo o país.

Sob a orientação do Grêmio Artístico do Conservatório Mineiro de Música, a Inconfidência leva ao ar todos os domingos, de 13 às 14 horas, um excelente programa que revela as atividades dos alunos daquela tradicional casa de cultura artística de Minas Gerais.



Jackson Campos e Geraldo Alves

Jantar de meia cerimônia

CARDÁPIO

Consommé florentino

Purê de peixe

Galinha Midinette

Arroz portenho

Torta de pera ou abacaxi

CONSUMMÉ FLORENTINO

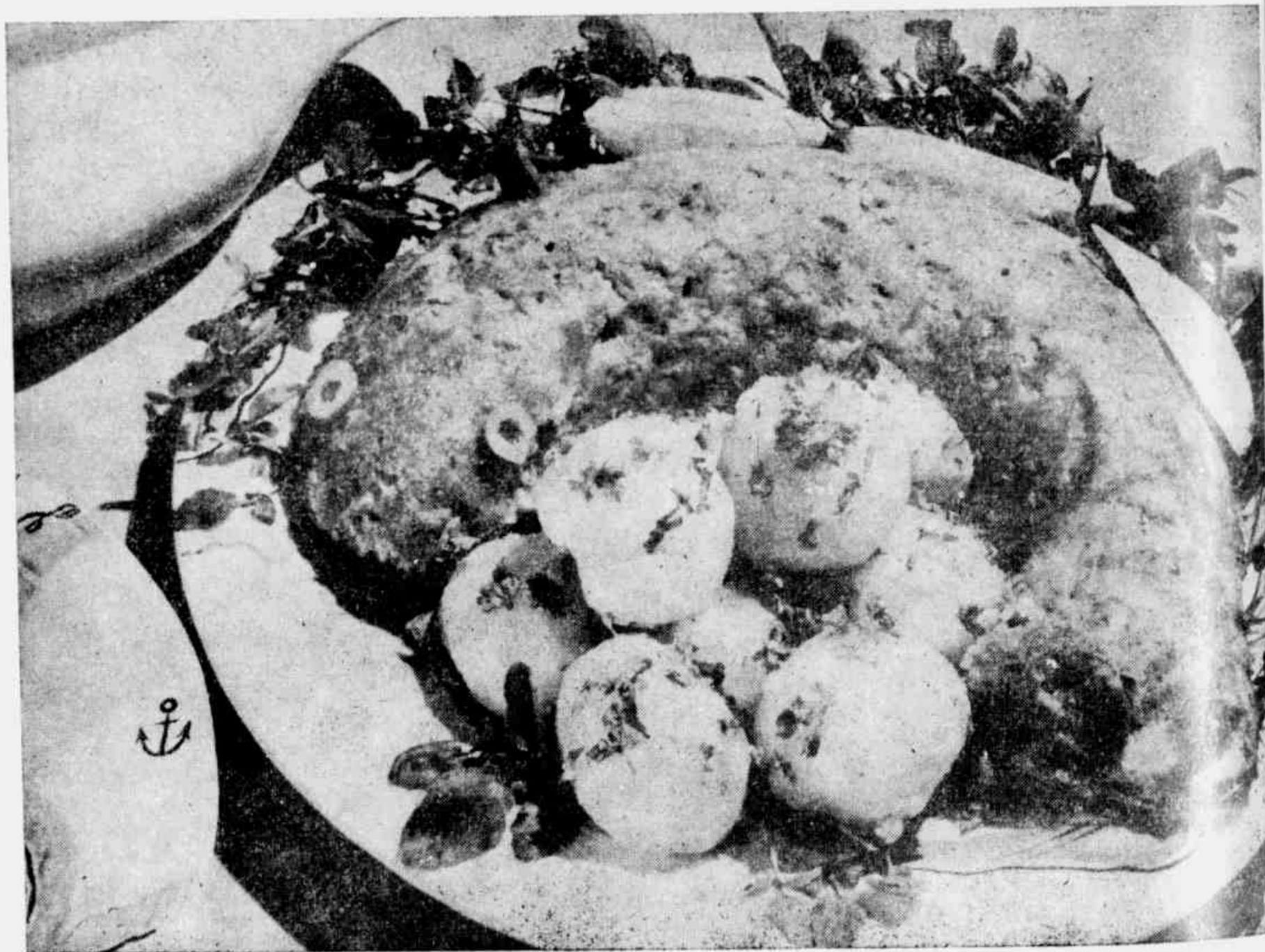
Toma-se uma galinha gorda, um mocotó de vitela, 2 ou 3 cenouras, 2 cebolas, um ramo de cheiro e aipo e deixa-se co-

zinhar durante três horas. Depois passa-se o caldo em peneira fina e serve-se em xicaras com feixinhos de biscoitos de queijo que se fazem do seguinte modo: 300 grs. de farinha de trigo, 200 de queijo Prato, 100 grs. de Roquefort, pimenta-do-reino e sal. Amassa-se com manteiga até obter a consistência de se poder enrolar. Estende-se com o rolo e corta-se em leito de pauzinhos de quatro centímetros de comprimento, todos do mesmo tamanho. Levam-se ao forno

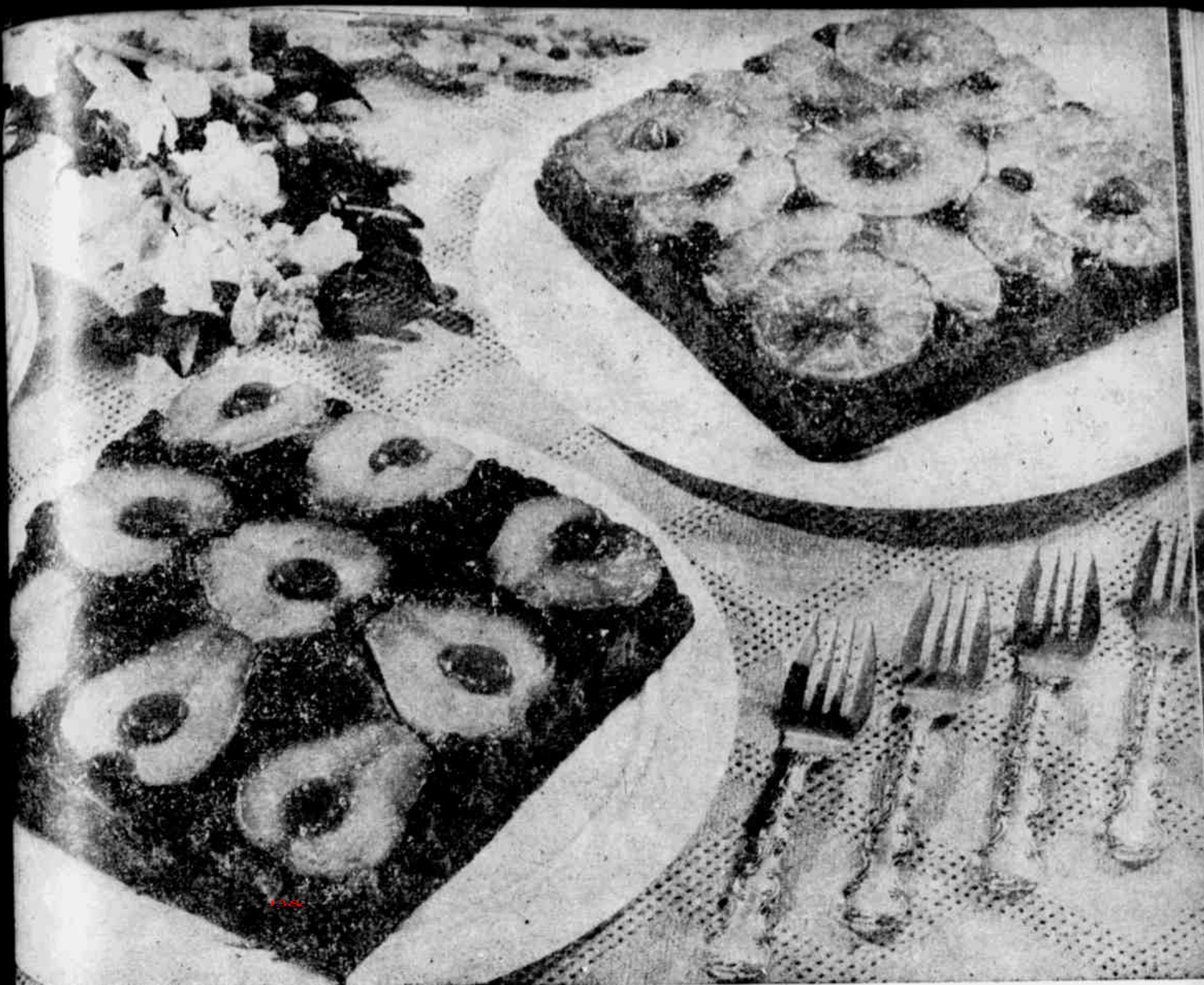
regular e depois de assados fazem-se, os feixinhos amarrados com litas e colocados em pratinhos ao lado das xicaras.

PURÊ DE PEIXE

Três xicaras de farinha de rosca, 1 e meia xicaras de leite, 2 colheres-de-sopa de maionese, 2 colheres-de-sopa de sal, 1 e meia colheres-de-sopa de cebola picadinha, 2 colheres-de-sopa de caldo de limão, 1 colherinha de mostarda, sal, pimenta, 2 ovos bem batidos.



Purê de peixe, um prato saboroso e bonito (Foto Apia)



A torta de pera ou de abacaxi, cuja receita apresentamos agora (Foto Apia)

des e 2 xícaras de filé de peixe cozido e desfiado. Misture a farinha de rosca e o leite. Acrescente a maionese e os temperos. Misture muito bem. Junte os ovos e o peixe. Bata numa forma muito bem untada. Asses em forno moderado, perto de 50 minutos. Tire da forma ainda quente e cubra com molho de mostarda, que deverá ser preparado assim: 4 colheres de sopa de manteiga, 4 colheres de sopa de farinha, 1 colherinha de sal, 1 pitada de pimenta, 2 xícaras de leite, 1 colher de sopa de mostarda. Esquente a manteiga, numa frigideira. Adicione a farinha e os temperos. Junte o leite aos poucos, mexendo constantemente. Mantenha o fogo moderado e não pare de mexer. Acrescente a mostarda no fim e retire do fogo.

GALINHA MIDINETTE

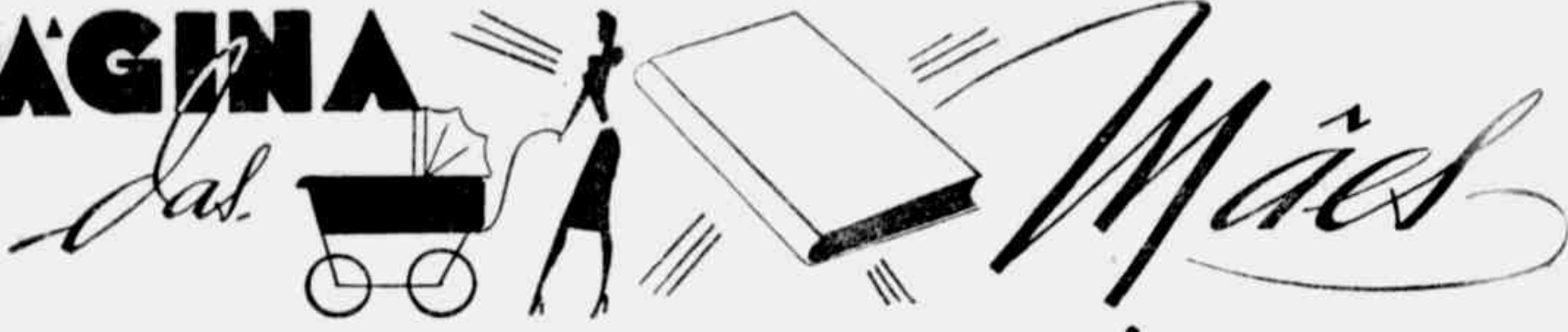
Mata-se uma galinha bem gorda e depois de limpa tem-

pera-se com sal e alho. Põe-se para cozinhar em quantidade de água suficiente para fazer sopa. Quando o caldo estiver bom, retira-se a galinha e tiram-se os ossos e corta-se em pedaços regulares, que se frita com manteiga e cebola. Tomam-se umas fatias de pão fritas em manteiga, arrumam-se em um prato e coloca-se sobre cada fatia um pedaço de galinha. Cobre-se com o seguinte molho: põe-se numa cacerola uma colher de manteiga, uma de farinha de trigo e 3 cebolas passadas na máquina. Deixa-se fritar mexendo sempre; mistura-se aos poucos um copo de vinho do Porto de barril onde se desmancharam 2 gemas, e por último uma colher grande de extrato de tomates desfeito em meia xícara de água. Passa-se por um passador fino e despeja-se bem quente sobre a galinha. Serve-se com palmito em volta do prato.

ARROZ PORTENHO

Lava-se uma xícara de arroz e põe-se uma de água fervendo e deixa-se cozinhar. Quando secar a água, vai-se pondo leite quente até ficar bem cozido e compacto; põem-se sal, 4 colheres de queijo ralado e uma colher de sopa de manteiga. Arruma-se no centro dum prato redondo, em pirâmide. Untam-se com manteiga e polvilham-se com farinha de rosca 8 forminhas, quebra-se, dentro de cada uma, um ovo fresco, põe-se por cima do ovo um pouquinho de manteiga bem salgada e mete-se no forno quente em banho-maria de 6 a 8 minutos. Cortam-se uns tomates grandes em rodelas e fritam-se em manteiga. Arrumam-se em volta do arroz as rodelas de tomate e dentro de cada uma, um ovo que se tira da forminha com muito cuidado para não quebrar. Serve-se imediatamente.

(Conclui na pág. 161)



Seu filho é retardado ou é precoce?

SVEN SAIDERICHIN

A senhora já fez a si mesma essa pergunta? Certamente que sim. E' por essa razão que reunimos aqui algumas indicações elementares que lhe permitirão respondê-la. Mas não se preocupe no caso de seu filho não ter exatamente o peso e as reações mencionadas. Todos os seres humanos têm naturezas que se desenvolvem com seu ritmo próprio. Se lhe parece que seu filho é retardado, consulte com urgência um bom médico, que a tranquilizará e aconselhará.

3 MESES

O bebê deve pesar 5 quilos e 350 gramas e medir 60 cms. Ele começa a sorrir, a chorar com lágrimas verdadeiras e a levantar a cabeça quando está

deitado. Sabe mais ou menos levar os objetos à boca, com sua própria mão. Acompanha com os olhos, sem piscar, uma vela acesa que se desloca à sua frente em todos os sentidos, a 75 cms. de distância.

6 MESES

O bebê pesa cerca de 7 qui-

los e tem o comprimento de 64 cms. Já mantém a cabeça equilibrada. Fica sentado, sem ajuda, com um travessão às costas. Sem apoio ele consegue manter-se em equilíbrio sentado, durante 5 a 10 segundos. Move corretamente a cabeça na direção de uma campainha que se agita de um lado para outro a 60 cms. do seu rosto, segura os objetos fechando-os na mão. Consegue também retê-los sem os deixar cair logo. Dirige a mão com precisão no rumo dos objetos que estão a seu alcance. Sua necessidade de tocá-los se associa à sua necessidade de ver.

1 ANO

Ele (ou ela) já quase triplicou o peso com que nasceu. Tenta andar agarrando-se aos móveis (aos quinze meses já sabe andar). Já pode repetir corretamente palavras de duas ou três sílabas que se pronunciam à sua frente. Imita gestos simples, agita um chocalho ou uma campainha, sabe inclinar e sacudir a cabeça. Já reconhece objetos e pessoas, e mostra preferência por certos brinquedos. A criança de um ano já começa a ter «vida social». Gosta de ter um auditório, repete as macacônicas que a fazem rir, e brinca com os adultos.

3 ANOS

«Ele» mede 92 cms. «Ela», 85. O peso para ambos é de 13 quilos. Sabem mostrar onde é a boca, o nariz, os olhos e os cabelos. Repetem dois algarismos como 1 e 3, ou 2 e 4.

Repetem uma frase de 3 palavras (exemplo: Mauro é ajudado). Conhecem seu nome de família. São capazes de mencionar, sem que ninguém lhes mostre, 3 ou 4 pessoas ou objetos que haja numa gravura. Ele (ou ela) sabe dizer se é um menino ou uma menina. Reconhece os objetos familiares.

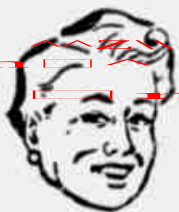
(Conclui na pag. 186)



Bom
para

TODAS AS IDADES

O crescimento, os folguedos próprios da idade, as preocupações com os estudos, exigem muita energia ao organismo das crianças em idade escolar. Dê a seus filhos a garantia de uma constante renovação de forças, dando-lhes o BIOTONICO FONTOURA, consagrado por gerações como o tonico completo, eficiente e ideal.



Sim, ainda hoje, para restaurar minhas energias, tomo o BIOTONICO FONTOURA — o tonico das gerações.

BIOTONICO

— o mais completo fortificante!



Estranho Ciúme

SPENCER HARDY

QUANDO convidei Mr. Bowens para fazer seu «week-end» em nossa fazenda antegozava o prazer de ouvir dele histórias sensacionais. Tanto que que avisei à minha esposa:

— Olhe, Betty, Mr. Bowens deve vir sexta-feira no trem da tarde. Espera-lo-emos com a charrete. Não toque você em histórias. Deixe por minha conta. Seria desagradável ele desconfiar que o convite foi oriundo do desejo que sentimos de ouvir seus casos policiais.

À tarde de sexta-feira Mr. Bowens desceu, risonho, do trem e entrou, lépido, como jovem de vinte anos, na charrete, tendo exclamações juvenis por entre o charuto fumegante.

— Que ar, hein! Estava precisando mesmo gozar um clima assim! A patroa não pode vir. Mandou que apresentasse suas desculpas. Você sabe, a casa, o cachorro, o papagaio...

Quando anoiteceu já estávamos na fazenda. Mas, estando cansado, não se prolongou a palestra até tarde. Todos, naquela noite, dormiram cedo.

No dia seguinte, sim, logo após o jantar nos reunimos na ampla varanda e pusemo-nos a palestrar. Foi quando minha esposa saiu-se com esta:

— Mr. Bowens. O senhor sabe que meu marido é seu fan, não sabe?

— Meu fan. Mas não sou nenhum artista, nem jogo futebol!

E soltou uma daquelas suas risadas.

— Creio que minha esposa está com ciúmes... Mr. Bowens. Claro que o senhor é um artista: saber contar histórias é uma arte...

Mas Mr. Bowens estava ab-

sorto, os olhos parados no ar, pensando. Depois virou-se para nós:

— Ciúmes... É engraçado. Vocês não leram ontem nos jornais a morte de um louco com sessenta e nove anos?

— Um tal Peter Lowe? Lemos, sim, e até comentamos como pôde um louco viver tanto... Mas, por quê, Mr. Bowens?

— Lembrei-me de sua história assim que você falou em ciúmes...

Mr. Bowens sorriu à sua maneira: parece que vinha ao encontro do nosso desejo. Esticou-se na poltrona e, sorrindo para minha mulher, começou:

— Começemos pelo crime do pintor Frank Reed Whiteside. Era um artista famoso. Numa noite de setembro de 1929, se não me trai a memória, estava Fred pintando quando bateram à porta de seu palacete. O pintor ergueu-se tão depressa quanto lhe permitiam seus sessenta anos e foi atender. Quando abriu a porta recebeu um tiro que lhe varou o coração. O desespero da velha esposa e da filha, já casada mas que residia com os pais, foi indescrevível e se alastrou, como um incêndio, por todo o aristocrático bairro residencial de Filadélfia. O criminoso conseguiu desaparecer na escura noite. Quando a polícia chegou, impediu a entrada e pôs para fora os curiosos. Foram ouvidas testemunhas. E a conclusão a que chegaram foi a de que o criminoso teria vindo com a intenção de roubar, matando logo o dono da casa. Mas a viúva enfureceu-se com suposição tão estúpida, pois se viesse roubar o assassino não bateria à porta. Certo é que o rigoroso in-

quérito que se seguiu nada apurou, permanecendo o crime no mais profundo mistério. A vida progressa do assassinado foi devassada. O seu passado era limpo, livre de quaisquer suspeitas. O inspetor William Connolly sentiu-se desesperado. Prendeu elementos de uma quadrilha que estava agindo na cidade mas não conseguiu provar a participação de nenhum de seus componentes no assassinio do velho Frank. Havia modelos femininos que posavam periodicamente para o pintor. Foram ouvidos. Connolly convenceu-se de que o velho não poderia manter um romance com nenhum deles. Trabalhava-os como pai, chamando-as de «minhas filhas», e não informava a própria filha sempre em permanente contato com o progenitor. E o resultado foi





que o crime permaneceu indesejável.

Mr. Owens esperou qualquer pergunta nossa, fazendo uma pausa. Como nos mantivéssemos calados, à espera do desfecho, o narrador endireitou-se na poltrona e continuou:

— O diretor da penitenciária de Filadélfia, Smith Verne, era velho, companheiro, mas de gênio. Certa tarde, quando nos encontramos num bar para algumas cervejas, notei-o preocupado. Habitado a vê-lo sempre alegre, quis naturalmente saber o motivo da preocupação. Contou-me, então, que naquela manhã fora procurado por um dos presos da penitenciária que lhe solicitara mudança de cela. Perguntou-lhe o que solicitava transferência. E ele respondeu que havia noites não dormia por-

que o seu companheiro de cela falava muito enquanto dormia. Falava sobre o quê? — perguntara. O preso então contou que o homem começava a falar na namorada, tendo súbitas entrecortadas de soluços secos e estranhos que causavam arrepios, e que, depois dessa crise, chamava um tal Whiteside, suplicando-lhe também que o perdoasse. Foi nesse ponto que o interrompi. E disse-lhe, sorrindo: «Smith, meu velho, contando-me esse caso você me deu uma pista para descobrir um crime que há cinco anos está para ser elucidado. Não se lembra você do assassinio do pintor Frank Reed Whiteside? Estamos em outubro de 1934, portanto foi há cinco anos. Lembra-se?» O meu amigo me olhou e deu uma exclamação: «Veja você! E eu que nem li-

guei uma coisa à outra...» Claro que, na manhã seguinte, parecia eu à penitenciária de Filadélfia para tentar descobrir o fio de Ariadne que me levaria por aquele labirinto de conjecturas. Procuramos a ficha do homem que falava dormindo. Chamava-se Peter Lowe. Idade: cinquenta e três anos. Fora condenado à prisão perpétua por haver assassinado em 1929 a sua namorada, filha de um padeiro, chamada Leona Fischbach. Vou antecipar o caso, que vim a conhecer depois: apaixonara-se por ela de maneira estranha. Durante seis anos cortejara a moça como um louco. Ela, recebendo os presentes, fazia-o de títere, torturando-o com promessas de casamento que nunca se cumpriam. Era a vida do pobre Peter um verdadeiro inferno.

Mas atingiu o auge quando Leona lhe comunicou, certa tarde, que iria ser modelo de famoso pintor. Ai Peter desesperou e ameaçou-a de morte se desvelasse seu corpo para o artista. As risadas de Leona ressoando no jardim em que conversavam feriam o coração do moço. Foi quando, desesperado, ele a puxou violentamente contra si para beijá-la, num ímpeto de paixão. Recebeu no rosto uma bofetada. Suas mãos não se contiveram então no impulso homicida: apertaram-lhe o pescoço até que Leona caiu exânime. Peter, num assomo de desespero, sacudiu-a, sacudiu-a. Já era tarde e a casa estava fechada. Arrastou-a dali para um terreno baldio e, chorando, a deixou. Matara-a. Conhecia o pintor. Sua residência ficava num bairro distante seis quilômetros. Venceu-os em hora e meia, ofegante. Desejava tirar uma de-forma completa. Quando chegou ao palacete não resistiu e bateu. "Vivia sempre armado. Não se conteve ao ver o pintor e atirou. Quando o viu cair resolveu fugir. Longe a torre da igreja badalava meia-noite e meia. Estranha calma o invadiu. Recolheu-se quase às duas horas. Dormiu sereno. No dia seguinte foi trabalhar como se nada houvesse acontecido. À tarde foi à casa da namorada e chorou com a família a desgraça que se abateria sobre aquele lar. Por mais incrível que pareça ninguém desconfiou dele, pois Leona era uma criatura leviana e namorava quase todos os homens que encontrava em seu caminho... A polícia o interrogou. Ficou detido vários dias. E,

Querendo ver os seus móveis sempre novos, conserve-os com óleo de peroba.

numa tarde, quando já estava fôto, entregou-se, confessando o assassinio. Estranho, não? Quando entrei na cela fiquei penalizado ante a sua fisionomia macerada. Não era homem mas um espectro. Chamei Smith e perguntei a Peter: «Escute, Peter. Você está condenado para o resto de sua vida, de modo que poderá falar a verdade: foi você que matou o pintor Whites de?» E ele, os olhos brilhando em lágrimas, respondeu: «Sim, fui eu mesmo». «Mas por que você o matou, Peter? Já não havia morto sua namorada?» «Sim, mas precisava castigar o causador de minha desgraça. Estava zozno. Não era senhor de mim mesmo. Não me contive quando o vi e disparei o revólver». «E como conseguiu manter-se calmo depois?» «Procurei um médico amigo e pedi-lhe que me aplicasse injeções calmantes. Helutou a princípio mas depois aquiesceu. Quando fui preso por suspeita com outros enamorados de Leona, compreendi o erro em que incidira procurando o médico que teria descoberto já por que fora eu pedir-lhe injeções calmantes. E mais me convenci de que estava perdido quando me lembrei de que havia deixado, por lamentável esquecimento, o revólver na farmácia, num caixaote qualquer no canto do compartimento onde esperava o médico preparar a injeção. Entreguei-me então à polícia,

confessando apenas o primeiro crime. E só». No dia seguinte procurei o médico: a arma continuava em seu poder. Vim a saber que Peter não entregara por espontânea vontade: o médico interpretara-o energicamente sobre a origem da arma. Peter confessou o crime mas ameaçou-o de declarar que teria recebido a arma das mãos dele. O médico, amedrontado, receoso de complicações, silenciou. E Peter dias depois entregou-se à polícia.

Mr. Bowens revirou-se na poltrona e perguntou:

— Não é estranho que este médico, lendo o noticiário dos jornais, não se resolvesse a denunciar o criminoso? Disse-me, ele, porém, que sabendo ter Peter confessado o primeiro crime, nada lhe adiantaria agravar ainda mais a sua pena. Preferiu guardar o revólver... de que aliás estava muito precisado.

Interrompi:

— E acabou ficando com ele cinco anos depois!

— Claro! Apreendi a arma como prova irrefutável do crime. E lá está ela no armário do crime junto de muitas outras, inclusive uma dentadura que esclareceu o tenebroso crime de um médico...

— Que crime foi? O senhor atou nele?

Mr. Bowens espreceu-se discretamente revelando causaço. Depois, sorrindo, disse:

— Atuei, sim, e vou contá-lo, mas amanhã, sim? Concorda, não é, madame?

Minha mulher já tinha os olhos quase fechados às sono.

(No próximo número, o Crime do Médico)



COMPANHIA DE SEGUROS

MINAS-BRASIL

SEDE SOCIAL - BELO HORIZONTE - C. POSTAL 426

SEGUROS DE VIDA • SEGUROS COLETIVOS

Os planos mais modernos na apólice mais liberal.
INCÊNDIO • TRANSPORTES • AC. PESSOAIS • AC. DO TRABALHO

SUCURSAIS E AGÊNCIAS EM TODOS OS ESTADOS DO PAÍS

**O maior nome em
meias para homens**

apresenta

MEIAS

Lupo

REGISTRADA

ARARAQUARA

R. G. DIAS, 94

MARCA

MEIAS
Lupo
de
NYLON

Du Pont



Elegantes como sempre! Volta ao mercado a grande marca de meias para homens — mais perfeitas e atraentes do que nunca.



Mais duráveis! A nova meia reúne à tradicional qualidade Lupo a resistência do fio nylon, especial para meias masculinas.



Muito flexíveis! Nunca perdem a forma e não enrugam. É a meia indicada para todas as ocasiões — trabalho, passeio e rigor.

As primeiras tecidas com fio nylon,
próprio para meias de homens

UM PRODUTO DA FÁBRICA LUPO



ARARAQUARA - EST. DE SÃO PAULO

PRÓXIMAS EDICÕES

● «Pecado Original», romance de George Tabori, é o próximo volume programado pelo Clube do Livro Seleccionado, da Livraria José Olímpio Editora.

● A Livraria José Olímpio Editora está anunciando para breve o lançamento da «Pequena Enciclopédia de Conhecimentos Gerais», em 4 volumes.

● «Vitaminas» é um interessante volume de autoria do prof. Dorival Fonseca Ribeiro, da cadeira de Química Orgânica e Biológica da Universidade de São Paulo. Será uma das próximas Edições Melhoramentos.

● «Outros mundos além do nosso», de Helena Fontenay, foi programado pelas Edições Melhoramentos na sua coleção «O homem e o universo». Será uma tradução de José Reis.

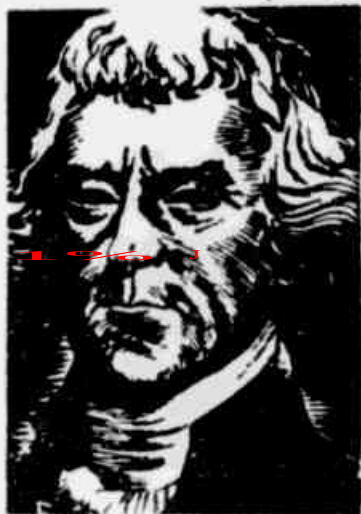
● O teatrólogo Raimundo Magalhães Junior já entregou à Melhoramentos os originais da tradução de «O homem e as armas», de Bernard Shaw.

● «Moby Dick», o romance de Herman Melville, que foi classificado por Somerset Maugham como um dos dez maiores da literatura universal, aparecerá brevemente numa tradução de Berenice Xavier e com um prefácio de Rachel de Queiroz, em edição da Livraria José Olímpio Editora.



Cristiano

A OBRA DE JEFFERSON



Jefferson

PELA primeira vez em 150 anos, desde a fundação da Biblioteca do Congresso em Washington, foi a mesma biblioteca cenário de uma cerimônia em que discursou um Presidente dos Estados Unidos. O motivo da cerimônia foi a entrega ao Presidente Truman de um exemplar do primeiro de 52 volumes dos papéis de Thomas Jefferson, que estão sendo publicados pela Universidade de Princeton.

Ao aceitar o primeiro volume da projetada edição de 52, que incluirá as cartas, documentos oficiais e discursos, de Thomas Jefferson, o Presidente Truman disse que «o espírito representado por Jefferson em sua luta contra a tirania e em sua busca da liberdade do homem, permanece como uma fonte de inspiração para os povos livres de todo o mundo».

O trabalho de reunir os papéis de Jefferson, inclusive 18 mil cartas escritas por ele e 25 mil que lhe foram endereçadas, teve início em 1944. Muitos itens vieram da França, Holanda e Suíça. O projeto, que se espera esteja pronto em 1963, é considerado um dos maiores empreendimentos editoriais do país.

O «New York Times» contribuiu com 200.000 dólares (cerca de 4 milhões de cruzeiros, para o custo da obra, que se calcula em 1 milhão, e está sendo editada por Julian P. Boyd, Bibliotecário da Universidade de Princeton. (Usis)

O NOVO ROMANCE DE KATHLEEN WINSOR



Kathleen Winsor

Depois do tremendo sucesso de «Gone With the Wind» (E o Vento Levou...), muitos outros autores tentaram obter êxito semelhante imitando a fórmula inventada por Margaret Mitchell. Ninguém igualou aquele sucesso, mas Kathleen Winsor quase alcança o mesmo resultado com o seu «Forever Amber» (Sempre Amber), uma novela cujo personagem central é uma aventureira, na Inglaterra do século dezoito. Agora Miss Winsor escreveu outro romance que promete ser tão popular quanto o anterior, pois mantém a fórmula original. Trata-se de «Star Money» (Dinheiro de Estrela), cuja diferença principal para o outro romance de Miss Winsor reside no fato de ser a heroína uma mulher do século atual; os outros fatores permanecem essencialmente os mesmos. É claro que milhões de leitores gostarão desse livro. Predição: «Star Money» será outro «best-seller» de tremenda popularidade.

LIVRARIA

Linhares

ÚLTIMAS EDIÇÕES

POESIAS

ESTRELA DO CÉU PERDIDO — Lago Burnett — Edição do Centro Cultural Gonçalves Dias — São Luiz do Maranhão.

FOLHAS DO MEU OUTONO — Mariano Lemos — Prefácio de Gilberto Freire — Livraria José Olímpio Editora.

PEQUENOS POEMAS EM PROSA — Charles Baudelaire — Tradução de Aurelio Buarque de Holanda — Livraria José Olímpio Editora.

O CORVO E O HOMEM — Elias Neves Brasil — Poemas — Edição da Livraria Brasil, de Belo Horizonte.

RUY E A POESIA NACIONAL — Antologia — Epaminondas de Souza Pinto — Edição da Imprensa Oficial da Bahia.

ENSAIOS

ROSAS DE PAPEL — Régis Rangel — Edição do Instituto Ibero-Americano de Gotemburgo — Suécia.

SÃO FRANCISCO DE ASSIS E A POESIA CRISTÃ — Agripino Grieco — Livraria José Olímpio Editora.

DIVULGAÇÃO

COMO VENCER NA VIDA — Napoleon Hill — O mesmo autor de «A lei do triunfo» — Tradução de Guinara Pereira — Livraria José Olímpio Editora.

COMO FAZER FORTUNA — Napoleon Hill — 3ª edição — Tradução de Fernando Tude de Souza — Livraria José Olímpio Editora.

«TRÓPICO»

Editada pela Divisão de Expansão Cultural, do Departamento de Cultura, da Secretaria da Educação e Cultura da Prefeitura da Capital de São Paulo, acaba de aparecer «Trópico», uma moderna revista de cultura e turismo, cuja redação está instalada naquela capital à Praça da Sé, 323 — 4º andar.

SUCESSOS DO MÊS

Segundo informações fornecidas pelas principais livrarias desta Capital, os livros mais vendidos em Belo Horizonte durante o mês de maio último foram os seguintes:

- 1º) **O Tempo e o Vento** — Romance — Euclides Veríssimo — Editora Globo.
- 2º) **Luz e Sombra** — Romance — Sr. Leandro Dupré — Editora Brasiliense.
- 3º) **A Casa das Três Meninas** — Contos — Mário Matos — Edições Calazans.
- 4º) **Ciência de Viver** — Divulgação — Napoleon Hill — Livraria José Olímpio Editora.
- 5º) **Música da Fonte** — Poesia — Nilo Aparecida Pinto — Editora Panorama.

LIVROS BRASILEIROS EM LÍNGUA INGLESA



Graça Aranha

O crescente interesse do público norte-americano pela literatura brasileira pode ser atestado pelo número cada dia maior de obras traduzidas.

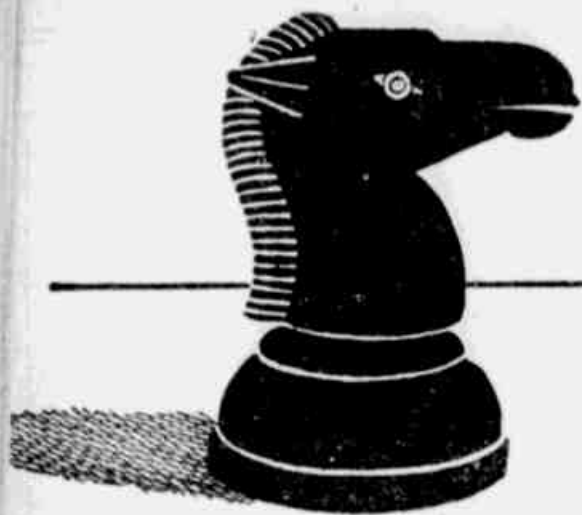
O primeiro livro brasileiro editado em inglês nos Estados Unidos foi «Canaã» de Graça Aranha, em tradução de Mariano Joaquim Lorente, e apareceu em Boston em 1920.

Em 1921 Isaac Goldberg publicou uma coleção de contos de Machado de Assis, Coelho Neto, Medeiros e Albuquerque e Carmen Dolores («Brazilian Tales»), seguida de uma história da literatura («Brazilian Literature»).

Com o ativamento das relações culturais nos anos de guerra, aumentaram as edições de obras brasileiras na América.

Além dos livros traduzidos por Samuel Putnam existem, atualmente, em inglês: «Amor, verbo intransitivo» («Fraulein»), de Mário de Andrade, traduzido por Margaret Richardson; uma condensação de «Mar Morto» («Sea of the dead»); «Vermanjá, mistress of the seas and the sails», de Jorge Amado, por Donald Walsh, na coleção «Fiesta», histórias da América Latina; «O cortiço» («A Brazil on Tenement»), de Aluizio de Azevedo, por Harry W. Brown; «A Marquesa de Santos», «Domitila», de

(Conclui na pag. 161)

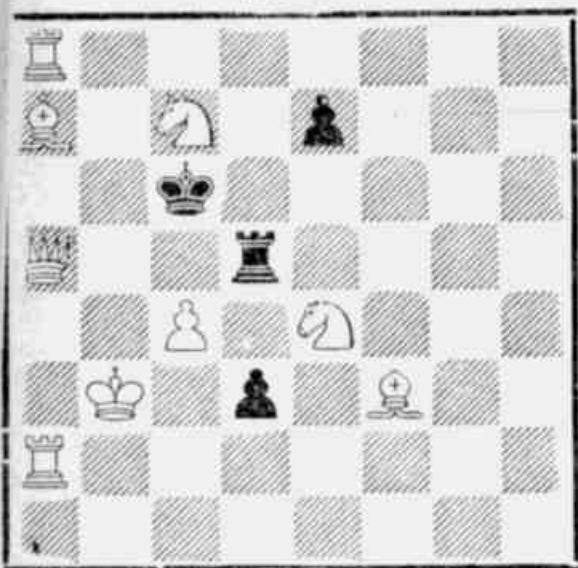


XADREZ

Qualquer correspondência deve ser dirigida a:
L. Lopes, Rua Sergipe, 1199, Belo Horizonte,
Minas Gerais.

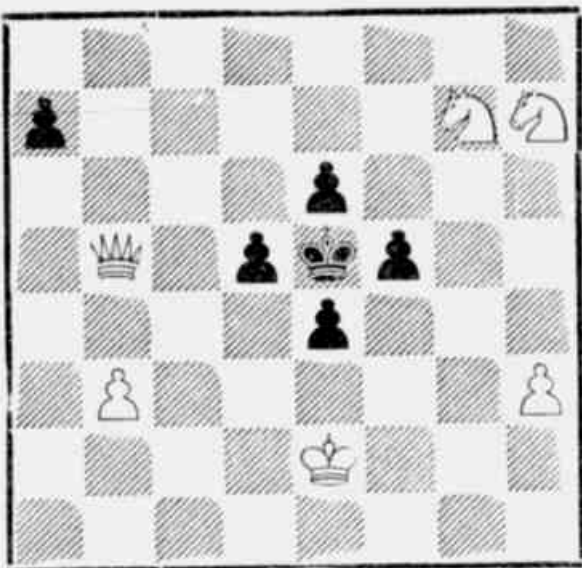
PROBLEMAS

Ministro Edmundo Lins
Nº 3



8x4
Mate em dois

Almte. Saldanha da Gama
Nº 4



6x6
Mate em três

Continuando a apresentação das atividades enxadrísticas dos grandes nomes, oferecemos uma composição de um eminente jurista e outra de glorioso marujo patricios. Como os anteriores, são problemas que se situam na história sentimental e romântica de nosso xadrez e assim devem ser aceitos.

AS SOLUÇÕES SERÃO PUBLICADAS NO PRÓXIMO NÚMERO

Solução dos problemas anteriores:

Nº 1 — Machado de Assis — 1. B5CD.

Nº 2 — Alfred de Musset — 1. T7D, CxPT; 2. C6BD, C3BRx.; 3. CxC, mate.

PARTIDAS

Ainda dentro do romantismo do Xadrez, Napoleão I foi também ardoroso admirador no Nobre Jogo, combativo e energético. Apreciamos seu estilo através duas partidas miniaturas de épocas diferentes.

Partida nº 3

Malmaison, 1804
Abertura Irregular

Napoleão I x Mme. de Rémusant

1. C3BD, P4R; 2. C3B, P3D; 3. P4R, P4BR; 4. P3TR, PxP; 5. CxP, C3BD; 6. C5CR, P4D; 7. D5Tx., P3C; 8. D3B, C3T; 9. C6Bx., R2R; 10. CxPx., R3D;

11. C4Rx., RxC; 12. B4Bx., RxB; 13. D3Cx., R5D; 14. D3D, mate.

Partida nº 4

Santa Helena, 1820
Abertura escocesa

Napoleão I x General Bertrand

1. C3BR, P4R; 2. P4R, C3BD; 3. P4D, CxP; 4. CxC, PxG; 5. B4ED, B4B; 6. P3BD, D2R; 7. O.O, D4R; 8. P4B, PxPx., desc.; 9. R1T, PxP; 10. BxPx., R1D; 11. PxP, PxT(D); 12. BxC, B2R; 13. D3C, P4TD; 14. T8Bx., BxT; 15. B5Cx., B2R; 16. BxPx., RxB; 17. D7Bx., R1D; 18. D8B, mate.

FINAIS

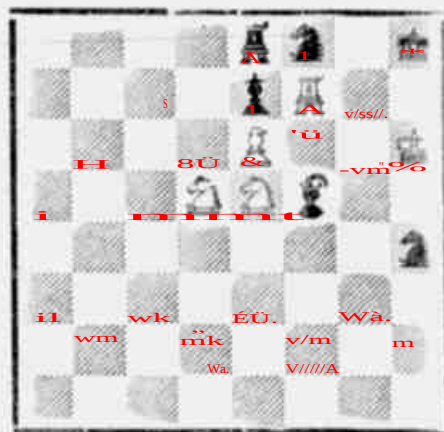
Prosseguindo nos finais artísticos, veremos duas composições

em torno das dificuldades de ganho entre a Torre, o Bispo e o Cavalo.

AS BRANCAS JOGAM E GANHAM

Final nº 3

J. Montgomerie
(1946)



5x6

O estudo é muito interessante e tem um toque de Mestre.

1. TxGx., TxT; 2. C7Bx., TxG; 3. PxT, C3C; 4. CxP, C1B; 5. CxB, C2D — Si 5. ... C3C?; 6. R5C, R2T; 7. R6B, R1T; 8. C4T, C1E; 9. R7R, C2T; 10. C5E! e ganha.

6. R5T!, R2T — Si 6. ... C3Bx. ?; 7. R6C, C2T; 8. RGT, C1B; 9. C7R, vencendo.

7. R5C, C1B — Si 7. ... L1T; 8. R6T, C1B; 9. C4T ganha!

8. R6B, C2Dx.; 9. R6C, C1Bx.; 10. R7R, C3C; 11. R8R, R1T; 12. C4T, ganhando.

Final nº 4

A. P. Gulajev
(1945)



7x8

Com este final o autor recebeu o primeiro prêmio da British Chess Federation, de 1945.

1. P7C, C3B; 2. T5B, R4R; 3. TxP!, CxT; 4. P6C(D), T8Bx.

5. D-T, C5Bx.; 6. R2T, C4D;
7. C5Bx., R4T; 8. C6D, T1C;
9. D-T, Torre ou Cavalos me-
viii 10. C7C, ou C4B, mate!
Vários os finais foram extrai-
dos do Xadrez Brasileiro, n. 177,
1947.

Nota — Pequenas incorre-
ções devem ser retificadas no nú-
cleo.

O ROMANCE DE CARMEN (Conclusão)

alim do casamento: 600 fran-
gos, 500 salmões, 500 dúzias de
ós; 3 vitelas inteiras, 1.000
garrafas de champagne, 200
garrafas de whisky, 1.000 gar-
rafas de vinho. José Diaz, che-
fe de cozinha, pre-
miou um bolo de dois metros
de altura, tendo aos lados as
cabeças das famílias Franco e
matilde, e ao alto, uma co-
rona de marquês (de caramelo).
Terceiro Chitosei, o melhor bar-
man de Madrid, teve licença pa-
ra fazer servir antes do almô-
ço com ostras, cocktails muito
esotéricos, permissão que pro-
duziu seus efeitos nas pessoas
dos encarregados de negócios
da Grã-Bretanha e dos Estados
Unidos.

Depois do almoço, sob a ação
dos mesmos efeitos, todos os
convitados valsaram alegremen-
te, e o baile iniciado por
Carmen e seu esposo.

Entre as cinco horas da tarde
formou-se novamente um prés-
tito sem aparato, para ao
princípio onde, sob a vigilância
de uma guarda especial, esta-
vam expostos os presentes de
nupcias — verdadeiro tesouro
de valor excedente a 120 mi-
lhões de cruzeiros, compreen-
dendo livros antigos, móveis
preciosos, um colar de três fiei-
ras de pérolas, uma cruz de
ouro cravejada de brilhantes,
brincos de prata, tapeçarias,
um coche oferecido pelo bispo
de Urgel, um serviço de
chá de ouro maciço oferecido
pelo rei Abdullah, da Jordânia,
e um tapete de Téniers, de grande

valor, oferecida pelo corpo di-
plomático. O presente do dr.
Trujillo, presidente da Repúbli-
ca de São Domingos, não pôde
entrar no pavilhão: era um
«Cadillac» último modelo.
Bem mais rica seria a cole-
ção se não tivessem sido recusa-
dos todos os presentes coletivos
— entre os quais um adereço de
brilhantes oferecido pelo Ban-
co da Espanha, uma trousses de
ouro, dádiva dos sindicatos, bem
como todos os presentes do
exército, das comunidades re-
ligiosas e dos funcionários pú-
blicos.
Como era costume em todas
as famílias da alta sociedade
os jovens desposados eclipsa-
ram-se discretamente, logo que
anoiteceu, tomando o «Cadil-
lac», para passarem a noite de
nupcias no «Castelo» interno de
Conto del Pico, alandorado nas
grimpas da cordilheira de Gua-
darrama.

No dia seguinte embarcaram
em Málaga, com quatro servi-
dores e seis malas no Azor, iate
de propriedade do caudilho, pa-
ra passar a lua de mel nas
ilhas Canárias e nas Baleares,
sem prejuízo de alguma possí-
vel participação nas comemora-
ções do Ano Santo em Roma.
Em seguida o dr. Bordiu (no-
me pelo qual o marquês era ge-
ralmente conhecido), reassumi-
rá sua clínica, ao passo que
Carmen dará a última demão
na instalação do modesto apar-
tamento do médico, à rua Gene-
ral Mola, 36, perto do centro de
Madrid, onde passarão a resi-
dir.

UMA INOVAÇÃO ÚTIL

A Austrália criou nas igrejas «calvéolos» para as mães de fa-
mílias. Estas ficam com os filhos pequenos em cabanas inteira-
mente envidraçadas, o que lhes permite acompanhar os filhos re-
ligiosos que lhes são retransmitidos por meio de alto-falante. Desta
forma os pequenos, quando choram ou gritam, não incomodam os
outros fiéis.

Lençóis artísticos

ALBUM N.º 3



PREÇO: CR\$ 25,00

DESENHOS magníficos! Os tra-
ços que as 44 páginas des-
te álbum apresentam, satisfazem
ao mais apurado gosto em beleza
e distinção!

Os desenhos dos riscos, de gran-
de originalidade, são apresentados
em grande formato, com minun-
cias explicações, tornando a exe-
cução do trabalho muito fácil.

Este álbum é o mais perfeito que
existe no gênero!

Guia das noivas

ALBUM N.º 6

PRESENTAMOS este álbum que
é um completo manual de su-
gestões e conselhos, um verdadei-
ro colaborador das noivas na con-
fecção das peças de um enxoval
prático, elegante e encantador!

São 44 páginas contendo os mais
originais desenhos e sugestões,
com explicações minuciosas e
completas para a exe-
cução dos traba-
lhos. Gentil noi-
va, com este ál-
bum o problema
do seu enxoval
estará resolvido!



PREÇO: CR\$ 25,00



COPA E COSINHA

ALBUM N.º 3

O nome revela bem o valor deste
álbum: muitos e muitos dese-
nhos, modernos e originais, para o
bem aspecto das copas e cozinhas.
Com capa a cores, dois esplên-
dosos suplementos em grande for-
mato.

PREÇO: CR\$ 25,00.

Pedidos pelo Reembolso Postal — à
S. A. O MALHO
Rua Senador Dantas, 15 — 5.º and.
Rio de Janeiro

O romance de Carmen Franco

A sombra de um homem como o general Franco, é difícil alguém brilhar; no entanto, Maria del Carmen Franco y Polo, sua filha, conseguiu, unicamente pelas suas qualidades pessoais, tornar-se muito popular.

Ela é o único membro da família do caudillo que tem atividade social, pois o general quase não sai de seu castelo de El Pardo, a 15 quilômetros de Madrid, e só vai à capital para comparecer a cerimônias oficiais ou para tratar dos dentes. A sra. Franco, mãe de Carmen, compartilha do desdém do marido pelos mundanismo e dedica-se inteiramente a obras sociais, evitando toda e qualquer publicidade.

Carmen, ao contrário, é cheia de vida. Nunca deixa de comparecer às festas, às primeiras representações, às corridas de cavalos, nem de assistir aos bons filmes, e também, naturalmente, às corridas de touros.

E' bela, muito inteligente, reservada, e as más línguas afirmam que não é absolutamente franquista, a não ser no que diz respeito à afeição que dedica ao pai.

Muito simples, não procurando tirar vantagem de sua posição, veste-se de modo discreto, usa poucas jóias e raramente sai de chapéu. O pai a consideraria uma filha modelo «se não fosse a questão do cigarro». Desagrada-lhe ver Carmen fumar.

De estatura média, cabelos e olhos negros, muito espanhola de aparência e de caráter, Carmen gosta imensamente de cavalgar e de nadar.

Em 1947, em casa de amigos comuns, Carmen ficou conhecendo o jovem doutor em medicina Don Cristóbal Martínez Bordiu Ortega y Bascarán, marqués de Villaverde, tenente do corpo médico do exército espanhol e eminente especialista de moléstias pulmonares. Foi um recíproco amor à primeira vista. Depois disso nunca mais os viam separados. Seus passeios, às vezes a horas impróprias, escandalizavam a sociedade de Madrid, mas seu idílio logo se tornou muito popular, porque



ambos são realmente simpáticos.

Embora reconhecendo as qualidades do «noivo» de sua filha, o general Franco mostrou-se a princípio um tanto reticente. Ele tinha, para a filha, aspirações mais régias. Mas Carmencita nascera na Galícia, e os galegos têm fama de serem uns montanheses cabeçudos... Franco teve de ceder. E, depois de um namoro de três anos, o marqués e a marquesa de Argillo, pais de Cristóbal, foram a El Pardo pedir oficialmente para o filho a mão (já concedida) de Carmen. Esta contava então 23 anos, e, Cristóbal, 28.

Cristóbal partilhava as predileções desportivas de sua noiva, com o acréscimo do ténis e da caça. Alto, robusto, cabelos pretos, olhos idem, nasceu em Mancha Real, no sul da Espanha. Em sua ascendência materna figuram os Martínez de Luna, dos quais um dos membros, Pedro de Luna, é mais conhecido pelo nome de papa Benedito XIII.

Segunda-feira de Páscoa, dia 10 de abril de 1950. Na estrada que leva de Madrid a El Pardo (castelo do século XVI), de 200 em 200 metros vê-se um soldado em uniforme de gala, porque todos os ministros, altas personagens, embaixadores e grandes da Espanha vão assistir ao casamento de Carmen Franco com o marqués de Villaverde: 800 convidados, cujos carros se movem devagar. O maior congestionamento de tráfego da história da Espanha, e

que motivou o atraso da cerimônia nupcial.

Do castelo de El Pardo, antiga residência de caça, até a Capela Real, é pequena a distância, e dev do a isso desenvolve-se no percurso um tapete, para maior majestade do cortejo, e os guardas complacentemente deixaram que os camponeses o juncassem de flores.

Entre alas de escuros lançiros mouriscos, aparecem primeiro dois guardas do palácio em trajes da época de Velázquez, depois os chefes das casas civil e militar de Franco. Agora eis Carmen, a «noiva», pelo braço do pai, que enverga uniforme de comandante supremo do exército. Carmen, em quem se concentram todos os olhares, traía um vestido branco, espetacular criação de Balenciaga, todo fechado à frente e aberto em forma de V nas costas. Sobre ele caía uma enorme capa formando uma cauda de quatro metros de comprimento, segura por dois laços usando libré do século XVII. Seu véu de tule Chantilly, era apressilhado por um diadema de marquesa formado de três filas de enormes diamantes separados por pérolas, presente de núpcias de seus pais. Os brincos eram de brilhantes de puro estilo espanhol. E trazia no punho um rico bracelete de brilhantes oferecido pelo noivo.

Em seguida vinha o marqués de Villaverde e a mãe, Cristóbal, décimo marqués de Villaverde, que se fez recentemente sagrar cavaleiro do Santo Sepulcro (talvez para contentar o futuro sogro, que lhe censurava o mostrar-se raramente na igreja) para a circunstância trajava o vistoso uniforme desordenado, túnica creme muito justa, em cujo peito se destacava uma grande cruz de Malta vermelha, calça escarlate com listão dourado, e capacete dourado encimado de um tufo de penas vermelhas, que ele carregava com ambas as mãos.

Logo atrás vinham o pai do «noivo», dando o braço à esposa de Franco.

Quando a noiva apareceu ouviram-se gritos: «Viva la novia!» «Olé, Carmencita!» «Ay qué bonita!»

Entre os convidados, o que mais chamava a atenção era o arquiduque Vladimir, pretendente ao trono da Rússia, que pedira para ser convidado, o que era o único membro presente de alguma ex-família imperial.

A capela, enfeitada com cravos e nêcos vindos de Sevilha e com doze tapeçarias representando cenas religiosas espanholas, era muito pequena para abrigar todos os convidados. Os noivos ficaram em consequência, aglomerados no pátio.

A bênção nupcial ia ser dada pelo cardeal Pla y Daniel, arcebispo de Toledo e primaz da Espanha.

Os noivos beijaram o anel nupcial e Sua Eminência leu a Epistola sobre os deveres dos cônjuges, em que se contém esta solene injunção: «Vós, na qualidade de de e pãsa, deveis qualificar a vossa esposa... e sereis como um jardim fechado». Perguntando-lhes em seguida se de livre vontade desejavam consorciar-se, cada qual por sua vez, respondeu em voz clara:

— Sim, yo quiero.

Depois da troca das alianças, o cardeal entregou a Carmen 13 moedas de ouro, presente tradicional do noivo; em seguida recolheu os dois jovens com um véu de tule, declarando-os unidos pelos elos do matrimônio.

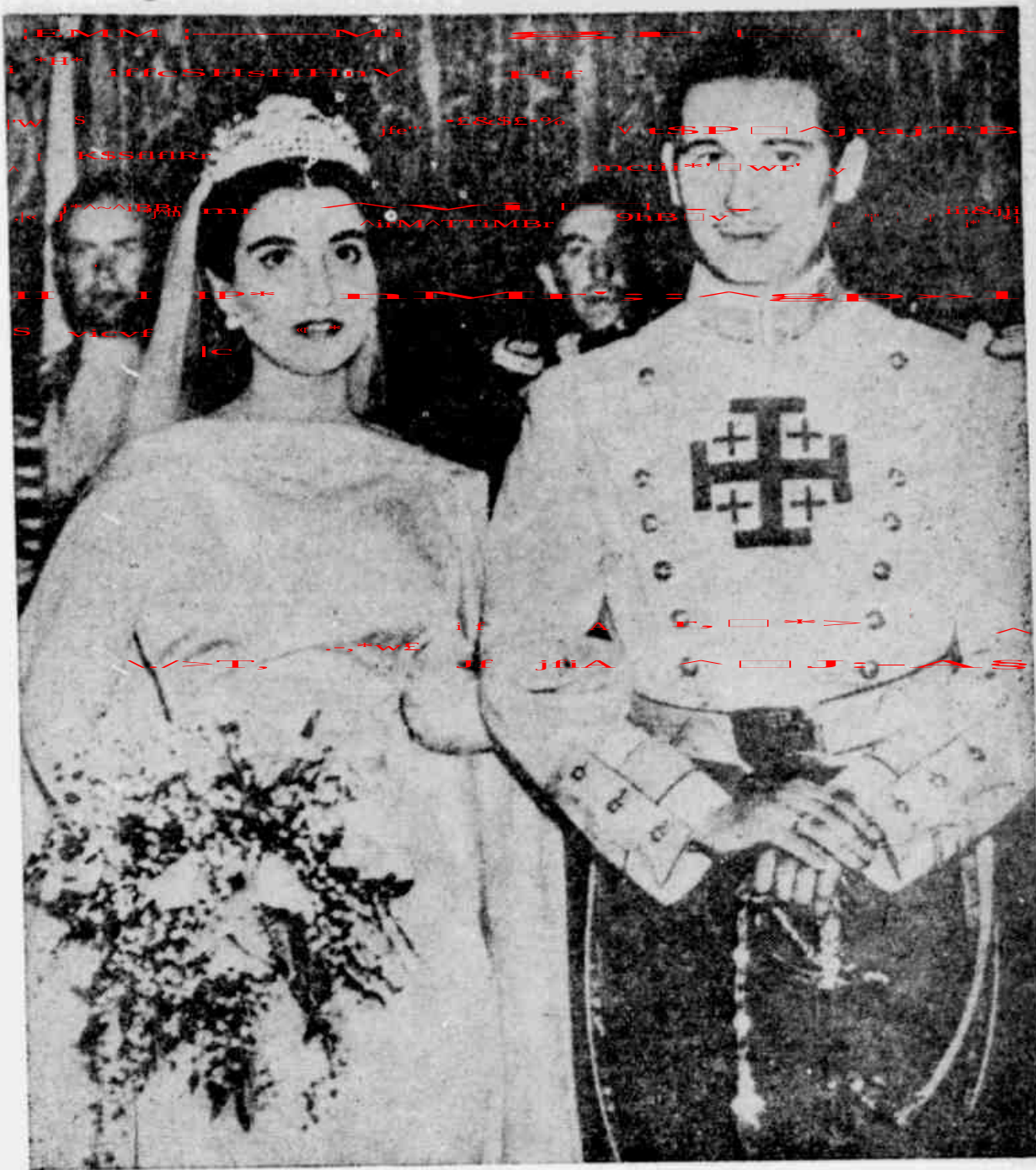
Na multidão de assistentes, algumas mulheres, como tia de uso, choravam; mas, em testilho, choravam com essas lágrimas, e pipicavam loguetes no céu.

Tornou a formar-se o cortejo. Desta vez foi Cristóbal que conduziu o braço à nova marquesa de Villaverde. Tendo acabado, houve um intervalo, licença para entrarem na propriedade do edifício, os habitantes da aldeia aclamaram os recém-casados e atiraram-lhes flores. Um misto de alívio e de pesar deveu ter sentido nesse dia o bom Miguel, inspetor de polícia a quem nos últimos seis anos estivera confiada a guarda pessoal de Clemencita, no momento em que casasse ao feliz noivo:

— Agora transmito-lhe o meu encargo!

No castelo, fazia dois dias e duas noites que três cozinheiros-chefes e 10 auxiliares se azeitavam para preparar o

(Conclui na pag. 143)



Os noivos logo após a cerimônia nupcial. Em baixo: quando chegaram ao portão da residência do general Franco, despedem-se do bom Miguel, o inspetor de polícia que sempre zelou pela guarda pessoal de Carmen, enquanto ele diz ao feliz noivo: — Agora transmito-lhe o meu cargo!



A BEBEDEIRA DE TONI BIANCHINI

(Continuação)

crianças, irei também para lá, arranjar algumas vitrines ao meu gosto...

A vitória do talento, dizia Toni Bianchini a si mesmo, um pouco mais tarde, é, em matéria de arte, sempre e sempre, uma vitória do caráter. Para abrir um caminho, é necessário uma vontade férrea, inquebrantável, uma fé indomável, uma fé capaz de resistir aos acontecimentos hostis, às circunstâncias mais adversas. Ele não sabia ao certo se tinha ou não um pouco de talento. Estava, porém, certíssimo de que não tinha caráter. Como poderia ele, pobre diabo humilhado, impor-se à indiferença de todos, se ele não sabia sequer opor-se à indiferença de sua própria mulher? Ele sentia todo o ridículo que havia naquela situação, vindo falar, depois de tanto tempo, dos seus pobres sonhos desprezados. E esse sentimento acabava por lhe cortar a palavra. Ora, se ele não conseguia falar, como poderia, jamais, chegar a ter razão? Devia apenas curvar a cabeça e renunciar. Tanto pior para ele, se Deus lhe dera vontade de correr e possuía um par de pernas pesadas como chumbo...

O fio de suas reflexões se interrompia para ceder lugar ao automatismo da profissão:

— Quanto vai pagar, senhorita? Aqui está o troco... Obrigado. Zeferino, embrulhe estes pratos para o senhor capitão... E madame, quanto vai pagar... Ah, bem. Aqui tem o seu troco... Não se incomoda de levar em notas assim?

Mas, à noite, no seu leito, não podia dormir, Letizia roncava, e ele sabia que nem mesmo um tremor de terra a despertaria. À uma hora, atreveu-se a levantar-se e, cautelosamente, na ponta dos pés, sem fazer ruído, deixou o quarto, dirigindo-se à sala de jantar, em cuja mesa começou a escrever. Um assunto original que lhe dava voltas à cabeça há tempos foi passando, aos poucos, para o papel. Daria um romance, embora curto. Um romance curto, mas vivo, moderno, interessante. Noite após noite, o romance crescia. Toni Bianchini dormia apenas duas horas por noite, gastando o resto no seu tra-

balho, que o absorvia ardentemente, como se fôsse uma febre consumidora. «Vida e Morte» foi o título dado ao trabalho. Um dia, junto à caixa, Toni bocejou e Letizia, descendo do seu trono, veio interpellá-lo, junto ao balcão:

— Que estupidez é essa, de bocejar na cara dos fregueses? Como se não dormisse a noite toda e não me custasse tanto trabalho acordá-lo todas as manhãs!

Com esse regime, ele havia emagrecido e se tornado pálido. A tal ponto que Letizia se alarmara, confiando ao pai os seus receios:

— Que depauperamento, que nada! — disse o senhor Casse. — Cara de poeta é o que ele tem... Poesia! Poesia!

E ria brutalmente, como, se falando em poeta e em poesia, tivesse citado as duas coisas mais ridículas e desprezíveis do mundo.

✱

Toni Bianchini esperou seis meses a decisão do júri. Um dia, deitado na cama, lia o seu jornal, quando deixou escapar um grito de surpresa.

— Que tens tu? Estás doente? — interrogou a mulher.

Ele, porém, sem poder falar, apenas agitava o jornal.

— Aqui... aqui... aqui...

— Que tens? Enlouqueceste? Eu te pergunto se tu estás doente e tu apenas me mostras um jornal? Vamos, não te faças de idiota... Tu me fazes medo. Eu vou chamar papai...

A ameaça deu a Toni a força de pronunciar:

— Lê isto. E' o prêmio de romance...

— Ah!... Deram o prêmio de romance a um tal Corrado Spada, autor de «Vida e Morte». Que tem isso? Em que te pode interessar? E' algum dos teus amigos?

— Não, não... Eu não o conheço... — balbuciou Toni. — Corrado... Corrado Spada...

De súbito, encorajou-se e teve coragem para dizer:

— Corrado Spada! Mas sou eu. Sou eu! Corrado Spada sou eu!

— Verdade? — perguntou Letizia. — O prêmio é teu? De quanto é? Tu não estás brincan-

do comigo? De quanto? Vinte mil liras? Dez? Cinco? Três? Mil?

— Nada. Nada — respondeu ele, recolhendo as asas da imaginação já em pleno voo — nada de d'neiro... Apenas a publicação do livro dentro de uns meses...

O entusiasmo de Letizia arrefeceu de golpe. E uma suspeita nasceu logo no seu espírito.

— Histórias! Isso são fantasias tuas... Tu estás inventando... Que livro é esse «Vida e Morte»? Quando o escreveste tu?

— À noite... durante várias noites, enquanto dormias...

— E por que não assinaste teu nome?

— Eu escolhi um pseudônimo por medo... por medo de um fracasso e, sobretudo, por medo de ti e de teu pai... medo de que viessem a rir de mim... que...

Depois de mais algumas frases de explicação, Letizia bocejava.

— E' muito tarde, meu caro. Eu tenho muito sono. Falaremos disso amanhã. Agora, acalma-te e beija-me... Estás contente, hein? Eu também estou contente... Amanhã diremos ao papai...

— Não, não — suplicou Toni. — A teu pai, não...

Queria dar tempo ao tempo. E acrescentou:

— Mais tarde... Mais tarde, talvez...

No dia seguinte, todavia, ele desejava ainda menos que o senhor Casse viesse a saber do ocorrido.

— Deixemos que o livro seja publicado — explicou à mulher — Tu sabes que não há prêmio em dinheiro. Ora, teu pai não pensa senão nisso. Ele não compreenderá o valor do meu prêmio, a menos que os jornais louvem a minha obra, a menos que digam que Corrado Spada...

— A propósito — interrompeu Letizia — por que não assinaste o teu nome? Por que não o revelas agora?

— E' muito tarde — explicou ele. — O nome de Toni Bianchini, presentemente, é um nome conhecido no meio comercial, entre os colegas de teu pai.

E' com esse nome que eu assino as cartas de negócio. Meu pai não ficaria satisfeito se o meu pobre nome perdesse a sua seriedade e o seu crédito. Por isso, em boa hora, resolvi criar a personalidade de Corrado Spada. Dessa maneira, não haverá aborrecimentos, porque ninguém o saberá... Se mais tarde — Deus querendo — eu vier a viver da minha pena, deixaremos o comércio e iremos viver sós, para que eu possa trabalhar em paz, sonhando de novo... E eu serei para todo o mundo Corrado Spada — há tantos que vivem sob outros nomes! Pierre Loti e Anatole France e, aqui mesmo na Itália...

— E te dá prazer viver sob um falso nome? Pois olhe: fica sabendo que, Toni Bianchini ou Corrado Spada, tens de tirar essas idéias da cabeça! Sim, porque eu de modo algum deixarei meu pai, de maneira nenhuma deixar o comércio. Tu és louco. O futuro dos nossos filhos está no estabelecimento, e não nos teus famosos livros!

— Veremos... veremos... — respondeu, humildemente, Toni.

Seis meses se passaram. Os negócios haviam prosperado, novas lojas se abriram e Toni Bianchini via que os seus vencimentos não tinham sido aumentados senão de uma quarta parte. Agora, ele necessitava ficar debruçado sobre os livros de contabilidade até duas, três e, por vezes, até, quatro horas da manhã. Por vezes, desligando a luz, extremunhado de fadiga, ele suspirava:

— Felizmente o concurso se encerrou há dois meses... Se fosse agora, eu não poderia ter escrito «Vida e Morte»...

Um dia, chegou uma carta assim:

«Eu romance, «Vida e Morte», está pronto. Os primeiros exemplares foram enviados aos críticos. Queira fazer o favor de passar, para receber o que lhe cabe, como direitos de autor, e para entender-se conosco sobre um novo romance...»

Toni correu para casa, triunfante, e entrando como um pé de vento no gabinete de toalete em que Letizia se alindava para o almoço, gritou, num transporte de entusiasmo:

— Letizia! Letizia! Grandes notícias! O livro saiu e me pedem um novo romance! Eu fui

lá esta manhã mesmo, mas era muito cedo ainda. Não havia ninguém. Voltarei amanhã... Voltarei amanhã com meu novo livro sob o braço... Eles me pedem um, e eu tenho três! Graças a Deus! Um só livro não pode fazer a fortuna de um escritor, mas quatro, sim, quatro fazem... Agora, a porta está aberta... A glória, a riqueza... e tudo sem prejudicar os negócios de teu pai...

Letizia parou de alisar os seus cabelos e olhou-o fixamente, em silêncio.

— Que tens tu, Letizia? Por que me olhas assim? Vamos... Não estás contente? Não vês que eu estou louco de alegria? Pensa... Pensa que amanhã eu receberei as primeiras mil libras ganhas com a minha arte, e que as levarei a teu pai, dizendo-lhe: «Aí tem... Conte... Eu as ganhei com o meu livro, ouviu?» E outros se seguirão... Tenho três livros prontos. Podem até ser editados no mesmo formato... Amanhã tu te levantarás mais cedo. Pedirás a chave do celeiro a teu pai e iremos nós dois procurar meus três romances... Mas, por que não falas tu? Vamos, responde. Letizia! Letizia! Por que me olhas assim? Por que teus lábios tremem? Que tens tu, responde?

Ela rebotou em soluços, encostando a cabeça no peito de Toni. E, no meio dessa tempestade, acabou por dizer:

— Perdoa-me, Toni... Perdoa-me... Eu não sabia, eu não podia saber... Mas há três anos meu pai teve necessidade das malas para pôr não sei o que... e um dia todos esses velhos papéis... vendidos por um pouco de dinheiro, tu sabes... a conta justa para comprar um par de meias de côr para Mucicino...

— E os romances? E os romances? — gritou Toni, com voz rouca.

— Perdoa-me... Perdoa-me, Toni... Eu não podia pensar... Tu mesmo parecias haver esquecido... haver renunciado... Eu acreditei, ouves tu, que todo mundo os havia recusado... Eu acreditei... as palavras infelizes de Terezinha ficaram fixadas no meu espírito... Eu te via assim, apenas assim: um pobre homem com ilusões loucas, agora abandonadas, esquecidas...

Toni, penalizado com as suas lágrimas, reprimiu as suas e,

(Continua na pag. 152)

ACTIVE A AÇÃO DO SEU FIGADO

Sem o uso de Calomelanos e despertará todas as manhãs cheio de entusiasmo e alegria

O fígado deverá fornecer normalmente, mais o menos, 1 litro de bile aos intestinos todos os dias. Se a bile não flui livremente, os alimentos serão mal digeridos, passando, assim, para os intestinos. Isso ocasionará a formação de gases no estômago e dará origem a uma constipação. Você se sentirá mal humorado, desanimado e a vida lhe parecerá um fardo.

Com o uso das renomadas PILULAS CARTER para o fígado, a bile fluirá livremente e você se sentirá cada dia melhor. Adquirir um vidro hoje mesmo, tome conforme as instruções e você constatará a ação realmente eficaz destas Pilulas na regularização do curso da bile. Peça as PILULAS CARTER para o fígado.

O Mucus da Asma Dissolvido Rapidamente

Os ataques desesperados e violentos da asma e bronquite envenenam o organismo, minam a energia, arruinam a saúde e debilitam o coração. Em 3 minutos, **Mendaco**, nova fórmula médica, começa a circular no sangue, dominando rapidamente os ataques. Desde o primeiro dia começa a desaparecer a dificuldade em respirar e volta o sono reparador. Tudo o que se faz necessário é tomar 2 pastilhas de **Mendaco** às refeições e ficará completamente livre da asma ou bronquite. A ação é muito rápida mesmo que se trate de casos rebeldes e antigos. **Mendaco** tem tido tanto êxito que se oferece com a garantia de dar ao paciente respiração livre e fácil rapidamente e completo alívio do sofrimento da asma em poucos dias. Peça **Mendaco**, hoje mesmo, em qualquer farmácia. A nossa garantia é a sua maior proteção.

Mendaco

Acaba com a asma.

TAQUIGRAFIA CURSO GRATUITO POR CORRESPONDÊNCIA

PARA PROPAGANDA DO NOVO MÉTODO BRASILEIRO O AUTOR ENSINA

INFORMAÇÕES.

DR. LEITE ALVES

Est. de S. Paulo - E. F. S. - ITU

CAIXA de segredo

Lúcia Maria

SOFREDORA — Seu caso, minha amiga, é realmente doloroso. Além dos problemas conjugais que são sempre de tão difícil solução, você ainda tem como circunstância agravante, sua saúde abalada. Para resolver seus problemas você necessita, acima de tudo, de calma e de paciência. É lamentável que a estadia com seus pais complique ainda mais suas dificuldades domésticas, pois calculo que isso é indispensável: você precisa ter quem olhe pelas duas crianças.

Antes de mais nada você deve dar uma orientação inteiramente nova à sua vida. Pelo que pude ler nas entrelinhas de sua carta, presumo que você nunca teve uma vocação verdadeira para o casamento. Mas, como já está casada e com filhos, deve procurar fazer com que seu casamento se transforme num sucesso. Use de extrema diplomacia no trato com seu marido, evite toda e qualquer oportunidade de discussões. Seus pais, e principalmente seus filhos, sofrerão o reflexo de qualquer desarmonia entre vocês. Quando houver algum problema à discussão do qual você não possa se furtar, escolha para isso uma hora em que estejam a sós e nunca procure impor sua vontade à força. Muitas vezes a diplomacia e a habilidade femininas fazem milagres. Se você se mostrar sempre gentil e delicada para com seu marido, não haverá oportunidade para grosserias. Você mesma reconhece que ele é estremoso como pai e que procura dar-lhe todo o conforto possível.

Não vejo nada irremediável em seu caso e creio que você deve pensar menos em seu amor-próprio. Disponha-se a fazer concessões sempre que isso for necessário para evitar um atrito, e verá como a situação melhora. Até sua saúde será beneficiada. Muitas vezes as preocupações são as principais responsáveis pelas nossas iloenças. Você está casada há muito pouco tempo e ainda não adquiriu a maleabilidade que toda esposa deve ter. Vejo que ama seu marido e quem ama sempre faz sacrifícios. Lembre-se de que estes serão amplamente recompensados mais tarde, se você mantiver seu lar unido.

Pense em seus filhos, e em seu próprio bem. A sabedoria popular nunca erra e é ela que diz: «Mal com ele, pior sem ele...»

LOURDES MARIA — Você foi muito leviana e agora sofre as consequências de seus atos. Se você não abandonasse seu namorado por outro, ele agora lhe mostraria maior consideração, não lhe pagando na mesma moeda.

Enfim, o que está feito não se pode mudar. Se você gosta realmente dele procure comportar-se bem. Caso ele a estime voltará para você. Caso contrário procure esquecê-lo e da próxima vez tenha juízo.

LOURA MESCLADA — Seu anseio é natural. Toda moça deseja ter na vida «alguém que a ame e que se lhe dedique». Tenha paciência! Não procure forçar as circunstâncias. Talvez seja a sua impulsividade o que afasta seus namorados.

Um dia surgirá aquele que lhe mostrará a mesma dedicação de que você é capaz, e serão muito felizes, como dizem as histórias.

ELIZABETH ZANGHI — Pelo que diz em sua carta, seu namorado não a estima e parece-me que deve ter outros amores, uma vez que não gosta de ser visto com você. Na minha opinião deve por um ponto final no namoro, antes que se apaixone mais, pois creio que ele não está bem intencionado.

INCOMPREENSÍVEL — Fiquei satisfeita com sua carta. Foi bom você ter solucionado o caso antes que ele se agravasse. É um prazer para mim ter lhe sido útil. Aqui estou sempre que precisar de um novo conselho.

TESSA — Não, minha filha, esse rapaz não merece a sua afeição. Não creio que você deva alimentar esperanças. Se ele deixou a outra por sua causa e afinal a deixou também para voltar aos amores antigos, é porque não sabe realmente



te se dedicar a ninguém. Continue cultivando seu espírito com leituras boas, sadias, e deixe que o tempo o ajude a escolher melhor. Não tenha pressa. No momento você está muito ferida e se está incapaz de amar novamente, mas daí a algum tempo as coisas se apresentarão com um aspecto melhor. Não alimente seu coração com o amargo. Faça-o compreender por sua atitude que você não é uma boneca com quem ele possa se distrair e jogar a um canto, para daí a algum tempo renovar a brincadeira. A princípio você sofrerá mais assim, mas será uma vez só e no cabo de algum tempo a alegria voltará.

FLOR DE LÁCIO — Pelo que você diz em sua carta deduzi que o seu namorado, depois de um período de seis meses sem lhe dar notícias, chegou à conclusão de que realmente gostava de você e por isso voltou a procurá-la. Decerto não teve a coragem necessária para contar-lhe que seus sentimentos andaram oscilando durante esse período e achou melhor «fazer de conta» que não recebeu suas cartas. Dê-lhe uma oportunidade de se reabilitar, mas continue tratando-o com uma certa reserva até se convencer de que desta vez ele vai se portar bem.

TELEZA CRISTINA — Seu namorado andou mal com você, pois uma vez que se haviam reconciliado na véspera ele não deveria ter saído com outra. É possível que as circunstâncias o tenham levado a isso, mas em todo caso daqui para diante você deve confiar desconfiando um pouco, para não levar outro choque.

SPELLBOUND — Na minha opinião você deve iniciar imediatamente uma auto-educação, pois sua vida está cheia de erros, resultantes de sua independência consigo próprio. Sua vida sentimental parece marcada pela desgraça. A primeira noiva desmandou-se, a segunda ficou tuberculosa, a terceira leprosa, a quarta era ladra, e afinal, a quinta mulher em sua vida era casada! Reconheço que nos outros casos você pouco podia fazer para melhorar a situação, mas agora chegou a ocasião de compreender que não pode ser feliz à custa da infelicidade alheia. No seu caso só a renúncia, mesmo que ela os faça sofrer. Procure daqui por diante ter mais cuidado em sua escolha, e antes de tudo procure redimir-se.

IANARA — Esta seção se destina apenas a dar conselhos, e aqui vai um: não creio que você possa encontrar por correspondência de certo... Procure um bom marido aí por perto mesmo.

COELHO ALMEIDA — Penso que a primeira coisa que você deve fazer é arranjar uma ocupação qualquer. Ninguém pode ser feliz, vivendo sem objetivo. Não adianta você «amar em silêncio», sem saber se é correspondido ou não. No seu caso o que você deve fazer é arranjar um emprego e esclarecer logo a sua situação com a «eleita».

ZILDA COSTA — Seu caso não tem mistérios. Namorou o rapaz, brigaram, conversam todas as noites «por amizade», mas ele não quer que você fale com outros rapazes. Afinal o que deseja ele? Se não quer casar-se com você deve dar-lhe



Um GUIA GRATIS
para SUCESSOS CULINÁRIOS!

• É o novo livro «Receitas OS MAGOS DA CULINÁRIA» onde encontrará 65 receitas variadas, saborosas e para todos os paladares.

1 PACOTE DE 400 GRAMAS CUSTA MENOS DO QUE 2 DE 200 GRAMAS!

MAIZENA DURYEA

W.M.C. MARCAS REGISTRADAS



A "MAIZENA DURYEA" 50 B
Com Postal 6 B - São Paulo
Pede enviar-me, GRATIS, o livro
"OS MAGOS DA CULINÁRIA"
NOME _____
RUA _____
CIDADE _____ ESTADO _____

Peda Guarani

Gato Preto



Cris 1,50

EM SUA NOVA EMBALAGEM

Fábrica de Bebidas PARAGUAY
Rua Tupis, 1642 — Fone 2-2139
Belo Horizonte — Minas

liberdade. Você deve acabar com essa «amizade» e não se sujeitar ao egoísmo dele. Não é razoável que ele queira desfrutar seu tempo sem se comprometer. Você ainda é muito criança e com o tempo arranjará um noivo que a ame de verdade.

GAUCHINHA ESPERANÇOSA — Não vejo inconveniente em manterem uma correspondência amistosa. Você deve porém ter cuidado para não descambar para o romantismo. Em geral há sempre desilusões. Se receja um desengano, mantenha uma atitude de reserva. O tempo é o melhor conselheiro. Ele lhe mostrará a melhor atitude.

JANE EYRE — O rapaz de quem você gosta não me parece ser direito. Se ele namora até suas melhores amigas, é porque não a estima nem respeita. Penso que para o seu bem você devia acabar com esse caso o mais depressa possível.

MARA — Não posso compreender sua hesitação. Se o seu marido não quer participar à família em Portugal, que se casou, deve ter algum motivo para isso. E pelo contrário, se não há motivos, mais uma razão para que eles se regozijem com sua carta. Não há nada de mal no fato de você escrever à sua cunhada. Fale sobre a sua filhinha e diga-lhe o quanto é feliz. Não há necessidade de enviar uma certidão de casamento. Escreva naturalmente, sem mostrar desconfianças que podem ser injustas.

GATABE — Reflita, meu amigo, na impropriedade dessa atração; você com 26 anos apaixonando-se por uma menina de catorze! Na realidade, não há mal algum que um homem mais velho goste de uma criatura doze anos mais moça... Mas, no seu caso, trata-se de uma menina, cujos sentimentos ainda sofrem a influência da infância. Procure uma criatura mais «velha» e lembre-se de que a vida oferece à gente uma tristeza precedendo-a sempre de uma alegria. Confiança e... juízo, meu amigo.

MOEMA — Não tendo dons de adivinha, minha querida adolescente, não poderei, evidentemente, responder se você gosta ou não do primeiro namorado. Com dezessete anos, minha amiguinha, esses flertes são comuns e você não deve preocupar-se muito com eles. Preocupe-se mais com os estudos, sim?

ALMA SOFREDORA — Procure defender sua felicidade buscando a realização de seu desejo nobilíssimo: o casamento. Fale francamente a seus irmãos do anseio que possui em tornar-se esposa de um homem que a mereça e nada tema, porque o destino realizará o resto. Embora seus outros irmãos casados sejam iguais aos que não desejam que você se case, procure passar algum tempo na casa deles. A mudança de ambiente lhe fará muito bem. E não se preocupe: o destino sabe dirigir a vida das criaturas.

BODAS DE PRATA — Não compete a você, meu amigo, resolver a situação. Se a moça é

REGULADOR XAVIER N. 1-:

Regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências: — Dores, vertigens, insonia, nervosismo, fastio, etc.

REGULADOR XAVIER N. 2-:

Falta de regras, regras atrasadas, suspensas, diminuídas e suas consequências: — Anemia, cólicas uterinas, flores brancas, insuficiência ovariana, etc.

O Regulador Xavier é o remédio de confiança da mulher

noiva de outro e gosta de você, a ela compete tomar uma iniciativa. A única coisa que você pode fazer é rezar, para que ela tome uma resolução acertada.

DESORIENTADA DO SUL — Receio, cara amiga, não lhe poder dirigir uma palavra animadora. Esse rapaz quando vai a negócios em sua cidade, procura-a e promete escrever-lhe, diz que ficará noivo em breve, e no entanto, mal vira as costas esquece tudo. Parece-me que o que ele deseja é distrair-se enquanto está aí e não pretende levar o caso a sério. Sendo assim não é merecedor de sua afeição e você deve procurar esquecê-lo antes que o caso crie raízes.

MARILIA TEIXEIRA — E' muito cedo para você e seu galã de 15 anos pensarem em amor. Ainda mais que você já arranhou outro namorado. Não leve o caso tão a sério. Os problemas de sua idade resolvem-se com o tempo.

NILZA — O que você me conta é um absurdo. O rapaz, depois de namorá-la tanto tempo, fica noivo de outra em dois meses apenas! Sua ausência forçada não deveria mudar os sentimentos dele. Se a amasse como diz, teria esperado com paciência até que seus pais mudassem de opinião. Compreendo o quanto você sofre com a infidelidade dele, mas lembre-se de que seria muito pior se já estivessem casados. O fato dele sendo noivo ainda procurá-la mostra mais uma vez que não é pessoa digna de confiança. Procure ser forte e reagir contra essa afeição mal empregada. Nesta época não se morre por amor...

CAROLINA — Parabéns, minha filha. E' uma raridade encontrarmos hoje em dia uma pessoa como você. Penso que tem muito juízo estabelecendo normas de conduta para seus namorados. Esses namoros em lugares escuros, em cinemas, são desaconselháveis e denunciam certa falta de «linha». Toda moça deve saber se impor ao respeito dos rapazes e fazê-los compreender que não é desfrutável. Penso que não há inconveniente que você passeie com ele uma vez durante a semana. Afinal o que ele deseja é natural: toda pessoa enamorada tem esse desejo de estar ao lado do ente amado. Quanto aos bailes, só seus pais podem resolver o assunto. Na minha opinião se você fôr em boa companhia, a bailes familiares, isso em nada a prejudicará. A dança é um prazer lícito, principalmente para uma pequena criteriosa como você.

EU — Não pode haver nenhuma hesitação de sua parte para resolver o seu caso. A única solução é a renúncia. Antes de tudo você não devia ter alimentado qualquer afeição por um homem casado e pai de família. Ambos foram levianos e devem procurar remediar o mal feito, nunca mais se encontrando. Se ele a ama realmente, não há de querer colocá-la numa posição falsa, à margem da sociedade. Seu pai teve razão em não querer seu casamento com ele. Vê-se claramente que é pessoa sem princípios, sem retidão. Não se iluda, minha amiga, uma situação dessa espécie nunca a faria feliz.



MAS, VEJA ESTE CONTRASTE...

olhe os dentes de outro boca... corados e mal cuidados. Isto poderia ter sido evitado, com uma visita ao dentista e o uso diário de Kolynos.



COMO SÃO BRANCOS E SADIOS os dentes do KOLYNOS-ISTA!

GUERRA ÀS CARIES!

Somente KOLYNOS as combate DESTES 3 MODOS

1. ELIMINANDO OS ÁCIDOS DA BOCA

Os ácidos da boca, que causam as caries, ficam neutralizados logo que os ingredientes anti-ácidos de Kolynos se põem em contacto com a saliva. Esses mesmos ingredientes dissolvem a película que sentimos sobre os dentes, antes de escová-los com Kolynos. É nessa película que as bactérias se ocultam e se reproduzem.

2. DESTRUINDO AS BACTERIAS

A conhecida bactéria "Lactobacillus Acidophilus Odontolyticus" é a produtora dos ácidos que provocam as caries dentárias. Somente Kolynos contém certos ingredientes bactericidas que são mortais para essas bactérias. Estudos científicos realizados em famosas universidades norte-americanas e européas, provaram que Kolynos destrói cerca de 92% das bactérias da boca. Este efeito de Kolynos dura varias horas.

3. LIMPANDO PERFEITAMENTE

A espuma penetrante e refrescante de Kolynos retira as partículas de alimentos deixadas pela escova e mantém os ingredientes protetores de Kolynos na superfície dos dentes, para evitar que se forme nova película. Essa espuma penetrante leva os ingredientes anti-ácidos e bactericidas de Kolynos aos lugares perigosos... atacando realmente a causa principal das caries.



Delicioso sabor refrescante!
E ECONÔMICO TAMBÉM:
Basta 1 cm. na escova seca.

Melhores resultados são obtidos escovando-se os dentes com Kolynos, depois de cada refeição

K-309

apertando Letizia contra o peito, procurou consolá-la:

— Não te desoles assim... Era o meu destino... Que queres? Era o meu pobre destino...

Letizia, humildemente, repetia:

— Perdoa-me! Perdoa-me...

Mas essa humildade não durou mais de vinte e quatro horas, vale dizer, até o momento em que, voltando à casa, Toni trouxe uma revista literária que falava do seu livro.

— Bonito — disse Letizia. — Muito bonito! «Vida e Morte», de Corrado Spada. Mas eu preferia o teu nome: «Vida e Morte», de Toni Bianchini...

E, pousando o livro sobre a mesa, negligenciosamente, passou a outro capítulo, bem mais importante:

— E teus direitos de autor?

Com a mão trêmula, Toni estendeu-lhe timidamente cinco notas de cem liras.

— Que é isso? — perguntou Letizia. — Uma parcela? Um adiantamento?

— Não — respondeu Toni, com os olhos baixos. — Está tudo aí... Eles imprimiram apenas mil exemplares. Eu sou jovem, sou desconhecido ainda, tu não és capaz de compreender... Mesmo admitindo que eles vendam tudo... Bem, o papel é muito caro, há as despesas de impressão... e depois as livrarias cobram também a sua comissão... e aí está por que recebo apenas quinhentas liras...

Ela apanhou, desdenhosamente, as pobres notas e, suspirando, enfiou-as na cava do decote.

— Melhor do que nada — disse, com indulgência. — Mas as famosas somas que nós esperávamos! Os ganhos dos romancistas ilustres! Ilusão, sempre ilusão, meu Toni... Afinal de contas, é melhor assim... Pelo menos, tiras-me um grande peso... Teus livros não teriam rendido mais do que mil e quinhentas liras... Tanto pior! Serão mil e quinhentas liras de menos... mas não será a morte de um homem...

E, conduzido pela humilhação, a pensar de si mesmo o que os outros pensavam a seu próprio respeito, Toni murmurou, a seu turno:

— De certo... De certo... Não é a morte de um homem...

*

No dia 31 de dezembro, era hábito realizar-se uma grande festa, a festa de encerramento do ano, na sala dos fundos do estabelecimento. O vinho corria à farta, e o senhor Casse, nessa data, por exceção, não olhava a despesas. Todos os empregados compareciam. Cinquenta pessoas ao todo. Entre a filha e o genro, ele presidia à reunião. Bebia-se de tudo. Vinhos brancos e tintos, piemonteses e toscanos, genoveses e romanos, delicados e fortes, secos e doces. De tempo em tempo, a voz do senhor Casse se fazia ouvir:

— Devagar, devagar, minha gente... É preciso deixar lugar para o champagne...

— Champagne! Champagne! Que venha o champagne! — gritavam os convivas.

— Sim, vamos tomar um pique... Vamos todos embriagar-nos — ouvia-se dizer, em coro.

— Teu marido é o único que não se embriagará — observou o senhor Casse à sua filha, intrigado, ou melhor, horripilado com o ar distante e alheio do genro.

— Eu não posso fazer excessos — respondeu Toni, polidamente em voz baixa.

— Tu não tens sangue nas veias! — retrucou o sogro. — Vinho significa sangue, significa bom humor, significa força... E força significa trabalho, e trabalho significa dinheiro... Só com isso é que se triunfa na vida... E tu, que és, afinal? Um poeta! E nem todos os poetas são como tu... Entre esses loucos, ainda há alguns que chegam a se impor...

— Papai, eu te peço... — suplicou Letizia, num minuto de lucidez.

— Por que devo calar-me? Tens medo de que ele se ofenda? Eu quero, ao contrário, falar-lhe bem claramente... Quero reeducá-lo, por assim dizer... Há outros que, pelo menos, se esforçam, se fazem por si... Eu agora mesmo li um artigo sobre um rapaz que escreveu um belo romance... Um Corrado Spada. Esse, ao menos, soube ganhar o seu prêmio...

Enquanto falava, o senhor Casse bebia, e toda gente, em roda, fazia o mesmo. Toni, as suas últimas palavras, levantou-se de um ímpeto, transtornado, dando um grande murro sobre a mesa, que fez estremecer todos os copos... E gritou subitamente, colérico, os olhos esbugalhados:

— O senhor não sabe quem é Corrado Spada! O senhor não sabe nada! O senhor não compreende nada! Corrado Spada, o romancista? O romancista de quem os jornais estão falando? Corrado Spada, de quem o senhor me aponta o exemplo? Pois bem: Corrado Spada sou eu! Sou eu! Sou eu!

Um ri-o homérico ecoou por toda a sala. O senhor Casse rebeitou de rir:

— Corrado Spada, é! Corrado Spada! Ele bebeu também! Ele bebeu também!

— Está bêbedo! Está bêbedo! — gritaram outras vozes.

— Sim — dizia Toni — o livro é meu! O livro é meu! Corrado Spada sou eu!

O senhor Casse continuava a rir:

— É fantástico! Não convém contrariá-lo... Não se deve discutir com loucos... Está bem, Toni. Está bem, meu filho, Corrado Spada és tu...

— Realmente é ele, papai — teve forças para dizer Letizia, no meio de sua embriaguez.

Mas as suas palavras se perdiam dentro do tumulto geral.

— Ele é Corrado Spada! Está bêbedo! Corrado Spada! Está bêbedo!

De súbito, todos começaram a cantar, improvisando uma letra para uma velha ária popular:

«Viva Corrado,
Morta Bianchini!
O primeiro é tagliatelli,
E o segundo é tagliarini...

Todos repetiam juntos o «couplet», até que o «champagne» aparecesse. Então, fez-se um comovido silêncio, enquanto as taças se enchiam do líquido espumante. Toni aproveitou o momento para explodir:

— Ajuntamento de cretinos! E tu, ventre dourado, és mais cretino do que os outros... Tu, reles mercador de quinquilharias, nunca acreditaste que eu tivesse talento. Tu zombavas de mim, porque eu era um poeta, e

porque os poetas sempre fizeram rir os grosseiros materialistas como tu... Eu, sabe-o tu, eu, o tímido, o silencioso, o modesto, ria-me também de ti, do teu dinheiro sujo, de tua estupidéz, e tu me causavas piedade, no mesmo tempo que me desastavas. Eu te odiava, e odiava o teu vil dinheiro, o teu estúpido senso prático, o teu bom senso vulgar, tua ignorância crassa, a bestialidade que tu encarnas tão bem! Eu trabalhava, enquanto tu dormias um sono de bruto. Escrevi um livro, que publiquei, e publicaria agora três outros, se tua digna filha não os houvesse mercadeado para comprar uma pinóia qualquer para o meu filho...

— Não injuries o meu neto — interrompeu o senhor Casse, com violência. — Eu não te permito isso. Eu te proibo de citar o nome de meu Muccino!

— Como? Teu Muccino? — replicou Toni. Muccino é meu, como meu livro também, como meu sonho, como meu novo nome, que não deves pronunciar, nenhum dentre vós... O outro, meu outro eu, Toni Bianch'ni, eu vô-lo dou de presente... E' a minha sombra, apenas... Mas, Corrado Spada, não... Esse, eu não vos darei... Corrado Spada não é vossa propriedade. Corrado Spada vos despreza e vos julga, a todos, tal como vos sois! O poeta Spada proclama que não é o dinheiro o que vale na vida, que os mercadores não são os senhores do mundo, que a realidade triunfa de tudo! Somos nós os que triunfamos, nós, os poetas! A única realidade é a poesia. E vós, animais sujos, porcos, vulgares e fortes cheios de moedas sujas, vós, que tendes o topete de vos impor a nós outros, à nossa liberdade, ao nosso direito de ser mais nobres do que vós, nós zombamos do vosso nome, rimos dos vossos narizes, debochamos da vossa importância... assim... assim...

Atirou-se para a frente, mas antes que sua mão pudesse ter atingido a face do sogro, quatro braços o agarraram, subjugando-o. Em seguida, foi levado para o seu quarto, enquanto o senhor Casse vociferava injúrias: — O grande poeta enlouqueceu! Está com o juízo pelo avesso!

Enquanto isso, os outros, avi-

(Conclui na última página)

ELA PRECISA AGORA!



Na época da puberdade, os pais não devem esperar que os seus filhos sintam falta de ajuda na época do desenvolvimento natural da idade. A Emulsão de Scott — há mais de setenta anos — constitui o tônico aconselhável, no mundo todo, a esta perigosa idade. Rica em vitaminas, cálcio e fósforo, é um completo reconstituente e um tônico alimentar.

EMULSÃO DE SCOTT

O TÔNICO DAS GERAÇÕES...



Adquira os seus medicamentos nas

DROGARIAS RAUL CUNHA LTDA.

O maior estoque e os menores preços — Serviço rápido de REEMBOLSO POSTAL para todo o país

Rua Rio de Janeiro, 363 — Fones 2-3767 e 2-2161

BELO HORIZONTE

Ensinar a ler e escrever a uma de tuas patricias, será uma grande obra de brasilidade. Brasileira: trabalha um pouco pela grandeza da Pátria de teus filhos, tirando outra brasileira das trevas do analfabetismo!

PÓS CONTRA ASSADURAS LACERDA

Poderoso auxiliar na conservação da pele das senhoras — Útil nas assaduras, brotoejas, coceiras, frieiras, irritações na pele, suores, eczemas, sarna, queimaduras do sol, etc.

AGORA EM EMBALAGEM MAIOR E MAIS ECONÔMICA

LABORATÓRIO LACERDA
Rua Conde de Bonfim, 832 — Rio de Janeiro

Envia-se pelo Reembolso Postal

NO MUNDO DOS ENIGMAS

Direção de Loludoro

TORNEIO DE JULHO DE 1950

Léxicos: Silva Bastos; Simões da Fonseca, edição antiga; Seguíer; Roquette, os dois; Brasileiro, 2ª, 4ª, 5ª e 7ª edições; Breviário, Japyassú e Casanovas; Lamenza e Dr. Lavrud.

Prazo: Três meses.

Brinde: Uma obra literária de atualidade.

ENIGMAS

(Para Lutércio e Zytho)

1. — A segunda e a sexta iguais.
A terceira e a quinta vocais
Também são, mas desiguais.
A terceira letra é a prima
Segunda embora, e constante
A quarta, que é quinta, rima
Com a tal, também consoante.
— Oh quarta, terceira e segunda.
Se dentro da sexta e quarta
E quinta e segunda estais,
Vós tornais feliz e farta.
Já não vos chamam de imunda
Pois que vós sois montaraz

SAM — Rio

(Ao Zytho, agradecendo e retribuindo, numa fra-
ca paródia, o seu problema aritmético).

2. — São quatro letras, não mais.
Delas, gêmeas e vogais,
Prima e quarta... E, sem zunzum,
As outras duas centrais,
Juntas, porém desiguais,
Somam o «todo» e mais «um».

Acho o conjunto, assim, feio;
Por isso divido-o ao meio,
Sem sentir nenhum temor
E, na brecha, sem receio,
Meio «também» um recheio...
(Não está isto um amor?)

Nas pontas, depois, do escrito,
Vão duas letras que eu dito
— Vizinhas no alfabeto.
Seus números de ordem, Zytho
Dão, por acaso bendito,
Para um problema concreto:

A sua soma é exata,
E' 23, na batata!
E a diferença, meu velho,
E' a unidade. Não mata?
Digo-lhe, então, sem bravata:
Procure com um aparelho.

LUTÉRCIO — H. C. — Rio

(Ao Polidoro, agradecendo a homenagem)

3. — Fui «sincero» no «amor» pela Tudinha,
Chinoca linda... e, amando-a de verdade,
Vivia na sem par felicidade
Da certeza que havia de ser minha.

Ganhava pouco, então. Sinceridade,
A minha sorte sempre foi mesquinha!
Não podendo viver só de farinha
Fui procurar emprego na cidade.

Quando voltei, busquei a minha amada.
Mas, encontrei a casa aberta...
Ferveu meu coração num alvoroço.

Tinha casado a ingrata e por dinheiro.
Cum tipo feio, um cara de teneiro,
Que tem cachaco saliente ou grosso!
JUCA PIROLITO — T.C. — Porto Alegre.

(Agradecendo ao amável Zigomar a sua «pitada»)

4. — Quando falece no homem a «justiça»,
E quando o arbitrio vence a lei e a ordem,
Já não resta um princípio, uma premissa
Com que impor-se o direito na desordem

A revolta é legítima, e a «pessoa»,
Antes placida, humana, equilibrada
E' a fera que ruga e que esboroa
A cidade despótica domada!

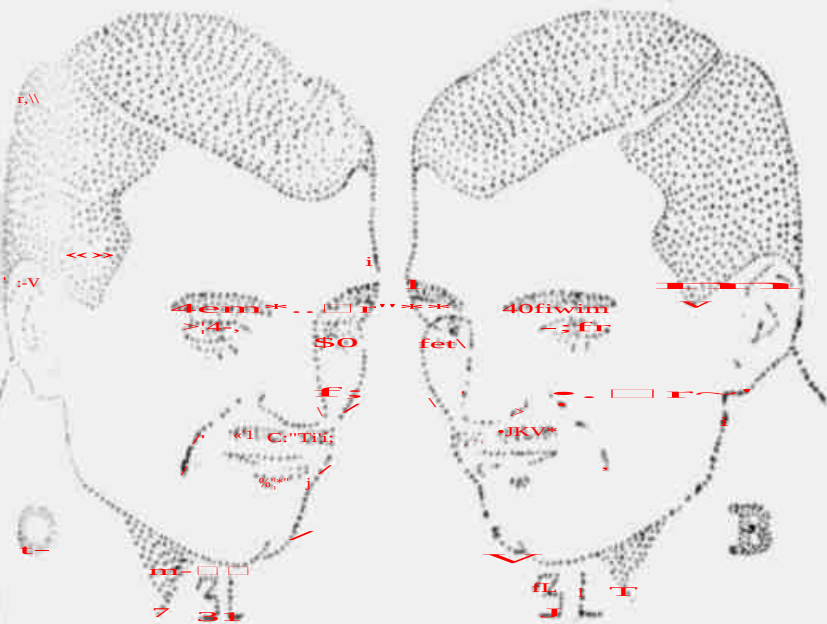
Triste é o fim da injustiça e da opressão:
O exício das forças dominantes,
Ante a fúria do simples cidadão,
Sobre um monte de ruínas fumegantes...

ZYTHO — Rio

5. — Vejo um «chefe» escondido
No meio do «planalto».
Seu corpo é magro e alto
Qual estoque comprido.
TUPI DE ITARACA' — Canavieiras — Bahia.

(Ao caro Sertanejo II).

6. — Há bem tempo, na Avenida,
Ao voltar da minha lida
Vi passando o Sertanejo.
Abordei-o num instante
E gritei-lhe — Seu tratante,
Quanto tempo não o vejo!
Ficou ele «assim assim»
Com o olhar pregado em mim
«Todo» rubro e encabulado,
Procurando se lembrar
De quem vinha lhe falar
Qual amigo bem chegado.



RADGE — Recife — G. C. N.

Mas, enfim, do «relatório»
Cai a plica e o sudário
E ele diz: — E' o coisinha!
Caro Jásbar, com franqueza:
Fiquei mesmo na incerteza.
Que cabeça tonta a minha!

JASBAR — B. B. — CAPITAL

(Ao confrade Polidoro)

O «sol» por fim, que na «campina» vejo!
Esplende a luz, o bálsamo da vida
E nosso Deus, assim, desfaz o véu
Da descrença sem fim... descomedida.
Perdoai-nos meu Bom Pai, Senhor do Céu!

DATRINDE — AMARALINA — BAHIA

Aproximando-se da «lavra»
A bela «mulher» do Isidoro,
Foi pelo capitão do mato
Levada ao senhor Polidoro.

LOANCO — B. B. — CAPITAL

CHARADAS

Minha vizinha Quitéria,
Apreciadora de leria, — 2.
Vive em constante ventura, — 2.
Considera-se ilustrada,
E às amigas, na calçada,
Só fala em literatura.

SERTANEJA — Andradina — S. Paulo

Sei que tenho algum defeito — 1.
Porque não ando direito — 1
Neste mundo de meu Deus,
E me ponho a meditar...
Procurando me ajustar
Aos grandes ensinamentos Seus.

EUCLIDES VIEIRA — Campina Grande

Quem tem nervo e mão de artista
Sempre é bom equilibrista 2 — 2.
HELIO FLORIVAL (G. dos XX — Piraci-
caba — S. Paulo

E' costume do malandro — 1.
Do pilantra e mentiroso — 1.
Contar casos de escafrando,
Nos quais faz e acontece
Ao matar «rato do monte».

D. MOSTENES — Greminas — Capital

Sapataria São Geraldo Ltda.

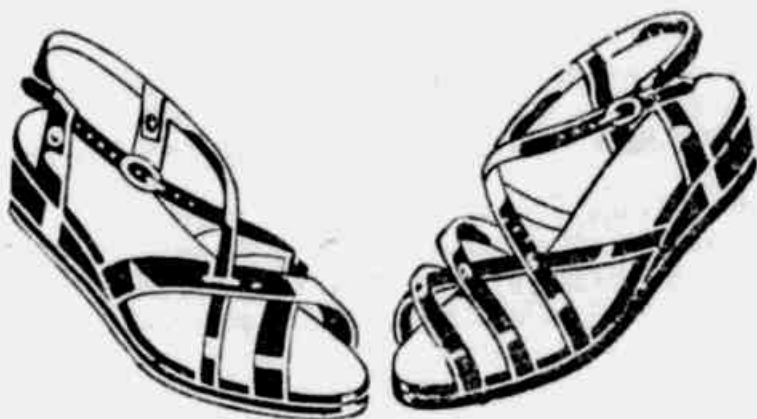
Rua Capitão Bragança, 9

BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS



ORD. 01 — Moderna sandália "São Geraldo", em verniz, naco vermelho ou havana. De 32 a 39. Cr\$ 50,00.

ORD. 07 — Em couro nacional, preto ou marrom. Sola fina, costurada a ponto esteira. De 37 a 44. Cr\$ 100,00.



ORD. 09 — Moderna sandália "São Geraldo", em verniz, naco vermelho, ou havana. De 32 a 39. Cr\$ 48,00.

ORD. 08 — Elegante sandália "São Geraldo". Salto Anabela 2 1/4. Em branco, vermelho, havana ou verniz. De 32 a 39. Cr\$ 45,00.



06 — Lindo modelo com solado de borracha pontado. Última criação. Vaqueta preta ou marrom. De 36 a 44. Cr\$ 99,00.

03 — LUIZ XV. Raso, em pelica preta e marrom. Modelo de luxo. Saltos 4 1/4, 5 1/2 e 6 1/4. De 32 a 39. Cr\$ 140,00.

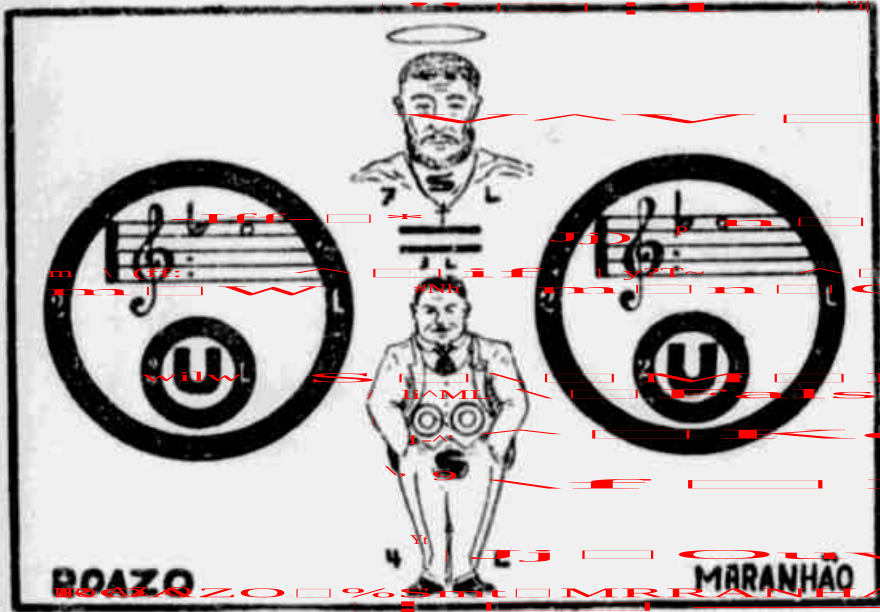
AO FAZER O SEU PEDIDO, ESCRVA COM CLAREZA SEU NOME COMPLETO, RESIDÊNCIA, CIDADE E ESTADO.

Remetemos para todo o Brasil, pelo REEMBOLSO POSTAL

Todos estes modelos são de nossa própria fabricação.

SIMBOLICO N. 21

(Ao mestre Zytho)



(Ao Polidoro, agradecendo a homenagem a Trinca Charrua)

«SPLIFEN»

13 — AGITO-me na vida compassiva, — 3.
Sem esperança, sem seu doce encanto.
Hoje me resta amargo desencanto.
Que sua ausência me deixou, tão viva. — 1.

Seus beijos guardo bem na retentiva,
Como um convite ao mórbido quebranto.
Como acicate às convulsões do pranto.
De minh'alma tristonha e pungitiva.

Agora, à triste solidão noturna,
Escuto cabalístico concerto,
Que a ventania faz ouvir, soturna.
No peito sinto comprimir profundo.
Um prolongado e figadal apêto.
Que sua soberba me deixou bem fundo.

G. JANZ — T. C. — Porto Alegre

ANGULARES

14 — Quando o «rio de Benguela»
Passava em seu alazão.
«Eminente autor dramático», (P)
Achou lindo caldeirão.
(1) natural de Sevilha.

HERON DE SILPES — Canavieiras — Bahia

15 — Em um batigne o «homem» branco
Faz do «pau de cobra», tamanco.
RAUL SILVA — B. P. — Pará de Minas

16 — Amélia, vendo pendente
Do abismo mimosa «flôr»,
Pede ao noivo docemente
A proya de seu amor.

E este, moço audaz e forte,
Que morre de amor por ela,
Vai, sem receio da morte,
Colher a flôr amarela.

Mas ao estender o braço,
Fazendo o pé na descida,
Rola seu corpo no espaço
E o rapaz tomba sem vida!

Ouvindo a história, afinal,
Diz a filha do Mendonça:
— Ele era um pobre «animal»
E ela era amiga da onça!

ZIGOMAR — B. B. — Capital

17 — O filho, grande comilão,
Coitado! Nem apercebera
A jovial admoestação
Que, a seu autor, ocorrera.

Em certa noite, ao pedir ceia,
Como sensata reprimenda,
O papai com a cara feia
Deu-lhe acônito por merenda.

LEOBART — Rio

LOGOGRIFO N. 18

Quem é fadista, vaidoso — 5-2-7-4.
Não civiliza a ninguém, — 3-7-1-6.
Gasta a prata esse manhoso — 3-6-1-8.
E ao estômago não faz bem. — 1-8-3-4.
Da bodega vem contente
Todo cheio de aguardente.

JOLIVER — G. C. N. — Natal

CHARADAS

19 — Procede mal quem engana a «mulher» prudente. 2 — 2.

JOSE' SOLHA IGLESIAS — Brumadinho

20 — E' a proteção de Deus a melhor proteção. 2-2.
DAN ADÃO — Passos — Minas



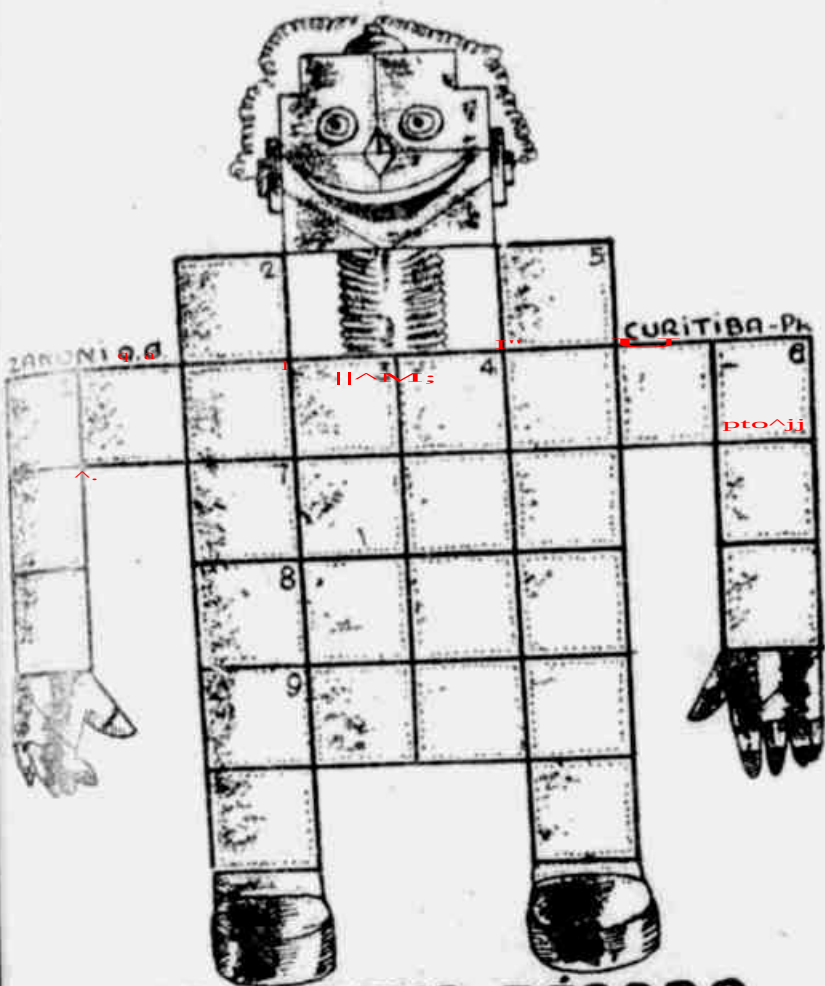
COMPANHIA DE SEGUROS MINAS-BRASIL

SEDE SOCIAL - BELO HORIZONTE - C. POSTAL, 426

SEGUROS DE VIDA • SEGUROS COLETIVOS

Os planos mais modernos na apólice mais liberal.
INCENDIO • TRANSPORTES • AC. PESSOAIS • AC. DO TRABALHO

SUCURSAIS E AGÊNCIAS EM TODOS OS ESTADOS DO PAÍS



PROBLEMA DÉBORA

HORIZONTAIS: - 1- QUEBRADURA - 7- DESTILAR - 8- GERARÇÃO - 9- COMPRAR CARROTES DE ANO -

VERTICAIS: - 1- ÓDIO (Fig.) - 2- QUE SERVE PARA FECHAR CARRAFAS (Pl.) - 3- FILTRAR - 4- VASO - 5- FAZENDOLA - 6- CACHAÇA -

LISTAS DE SOLUÇÕES

De março: Padre Chagas, Juca Pirolito, O. Janz, Sam, Sertanejo II, Loanco, Jashar, Zigomar e De Souza.

De abril: Padre Chagas, Juca Pirolito, O. Janz, O Sineiro, Duqueza do Brasil, Sam, Heron Silpes, Rudge, Sertanejo II, Loanco, Jashar e Zigomar.

De maio: Padre Chagas, Juca Pirolito, O. Janz, O Sineiro, Duqueza do Brasil, Zytho, Pla, Lutércio, Romão, Carlos, De Souza, Diamante, Lidaci, Paraná, Ralvo Ilvas, Sinho, Ueniri, Tutankâmon, Loanco, Jashar, Zigomar e Sertanejo II.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos: «Educação e Palavras Cruzadas», de Portugal (abril e maio) e «Norte Charadista», de Recife (março e abril). Este último presta merecida homenagem, publicando a fotografia e biografia de sua e nossa distinta colaboradora Violeta.

AUXILIAR DO CHARADISTA

Ofertado pelo autor, sr. Carlos Costa (Alvazil) - Avenida Luiz Tarquínio, n. 105 - Cidade do Salvador - Bahia - recebemos um exemplar do 2º volume da interessante publicação.

APRESENTAMOS NOVOS MODELOS



ORD. 1855 - Em camurça azul, preta e marrom; em pelica preta, havana, azul, vermelha e mostarda; em verniz preto e em búfalo branco. Saltos 4½, 5½ e 6½ - Preço Cr\$ 145,00



ORD. 1840 - Em camurça azul, preta e marrom; em pelica preta, havana, azul, vermelha e mostarda; em verniz preto e em búfalo branco. Saltos 4½, 5½ e 6½ - Preço Cr\$ 145,00.



ORD. 715 - Em camurça azul, preta e marrom; em pelica preta, havana, azul, vermelha e mostarda; em verniz preto e em búfalo branco. Salto de sola 1½ - Preço Cr\$ 125,00.



ORD. 1830 - Em camurça azul, preta e marrom; em pelica preta, havana, azul, vermelha e mostarda; em verniz preto e em búfalo branco. Saltos 4½, 5½ e 6½ - Preço Cr\$ 135,00.



ORD. 1865 - Em camurça azul, preta e marrom; em pelica preta, havana, azul, vermelha e mostarda; em verniz preto e em búfalo branco. Saltos de 4½, 5½ e 6½ - Preço Cr\$ 145,00.



ORD. 1860 - Em camurça azul, preta e marrom; em pelica preta, havana, azul, vermelha e mostarda; em verniz preto e em búfalo branco. Saltos 4½, 5½ e 6½ - Preço Cr\$ 145,00.

Detalhe interessante: "Nossos calçados em Luiz XV são feitos especialmente de encomenda para cada freguês. Pronto remessa para todo o Brasil, pelo REEMBOLSO POSTAL. Ao fazer o seu pedido escreva com clareza seu nome completo, o da cidade e do Estado.

Organização Mineira de Vendas

Rua Tupinambá, Edifício IAPI - Sala 1.028
BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS



1755 - Elegantíssimo para combinações de pelica com camurça preta, azul e marrom e em pelica havana com búfalo branco. Saltos: 4½, 5½ e 6½ - Cr\$ 145,00.



Nesta secção aparecem os nomes dos que desejam manter correspondência para travar relações e iniciar intercâmbios interessantes. Para que o seu nome apareça também aqui, queira enviá-lo, com indicação de idade, profissão, assuntos preferidos e endereço completo, para: ALTEROSA — Secção "Vamos Trocar Cartas" — Caixa Postal, 279 — Belo Horizonte — Minas Gerais — Brasil.

ÁFRICA OCIDENTAL PORTUGUESA

ANGOLA: José Manuel da Silva Telo Lopes, 19 anos, e Maria Augusta da Silva Telo Lopes, 18 anos, C. Postal, 49, Silva Porto.

PORTUGAL

PARTO: Gualter Ferreira, 21 anos, estud., Trav. Anselmo Braancamp, 33 (com moças em port., ing., al. e jap.); VILA NOVA DE GAIA: Ângelo Torres, 17 anos, estud., rua Manuel Marques Gomes (com moças em port. e ing.).

BRASIL

ALAGOAS

MACEIÓ: Dircen Falcão Almeida, 18 anos, acad. dir., rua Ladislau Neto, 159 (region., lit., esp. e tr. post.); Teodélio Ramos, 26 anos, C. Postal, 1, Jaraguá (com moças).

AMAZONAS

MANAUS: Norma Belmont, 20 anos, av. Getúlio Vargas, 805, func. fed.; Maria Coelho Lima, 22 anos, func. fed., rua 24 de Maio, 97; Deolí Santiago Farias, 20 anos, func. fed., av. Ipixuma, 1576; Elizabeth Wanderley, estud., av. Epaminondas, 719.

BAHIA

ALAGOINHAS: Fátima Mussy, Pr. Rui Barbosa, 32 (com rap.); IPIÃO: Antonieta Pereira, rua Mal. Floriano Peixoto, 21 (tr. fotos e post.); Nairde Hollenwerger Santos, rua Floriano Peixoto, 3 (idem); SALVADOR: Gláucia Maria Lemos, secretária de Intercâmbio Cultural do Grêmio Literário Humberto de Campos, Pr. do Barbalho, 49 (id. com jovens do Br. e ext.); Antônio Sá Brandão, 35 anos, C. Postal, 223 (com moças cultas); TRIUNFO: Eduardo Gomes, 17 anos, Pr. da Feira, s. n. (com moças); Oscar Miranda Silva, 18 anos, rua do Mercado, 32 (idem); João Silva Luz, 17 anos, rua do Cruzeiro, 15 (idem); UBAITABA: João Gonçalves Teixeira, 19 anos, comerciante, rua Pie. Vargas, 26; Lourival Correia Silva, 19 anos, comerciante, rua Joaquim Távora, 36; VITÓRIA DA CONQUISTA: Tânia Edisadine Lemos, 23 anos, Pr. 15 de Novembro, 8, Hotel S. Luiz; Antônio Fernandes Santos, 20 anos (com moças); Carlos Fernandes Santos, 19 anos (idem); Floriano Regis Barbosa, 18 anos (idem); Lindenberg Pereira, Estúdio d'Al Voz de Conquista, Rink de Patinação; Maria de Lourdes Farias, 15 anos, rua S. Vicente, 19 (com rap.).

CEARA

BOA VIAGEM: Benício Lincoln, Agência de Estatística (com Br. e ext. em port.,

fr., ing., al. e esp.); FORTALEZA: Maria Carmen Menezes, 15 anos, estud., rua Teresa Cristina, 295, Jacarecanga (tr. fotos e post. com rap.); Vera Lúcia Cardoso, 16 anos, estud., rua Rufino Alencar, 300 (com rap.); Teresa Cristina, 20 anos, estud., rua 24 de Maio, 744 (com rap. cultos).

ESPÍRITO SANTO

ALEGRE: Sheila Reis, 16 anos, estud., rua Monteiro da Gama; CACHOEIRO DO ITAPEMIRIM: Eglée Toledo Campos e Cathly Hemerly, rua Barão de Itapemirim, 19; COLATINA: Dulcineia Silva, comerciante, e Regina Coeli de Queiroz, (com rap.), av. Getúlio Vargas, 271; VITÓRIA: Itamar Tomencinas, prof., av. do Meio, 8, Juruquara; Réa Silva, prof., Posta Restante; Betty Curie, prof., Neusa Maria Ramos, e Inácio Pereira, rua Sta. Clara, 263; Ana Maria Ribeiro, rua Sta. Clara, 281; Vera Lúcia Almeida, rua Sta. Clara, 287; Irlete Ramalho, rua Vasco Coutinho, 216, Argolas; Thompson Ribeiro Matos, rua Vasco Coutinho, 218; Lúcia Helena Nascimento, 16 anos, estudante, rua São Francisco, 31 (com rap.); Tânia Regina, 15 anos, (com rap.), e Mara Rúbia (idem), rua 2, n. 90, Horto Municipal; Januza Guimarães, rua Vasco Coutinho, 153, Vila Velha (com rap. cultos do Br. e Port.); Jucani Silva, rua Jerônimo Monteiro, 339 (tr. fotos com rap.).

ESTADO DO RIO

CAMPOS: Edson Rizel, 24 anos, C. Postal, 94 (lit., mus. clas., cine, tr. fotos e post. com moças); NITERÓI: Ana Lúcia Marinho, rua Gavião Peixoto, 130, Icaraí (com rap. cultos); VASSOURAS: Marta Moraes, 20 anos, Pr. Correia e Castro, Horto Municipal (com rap.); VOLTA REDON-

A «Organização de los Intercambios Intelectuales», com sede em Drugeac Cantal, França, pede aos nossos leitores, que estejam interessados em corresponder-se com pessoas residentes no exterior, que escrevam para o endereço citado acima, mencionando nome, sexo, idade, profissão, endereço completo, assuntos preferidos, língua de correspondência e, se possível, uma fotografia.

Os serviços dessa organização são inteiramente gratuitos.

DA: Kátia Lúcia Almeida, 19 anos, (com rap.), rua Eduardo Junqueira, 2 (com rap. cultos).

GOIÁS

INHUMAS: Marilda Jorge, 19 anos, (com rap.), Dr. Mário Caiado, 29; GOIÁS: Zulma Alvedo (com rap.).

MINAS GERAIS

ARAXÁ: Luís Alberto Moraes, 17 anos, estud., rua Goiás, 308 (com moças cultas); BELÓ HORIZONTE: Maria Viana, 20 anos, jap.; E. Postal, 711 (com rap.); Marilene Guerra, 19 anos, estud., rua Marabá, 162, Sta. Antônio (com rap. cultos); Miriam Coelho Rabelo, 18 anos, rua Caragola, 102, Sta. Antônio; Neide Sikin, 18 anos, e Maria Auxiliadora Di Pietra, 17 anos, rua Ten. Durval, 364; Antônio Goncalves, 19 anos, tipog., e Antônio Vilanova, 20 anos, tipog., C. Postal, 65; José Romero Maia, 20 anos, jap., rua Anhangaba, 66 (com moças); Juan Gonzales Galvão, 19 anos, rua S. Paulo, 1244, c. 3 (cine, rap. tr. fotos em esp. e port. com moças); CAMPO BELO: Alair Barros, rua Artur Bernardes, 118; CATAGUASES: Imínia Helena Magalhães, Maria Helena Souza, Elizabeth Salgado, Miriam Silveira, Edna Kneip, Maria Lúcia Kneip, e Vânia Maria Almeida, estudantes, com 17 anos, C. Postal, 131; CONSELHEIRO LAFAIETE: João Lopes Ticiano, 18 anos, estud. e escrit., rua Nova, 36, Monte da Mina; CORINTÓ: Lúcia Pereira Pedras, 24 anos (com rap.); CHISTINA: Dora Fernandes, C. Postal, 53; PIA-MANTINA: Dulce Maria Diniz, 16 anos, Magda Helena Borges, 16 anos, e Ana Maria Guimarães, 16 anos, rua Joaquim Felício, 25; Doratise Vilela, 15 anos, e Maria Helena Vilela, 16 anos, rua Manoel Ciríaco, 172; Marilena Almeida, 15 anos, Lúcia Rodrigues, 14 anos, e Elizabeth Hestrigues, 17 anos, Parque Hotel Diamantina; Edméia Machado, 15 anos, rua Macaú do Meio, 25; DIVINÓPOLIS: Iara Andaluza, av. 7 de Setembro, 919 (com bancário); DORES DO INDIAÍ: Sônia Regina Wanderley, 19 anos, normal., rua S. Paulo, 173 (com rap. cultos); Neiva Mary Faria, estud., rua Alagoas, 260 (com jovens cultos do Br. e ext.); Sônia Gutierrez, 17 anos, rua Benedito Valadares, 56; Marino Fernandes, rua Mário Campos, 351 (com Br. e ext. em port., ingl. e esp.); Rosângela Oliveira, estud., rua Dr. Zucarias, 1079; Rosilene Vieira Martinez, 17 anos, estud., rua Barbosa, 53 (com rap.); FORMIGA: Tjnia Mara Santiago, 18 anos, rua Liberdade, 65; Elmo Clara Santiago, 17 anos, rua Carmela Dutra, 65; Enaura Maria Pinheiro, rua Mont. João Ivo, 89 (com moças); Sônia Bramião, 18 anos, Rosemary Brandão, 17 anos, Lúcia Helena Faria, 17 anos, rua Lauro de Cunha, 214; Maria Auxiliadora Rodrigues, 17 anos, e Maria Inês Rodrigues, 16 anos, rua Dr. Teixeira Soares, 335; Roberto Hedarte Ribeiro, 15 anos, C. Postal, 63 (com estud.); Benito Riolo Carvalho, 15 anos, C. Postal, 16 (idem); ITAJUBÁ: Len Virginia, C. Postal, 139 (com rap. acad.); Maria Cristina Dantas, 18 anos (com rap.); Regina Célia Heinemann, 16 anos (idem); rua José Joaquim, 76; MONSENHOR PAULO: Jane Geddes, 18 anos, fazend., Fazenda do Roseiral; Nilda Veloso, 16 anos, estud., Pr. da Matriz, 125; MONTES CLAROS: Milda Oliveira, 17 anos, estud., rua Cel. Partes, 316 (com rap. cultos); OURÓ PRETO: Andréa Berenice Santos, 18 anos, rua Antônio Albuquerque, 18 (com estud. e cultos); Cláudia Frederica Lima, 18 anos, rua Antônio Albuquerque, 24 (idem); Vânia Maria Castro, estud., rua do Rosário, 11 (com rap.); PEDRALVA: José Gomes Marcelino, 23 anos, Serviço de Alto Híman do Círculo Americano (com moças do Br. e ext.); José Lemos, 26 anos, rua Cel. Estevão Rezende, 56; Marcelo Nicodemus, 15 anos, rua Cel. Estevão Rezende, 45; Antônio Oliveira, 21 anos, rua Rio Branco, s. n.; Pedro Vital Paiva, 22 anos, rua Cel. E-

Rezende, 46; Antônio Aristeu, 18 anos, rua Rio Branco, 17 (cine, rádio com moças); **PERDIZES:** José Alvarenga, 23 anos, comerciante, Pr. Pte. Vargas, s. n. (com moças); **RIO PRETO:** Solange Vieira, Pr. Barão de Sta. Clara, 2; S. JOÃO DEL REI: Olga Kovalensky, 19 anos, Mânia Skovinsky, 18 anos, Pilar Magalhães, 22 anos, Chiquita Peres, 22 anos, Aline Gouveia, 18 anos, e Sema Kilson, 19 anos, Pr. Gastão Cunha, 53 (com rap. cultos em port., ing. e esp.); Suzete Schermann, 18 anos, Bethia Medeiros, 19 anos, Madeline Campos, 17 anos, Wilheys Robran, 17 anos, Cira Tomish, 17 anos (com Br. e ext. em port., fr. e ing.), e Margie Clark, 19 anos (idem), rua Gonçalves Coelho, 61; **SETE LAGOAS:** Marta Fernandino Andrade, C. Postal, 1; **UBÁ:** Marisa Martins, 19 anos, rua Sta. Cruz, 612 (com rap.); Berenice Costa, 21 anos, rua Sta. Cruz, 609 (idem); **UBERABA:** Ordálio Carlos Oliveira, rua Manuel Borges, 27.

PARAIBA

JOÃO PESSOA: Enoide Albuquerque Guimarães, 29 anos, prof., rua 4 de Novembro, 173; Áurea Celene Cavalcanti, av. João da Mata, 163 (tr. fotos e post. com rap.); Aldia Toledo, 25 anos, prof., av. Juarez Távora, 135; Sônia Maria, rua Alberto Brito, 371 (com rap.).

PARANÁ

CURITIBA: Maria Madalena, 18 anos, a/c Foto Progresso, rua S. Francisco, 166 (com rap.); Maria Cristina Queiroz (idem), e Luis Carlos de Oliveira (com moças), av. D. Jaime Reis, 238; **PONTA GROSSA:** Susi Costa, 25 anos, Suzete Costa, 23 anos, Silvanir Costa, 27 anos, e Denise Assis, 18 anos, rua Cel. Dulcídio, 480; **SERTÃO-POLIS:** Maria Antonieta Barreto, 18 anos, estud.

PERNAMBUCO

BOM JARDIM: José Agripino Brito, 18 anos, contab., rua Sigismundo Gonçalves, 141 (com moças); **CARUARÚ:** Ester Dantas, rua Saldanha da Gama, 208; **RECIFE:** Maria Cavalcanti, 18 anos, estud., rua Dr. José Maria, 510, Eneruzilhada (com estud. do Br. e ext. em port., ing., fr. e esp.); Geisa Caldas, 20 anos, rua do Sossego, 150 (com Br. e Port.).

PIAUI

TERESINA: Gerardo Bandeira Melo, 21 anos, C. Postal, 71 (com moças); Selda Carvalho, 20 anos, estud., rua Lisandro Nogueira, 1239 (tr. post., region.); Djalma Rocha Rita Freitas, rua Barroco, 646 (cine, lit., rádio, tr. fotos e post.).

RIO GRANDE DO NORTE

AREIA BRANCA: Maria José Duarte, 20 anos, tabeliã, Pr. da Conceição, 32; **NATAL:** Ivan Galhardo, 19 anos, estud., rua dos Pajéus, 1269 (com moças).

RIO GRANDE DO SUL

ALEGRETE: Mara Rejane Gomes, 27 anos, rua Gal. Sampaio, 834 (com rap.); **BAGÉ:** Maria Clélia Faria, rua Marellio Dias, 1534 (idem); **CACHOEIRA DO SUL:** Icelda Lopes, 23 anos, func. pub., rua 15 de Novembro, 688; **DOM PEDRITO:** Janet Silveira, 17 anos, Zandra Brent, 17 anos, (Conclui na pag. 162)

A boa aparência é tudo. Embora velhos os seus móveis, torne-os novos aplicando óleo de peroba.

608 mulheres exigentes, criaram as qualidades do Talco PALMOLIVI



Perfuma... Refresca...
Protege... Desodoriza...

Sim, 608 mulheres exigentes, fazendo experiências em suas próprias casas determinaram as qualidades do maravilhoso TALCO PALMOLIVI

- 1 • Qualidade Super-fina para amaciar e proteger a pele das crianças...
- 2 • Um perfume suave... mais que perdura durante horas
- 3 • É desodorante... Evita o cheiro da transpiração



Use TALCO PALMOLIVE nas axilas, para maior conforto e higiene.



Use TALCO PALMOLIVE depois de barbaar-se, para suavizar a cutis.



Use TALCO PALMOLIVE nos pés. Reconforta e refresca.



Use TALCO PALMOLIVE depois do banho do bebê toda vez que trocar fraldas.

TÃO FINO E SUAVE QUE FLUTUA NO AR!



DE HAVANA PARA O BRASIL!

RON MERINO RUM

O MELHOR RUM JAMAIS ENGARRAFADO

Puro ou com o seu refrigerante favorito — Em seus coquetéis Cuba-Libres — Para uso culinário

«RON MERINO» É UM PRODUTO DE QUALIDADE

DESTILADORA CUBANO-AMERICANA S. A.

Av. Rio Branco, 311 — Salas 601/2 — Rio de Janeiro

Distribuidor em Minas — F. TOSTES FILHO

Caixa Postal, 484 — Belo Horizonte

ACEITAM-SE REVENDEDORES EM TODO O PAIS

ANO SANTO

MCML



**Diretamente
de ROMA
para o BRASIL**

A Dinal, contribuindo para aumento da fé e entusiasmo nas comemorações do Ano Santo, põe agora ao seu alcance a única e verdadeira lembrança do ANO SANTO, vinda diretamente de Roma para todos os católicos do Brasil: A CHAVE COMEMORATIVA DO ANO SANTO. Artisticamente trabalhada, em modelo grande, com lente e visor-aumento, imagem do Papa e legenda do Ano Santo. Uma lembrança que é uma mensagem, de Paz e de Esperança de S. S. PIO XII.

NÃO MANDE DINHEIRO - Todos os pedidos do interior serão despachados pelo Reembolso Postal, para pagamento ao agente do correio na ocasião do recebimento. Faça o seu pedido HOJE MESMO.

* Descontos especiais para revendedores e pedidos de quantidade. Aceitamos representantes e agentes distribuidores em todo o país.

Pedidos na Capital pelo fone 6-3376

DINAL Distribuidora Nacional Ltda.
— a serviço do interior —

Rua Conselheiro Furtado, 742 — Endereço Telegráfico "SUPERDINAL"

C. POSTAL 206-A - S. Paulo

* CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

Existe a venda chaves de fabricação nacional sem a devida autorização. A verdadeira CHAVE, tem ao centro um visor de aumento com a imagem do Papa e legenda: ANO SANTO-ROMA 1950

Aprovada a venda pela Comissão Central do Ano Santo em data de 19/6/1949 - N.º 183.000

Mons. Sergio Pignedoli



\$45

ARTE CULINÁRIA

(Conclusão)

TORTA DE PERA OU ABACAXI

200 grs. de açúcar mascavo,
200 grs. de farinha de trigo,
200 grs. de manteiga, 100 grs.
de melado grosso, 2 colherinhas
de fermento em pó, 4 ovos, aba-
caxi ou pera em calda, e cere-
jas em conserva.

Batem-se bem as 4 gemas.
Em o açúcar, acrescenta-se a
manteiga, e o melado continu-
ando a bater por mais algum
tempo. Quando a mistura se
transformar numa massa ho-
mogênea acrescentam-se a fa-
rinha peneirada junto com o
fermento em pó, por último as
cucas batidas em neve. Tiram-
se da calda os pedaços de pera
ou de abacaxi e arrumam-se co-
locando todo o fundo de uma fór-
ma. A pera ou o abacaxi em
calda podem ser de lata. Espa-
lha-se a massa por cima. Le-
va-se para assar em fogo mode-
rado. Retira-se da forma com
cuidado. Enfeitam-se as peras
ou o abacaxi com pedacinhos
de cereja.

LIVROS BRASILEIROS...

(Conclusão)

Paulo Setúbal, tradução e adap-
tação de Margaret Richardson;
«O Rio de Janeiro no tempo dos
Vice-Reis» («Rio in the time
of Viceroy»), de Luís Edmun-
do, por Dorothea H. Monsen;
«A Fogueira» («The bonfire»),
de Cecília Carneiro, por Dud-
ley Pearce; «Angústia» («An-
guish»), de Graciliano Ramos,
por L. C. Kaplan; «Inocência»,
de Tamyaz, em nova tradução
de Henriqueta Chamberlain,
autora de «Where the sabiá
sings» («Caminhos Cruzados»
«Crossroads»), «O resto é si-
lêncio» («The rest is silence»)
e «Odi os lírios do campo»
«Consider the lilies of the
field», de Erico Veríssimo, os
dois primeiros traduzidos por
L. C. Kaplan e o último por
Jean Neel Karnoff; «Amazô-
nia misteriosa» («The myste-
rious Amazonia»), de Gastão
Cruls, por J. T. W. Sadler;
«Contos» («Brazilian Short Sto-
ries»), de Monteiro Lobato, por
Hauke Goldberg. Ainda inédita,
a publicação de «Memórias de
um Sargento de Milícias», feita
por Irving Linn.

A primeira cor de esmalte foi criada por Peggy Sage



Desde então, todas
as últimas cores da
moda continuam sendo
criadas pela criadora
dos esmaltes
coloridos!



PEGGY SAGE ofe-
rece, também, para
suas mãos, o cre-
me e o creme líqui-
do (Gardênia).

Sugestivas cores:

- ★ ROSA REI
- ★ PRAIA ★ INCARNAT
- ★ NATURELLE
- ★ VICTORIAN ROSE

RESULTADO DA APURAÇÃO DO TESTE MENSAL CACHOPA DO MÊS DE MAIO

«O NOME DESTA MULHER» é: JOANA D'ARC

As cinco pessoas contempladas com Cr. \$ 2.000,00 (de acordo
com o regulamento) foram as seguintes:

LADISLAVA PAZ — Rua Visconde de Nacar, 615 — PONTA
GROSSA — Estado do Paraná.
WANDA D. S. FALEIROS — Hotel Santo Antônio — RIO
CLARO — Estado de São Paulo.
ADELINHA DE SIQUEIRA — Alameda Sarutaiá, 325 — SÃO
PAULO — Estado de São Paulo.
HELIA MAIA — Rua Gomes Machado, 150 — NITERÓI — Es-
tado do Rio de Janeiro.
TEREZINHA S. BUENO — CONGOINHAS — Estado do Pa-
raná.

VAMOS TROCAR CARTAS

(Conclusão)

SANTA CATARINA

com Cel. Demétrio, 127; Maria Helena Castro, 17 anos, e Vera Lúcia Campos, 17 anos, rua Rui Barbosa, 50; IJUI: Alda Garcia, 17 anos, C. Postal, 21 (cine, tr. fotos, esp.); PASSO FUNDO: Lamônia Santos, rua Morron, 2008; Jesuina Ortiz, 20 anos, normal, rua Morron, 1331 (com rap. estud.); Leda Meis, Contorno e Telex; PELOTAS: Gláucia Maria e Teresa Cristina; PORTO ALEGRE: Abraão Pereira Souza Jr., 18 anos, estud., rua Duque de Caxias, 315 (em port., ing. e fr.); Jadete Albuquerque, 19 anos, estud., rua Vicente Fontoura, 1492 (com pessoa culta); Maria Campos, 15 anos (com rap.), e Maria Campos, 20 anos (idem), rua Sertori, 996; Nissa Mary Pacheco, 16 anos, estud., e Helena Maia, 19 anos, estud., rua Dr. Laurito Oliveira, 71; Helena Harrison, 20 anos, secret., C. Postal, 460 (com pessoas cultas); Elizabeth Gonçalves, 17 anos (em ing., fr., port., tr. port.), Tânia Gonçalves, 16 anos, e Maria Gonçalves, 22 anos, rua Dr. Flores, 392, 19 anos; Omara Luiz Giacomani, 18 anos, rua S. Luiz, 580 (com moças da Juvent. Catal. do Br.); Antônio Miranda, 19 anos, av. Gascaia, 284 (idem); Maria de la Fuente, rua Maranguape, 97, Petrópolis (com pessoas cultas da A. do Sul e Esp. em port. e esp.); Christine Glavston, 22 anos, av. João Pessoa, 553; Rua de Paula, C. Postal, 548 (com rap.); STA. MARIA: Maria Leda Lang, 19 anos, rua Acampamento, 338 (com Br. e est. em ing., esp. e port.); SANTANA DO LIVRAMENTO: Beatriz Fern (lit., mus., tr. selos e fotos em port., esp., it., ing. e fr.), e Maria Severo (lit., cine, rádio em port. e esp.), rua 24 de Maio, 1070; S. BORJA: Luci Moreira, 20 anos (tr. fotos e port., com rap.).

BLUMENAU: Amed Reiner, 16 anos, estud., C. Postal, 57; CAÇADOR: Sandra Almeida, av. Barão do R. Branco, 74, C. Postal, 71 (tr. port. e rev. com rap. de B. Aires); FLORIANÓPOLIS: Luiz Alberto e João Carlos, rua S. Vicente de Paulo, 131; Sônia Comte, 20 anos, acad., C. Postal, 388 (com moças); Sônia, Selma e Sueli, C. Postal, 205 (com jovens cultos); Célio Meireles, 25 anos, rua Fernando Machado, 41 (tr. fotos, cine, rádio, lit.); LAGUNA: Neide Grippa, 20 anos, est., rua Voluntário Campos, 78 (com Br. e est. em port.); Lúcia Maria Morani, 19 anos, C. Postal, 90 (idem); Ivone Leite, 18 anos, rua Barão do Rio Branco, 41; PRIMA GRANDE (mun. de Turvo): Vanda Lima, 17 anos, estud., rua do Comércio; S. RENTÓ DO SUL: Silvia Weber, rua Independência, 36; S. JOSÉ: Regia Lata Pimental, rua Antônio Carlos, 1056.

SÃO PAULO

ABERNÉSSIA: Cid Guimarães Fonseca, 25 anos (com moças), e José Carmo, 19 anos (idem), C. Postal, 53; APARECIDA DO NORTE: Amarília Freire, (com rap.), e Ana Moura (idem), rua Barão do Rio Branco, 53; Flávio Mendes, 25 anos, rua Barão do Rio Branco, 65; BARRETOS: Rita

Santos, 19 anos, C. Postal, 43; Santa Veranda, 18 anos, e Elizabeth Helena, 18 anos, rua 20, n. 1654; Sílvia Helena, 18 anos, rua 20, n. 1440; Carmeidei Kerreia, 18 anos, normal, av. 27, 1327 (com rap.); BOITUVA: Telma Fortuna, 26 anos, rua Cel. Eugênio Mota, 303; Olga Botto, 11 anos, rua Cel. Eugênio Mota, 102; Sora Iza, 27 anos, rua Cel. Eugênio Mota, 117; Maria Neiva Ferriello, 29 anos, e Astrid Faria Ferriello, 18 anos, rua Cel. Eugênio Mota, 252; CRUZEIRO: Arlete Furtado, 21 anos, prof., rua Campos Sales, s. p. (com rap. cultas do Br. e Port.); IOARAPAVA: Telma Alencar, 20 anos (com rap.); Heli se Alencar, 18 anos (idem), e Simão Alencar, 14 anos, (idem), rua Bernardino Campos, 16; JUQUÍÁ: Francisco Haydum, 11 anos, rua Dr. Rodrigues Alves, s. n. (com moças espíritas); LINS: Damião Lardim, 25 anos, C. Postal, 20 (com mod. e eng.); PINDAMONHANGABA: Priscila Dantas, 24 anos, rua Senador Dário Ruy, 347; STA. BARRA DO RIO PARDO: Aderval Ramos Mota, 33 anos, final Port., Vin Cerqueira Genat, E. F. Sorocaba; S. PAULO: Joaquim Arruda, 23 anos, rua Guaiçuru, 807, Lapa (com moças); Osni do Gonçalves Faria, 21 anos, industrial, rua Passos, 304 (com catol.); Antônio Ferreira, 27 anos, e Mário Moreno, 25 anos, av. Tiradentes, 441, 20 anos, apto. 41, Lapa; Armando Poernat, 28 anos, rua Barão Du Prat, 95 (com catol.); Virgínia Antonietti Pires, 52 anos, C. Postal, 1317; Laís Catta, av. Tiradentes, 441, apto. 4 (com moças); SOROCABA: Francisco Esteves, 19 anos, normal, rua Sousa Pereira, 60 (com moças das Amer. em port. e esp.); TAUBATÉ: Paulo Pereira Lima, 19 anos, Pr. Neri Silva Barrot.

Para a renovação dos seus móveis, torna-se indispensável a aplicação de óleo de peroba.



01 — Em couro preto e azul. Salto 4 1/2 e 5 1/2. De 32 a 39. Cr\$ 135,00



04 — Em couro (amarelo), verde, vermelho, preto e branco. Salto 1 1/2 e 2 1/2. De 32 a 39. Cr\$ 85,00.



05 — Em preto, branco, vermelho e laranja. De 27 a 32. Cr\$ 42,00. De 33 a 40. Cr\$ 48,00.



03 — Em pele Termela e preto, e em camurça azul e preto. Salto 3 1/2. De 32 a 40. Cr\$ 98,00

MAIS BARATO... SÓ DE GRAÇA!



07 — Excelente sapato li-po "Vanny" em bezerro branco, preto, marrom e traviata. De 36 a 44. Cr\$ 180,00.



02 — Em couro preto e camurça preto. Salto 4 1/2 e 5 1/2. De 32 a 39. Cr\$ 135,00.



06 — Modelo clássico, elegante e durável, em verdadeira pele e marrom. De 36 a 44. Cr\$ 90,00. O mesmo modelo em bezerro com couro de 1ª qualidade. Cr\$ 115,00.

Sapataria Resende

Oferece pelo REEMBOLSO POSTAL Para todo o Brasil

RUA CURVELO, 10 Belo Horizonte — Minas

ESCLARECIDO O MISTÉRIO...

(Conclusão)

É evidente que o desenvolvimento atual do disco significará uma mudança radical da aviação no decurso dos próximos decênios. Na guerra, a combinação do motor a jacto e do helicóptero sobrepujará facilmente todos os outros tipos de aparelhos. Durante a paz, a segurança oferecida por esse helicóptero, que é quase à prova de qualquer acidente, deverá revolucionar as condições do transporte aéreo. Tanto num como no outro caso grandes progressos estão à vista.

A DEMISSÃO DE JOLIOT CURIE

(Conclusão)

blêrest) era da mesma côr. Jean Effel, o conhecido caricaturista, desenhou os cartões, onde se lia a menção: «As Letras Francesas desejam-lhe um bom apetite». Todos os embaixadores do lado direito da cortina de ferro se achavam presentes. A espada foi representada pelo general Petit, e a batina pelo padre Boulier.

O BISPO DE UGANDA

(Conclusão)

E numa das últimas semanas o bispo Kiwanuka terminou uma frutífera excursão de quatro meses naquele país, onde admirou a «floresta de arranha-céus de Manhattan» e as majestosas pontes dos rios americanos. Mas o essencial é que, em toda a parte, tanto ele como sua causa foram acolhidos com grande entusiasmo, e que conseguiu os fundos necessários para iniciar a criação de um novo seminário africano.

O «AFFAIRE» ROGER PEYRÉ

(Conclusão)

mente a sua reputação.

E agora consta que Roger Peyré, que se achava no Rio de Janeiro, desapareceu. Nos fins de maio último esse aventureiro reservou passagem para a Bélgica, sendo ele próprio quem forneceu à reportagem essa notícia. Mas não chegou a embarcar.

RÁDIO BRASIL CENTRAL...

(Conclusão)

O ponto alto da grande emissora goiana está no seu admirável regional sob a direção de Geraldo Amaral, tido como o segundo clarinetista do Brasil.

Dentro deste programa e sua perfeita organização é hoje a Rádio Brasil Central a emissora que venceu no Estado de Goiás, e a preferida em quase todo o Triângulo Mineiro.

NÃO É EXATO

Ao contrário do que se acredita, um forte abalo moral não pode embranquecer os cabelos da noite para o dia, pois sua côr é o resultado da pigmentação das células.

Empréstimo Mineiro de Consolidação

«Série C» — Lei nº 192 de 10 de setembro de 1937

Relação das apólices premiadas

No sorteio de 31 de maio de 1950

CR\$ 500.000 00		2.186.336
CR\$ 100.000 00		2.032.193
CR\$ 50.000 00		2.236.891
CR\$ 50.000 00		2.816.783
CR\$ 20.000 00		2.263.151
CR\$ 20.000 00		2.353.910
CR\$ 20.000 00		2.426.257

PREMIOS DE DEZ MIL CRUZEIROS		
2.009.797	2.182.112	2.257.081
	2.295.800	

PREMIOS DE CINCO MIL CRUZEIROS		
2.142.409	2.148.075	2.205.970
2.226.676	2.247.672	2.392.564
2.411.877	2.624.658	2.625.970
	2.873.890	

PREMIOS DE DOIS MIL CRUZEIROS		
2.037.012	2.365.554	2.556.221
2.761.626	2.070.166	2.395.061
2.562.181	2.896.697	2.146.188
2.408.266	2.601.985	2.961.013
2.252.423	2.447.149	2.640.536
2.987.657	2.258.160	2.452.817
2.659.865	2.265.165	2.454.490
2.678.635	2.270.670	2.502.897
	2.745.148	

PREMIOS DE MIL CRUZEIROS			
2.000.313	2.225.913	2.324.013	2.476.603
2.679.378	2.895.395	2.016.845	2.231.018
2.363.379	2.477.695	2.694.066	2.896.953
2.017.127	2.247.170	2.372.230	2.496.782
2.697.846	2.899.489	2.035.646	2.253.625
2.383.610	2.508.054	2.717.787	2.901.762
2.037.600	2.255.881	2.395.930	2.517.932
2.724.301	2.903.476	2.068.421	2.257.015
2.399.580	2.523.816	2.747.323	2.922.111
2.093.798	2.258.907	2.406.595	2.547.622
2.797.823	2.923.480	2.097.417	2.262.729
2.407.590	2.552.182	2.799.247	2.935.268
2.106.446	2.275.172	2.426.209	2.571.093
2.808.652	2.944.350	2.120.947	2.290.577
2.429.586	2.571.780	2.824.636	2.944.815
2.131.687	2.291.905	2.437.373	2.594.146
2.835.344	2.949.635	2.144.466	2.296.383
2.438.817	2.613.177	2.844.973	2.955.448
2.169.033	2.297.670	2.450.329	2.614.896
2.860.672	2.957.694	2.174.387	2.455.675
2.631.059	2.860.847	2.965.524	2.175.677
2.303.222	2.455.802	2.643.025	2.866.527
2.966.709	2.176.698	2.306.758	2.459.319
2.648.289	2.879.380	2.206.888	2.308.873
2.469.970	2.660.823	2.889.185	2.298.172

O presente que chega doze vezes!
Ofereça uma assinatura de

«ALTEROSA»

a revista da família brasileira.

A CASA SELMA OFERECE



Mod. 6.000 — Artigo de luxo em fina camurça azul, marrom e preta, com o enfeite de legítimo crocodilo. Salto 6 1/2. De 32 a 34 — Cr\$ 185,00.



Mod. 3.000 — Artigo de luxo, próprio para a presente estação. Em camurça francesa azul, marrom e preta. Salto 6 1/2. De 33 a 35 — Cr\$ 185,00.



Mod. 6.000 — Artigo de luxo em fina, sima pelica preta, marrom e azul. Salto 4 1/2 e 6 1/2. De 32 a 33 — Cr\$ 185,00.



Mod. Populart — Muito resistente, em branco, vermelho e verde preto. Salto 1 1/2. De 32 a 39 — Cr\$ 40,00.



Mod. Primor — Resistente sapato em camurça preto ou em pelica envernizada preta, salto caneca ou Anabela, de 3 1/2. De 33 a 39 — Cr\$ 70,00.



Mod. Selma — Feito do novo e brilhante couro sintético americano, em azul, branco e vermelho. Salto 1 1/2. De 31 a 37 — Cr\$ 48,00.



Mod. Sedução — Ótimo sapato em camurça preto, em salto caneca de 3 1/2, ou Anabela. De 33 a 39 — Cr\$ 90,00.



Mod. Americano — Em couro sintético, relógio, americano, amarelo, branco, azul, e vermelho. De 27 a 32 — Cr\$ 43,00. De 33 a 40 — Cr\$ 48,00.



Mod. Super-Homem — Em vaqueta preta, solado de pau, próprio para serviço pesado. De 27 a 32 — Cr\$ 55,00. De 33 a 36 — Cr\$ 60,00. De 37 a 44 — Cr\$ 65,00. Também temos botinas com sola de pneu, de 37 a 44 — Cr\$ 66,00.



Mod. 5001 — Ótimo sapato clássico, próprio para trajes de rigor e para bailes. Em vaqueta cromada preta e marrom, com sola cilindrada. De 36 a 44, Cr\$ 100,00. O mesmo modelo em couro canadense legítimo, preto, artigo de luxo — Cr\$ 190,00.



Mod. 327 — Artigo de combate, em vaqueta preta. De 37 a 43 — Cr\$ 80,00.



"Tipo Vani" luxo em ótimo couro preto ou marrom, todo palmilhado, veta francesa, salto de borracha e forma fina. De 36 a 43 — Cr\$ 185,00.

Para todo o Brasil, pelo REEMBOLSO POSTAL. Também por REEMBOLSO AEREO, mas somente pela Aerovias Brasil — Escreva com clareza seu nome completo, o da cidade e do Estado — Não temos catálogo, mas nossos modelos são publicados nas edições de ALTEROSA

CASA SELMA

AVENIDA BRASIL, 317 — FONE 2-4295
BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS



Mod. 2000 — Em vaqueta preta e marrom, sola resistente. De 37 a 44 — Cr\$ 95,00.

NOVAS MÁQUINAS PARA "ALTEROSA"

Em Belo Horizonte o sr. Guy D. Johnson, presidente da «National Paper and Type Company», de Nova York, fornecedora do novo equipamento gráfico que imprimirá esta revista. — «Uma das mais belas cidades de quantas tenho visitado», declara o chefe da poderosa organização

BELO HORIZONTE recebeu, em dias do mês passado, a visita do sr. Guy D. Johnson, presidente da «National Paper and Type Company», de Nova York, a maior organização mundial para fornecimento de máquinas e materiais para imprensa, distribuidora exclusiva das mais modernas fábricas de equipamento gráfico dos EE. UU. e da Europa, representada no Brasil pela Cia. T. Janér Comércio e Indústria, com sede no Rio de Janeiro e filiais em São Paulo, Belo Horizonte, Recife e

A «National Paper and Type Company», que forneceu as máquinas rotativas «off-set» recentemente instaladas em São Paulo, para impressão de «Selecções», tem merecido também a preferência geral dos grandes jornais e tipografias de nossa cidade, para os quais tem feito recentemente instalações de máquinas para todos os fins.

Durante a visita do sr. Guy D. Johnson e dos diretores da Cia. T. Janér à nossa redação, tivemos oportunidade de solicitar do presidente da «Na-



Flagrante feito na redação desta revista, por ocasião da visita do presidente da «National Paper and Type Company».

Bom dia. O eminente homem de negócios norteamericano se fez acompanhar, em sua visita a esta capital, pelos srs. Ragnar Janér e Lewis D. Dawson, da direção da Cia. T. Janér, tendo a sua visita o objetivo estabelecer um mais íntimo contacto com a filial belorizontina, dirigida pelo sr. Fábio Campos Mota, além de possibilitar-lhes um melhor conhecimento do mercado local.

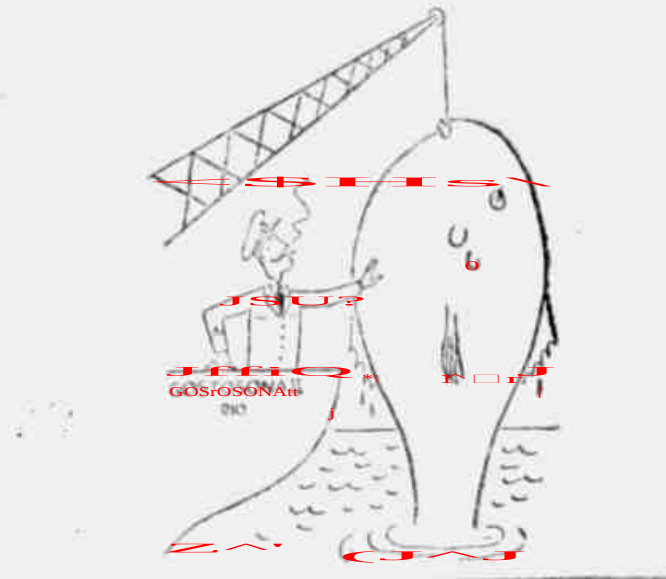
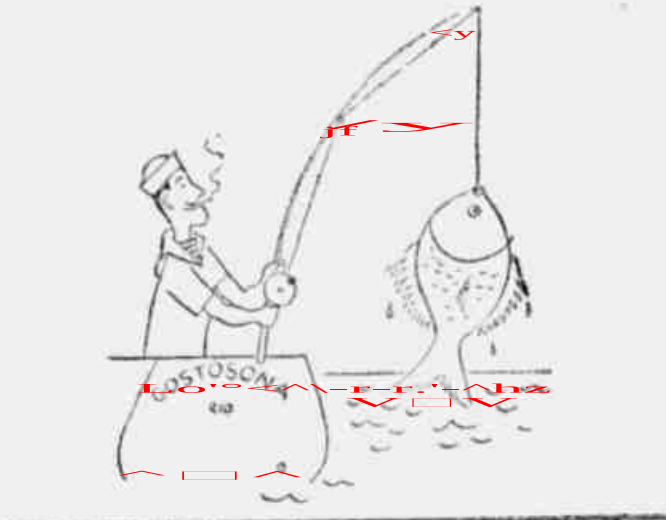
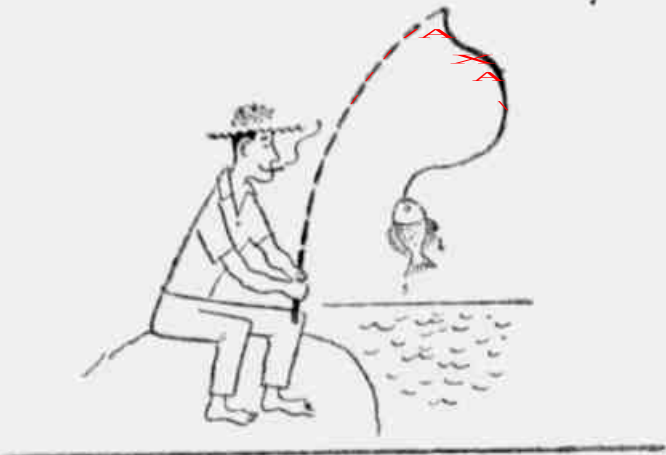
Durante a estada do sr. Guy D. Johnson em nossa cidade, foram ultimadas as negociações que vinham sendo feitas com os Estabelecimentos Gráficos Santa Maria S. A., para a instalação de um moderníssimo conjunto de máquinas destinadas à confecção de ALTEROSA. Esse equipamento, que deverá ser instalado em Belo Horizonte até outubro ou novembro do ano em curso, permitirá a esta revista elevar a sua tiragem até 100.000 (cem mil) exemplares.

tional Paper and Type Company» as suas impressões de Belo Horizonte.

— Ainda não me havia sido dado o prazer de conhecer a capital mineira — respondeu o sr. Johnson — pois somente há cerca de 30 anos tive oportunidade de fazer uma rápida visita ao Brasil. E confesso que encontrei o país agora muito mais desenvolvido, sob todos os aspectos. E' verdadeiramente surpreendente o progresso brasileiro, especialmente no que diz respeito à sua imprensa, que pode hoje ser considerada como das mais avançadas do mundo.

Belo Horizonte, sobretudo, surpreendeu-me. E' uma das mais belas cidades de quantas tenho visitado em qualquer país. Uma grande metrópole erguida em apenas cinquenta anos, o que atesta eloquentemente a capacidade realizadora dos brasileiros.

OS TEMPOS MUDAM...



...mas a preferência
pelos cigarros Continental
permanece!



C-88.011

SEU FILHO É RETARDADO... (Conclusão)

res que lhe mostram: uma moeda, uma faca,
um lapis, um relógio, uma chave, etc.

5 ANOS

«Ele» pesa 17 quilos e tem 1m05 de altura.
«Ela» 16 quilos e mede 1 metro. Sabem dizer
sua idade, copiar de um modo aceitável um qua-
drado de 3 cms. de lado, repetir uma série de
algarismos e uma frase de dez palavras; entre
duas caixetas de pesos diferentes escolher a mais
pesada; reconhecer quatro cores (vermelha, ama-
rela, azul e verde); obedecer corretamente a di-
versas ordens: «Ponha esta chave em cima da
cadeira; abra a porta e depois me traga aquela
caixeta que você está vendo lá longe»; descer
uma escada pondo só um pé em cada degrau.

7 ANOS

«Ele» pesa 21 quilos e mede 1m18. «Ela», 20
quilos e tem 1m10. Sabem dizer qual o detalhe
que está faltando num desenho incompleto (uma
casa sem janelas, um cão de três pernas, uma
bicicleta sem guidão, um homem sem braço, um
rosto sem nariz); dizer qual é a soma de três
moedas de um cruzeiro e de três de dois cruzei-
ros que lhe mostram; amarrar um barbante em
torno de um pauzinho; reconhecer no que algu-
ma frase é absurda (por exemplo): «Conheço
um ladrão que nunca roubou nada em toda a
sua vida».

«Ele» pesa 25 quilos e tem 1m29 de altura.
«Ela» pesa 24 quilos e mede 1m21. Conhecem
os meses do ano; distinguem o valor de várias
moedas; definem os objetos sem dizer para que
servem: «uma cadeira é um móvel de quatro
pernas»; «um lapis é um pauzinho que tem no
meio um carvão que escreve»; e mencionam com
facilidade se as coisas da leitura de uma página
que acabamos de fazer-lhes.

12 ANOS

«Ele» pesa 30 quilos e tem 1m45. «Ela» pesa
29 quilos e mede 1m41. Sabem encontrar rimas
para palavras sugeridas por nós, como: coração,
pinhão; flor, amor; colocam na ordem certa
uma frase cujas palavras estão fora dos luga-
res respectivos (exemplo: «professor eu pedi li-
ção ao meu que corrigisse minha»; interpretam
uma gravura, isto é, não a descrevem, mas ex-
plicam o que ela representa.

14 ANOS

«Ele» pesa 40 quilos e tem 1m55. «Ela» pesa
43 quilos e mede 1m51. Sabem repetir uma fra-
se de 26 palavras ou de uma única vez; defi-
nem corretamente palavras abstratas como pie-
dade, justiça, inveja, caridade, vingança.

«Ele» deve ser capaz de saltar, correndo, uma
altura de 0m90, de atirar uma bola a 15 metros
de distância, de correr 50 metros em 9 segun-
dos, e de subir 3 metros numa corda com a aju-
da dos pés. «Ela» deve ser capaz de saltar a uma
altura de 80 cms., de atirar uma bola a 12 me-

de correr 50 ms. em 10 segundos, e de subir 2m,50 numa corda.

16 ANOS

«Ele» pesa 50 quilos e tem 1m,52. «Ela» pesa 47 quilos e mede 1m,52. Sabem quais são as diferenças principais entre um rei e um presidente (a realeza é hereditária e exercida durante toda a vida do monarca; seus poderes são mais absolutos, pelo menos em princípio; e resumem claramente após uma única leitura, as considerações abstratas de um autor.]

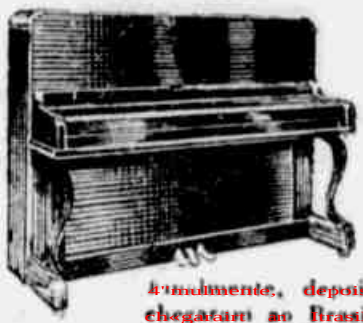
«Ele» deve ser capaz de dar, correndo, um salto da altura de 1 metro, e ela de 90 cms. «Ele» deve ter força para atirar um peso de 5 quilos com cada um dos braços a 4 metros de distância; «ela» um peso de 3 quilos a 4 metros. «Ele» deve correr 60 metros em 10 segundos, e «ela» a mesma distância em 11; «ele», correr 600 metros em 2 minutos e 10 segundos; «ela» não tem a fazer esta prova de resistência; «ele» deverá subir 2 metros numa corda sem o auxílio dos pés; «ela», subir 2m,50 com auxílio dos braços e das pernas.

20 ANOS

«Ele» pesa 60 quilos e tem 1m,67. «Ela» pesa 51 quilos e tem 1m,55.

Já não são mais crianças. «Ela» está atrasada? E «ele» adiantado? Estas duas perguntas só se referem aos seus entretidos como namorados... Mais tarde se casarão e terão muitos filhos. Essas crianças terão sucessivamente 3 meses, 6 meses, 1 ano, 2 anos, etc. «Ele» e «ela» se preocuparão por sua vez em saber se seus filhos são retardados ou precoces para sua idade...

As alturas e pesos médios para 3 e 6 meses são fornecidos pela tabela do Dr. Boucheud. Os outros, de 1 ano a 20 anos, pelo professor Duvernoy, da Universidade de Besançon. Os testes de idades mentais são os de Binet-Simon, modificados pelo psicólogo britânico M. C. Burt, com alguns empréstimos ao americano Terman e ao dr. Claparède, da Universidade de Genebra. As



GROTHIAN
STEINWEG

Visite nossas exposições

Finalmente, depois de uma ausência de 26 anos, chegaram ao Brasil os pianos alemães STEINWEG. Recebemos também outras marcas famosas da França, Bélgica e Inglaterra.

MESBLA

Lôja — Rua da Bahia, 986



COMPRE DIRETAMENTE DA FÁBRICA



Mod. 1046 — Vaqueta lano, solado de borracha vermelha, lano, preto, marrom e azul. De 32 a 40. 1 par Cr\$ 45,00



Mod. 811 — Toldo de sola, pontado. Em marrom, lano e natural. De 32 a 44. 1 par Cr\$ 25,00.

Fábrica de Chinelos POROROCA

Rua Santa Rita Durão, 1.053 — Belo Horizonte — Minas

Remessas para todo o Brasil pelo REEMBOLSO POSTAL

provas desportivas para 15 e 16 anos são as do Brevet Sportif Populaire oficial. Várias observações foram feitas pelos psicólogos americanos Gessel e Hig. da Universidade de Yale, (principalmente: «A criança de cinco a dez anos»).

*

«RON MERINO»

O FAMOSO rum cubano marca «Merino» é agora uma indústria brasileira. «Des-tiladora Cubana Brasileira S. A.», com sede no Rio de Janeiro, à Av. Rio Branco, 314 salas 601/2.

Em dias de junho últimos, visitou a redação desta revista o sr. A. Rossi, diretor vice-presidente da multinacional, acompanhado do sr. Francisco Tmlas Filho, seu representante em Belo Horizonte. Nessa oportunidade, ofereceram-nos algumas garrafas dessa deliciosa bebida que é fabricada em três tipos diferentes: «Prata» (extra); «Ouro» (mais dura); e «EXTRA VELHO» (com dez anos de envelhecimento). O último tipo é importado diretamente de Cuba.

O delicioso rum «Merino» torna o drink melhor e mais suave, quer puro, quer em coquetéis, hupitais, ou cuba-libre.

~~~~~

Para manter os seus móveis vivos e lustrosos, passe levemente, com uma flanela, óleo de peroba.

~~~~~

CHUVEIRO ELÉTRICO

«DALTON»

Cr\$ 275,00



Aparêlho todo de metal fundido, obra de torno, inteiramente desmontável. Dim. 20x7, peso 800 grammas, lindamente cromado.

Atendem-se pedidos pelo REEMBOLSO POSTAL

Fábrica: Av. Af. Pena, 574 Sala 12 — Fone 2-2823

BELO HORIZONTE

ACEITAM-SE AGENTES

ALTEROSA

Para a Família do Brasil

Publicação mensal da
SOC. EDITORA ALTEROSA LTDA.

ADMINISTRAÇÃO

Av. Afonso Pena, 941 — 4º —
Edifício Sul-América — Fone: Ge-
rência: 2-0652; Redação: 2-4251 —
Caixa Postal, 279 — End. Teleg.
"ALTEROSA" — Belo Horizonte —
Estado de Minas Gerais — Brasil

SUCURSAL NO RIO

Diretor: Ulisses de Castro Filho
Rua da Matrix, 108 — Apto. 15
Fone 26-1831

ASSINATURAS

1 semestre (6 números)	Cr\$ 30,00
1 ano (12 números)	Cr\$ 60,00
2 anos (24 números)	Cr\$ 110,00
3 anos (36 números)	Cr\$ 150,00

Estes preços são mantidos para todos os países do continente americano, Portugal e Espanha. Para os demais países são elevados ao dobro. As assinaturas começam e terminam em qualquer mês. Pagamento por meio de cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado

VENDA AVULSA

Em todo o Brasil	Cr\$ 5,00
Portugal e colônias	Esc. 8,00

DIRETOR — Miranda e Castro
ASSISTENTE — N. M. Castro
REDATOR-CHEFE — Mário Matos

ARTE: Augusto Rezende, Euclides Santos, J. C. Moura, Jerônimo Ribeiro, Oriando Matos, Rocha e Rodolfo.

SEÇÕES — Cristiano Linhares, Godofredo Rangel, Levindo Lopes Filho, Leonor Teles, Lúcia Maria, Olga Obry e Pedro Ribeiro da Franca

FOTOGRAFIAS — Augusto Cardoso, Francisco Martins da Silva e Stúdio Constantino

GRAVURAS — Ateliê Este e Fotogravura Minas Gerais Ltda.

IMPRESSÃO — Estabelecimentos Gráficos Santa Maria S. A.

A redação não devolve originais, ainda que não sejam aproveitados, não aceita fotografias sociais para publicação e não mantém correspondência com autores de trabalhos que não tenham sido solicitados.

Os conceitos emitidos em artigos assinados não são de responsabilidade da direção da revista.



COLABORAÇÕES APROVADAS

Foram aprovados pela Comissão Julgadora os seguintes trabalhos recebidos de nossos leitores durante o mês de maio último:

CONTOS — «A doação», de Osman Lins; «Miguel Serelepe», de João de Sá; e «O Espelho», de Maria Teresa Melo Soares.

POESIAS — «Retorno», de Hilda Teodoro; «Ela passou...», de Gesse Cardoso; e trovas de Luís Otávio e Milton Reis.

A BEBEDEIRA DE TONI BIANCHINI

(Conclusão)

nhados, embrutecidos pela bebida, continuavam a cantar:

«Viva Corrado,
Morra Bianchini!
O primeiro é tagliatelli,
E o segundo é tagliarini!»

*

No dia seguinte, primeiro de janeiro, Toni Bianchini, às oito horas, já estava na caixa, por trás da máquina registradora.

— Quanto, senhorita? Zeferino, embrulhe esse aparelho de chá... Aqui está o troco, senhorita...

Somente depois do meio-dia, quando Letizia dormia ainda, o senhor Casse, ainda sonolento e

cheirando a vinho, apareceu no estabelecimento. Vendo o genro no trabalho habitual, bateu-lhe afetuosamente nas espáduas e disse com tom indulgente:

— Que louco estiveste ontem à noite! Meteu-se, não sei como, na tua cabeça, que tu eras Corrado Spada! E me cobriste de injúrias de todos os tamanhos e feitios... Mas te perdoei, porque vi que basta um copinho para te transtornar a cabeça... Olha que ontem, pobre desgraçado, ficaste tremendamente bêbedo!

E Toni Bianchini, voltando a ser maleável e conciliante, admitiu, com um pálido sorriso:

— Peço desculpas... O senhor tem razão... Eu, realmente, estava mesmo bêbedo...

DE OPERÁRIO A ASTRO

(Conclusão)

Lund era um ótimo tipo para o cinema e, assim, a Paramount contratou-o por longo prazo.

Quando lhe perguntam qual é a sua maior ambição, Lund sempre responde: «Aposentar-me». Até que chegue esse dia, entretanto, o leitor pode ter certeza de que ainda aparecerão, a regulares intervalos,

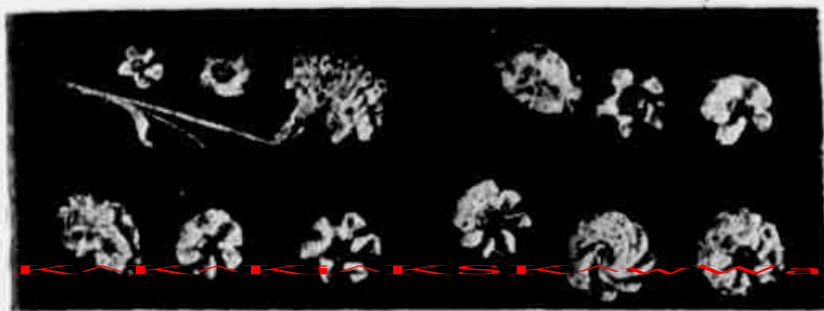
muitos trabalhos de Lund, sempre maiores e melhores. A missão dos produtores de filmes é agradar ao público e, em vista da grande aceitação dos filmes de Lund, não há a menor dúvida de que os estúdios de John Lund não levarão a sério a sua ameaça de se aposentar, por muitos anos

*

GRANDES HOMENS GRANDES

De todos os grandes homens conhecidos o mais alto foi o czar Pedro da Rússia, cognominado Pedro, o Grande, com 2m.05 de altura. O mais baixo foi Napoleão, com 1m.57 somente.

Decore o seu bolo em casa!



DECORADOR PARA BOLOS, DOCES E SALGADOS

100% de material plástico

100% de material plástico

CR\$ 120,00

CR\$ 6,00



SUPORTE AVULSO PARA OS BICOS

PREÇO CR\$ 50,00

*

Temos em estoque variado sortimento de fôrmas e outros artigos para arte culinária e para confecção de doces e bolos

*

REMETEMOS PARA TODO O BRASIL, PELO REEMBOLSO POSTAL

*

Para fazer o seu pedido, escreva sempre com clareza seu nome completo, endereço, cidade e Estado

CARTAS OU TELEGRAMAS PARA

CASA ONIX

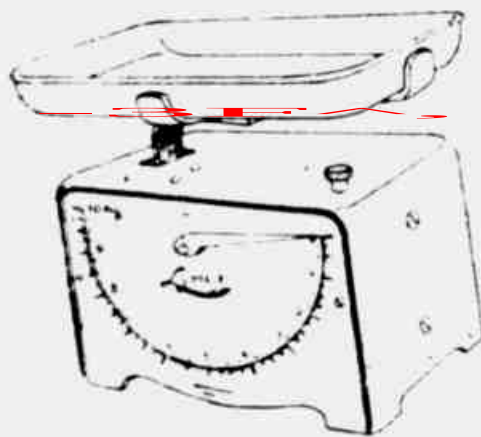
RUA TUPINAMBÁS, 629

Fone 2-3160 — Belo Horizonte Minas Gerais

BICOS AVULSOS

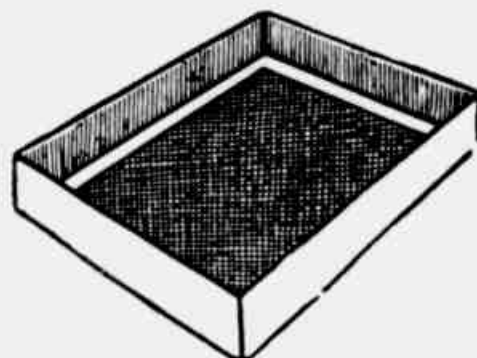
Nº.	CR\$	Nº.	CR\$
136	Margarida 10,00	30	Rosa Ambr 8,00
41	Rosa média 8,00	31	Rosa Ambr 8,00
129	Jasmin 10,00	49	Rosa Ambr 8,00
41	Rosa média 8,00	8	Rosa Ambr 8,00
10	Pituita 8,00	93	Rosa Ambr 8,00
15	Citrona pequena 8,00	44	Rosa Ambr 8,00
17	Pituita média 8,00	24	Rosa Ambr 8,00
70	Folha grande 8,00	87	Rosa Ambr 8,00
67	Folha média 8,00	41	Rosa Ambr 8,00
65	Folha pequena 8,00	75	Rosa Ambr 8,00
98	Girassol 8,00	15	Rosa Ambr 8,00
18	Serrilha 8,00	73	Rosa Ambr 8,00
62	Babado 8,00	33	Rosa Ambr 8,00
3	Alente 8,00	78	Rosa Ambr 8,00
41	Dur. flor 8,00	79	Rosa Ambr 8,00
104	Jasmin retorcido 10,00	31	Rosa Ambr 8,00
13	Furor de batata 10,00	11	Rosa Ambr 8,00
0	Margarida 10,00	3	Rosa Ambr 8,00
1	Rosa 10,00	11	Rosa Ambr 8,00
12	Trava 10,00	125	Rosa Ambr 8,00
17	Serrilha 10,00	90	Rosa Ambr 8,00
105	Copo 10,00	76	Rosa Ambr 8,00
14	Meia-lua 8,00		
66	Similia 8,00		
12	Triângulo 8,00		
14	Folha rassa 8,00		
135	Brinco da rainha 10,00		
121	Rosa de leito 8,00		
80	Violeta 8,00		

O jogo é composto do Suporte e dos Bicos correspondentes aos 15 primeiros números (De 136 a 43)



Balança suíça LYSSEX

Indispensável para uso doméstico. Em linhas modernas e elegantes. Toda laqueada. Pesa de 50 em 50 gramas, até 10 quilos. CR\$ 290,00

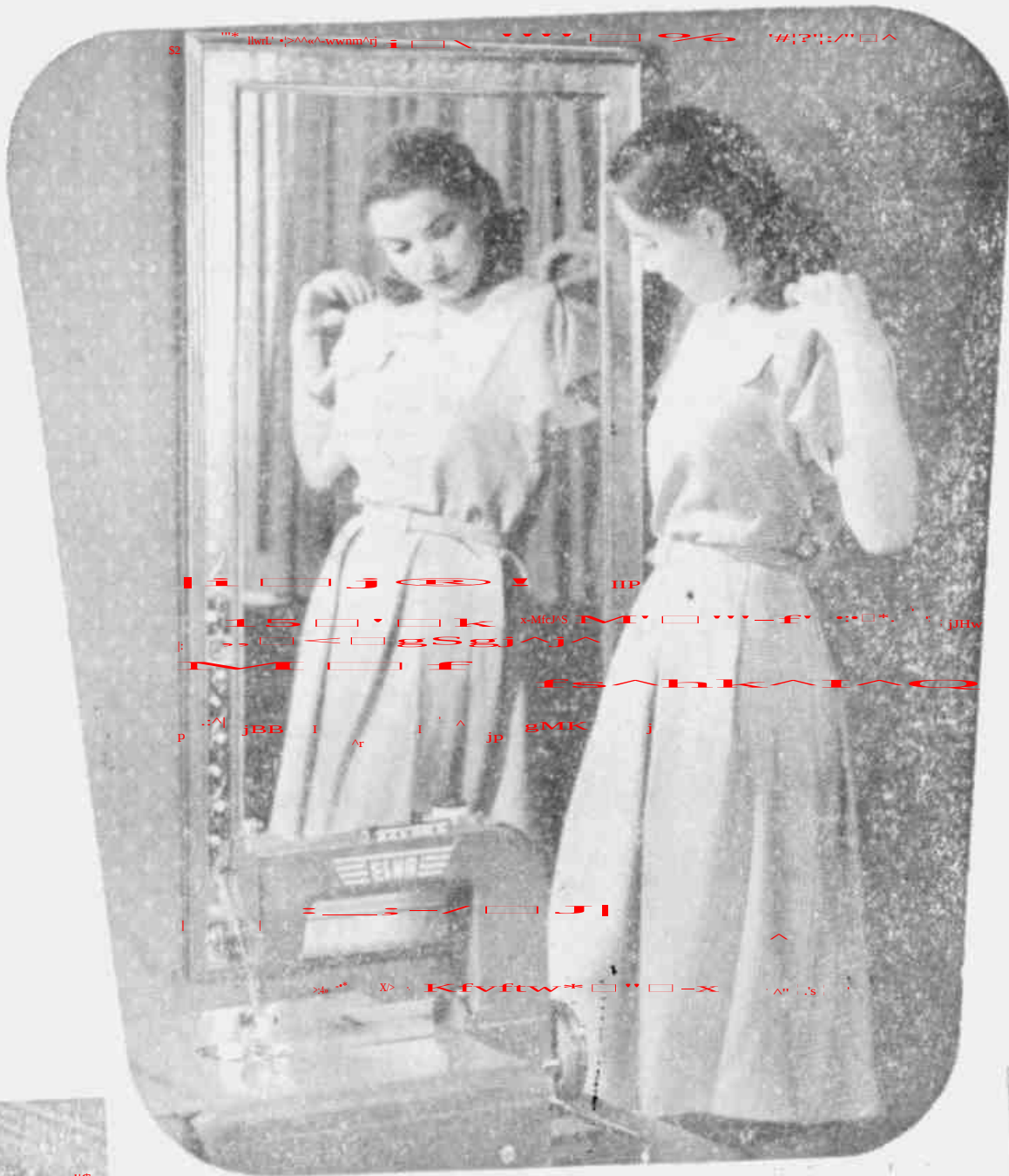


PENHA DE SEDA PARA GLACÊ — Feita de tela de seda. Indispensável para seu glacê. CR\$ 33,00



FORMA ELÉTRICA PARA BOLSAS ASSADAS "FRANCEZA". Confeccionada em alumínio polido, com hastes de material plástico. Voltagem de 110 e 220 volts. Contendo 2 peças sobresselentes, uma para bolo e outra para assados. CR\$ 200,00

Indispensável para a confecção de pratos artísticos. CR\$ 10,00



Cificas ao bfaco livre da H.t.A.
p i«-su ceizii meias de sêda «
do lá, mesmo no calcanhai, i«-
mendai mangas, calças, s«m
descosô-las o cosê-la» de novo
depois do trabalho



RIO DE JANEIRO - Av. Calógeras, 1164, Tel. 1164,
SAO PAULO - Rua 7 de Abril, 148-1W, Tel. 4-1M4
BELW HORIZONTE - Rua Iamoiob, 70, Tel. 1164,
PUHIO ALEGRE - Rua 101, AndracU, n. 1, Tel. 9-1164,
RECIX - Rua da Concórdia, 142,
JUIZ DS FORA - Rua Halfeld, 79V, Tel. 1164,
SANTOS - Rua Joao Pessoa, 16-S/40(-47, Tel. 1164,
CURITIBA - Rua Barão do Rio Branco, 41-sala 11j

Nome _____
Endereço ————— Tel. _____
Cidade ☐ _____
Estado _____ 48 A

GARANTIA · VENDAS A CRÉDITO · ENTREGAS IMEDIATAS